Bibliotheca da ACTUALIDADE

N.º 1

OBRAS COMPLETAS

DE

LUIZ DE CAMÕES

OBRAS COMPLETAS

DE

LUIZ DE CAMÕES

EDIÇÃO CRITICA

Com as mais notaveis variantes

TOMO I

PARNASO DE LUIZ DE CAMÕES

Vol. 1.º — Sonetos

2.ª EDIÇÃO

PORTO
IMPRENSA PORTUGUEZA — EDITORA
1877

PLANO PARA A EDIÇÃO

DAS

OBRAS DE CAMÕES

O primeiro Soneto de Camões, revela-nos que fôra composto para servir de introducção ao corpo das obras lyricas do poeta; essa collecção, desmembrada em consequencia do roubo do *Parnaso de Luiz de Camões,* foi sendo restituida ao publico ao passo que os editores achavam os differentes manuscriptos. Soropita, Estevam Lopes, Domingos Fernandes, Manuel de Faria e Sousa, Dom Antonio Alvares da Cunha, o

Padre Thomaz José de Aquino e o snr. Visconde de Juromenha foram recolhendo essas dispersas poesias. Em uma edição critica que se fizer das obras de Camões, além da classificação admittida das diversas fórmas poeticas, deve-se conservar rigorosamente a ordem chronologica com que estas poesias foram sendo publicadas, para que assim se discuta mais facilmente a sua authenticidade. Nas edições das Lyricas, hoje correntes na litteratura, vêmos Sonetos da edição de 1595, misturados com os ineditos das de 1598, 1616, 1668, 1685, etc.; seria esta disposição feita com o intuito de seguir qualquer plano psychologico? Não. Por tanto o rigor critico manda regeitar este capricho e seguir separadamente os differentes corpos de ineditos.

Em quanto á lição do texto, em primeiro logar restituimos ás composições poeticas

as antigas rubricas explicativas, que nos dão o sentido que determinou a sua composição, e adoptamos como lição definitiva a que resultar de uma clara comprehensão grammatical e logica, justificada pelas differentes variantes já dos manuscriptos ainda existentes, já das edições conhecidas.

PARNASO

DE

LUIZ DE CAMÕES

SONETOS

COLLIGIDOS E REVISTOS PELO LICENCIADO FERNÃO RODRIGUES LOBO SOROPITA, EM 1595. (*)

1

Em quanto quiz fortuna que tivesse
Esperança de algum contentamento,
O gosto de hum suave pensamento
Me fez que seus effeitos escrevesse;
Porém temendo Amor que aviso désse
Minha escriptura a algum juizo isento,
Escureceu-me o engenho co'o tormento,
Para que seus enganos não dissesse.
Ó vós, que Amor obriga a ser sujeitos
A diversas vontades! quando lerdes
N'hum breve Livro casos tão diversos;
(Verdades puras são, e não defeitos)
Entendei que segundo o amor tiverdes,
Tereis o entendimento de meus versos.

(*) Acerca da authenticidade das poesias lyricas de Camões, eis o que o seu primeiro collector, o Licenciado Soropita escreve: « E com isto não resta mais que lembrar que os erros que houver n'esta impressão, não passaram por alto a quem ajudou a copiar este Livro; mas achou-se que era menos inconveniente *irem assim como se acharam, por conferencia de alguns Liuros de mão, onde estas obras andaram espedaçadas*, que não violar as composições alheias, sem certeza evidente de ser a emenda verdadeira; etc. » E accrescenta: « E por isso se não boliu em mais, que só n'aquillo que claramente constou ser vicio de penna; e o mais *vae assi como se achou escripto*, e muito differente do que houvera de ir, se Luiz de Camões em sua vida o déra á impressão. »

2

Eu cantarei de amor tão docemente,
Por huns termos em si tão concertados,
Que dous mil accidentes namorados
Faça sentir ao peito que não sente.
Farei que o Amor a todos avivente,
Pintando mil segredos delicados, [1]
Brandas iras, suspiros magoados,
Temerosa ousadia, e pena, ausente.
Tambem, Senhora, do desprêzo honesto
De vossa vista branda e rigerosa,
Contentar-me-hei dizendo a menor parte,
Porém para cantar de vosso gesto
A composição alta e milagrosa,
Aqui falta saber, engenho e arte.

3

Tanto de meu estado me acho incerto,
Que em vivo ardor tremendo estou de frio;
Sem causa juntamente chóro e rio,
O mundo todo abarco, e nada apérto. [1]
He tudo quanto sinto hum desconcêrto: [2]
Da alma hum fogo me sahe, da vista hum rio;
Agora espero, agora desconfio;
Agora desvarío, agora acérto.
Estando em terra, chego ao Céo voando;
N'hum'hora acho mil annos, e he de geito
Que em mil annos não posso achar hum'hora.
Se me pergunta alguem, porque assi ando?
Respondo que não sei; porém suspeito
Que só porque vos vi, minha Senhora.

4

Transforma-se o amador na cousa amada,
Por virtude do muito imaginar:
Não tenho logo mais que desejar,
Pois em mim tenho a parte desejada.
Se n'ella está minha alma transformada,
Que mais deseja o corpo de alcançar?
Em si sómente póde descansar,
Pois com elle tal alma está liada. [1]
Mas esta linda e pura semidêa,
Que como o accidente em seu sojeito, [2]
Assi com a alma minha se confórma;
Está no pensamento como idea; [3]
E o vivo e puro amor de que sou feito,
Como a materia simples busca a fórma.

5

Passo por meus trabalhos tão isento
De sentimento grande nem pequeno,
Que só por a vontade com que peno
Me fica amor devendo mais tormento.
Mas vai-me amor matando tanto a tento
Temperando a triaga co'o veneno,
Que do penar a ordem desordeno,
Porque não m'o consente o soffrimento.
Porém se esta fineza o Amor sente,
E pagar-me meu mal com mal pretende,
Torna-me com prazer como ao sol neve;
Mas se me vê co'os males tão contente,
Faz-se avaro da pena, porque entende
Que quanto mais me paga, mais me deve.

6

Em flôr vos arrancou, de então crescida,
(Ah Senhor Dom Antonio!) a dura sorte
Donde fazendo andava o braço forte
A fama dos antiguos esquecida.
Huma só razão tenho conhecida
Com que tamanha magoa se conforte:
Que se no mundo havia honrada morte,
Não podieis vós ter mais larga vida.
Se meus humildes versos podem tanto,
Que co'o desejo meu se iguale a arte,
Especial materia me sereis.
E celebrado em triste e longo canto,
Se morrestes nas mãos do fero Marte,
Na memoria das gentes vivireis.

7

N'hum jardim adornado de verdura,
Que esmaltavam por cima várias flôres, [1]
Entrou hum dia a Deosa dos amores,
Com a Deosa da caça e da espessura.
Diana tomou logo uma rosa pura,
Venus hum roxo lyrio, dos melhores;
Mas excediam muito ás outras flôres
As violas na graça e formosura.
Perguntam a Cupido, que alli estava:
Qual d'aquellas tres flôres tomaria
Por mais suave e pura, e mais formosa?
Sorrindo-se, o menino lhes tornava:
Todas formosas são; mas eu queria
Viola antes que lyrio, nem que rosa.

8

Todo animal da calma repousava,
Só Liso o ardor d'ella não sentia; [1]
Que o repouso do fogo, em que elle ardia, [2]
Consistia na Nympha que buscava.
Os montes parecia que abalava
O triste som das mágoas que dizia; [3]
Mas nada o duro peito commovia,
Que na vontade de outro posto estava. [4]
Cansado já de andar por a espessura, [5]
No tronco de huma faia, por lembrança,
Escreve estas palavras de tristeza:
Nunca ponha ninguem sua esperança
Em peito feminil, que de natura
Sómente em ser mudavel tem firmeza.

9

Busque Amor novas artes, novo engenho
Para matar-me, e novas esquivanças;
Que não póde tirar-me as esperanças,
Pois mal me tirará o que eu não tenho.
Olhai de que esperanças me mantenho!
Vêde que perigosas seguranças!
Pois não temo contrastes nem mudanças,
Andando em bravo mar, perdido o lenho.
Mas com quanto não póde haver desgôsto
Onde esperança falta, lá me esconde
Amor hum mal, que mata e não se vê.
Que dias ha que na alma me tem posto
Hum não sei quê, que nasce não sei onde;
Vem não sei como; e dóe não sei porquê.

10

Quem vê, Senhora, claro e manifesto
O lindo sêr de vossos olhos bellos,
Se não perder a vista só com vel-os, [1]
Já não paga o que deve a vosso gesto.
Este me parecia preço honesto; [2]
Mas eu, por de vantagem merecel-os,
Dei mais a vida e alma por querel-os;
Donde já me não fica mais de resto. [3]
Assi que alma, que vida, que esperança, [4]
E que quanto fôr meu, he tudo vosso: [5]
Mas de tudo o interêsse eu só o levo; [6]
Porque he tamanha bem-aventurança
O dar-vos quanto tenho e quanto posso,
Que quanto mais vos pago, mais vos devo.

11

Quando da bella vista e doce riso
Tomando estão meus olhos mantimento,
Tão elevado sinto o pensamento,
Que me faz vêr na terra o Paraiso.
Tanto do bem humano estou diviso, [1]
Que qualquer outro bem julgo por vento:
Assi que em termo tal, segundo sento, [2]
Pouco vem a fazer quem perde o siso. [3]
Em louvar-vos, Senhora, não me fundo; [4]
Porque quem vossas graças claro sente, [5]
Sentirá que não póde conhecel-as. [6]
Pois de tanta estranheza sois ao mundo, [7]
Que não he de estranhar, Dama excellente,
Que quem voz fez, fizesse Céo e Estrellas.

12

Doces lembranças da passada gloria,
Que me tirou Fortuna roubadora,
Deixai-me descansar em paz hum'hora, [1]
Que commigo ganhais pouca victoria. [2]
Impressa tenho na alma larga historia [3]
D'este passado bem, que nunca fôra;
Ou fôra, e não passára; mas já agora
Em mi não póde haver mais que memoria.
Vivo em lembranças, morro de esquecido [4]
De quem sempre devêra ser lembrado,
Se lhe lembrára estado tão contente.
Oh quem tornar podéra a ser nascido!
Soubera-me lograr do bem passado, [5]
Se conhecer soubera o mal presente.

13

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo d'esta vida descontente, [1]
Repousa lá no céo eternamente, [2]
E viva eu cá na terra sempre triste.
Se lá no assento ethereo, onde subiste,
Memoria d'esta vida se consente, [3]
Não te esqueças de aquelle amor ardente,
Que já nos olhos meus tão puro viste.
E se vires que póde merecer-te
Alguma cousa a dôr que me ficou
Da mágoa, sem remedio, de perder-te;
Roga a Deos qus teus annos encurtou, [4]
Que tão cedo de cá me leve a vêr-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

14

N'hum bosque, que das Nymphas se habitava,
Sibella, nympha linda, andava hum dia, [1]
E subida em huma árvore sombria, [2]
As amarellas flores apanhava.
Cupido, que alli sempre costumava
A vir passar a sésta á sombra fria,
Em um ramo arco e settas, que trazia, [3]
Antes que adormecesse, pendurava.
A nympha, como idóneo tempo vira
Para tamanha empreza, não dilata;
Mas com as armas foge ao moço esquivo.
As settas traz nos olhos, com que tira.
Ó Pastores! fugi, que a todos mata,
Senão a mim, que de matar-me vivo.

15

Os Reinos e os Imperios poderosos,
Que em grandeza no mundo mais crescêram;
Ou por valor de esfôrço floreceram,
Ou por Barões nas letras espantosos.
Teve Grecia Themistocles famosos;
Os Scipiões a Roma engrandecêram;
Dozes Pares a França gloria deram;
Cides a Hespanha, e Laras bellicosos.
Ao nosso Portugal, que agora vêmos
Tão differente de seu ser primeiro,
Os vossos deram honra e liberdade.
E em vós, grão successor e novo herdeiro
Do Bragançâo Estado, ha mil extremos
Iguaes ao sangue, e móres que a idade.

16

De vós me parto, ó vida, e em tal mudança
Sinto vivo da morte o sentimento;
Não sei para que he ter contentamento,
Se mais ha de perder quem mais alcança.
Mas dou-vos esta firme segurança:
Que, postoque me mate o meu tormento,
Por as aguas do eterno esquecimento [1]
Segura passará minha lembrança.
Antes sem vós meus olhos se entristeçam,
Que com cousa outra alguma se contentem: [2]
Antes os esqueçais, que vos esqueçam.
Antes n'esta lembrança se atormentem,
Que com esquecimento desmereçam
A gloria que em soffrer tal pena sentem.

17

Cara minha inimiga, em cuja mão
Poz meus contentamentos a ventura,
Faltou-te a ti na terra sepultura,
Porque me falte a mi consolação.
Eternamente as aguas lograrão
A tua peregrina formosura;
Mas em quanto me a mim a vida dura,
Sempre viva em minha alma te acharão.
E se meus rudos versos podem tanto,
Que possam prometter-te longa historia
De aquelle amor tão puro e verdadeiro;
Celebrada serás sempre em meu canto:
Porque em quanto no mundo houver memoria,
Será a minha escriptura o teu letreiro.

18

Aquella triste e leda madrugada,
Cheia toda de mágoa e de piedade,
Em quanto houver no mundo saudade
Quero que seja sempre celebrada.
Ella só, quando amena e marchetada
Sahia, dando á terra claridade, [1]
Viu apartar-se de uma outra vontade,
Que nunca poderá ver-se apartada;
Ella só viu as lagrimas em fio,
Que de huns e de outros olhos derivadas,
Juntando-se, formaram largo rio; [2]
Ella ouviu as palavras magoadas,
Que poderão tornar o fogo frio,
E dar descanço ás almas condemnadas.

19

Espanta crescer tanto o crocodilo
Só por seu limitado nascimento; [1]
Que se maior nascera, mais isento
Estivera de espanto o patrio Nilo.
Em vão levantará seu baixo estilo
Vosso Pontifical, novo ornamento;
Pois no ventre o immortal merecimento
Vol-o talhou, para depois vestil-o.
Tardou, mas veiu; que a quem mais merece
Vir o premio mais tarde é sempre certo, [2]
Inda que vez alguma venha cedo.
Os céos, que do primeiro estão mais perto
Mais devagar se movem. Quem conhece [3]
Sobre aquelle segredo, este segredo!

20

Se quando vos perdi, minha esperança,
A memoria perdêra juntamente
Do doce bem passado e mal presente,
Pouco sentíra a dôr de tal mudança;
Mas Amor, em quem tinha confiança,
Me representa mui miudamente
Quantas vezes me vi ledo e contente,
Por me tirar a vida esta lembrança.
De cousas de que apenas um signal [1]
Havia, porque as dei ao esquecimento,
Me vejo com memorias perseguido.
Ah dura estrella minha! Ah grão tormento!
Que mal póde ser mór, que no meu mal
Ter lembranças do bem que he ja passado? [2]

21

Em formosa Lethea se confia,
Por onde vaidade tanta alcança,
Que, tornada em soberba a confiança,
Com os deoses celestes competia.
Porque não fosse ávante esta ousadia,
(Que nascem muitos erros da tardança)
Em effeito puzeram a vingança
Que tamanha doudice merecia.
Mas Oleno, perdido por Lethea,
Não lhe soffrendo Amor que supportasse
Duro castigo em tanta formosura, [1]
Quiz a pena tomar da culpa alhea: [2]
Mas, porque a morte Amor não apartasse,
Ambos tornados são em pedra dura.

22

Males, que contra mim vos conjurastes,
Quanto ha de durar tão duro intento?
Se dura, porque dure meu tormento,
Baste-vos quanto já me atormentastes.
Mas se assi porfiais, porque cuidastes
Derribar o meu alto pensamento, [1]
Mais póde a causa d'elle, em que o sustento,
Que vós, que d'ella mesma o ser tomastes.
E pois vossa tenção com minha morte
He de acabar o mal d'estes amores,
Dai já fim a tormento tão comprido. [2]
Assi de ambos contente será a sorte, [3]
Em vós por acabar-me, vencedores;
Em mim porque acabei de vós vencido. [4]

23

Está-se a Primavera trasladando
Em vossa vista deleitosa e honesta, [1]
Nas bellas faces, e na bocca e testa, [2]
Cecens, rosas, e cravos debuxando.
De sorte, vosso gesto matizando,
Natura quanto póde manifesta,
Que o monte, o campo, o rio e a floresta, [3]
Se estão de vós, Senhora, namorando. [4]
Se agora não quereis que quem vos ama
Possa colhêr o fructo d'estas flores, [5]
Perderão toda a graça os vossos olhos. [6]
Porque pouco aproveita, linda Dama,
Que semeasse o Amor em vós amores, [7]
Se vossa condição produz abrolhos.

24

Sete annos de pastor Jacob servia
Labão, pae de Rachel, serrana bella:
Mas não servia ao pae, servia a ella,
Que a ella só por premio pertendia. [1]
Os dias na esperança de hum só dia
Passava, contentando-se com vel-a:
Porém o pae, usando de cautella,
Em logar de Rachel lhe deu a Lia. [2]
Vendo o triste pastor que com enganos
Assi lhe era negada a sua pastora,
Como se a não tivera merecida;
Começou a servir outros sete annos, [3]
Dizendo: Mais servíra, senão fôra
Para tão longo amor tão curta a vida. [4]

25

Está o lascivo e doce passarinho
Com o biquinho as pennas ordenando;
O verso sem medida, alegre e brando,
Despedindo no rustico raminho. [1]
O cruel caçador, que do caminho
Se vem callado e manso desviando,
Com prompta vista a setta endireitando. [2]
Lhe dá no estygio lago eterno ninho. [3]
D'esta arte o coração, que livre andava,
(Postoque já de longe destinado)
Onde menos temia, foi ferido.
Porque o frecheiro cego me esperava,
Para que me tomasse descuidado,
Em vossos claros olhos escondido.

26

Pede o desejo, Dama, que vos veja;
Não entende o que pede; está enganado.
He este amor tão fino e tão delgado, [1]
Que quem o tem, não sabe o que deseja.
Não ha cousa, a qual natural seja, [2]
Que não queira perpétuo o seu estado. [3]
Não quer logo o desejo o desejado,
Só porque nunca falte onde sobeja. [4]
Mas este puro affecto em mim se dana:
Que, como a grave pedra tem por arte
O centro desejar da natureza;
Assi meu pensamento por a parte, [5]
Que vai tomar de mi, terreste e humana,
Foi, Senhora, pedir esta baixeza. [6]

27

Porque quereis, Senhora, que offereça [1]
A vida a tanto mal como padeço?
Se vos nasce do pouco que eu mereço,
Bem por nascer está quem vos mereça.
Entendei que por muito que vos peça, [2]
Poderei merecer quanto vos peço; [3]
Pois não consente Amor que em baixo preço [4]
Tão alto pensamento se conheça.
Assi que a paga igual de minhas dôres
Com nada se restaura; mas deveis-m'a
Por ser capaz de tantos desfavores.
E se o valor de vossos amadores [5]
Houver de ser igual comvosco mesma,
Vós só comvosco mesma andai de amores.

28

Se tanta pena tenho merecida
Em pago de soffrer tantas durezas,
Provai, senhora, em mi vossas cruezas,
Que aqui tendes huma alma offerecida.
N'ella experimentai, se sois servida,
Desprezos, desfavores e asperezas;
Que móres soffrimentos e firmezas [1]
Sustentarei na guerra d'esta vida. [2]
Mas contra vossos olhos quaes serão?
He preciso que tudo se lhes renda; [3]
Mas porei por escudo o coração.
Porque em tão dura e áspera contenda
He bem que, pois não acho defensão,
Com metter-me nas lanças me defenda. [4]

29

Quando o sol encoberto vai mostrando
Ao mundo a luz quieta e duvidosa,
Ao longo de huma praia deleitosa [1]
Vou na minha inimiga imaginando.
Aqui a vi os cabellos concertando;
Alli co'a mão na face, tão formosa;
Aqui fallando alegre, alli cuidosa; [2]
Agora estando quêda, agora andando.
Aqui esteve sentada, alli me viu,
Erguendo aquelles olhos, tão isentos;
Commovida aqui hum pouco, alli segura. [3]
Aqui se entristeceu, alli se riu:
E, em fim, nestes cansados pensamentos [4]
Passo esta vida vã, que sempre dura. [5]

30

Hum mover de olhos, brando e piedoso,
Sem vêr de quê; hum riso brando e honesto,
Quasi forçado; hum doce e humilde gesto,
De qualquer alegria duvidoso.
Hum despejo quieto e vergonhoso;
Hum repouso gravissimo e modesto; [1]
Huma pura bondade, manifesto
Indicio da alma, limpo e gracioso.
Hum encolhido ousar; huma brandura;
Hum medo sem ter culpa; hum ár sereno;
Hum longo e obediente soffrimento:
Esta foi a celeste formosura
Da minha Circe, e o magico veneno
Que pôde transformar meu pensamento.

31

Tomou-me vossa vista soberana
Adonde tinha as armas mais á mão, [1]
Por mostrar a quem busca defensão
Contra esses bellos olhos, que se engana.
Por ficar da victoria mais ufana,
Deixou-me armar primeiro da razão;
Bem salvar-me cuidei, mas foi em vão, [2]
Que contra o céo não val defensa humana.
Comtudo, se vos tinha promettido [3]
O vosso alto destino esta victoria,
Ser-vos ella bem pouca está entendido. [4]
Pois, indaque eu me achasse apercebido, [5]
Não levais de vencer-me grande gloria,
Eu a levo maior de ser vencido. [6]

32

Não passes, caminhante! Quem me chama?
Huma memoria nova e nunca ouvida,
De hum que trocou finita e humana vida
Por divina, infinita e clara fama.
Quem he, que tão gentil louvor derrama?
Quem derramar seu sangue não duvída,
Por seguir a bandeira esclarecida
De hum capitão de Christo que mais ama.
Ditoso fim, ditoso sacrificio,
Que a Deos se fez e ao mundo juntamente!
Pregoando direi tão alta sorte. [1]
Mais poderás contar a toda a gente
Que sempre deu na vida claro indicio [2]
De vir a merecer tão santa morte.

33

Formosos olhos, que na idade nossa
Mostrais do céo certissimos signais,
Se quereis conhecer quanto possais,
Olhai-me a mim, que sou feitura vossa.
Vereis que do viver me desapossa
Aquelle riso com que a vida dais;
Vereis como de Amor não quero mais,
Por mais que o tempo côrra, o damno possa.
E se vêr-vos nesta alma, emfim, quizerdes, [1]
Como em hum claro espelho, alli vereis
Tambem a vossa angelica e serena.
Mas eu cuido que, só por me não vêrdes, [2]
Vêr-vos em mim, Senhora, não quereis:
Tanto gôsto levais de minha pena!

34

O fogo que na branda cêra ardia,
Vendo o rosto gentil, que eu na alma vejo,
Se accendeu de outro fogo do desejo
Por alcançar a luz que vence o dia. [1]
Como de dous ardores se encendia, [2]
Da grande impaciencia fez despejo,
E remettendo com furor sobejo,
Vos foi beijar na parte onde se via. [3]
Ditosa aquella flamma que se atreve
A apagar seus ardores e tormentos
Na vista a quem o sol temores deve! [4]
Namoram-se, Senhora, os Elementos
De vós, e queima o fogo aquella neve
Que queima corações e pensamentos.

35

Alegres campos, verdes arvoredos,
Claras e frescas aguas de crystal,
Que em vós os debuxais ao natural,
Discorrendo da altura dos rochedos:
Sylvestres montes, ásperos penedos
Compostos de concêrto desigual; [1]
Sabei que sem licença de meu mal
Ja não podeis fazer meus olhos ledos.
E pois já me não vêdes como vistes,
Não me alegrem verduras deleitosas, [2]
Nem aguas que corrende alegres vem. [3]
Semearei em vós lembranças tristes,
Regar-vos-hei com lagrimas saudosas, [4]
E nascerão saudades de meu bem.

36

Quantas vezes do fuso se esquecia
Daliana, banhando o lindo seio,
Outras tantas de hum áspero receio [1]
Salteado Laurenio a côr perdia.
Ella, que a Sylvio mais que a si queria,
Para podêl-o vêr não tinha meio,
Ora como curára o mal alheio [2]
Quem o seu mal tão mal curar podia?
Elle, que viu tão clara esta verdade,
Com soluços dizia, (que a espessura
Inclinavam, de mágoa, a piedade): [3]
Como póde a desordem da natura
Fazer tão differentes na vontade
Aos que fez tão conformes na ventura? [4]

37

Oh como se me alonga de anno em anno
A peregrinação cansada minha!
Como se encurta, e como ao fim caminha
Este meu breve e vão discurso humano!
Mingoando a idade vai, crescendo o dano; [1]
Perdeu-se-me hum remedio, que inda tinha: [2]
Se por experiencia se adivinha,
Qualquer grande esperança he grande engano.
Corro apoz este bem que não se alcança;
No meio do caminho me fallece;
Mil vezes caio, e perco a confiança.
Quando elle foge, eu tardo; e na tardança,
Se os olhos ergo a vêr se inda apparece, [3]
Da vista se me perde, e da esperança.

38

Já he tempo, já, que minha confiança [1]
Se desça de huma falsa opinião; [2]
Mas Amor não se rege por razão;
Não posso perder, logo, a esperança.

A vida si; que huma áspera mudança
Não deixa viver tanto hum coração,
E eu só na morte tenho a salvação: [4]
Si; mas quem a deseja não a alcança.

Forçado he logo que eu espere e viva. [5]
Ah dura lei de Amor, que não consente [6]
Quietação n'hum'alma que he captiva!

Se hei de viver, em fim, forçadamente,
Para que quero a gloria fugitiva
De huma esperança vã que me atormente?

39

Amor, com a esperança ja perdida
Teu soberano templo visitei: [1]
Por signal do naufragio que passei,
Em logar dos vestidos, puz a vida.

Que mais queres de mi, pois destruida [2]
Me tens a gloria toda que alcancei?
Não cuides de render-me; que não sei [3]
Tornar a entrar-me onde não ha sahida.

Vês aqui a vida, e a alma, e a esperança,
Doces despojos de meu bem passado, [4]
Em quanto o quiz aquella que eu adoro. [5]

N'ellas podes tomar de mi vingança; [6]
E se te queres inda mais vingado, [7]
Contenta-te co'as lagrimas que chóro.

40

Tomava Daliana por vingança
Da culpa do pastor que tanto amava,
Casar com Gil vaqueiro; e em si vingava [1]
O êrro alheio, e perfida esquivança.
A discrição segura, a confiança
Das rosas que o seu rosto debuxava, [2]
O descontentamento lh'as mudava; [3]
Que tudo muda huma áspera mudança.
Gentil planta disposta em sêcca terra;
Lindo fructo de dura mão colhido;
Lembranças de outro amor e fé perjura,
Tornaram verde prado em serra dura; [4]
Interesse enganoso, amor fingido,
Fizeram desditosa a formosura.

41

Grão tempo ha já que soube da Ventura [1]
A vida que me tinha destinada;
Que a longa experiencia da passada
Me dava claro indicio da futura.
Amor fero e cruel, Fortuna escura,
Bem tendes vossa fôrça exprimentada:
Assolai, destrui, não fique nada;
Vingai-vos d'esta vida, que inda dura.
Soube Amor da Ventura, que a não tinha,
E porque mais sentisse a falta d'ella,
De imagens impossiveis me mantinha.
Mas vós, Senhora, pois que minha estrella
Não foi melhor, vivei n'esta alma minha;
Que não tem a Fortuna podêr nella. [2]

42

Se sómente hora alguma em vós piedade [1]
De tão longo tormento se sentira,
Amor soffrêra mal que eu me partira [2]
De vossos olhos, minha Saudade.
Apartei-me de vós, mas a vontade,
Que por o natural na alma vos tira,
Me faz crêr que esta ausencia he de mentira;
Porém venho a provar que he de verdade. [3]
Ir-me-hei, Senhora; e n'este apartamento
Lagrimas tristes tomarão vingança [4]
Nos olhos de quem fostes mantimento.
D'esta arte darei vida a meu tormento; [5]
Que, em fim, cá me achará minha lembrança
Sepultado no vosso esquecimento.

43

Lindo e subtil trançado, que ficaste
Em penhor do remedio que mereço,
Se só comtigo, vendo-te, endoudeço,
Que fôra co'os cabellos que apertaste? [1]
Aquellas tranças de ouro que ligaste,
Que os raios do sol tem em pouco preço,
Não sei se ou para engano do que peço,
Ou para me matar as desataste. [2]
Lindo traçado, em minhas mãos te vejo,
E por satisfação de minhas dôres,
Como quem não tem outra, hei de tomar-te.
E se não fôr contente o meu desejo,
Dir-lhe-hei que n'esta regra dos amores
Por o todo tambem se toma a parte. [3]

44

O cysne quando sente ser chegada
A hora que põe termo á sua vida,
Harmonia maior, com voz sentida, [1]
Levanta por a praia inhabitada.
Deseja lograr vida prolongada, [2]
E d'ella está chorando a despedida: [3]
Com grande saudade da partida,
Celebra o triste fim d'esta jornada. [4]
Assi, Senhora minha, quando eu via [5]
O triste fim que davam meus amores,
Estando posto já no extremo fio; [6]
Com mais suave accento de harmonia
Descantei por os vossos desfavores
La vuestra falsa fe, y el amor mio.

45

Por os raros extremos que mostrou [1]
Em sábia Pallas, Venus em formosa, [2]
Diana em casta, Juno em animosa,
Africa, Europa e Asia as adorou.
Aquelle saber grande que juntou
Esprito e corpo em liga generosa,
Esta mundana máchina lustrosa,
De sós quatro Elementos fabricou. [3]
Mas fez maior milagre a natureza [4]
Em vós, Senhoras, pondo em cada huma
C que por todas quatro repartiu.
A vós seu resplandor deu sol e lua:
A vós com viva luz, graça e pureza,
Ar, Fogo, Terra e Agua vos verviu.

46

Apollo e as nove Musas, descantando
Com a dourada lyra, me influiam
Na suave harmonia que faziam,
Quando tomei a penna, começando:
Ditoso seja o dia e hora, quando
Tão delicados olhos me feriam!
Ditosos os sentidos que sentiam [1]
Estar-se em seu desejo transpassando! [2]
Assi cantava, quando Amor virou
A roda á esperança, que corria
Tão ligeira, que quasi era invisibil.
Converteu-se-me em noite o claro dia;
E se alguma esperança me ficou,
Será de maior mal, se fôr possibil.

47

Lembranças saudosas, se cuidais
De me acabar a vida n'este estado,
Não vivo com meu mal tão enganado,
Que não espere d'elle muito mais. [1]
De longo tempo já me costumais [2]
A viver de algum bem desesperado:
Já tenho co'a Fortuna concertado
De soffrer os tormentos que me dais. [3]
Atada ao remo tenho a paciencia
Para quantos desgostos dér a vida;
Cuide quanto quizer o pensamento. [4]
Que pois não posso ter mais resistencia [5]
Para tão dura quéda, de subida, [6]
Aparar-lhe-hei debaixo o soffrimento.

48

Apartava-se Nise de Montano,
Em cuja alma, partindo-se, ficava; [1]
Que o pastor na memoria a debuxava,
Por podêr sustentar-se d'este engano.
Por huma praia do Indico Oceano [2]
Sôbre o curvo cajado se encostava,
E os olhos por as águas alongava,
Que pouco se doiam de seu dano.
Pois com tamanha mágoa e saudade,
(Dizia) quiz deixar-me a que eu adoro, [3]
Por testimunhas tómo céo e estrellas;
Mas se em vós, ondas, móra piedade, [4]
Levai tambem as lagrimas que chóro,
Pois assi me levais a causa d'ellas.

49

Quando vejo que meu destino ordena
Que, por me exprimentar, de vós me aparte,
Deixando de meu bem tão grande parte,
Que a mesma culpa fica grave pena;
O duro desfavor, que me condena,
Quando por a memoria se reparte,
Endurece os sentidos de tal arte
Que a dôr da ausencia fica mais pequena.
Mas como póde ser que na mudança [1]
D'aquillo que mais quero, estê tão fóra
De me não apartar tambem da vida?
Eu refrearei tão áspera esquivança;
Porque mais sentirei partir, Senhora,
Sem sentir muito a pena da partida.

50

Despois de tantos dias mal gastados,
Despois de tantas noites mal dormidas,
Despois de tantas lagrimas vertidas,
Tantos suspiros vãos vãmente dados;
Como não sois vós já desenganados,
Desejos, que de cousas esquecidas
Quereis remediar mortaes feridas,
Que Amor fez sem remedio, o Tempo, os Fados?
Se não tivereis já longa exp'riencia [1]
Das semrazões de Amor a quem servistes,
Fraqueza fôra em vós a resistencia;
Mas pois por vosso mal seus males vistes,
Que o tempo não curou, nem larga ausencia, [2]
Qual bem d'elle esperais, desejos tristes?

51

Naiades, vós que os rios habitais,
Que os saudosos campos vão regando,
De meus olhos vereis estar manando
Outros que quasi aos vossos são iguais.
Dryades, que com setta sempre andais [1]
Os fugitivos cervos derribando, [2]
Outros olhos vereis, que triumphando
Derribam corações, que valem mais.
Deixai logo as aljavas e águas frias, [3]
E vinde, Nymphas bellas, se quereis, [4]
A vêr como de huns olhos nascem mágoas. [5]
Notareis como em vão passam os dias; [6]
Mas em vão não vireis, porque achareis [7]
Nos seus as settas, e nos meus as ágoas.

52

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, [1]
Muda-se o sêr, muda-se a confiança:
Todo o mundo he composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.
Continuamente vêmos novidades,
Differentes em tudo da esperança:
Do mal ficam as mágoas na lembrança,
E do bem (se algum houve) as saudades.
O tempo cobre o chão de verde manto,
Que já coberto foi de neve fria,
E em mi converte em chôro o dôce canto.
E afora este mudar-se cada dia,
Outra mudança faz de mór espanto,
Que não se muda ja como sohia.

53

Se as penas com que Amor tão mal me trata [1]
Permittirem que eu tanto viva d'ellas,
Que veja escuro o lume das estrellas, [2]
Em cuja vista o meu se accende e mata; [3]
E se o tempo, que tudo desbarata,
Seccar as frescas rosas, sem colhel-as,
Deixando a linda côr das tranças bellas [4]
Mudada de ouro fino em fina prata; [5]
Tambem, Senhora, então vereis mudado [6]
O pensamento e a aspereza vossa,
Quando não sirva já sua mudança. [7]
Vêr-vos-heis suspirar por o passado, [8]
Em tempo quando executar-se possa
No vosso arrepender minha vingança. [9]
*

54

Á SEPULTURA DE D. JOÃO III

Quem jaz no gram sepulchro, que descreve [1]
Tão illustres signaes no forte escudo?
Ninguem; que n'isso, em fim se torna tudo:
Mas foi quem tudo pôde e tudo teve.
Foi Rei! Fez tudo quanto a Rei se deve: [2]
Poz na guerra e na paz devido escudo;
Mas quão pezado foi ao Mouro rudo, [3]
Tanto lhe seja agora a terra leve.
Alexandro será? Ninguem se engane;
Mais que o adquirir, o sustentar estima. [4]
Será Hadriano, gram Senhor do mundo?
Mais observante foi da Lei de cima.
He Numa? Numa não, mas he Joane
De Portugal Terceiro sem segundo.

55

Quem póde livre ser, gentil Senhora,
Vendo-vos com juizo socegado,
Se o menino, que de olhos he privado,
Nas meninas dos vossos olhos mora?
Alli manda, alli reina, alli namora, [1]
Alli vive das gentes venerado; [2]
Que o vivo lume, e o rosto delicado,
Imagens são adonde Amor se adora. [3]
Quem vê que em branca neve nascem rosas
Que crêspos fios de ouro vão cercando, [4]
Se por entre esta luz a vista passa,
Raios de ouro verá, que as duvidosas [5]
Almas estão no peito traspassando,
Assi como hum crystal o sol traspassa.

56

Como fizeste, ó Porcia, tal ferida?
Foi voluntaria, ou foi por innocencia?
He que Amor fazer só quiz exp'riencia [1]
Se podia eu soffrer tirar-me a vida. [2]
E com teu proprio sangue te convida
A que faças á morte resistencia? [3]
He que costume faço da paciencia, [4]
Porque o temor morrer me não impida.
Pois porque estás comendo fogo ardente, [5]
Se a ferro te costumas? He que ordena [6]
Amor que morra, e pene juntamente.
E tens a dôr do ferro por pequena?
Si; que a dôr costumada não se sente;
E não quero eu a morte sem a pena. [7]

57

AO AUCTOR (1)

Quem he este que na harpa luzitana
Abate as Musas gregas e as latinas?
E faz que ao mundo esqueçam as plautinas
Graças, com graça e alegre lyra ufana?
Luiz de Camões he, que a soberana
Potencia lhe influiu partes divinas,
Por quem espiram as flores e boninas,
Da homerica musa e mantuana.
Se tu, triumphante Roma, este alcançaras
No teu theatro e scena luminosa,
Nunca do gram Terencio te admiráras.
Mas antes sem contraste, curiosa
Estatua d'ouro ali lhe levantáras,
Contente de ventura tam ditosa.

(1) Faria e Sousa attribue-o a João Lopes Leitão, o qual em 1555 já estava em Goa.

58

RESPOSTA SUA

De tão divino accento em voz hum*ana,* [1]
De elegancias que são tão peregr*inas,* [2]
Sei bem que minhas obras não são d*inas;* [3]
Que o rudo engenho meu me deseng*ana.*
Porém da vossa penna illustre m*ana* [4]
Licôr que vence as águas caball*inas;*
E comvosco do Tejo as flôres f*inas*
Farão inveja á cópia mantu*ana.*
E pois, a vós de si não sendo av*aras,*
As filhas de Mnemósine form*osa*
Partes dadas vos tem ao mundo cl*aras;*
A minha Musa, e a vossa tão fam*osa,*
Ambas se podem n'elle chamar r*aras,* [5]
A vossa de alta, a minha de invej*osa.*

59

Á SEPULTURA DE DOM FERNANDO DE CASTRO

Debaixo desta pedra está metido,
Das sanguinosas armas descansado,
O capitão illustre e assinalado
Dom Fernando de Castro esclarecido.
Este, por todo o Oriente tão temido,
Este da propria inveja tão cantado, [1]
Este, em fim, raio de Mavorte irado, [2]
Aqui está agora em terra convertido.
Alegra-te, ó guerreira Lusitania,
Por est'outro Viriato que criaste, [3]
E chora a perda sua eternamente. [4]
Exemplo toma n'isto de Dardania;
Que se a Roma com elle anniquilaste,
Nem por isso Carthago está contente.

60

A D. LUIZ DE ATHAIDE, VISO-REI

Que vençais no Oriente tantos Reis,
Que de novo nos deis da India o Estado,
Que escureçais a fama que hão ganhado [1]
Aquelles, que a ganhárão de infieis;
Que vencidas tenhais da morte as leis, [2]
E que vencesseis tudo, em fim, armado, [3]
Mais he vencer na patria, desarmado,
Os monstros e as Chimeras que venceis.
Sôbre vencerdes, pois, tanto inimigo, [4]
E por armas fazer que sem segundo
No mundo o vosso nome ouvido seja; [5]
O que vos dá mais fama inda no mundo, [6]
He vencerdes, Senhor, no Reino amigo,
Tantas ingratidões, tão grande inveja.

61

PARTINDO-SE PARA A INDIA

Eu me aparto de vós, Nymphas do Tejo,
Quando menos temia esta partida;
E se a minha alma vai entristecida
Nos olhos o vereis com que vos vejo.
Pequenas esperanças, mal sobejo,
Vontade que razão leva vencida, [1]
Presto verão o fim á triste vida, [2]
Se vos não torno a vêr como desejo.
Nunca a noite entretanto, nunca o dia
Verão partir de mi vossa lembrança, [3]
Amor que vai commigo o certifica.
Por mais que no tornar haja tardança, [4]
Me farão sempre triste companhia
Saudades do bem que em vós me fica.

62

Vossos olhos, Senhora, que competem
Com o sol em belleza e claridade, [1]
Enchem os meus de tal suavidade,
Que em lagrimas de vêl-os se derretem.
Meus sentidos prostrados se submettem [2]
Assi cegos a tanta magestade; [3]
E da triste prisão, da escuridade,
Cheios de medo, por fugir, remetem.
Porém se então me vêdes por acêrto, [4]
Esse áspero desprêzo com que olhais [5]
Me torna a animar a alma enfraquecida.
Oh gentil cura! Oh estranho desconcerto! [6]
Que dareis co'hum favor que vós não dais, [7]
Quando com hum desprêzo me dais vida?

63

Formosura do Ceo a nós descida,
Que nenhum coração deixas isento, [1]
Satisfazendo a todo pensamento,
Sem que sejas de algum bem entendida; [2]
Qual lingoa póde haver tão atrevida, [3]
Que tenha de louvar-te atrevimento,
Pois a parte melhor do entendimento,
No menos que em ti ha se vê perdida?
Se em teu valor contemplo a menor parte, [4]
Vendo que abre na terra hum paraiso,
Logo o engenho me falta, o esprito míngoa. [5]
Mas o que mais me impede inda louvar-te, [6]
He que quando te vejo perco a lingoa,
E quando não te vejo perco o siso.

64

Pois meus olhos não cansam de chorar
Tristezas não cansadas de cansar-me; [1]
Pois não se abranda o fogo em que abrazar-me
Pôde quem eu jamais pude abrandar;
Não canse o cego Amor de me guiar
Onde nunca de lá possa tornar-me; [2]
Não deixe o mundo todo de escutar-me,
Em quanto a fraca voz me não deixar. [3]
E se em montes, se em prados, e se em valles [4]
Piedade mora alguma, algum amor [5]
Em feras, plantas, aves, pedras, agoas;
Ouçam a longa historia de meus males,
E curem sua dôr com minha dôr;
Que grandes mágoas podem curar mágoas.

65

Dai-me uma lei, Senhora, de querer-vos
Porque a guarde, sob pena de enojar-vos; [1]
Pois a fé que me obriga a tanto amar-vos [2]
Fará que fique em lei de obedecer-vos.
Tudo me defendei, senão de ver-vos
E dentro na minha alma contemplar-vos;
Que se assi não chegar a contentar-vos
Ao menos nunca chegue a aborrecer-vos. [3]
E se essa condição cruel esquiva
Que me deis lei de vida não consente,
Dai-m'a, Senhora, já, seja de morte.
Se nem essa me dais, he bem que viva,
Sem saber como vivo, tristemente;
Mas contente estarei com minha sorte. [4]

SONETOS

RECOLHIDOS POR ESTEVAM LOPES, EM 1598 (*)

66

Com grandes esperanças já cantei
Com que os deoses no Olympo conquistára;
Depois vim a chorar porque cantára
E agora choro já porque chorei.
Se cuido nas passadas que já dei,
Custa-me esta lembrança só tão cara,
Que a dôr de ver as magoas que passára
Tenho por a mór magoa que passei.
Pois logo se está claro que um tormento
Dá causa que outro na alma se accrescente,
Já nunca posso ter contentamento.
Mas esta phantasia se me mente?
Oh cioso e cego pensamento!
Ainda eu imagino ser contente.

(*) Sobre a authenticidade d'este corpo escreve o mesmo Estevam Lopes: « determinando dal-o segunda vez á estampa, procurei que os erros que na outra por culpa dos originaes se commetteram, n'esta se emendassem . . . baste que em quanto pude o communiquei com pessoas que entendiam, *conferindo varios originaes* e escolhendo d'elles o que vinha mais proprio ao que o Poeta queria dizer », etc. « *muitas poesias que o tempo gastara, cavei eu apezar do esquecimento em que já estavam sepultadas, accrescentando a esta segunda impressão quasi outros tantos Sonetos, cinco Odas, alguns Tercetos, e tres Cartas em prosa, que bem mostram não desmerecerem o titulo de seu dono.* »

67

Despois que quiz Amor que eu só passasse
Quanto mal já por muitos repartiu,
Entregou-me á Fortuna, porque viu
Que não tinha mais mal que em mi mostrasse.
Ella, porque do Amor se avantajasse
Na pena a que elle só me reduziu, [1]
O que para ninguem se consentiu,
Para mim consentiu que se inventasse. [2]
Eis-me aqui vou com vário som gritando,
Copioso exemplario para a gente
Que d'estes dous tyrannos he sujeita;
Desvarios em versos concertando.
Triste quem seu descanso tanto estreita,
Que d'este tão pequeno está contente!

68

Em prisões baixas fui hum tempo atado; [1]
Vergonhoso castigo de meus erros:
Inda agora arrojando levo os ferros,
Que a morte, a meu pezar, tem já quebrado.
Sacrifiquei a vida a meu cuidado,
Que Amor não quer cordeiros nem bezerros;
Vi mágoas, vi miserias, vi desterros:
Parece-me que estava assi ordenado.
Contentei-me com pouco, conhecendo
Que era o contentamento vergonhoso,
Só por vêr que cousa era viver ledo.
Mas minha Estrella, que eu já agora entendo,
A Morte cega, e o Caso duvidoso
Me fizeram de gostos haver medo.

69

Illustre e digno ramo dos Menezes,
Aos quaes o providente e largo Ceo [1]
(Que errar não sabe) em dote concedeu,
Rompessem os Maometicos arnezes;
Desprezando a Fortuna e seus revezes,
Ide para onde o Fado vos moveo; [2]
Erguei flammas no mar alto Erythreo,
E sereis nova luz aos Portuguezes.
Opprimi com tão firme e forte peito
O Pirata insolente, que se espante
E trema Taprobana e Gedrosia.
Dai nova causa á côr do Arabo Estreito; [3]
Assi que o Roxo mar, d'aqui em diante
O seja só com sangue de Turquia.

70

No tempo que de amor viver sohia,
Nem sempre andava ao remo ferrolhado;
Antes agora livre, agora atado
Em varias flammas variamente ardia.
Que ardesse n'um só fogo não queria
O céo, porque tivesse exprimentado
Quem nem mudar as causas ao cuidado
Mudança na ventura me faria.
E se algum pouco tempo andava isento,
Foi como quem co'o peso descansou,
Por tornar a cansar com mais alento.
Louvado seja Amor em meu tormento,
Pois para passatempo seu tomou
Este meu tão cansado soffrimento!

71

Amor, que o gesto humano na alma escreve,
Vivas faiscas me mostrou um dia,
D'onde hum puro crystal se derretia
Por entre vivas rosas e alva neve.
A vista que em si mesma não se atreve,
Por se certificar do que alli via,
Foi convertida em fonte, que fazia
A dor ao soffrimento doce e leve.
Jura amor que brandura de vontade
Causa o primeiro effeito; o pensamento
Endoudece, se cuida que he verdade.
Olhai como Amor gera, em hum momento
De lagrimas de honesta piedade
Lagrimas de immortal contentamento.

72

Ferido sem ter cura parecia
O forte e duro Télepho temido
Por aquelle que na água foi metido,
E a quem ferro nenhum cortar podia.
Quando a Apollineo Oraculo pedia [1]
Conselho para ser restituido,
Respondeu-lhe: Tornasse a ser ferido [2]
Por quem o já feríra, e sararia. [3]
Assi, Senhora, quer minha ventura;
Que ferido de vêr-vos claramente,
Com tornar-vos a vêr Amor me cura. [4]
Mas he tão doce vossa formosura,
Que fico como o hydropico doente, [5]
Que bebendo lhe cresce mór secura. [6]

73

Na metade do Céo subido ardia
O claro, almo Pastor, quando deixavam
O verde pasto as cabras, e buscavam [1]
A frescura suave da agua fria.
Com a folha das arvores, sombria, [2]
Do raio ardente as aves se amparavam: [3]
O módulo cantar, de que cessavam, [4]
Só nas roucas cigarras se sentia.
Quando Liso pastor n'hum campo verde
Natercia, crua Nympha, só buscava [5]
Com mil suspiros tristes que derrama.
Porque te vás de quem por ti se perde,
Para quem pouco te ama? (suspirava)
E o ecco lhe responde: Pouco te ama.

74

Já a rôxa e branca Aurora destoucava [1]
Os seus cabellos de ouro delicados,
E das flores os campos esmaltados [2]
Com crystallino orvalho borrifava; [3]
Quando o formoso gado se espalhava
De Sylvio e de Laurente por os prados; [4]
Pastores ambos, e ambos apartados,
De quem o mesmo amor não se apartava. [5]
Com verdadeiras lagrimas Laurente:
Não sei, (dizia) ó Nympha delicada,
Porque não morre já quem vive ausente; [6]
Pois a vida sem ti não presta nada.
Responde Sylvio: Amor não o consente;
Que offende as esperanças da tornada.

75

Quando de minhas mágoas a comprida
Maginação os olhos me adormece,
Em sonhos aquella alma me apparece,
Que para mi foi sonho n'esta vida.
Lá n'huma soidade, onde estendida
A vista por o campo desfallece,
Corro apoz ella; e ella então parece [1]
Que mais de mi se alonga, compellida.
Brado: Não me fujais, sombra benina.
Ella (os olhos em mi co'hum brando pejo,
Como quem diz, que já não póde ser)
Torna a fugir-me; torno a bradar: *Dina*... [2]
E antes que diga *mene*, acórdo, e vejo [3]
Que nem hum breve engano posso ter.

76

Suspiros inflammados que cantais
A tristeza com que eu vivi tão ledo,
Eu morro e não vos levo, porque hei medo
Que ao passar do Letheio vos percais. [1]
Escriptos para sempre já ficais [2]
Onde vos mostrarão todos co'o dedo,
Como exemplo de males; e eu concedo
Que para aviso de outros estejais.
Em quem, pois, virdes largas esperanças [3]
De Amor e da Fortuna, (cujos danos
Alguns terão por bem-aventuranças,)
Dizei-lhe, que os servistes muitos annos,
E que em Fortuna tudo são mudanças,
E que em Amor não ha senão enganos.

77

Aquella fera humana que enriquece
A sua presunçosa tyrannia [1]
D'estas minhas entranhas, onde cria
Amor hum mal, que falta quando crece;
Se n'ella o Céo mostrou (como parece)
Quanto mostrar ao mundo pretendia,
Porque de minha vida se injuria?
Porque de minha morte se ennobrece?
Ora, em fim, sublimai vossa victoria,
Senhora, com vencer-me e captivar-me;
Fazei d'ella no mundo larga historia. [2]
Pois, por mais que vos veja atormentar-me, [3]
Já me fico logrando d'esta gloria
De vêr que tendes tanta de matar-me.

78

Ditoso seja aquelle que sómente
Se queixa de amorosas esquivanças;
Pois por ellas não perde as esperanças
De poder n'algum tempo ser contente. [1]
Ditoso seja quem estando ausente
Não sente mais que a pena das lembranças;
Porqu'inda que se tema de mudanças,
Menos se teme a dôr quando se sente.
Ditoso seja, em fim, qualquer estado,
Onde enganos, desprêzos e isenção
Trazem hum coração atormentado. [2]
Mas triste quem se sente magoado
De erros em que não póde haver perdão
Sem ficar na alma a mágoa do peccado.

79

Quem fosse acompanhando juntamente
Por esses verdes campos a avezinha,
Que despois de perder hum bem que tinha,
Não sabe mais que cousa he ser contente!
E quem fosse apartando-se da gente, [1]
Ella por companheira e por vizinha,
Me ajudasse a chorar a pena minha,
E eu a ella tambem a que ella sente! [2]
Ditosa ave! que ao menos, se a natura
A seu primeiro bem não dá segundo,
Dá-lhe o ser triste a seu contentamento.
Mas triste quem de longe quiz ventura
Que para respirar lhe falte o vento,
E para tudo, em fim, lhe falte o mundo!

80

O culto divinal se celebrava
No templo donde toda criatura [1]
Louva o Feitor divino, que a feitura
Com seu sagrado sangue restaurava.
Amor alli, que o tempo me aguardava [2]
Onde a vontade tinha mais segura, [3]
Com huma rara e angelica figura [4]
A vista da razão me salteava.
Eu crendo que o lugar me defendia
De seu livre costume, não sabendo [5]
Que nenhum confiado lhe fugia,
Deixei-me captivar; mas hoje vendo, [6]
Senhora, que por vosso me queria,
Do tempo que fui livre me arrependo.

81

Leda serenidade deleitosa,
Que representa em terra hum paraiso; [1]
Entre rubís e perlas doce riso,
Debaixo de ouro e neve côr de rosa;
Presença moderada e graciosa,
Onde ensinando estão despejo e siso
Que se póde por arte e por aviso,
Como por natureza, ser formosa;
Falla de que ou já vida, ou morte pende, [2]
Rara e suave, em fim, Senhora, vossa,
Repouso na alegria comedido; [3]
Estas as armas são com que me rende
E me captiva Amor; mas não que possa
Despojar-me da gloria de rendido.

82

Bem sei, amor, que he certo o que receio;
Mas tu, porque com isso mais te apuras,
De manhoso m'o negas, e m'o juras
N'esse teu arco de ouro; e eu te creio. [1]
A mão tenho metida no meu seio, [2]
E não vejo os meus damnos ás escuras;
Porém porfias tanto e me asseguras, [3]
Que me digo que minto, e que me enleio.
Nem sómente consinto n'este engano, [4]
Mas inda t'o agradeço, e a mi me nego
Tudo o que vejo e sinto de meu dano. [5]
Oh poderoso mal a que me entrego!
Que no meio do justo desengano
Me possa inda cegar hum moço cego?

83

Como quando do mar tempestuoso
O marinheiro todo trabalhado, [1]
De um naufragio cruel salindo a nado, [2]
Só de ouvir fallar n'elle está medroso: [3]
Firme jura que o vêl-o bonançoso [4]
Do seu lar o não tire socegado;
Mas esquecido já do horror passado,
D'elle a fiar se torna cobiçoso:
Assi, Senhora, eu que da tormenta
De vossa vista fujo, por salvar-me,
Jurando de não mais em outra vêr-me;
Com a alma que de vós nunca se ausenta, [5]
Me tórno, por cobiça de ganhar-me,
Onde estive tão perto de perder-me.

84

Amor he hum fogo que arde sem se vêr;
He ferida que doe e não se sente;
He hum contentamento descontente;
He dôr que desatina sem doer;
He hum não querer mais que bem querer;
He solitario andar por entre a gente; [1]
He hum não contentar-se de contente; [2]
He cuidar que se ganha em se perder;
He hum estar-se prêso por vontade; [3]
He servir a quem vence o vencedor;
He um ter com quem nos mata lealdade. [4]
Mas como causar póde o seu favor
Nos mortaes corações conformidade, [5]
Sendo a si tão contrario o mesmo Amor? [6]

85

Se pena por amar-vos se merece,
Quem d'ella estará livre? quem isento? [1]
E que alma, que razão, que entendimento
No instante em que vos vê não obedece? [2]
Qual mór gloria na vida já se offerece, [3]
Que a de occupar-se em vós o pensamento?
Não só todo rigor, todo tormento
Como vêr-vos não magôa, mas se esquece.
Porém se heis de matar a quem amando, [4]
Ser vosso de amor tanto só pretende,
O mundo matareis, que todo he vosso.
Em mim podeis, Senhora, ir começando,
Pois bem claro se mostra e bem se entende [5]
Amar-vos quanto devo e quanto posso.

86 (*)

Que levas, cruel Morte? Hum claro dia. [1]
A que horas o tomaste? Amanhecendo.
E entendes o que levas? Não o entendo.
Pois quem t'o faz levar? Quem o entendia.
Seu corpo quem o goza? A terra fria. [2]
Como ficou sua luz? Anoitecendo. [3]
Luzitania que diz? Fica dizendo...
Que diz? Não mereci a grã Maria. [4]
Mataste a quem a viu? Já morto estava.
Que discorre o Amor? Fallar não ousa. [5]
E quem o faz callar? Minha vontade.
Na Côrte que ficou? Saudade brava.
Que fica lá que ver? Nenhuma cousa.
Que gloria lhe faltou? Esta beldade. [6]

(*) No Ms. de Faria e Sousa, trazia a rubrica. «*A D. Maria de Tavora, filha de Luiz Alvares de Tavora.*»

87

Ondados fios de ouro reluzente,
Que agora da mão bella recolhidos,
Agora sôbre as rosas esparzidos [1]
Fazeis que a sua graça se accrescente; [2]
Olhos, que vos moveis tão docemente,
Em mil divinos raios incendidos, [3]
Se de cá me levais a alma e sentidos, [4]
Que fôra, se eu de vós não fôra ausente? [5]
Honesto riso, que entre a mór fineza
De perlas e coraes nasce e apparece; [6]
Oh quem seus doces eccos já lhe ouvisse! [7]
Se imaginando só tanta belleza,
De si com nova gloria a alma se esquece, [8]
Que será quando a vir? Ah quem a visse!

88

Foi já n'hum tempo doce cousa amar,
Em quanto me enganou huma esperança: [1]
O coração com esta confiança
Todo se desfazia em desejar.
Oh vão, caduco e debil esperar!
Como, em fim, desengana huma mudança!
Que quanto he mór a bem-aventurança,
Tanto menos se crê que ha de durar.
Quem já se viu com gostos prosperado, [2]
Vendo-se brevemente em pena tanta, [3]
Razão tem de viver bem magoado.
Mas quem já tem o mundo exprimentado, [4]
Não o magôa a pena, nem o espanta;
Que mal se estranhára o costumado.

89

Dos antigos Illustres, que deixaram [1]
Hum nome digno de immortal memoria, [2]
Ficou por luz do tempo a larga historia
Dos feitos em que mais se avantajaram.
Se com suas acções se cotejaram [3]
Mil vossas, cada huma tão notoria,
Vencêra a menor d'ellas a mór gloria
Que elles em tantos annos alcançaram.
A gloria sua foi: ninguem lha tome;
Seguindo cada qual varios caminhos
Estatuas mereceu no heroico Templo. [4]
Vós, honra portugueza e dos Coutinhos,
Clarissimo Dom João, com melhor nome [5]
A vós encheis de gloria, a nós de exemplo.

90

Conversação doméstica affeiçôa,
Ora em fórma de limpa e sam vontade. [1]
Ora de huma amorosa piedade,
Sem olhar qualidade de pessoa. [2]
Se despois, por ventura, vos magôa
Com desamor e pouca lealdade,
Logo vos faz mentira da verdade
O brando Amor, que tudo, em fim, perdôa.
Não são isto que fallo conjecturas
Que o pensamento julga na apparencia,
Por fazer delicadas escripturas.
Metida tenho a mão na consciencia,
E não fallo senão verdades puras
Que me ensinou a viva experiencia.

91

Esfôrço grande, igual ao pensamento,
Pensamentos em obras divulgados,
E não em peito timido encerrados, [1]
E desfeitos despois em chuva e vento;
Animo da cobiça baixa isento,
Digno por isto só de altos estados,
Fero açoute dos nunca bem domados
Povos do Malabar sanguinolento;
Gentileza de membros corporaes
Ornados de pudíca continencia,
Obra por certo da celeste altura: [2]
Estas virtudes raras e outras mais, [3]
Dignas todas da Homerica eloquencia,
Jazem debaixo d'esta sepultura.

92

No mundo quiz o Tempo que se achasse
O bem que por acêrto, ou sorte vinha;
E por exprimentar que dita tinha,
Quiz que a Fortuna em mi se exprimentasse;
Mas porque o meu destino me mostrasse
Que nem ter esperanças me convinha,
Nunca n'esta tão longa vida minha
Cousa me deixou vêr que desejasse.
Mudando andei costume, terra, estado,
Por vêr se se mudava a sorte dura;
A vida puz nas mãos de hum leve lenho.
Mas, segundo o que o Céo me tem mostrado,
Já sei que d'este meu buscar ventura
Achado tenho já que não a tenho.

93

A perfeição, a graça, o doce geito,
A primavera cheia de frescura,
Que sempre em vós floresce; a que a ventura,
E a razão entregaram este peito;
Aquelle crystallino e puro aspeito,
Que em si comprehende toda a formosura;
O resplandor dos olhos e a brandura,
D'onde Amor a ninguem quiz ter respeito; [1]
S'isto que em vós se vê, vêr desejais,
Como digno de vêr-se claramente,
Por muito que de Amor vos isentais; [2]
Traduzido o vereis tão fielmente
No meio d'este espirito onde estais,
Que vendo-vos sintais o que elle sente.

94

Vós, que de olhos suaves e serenos,
Com justa causa a vida captivais,
E que os outros cuidados condemnais
Por indevidos, baixos e pequenos;
Se de Amor os domesticos venenos [1]
Nunca provastes, quero que sintais
Que he tanto mais o amor despois que amais,
Quanto são mais as causas de ser menos.
E não presume alguem que algum defeito [2]
Quando na cousa amada se apresenta,
Possa diminuir o amor perfeito:
Antes o dobra mais; e se atormenta,
Pouco a pouco desculpa o brando peito; [3]
Que Amor com seus contrarios se accrescenta.

95

Que poderei do mundo já querer,
Pois no mesmo em que puz tamanho amor, [1]
Não vi senão desgosto e desfavor, [2]
E morte, em fim; que mais não póde ser?
Pois me não farta a vida de viver, [3]
Pois já sei que não mata grande dor,
Se houver cousa que mágoa dê maior, [4]
Eu a verei; que tudo posso ver. [5]
A Morte, a meu pezar, me assegurou
De quanto mal me vinha: já perdi
O que a perder o medo me ensinou.
Na vida desamor sómente vi,
Na morte a grande dôr que me ficou:
Parece que para isto só nasci.

96

Pensamentos, que agora novamente
Cuidados vãos em mim resuscitais
Dizei-me: E ainda não vos contentais
De ter a quem vos tem tão descontente? [1]
Que phantasia he esta, que presente
Cad'hora ante os meus olhos me mostrais? [2]
Com huns sonhos tão vãos inda tentais [3]
Quem nem por sonhos pode ser contente?
Vejo-vos, pensamentos, alterados,
E não quereis, de esquivos, declarar-me
Que he isto que vos traz tão enleados?
Não me negueis, se andais para negar-me; [4]
Porque se contra mi 'stais levantados, [5]
Eu vos ajudarei mesmo a matar-me. [6]

97

Se tomo a minha pena em penitencia [1]
Do error em que cahiu o pensamento, [2]
Não abrando, mas dóbro meu tormento, [3]
Que a tanto, e mais, obriga a paciencia. [4]
E se huma côr de morto na apparencia,
Hum espalhar suspiros vãos ao vento
Não faz em vós, Senhora, movimento,
Fique o meu mal em vossa consciencia.
Mas se de qualquer áspera mudança [5]
Toda vontade isenta Amor castiga,
(Como eu vejo no mal que me condena) [6]
E se em vós não se entende haver vingança,
Será forçado (pois Amor me obriga) [7]
Que eu só da culpa vossa pague a pena. [8]

98

Aquella que, de pura castidade,
De si mesma tomou cruel vingança
Por huma breve e subita mudança
Contrária á sua honra e qualidade;
Venceu á formosura a honestidade,
Venceu no fim da vida a esperança,
Porque ficasse viva tal lembrança,
Tal amor, tanta fé, tanta verdade.
De si, da gente e do mundo esquecida,
Feriu com duro ferro o brando peito,
Banhando em sangue a força do tyranno.
Oh ousadia estranha! estranho feito! [1]
Que dando breve morte ao corpo humano, [2]
Tenha sua memoria larga vida!

99

Os vestidos Elisa revolvia,
Que Eneas lhe deixára por memoria; [1]
Doces despojos da passada gloria;
Doces quando seu fado o consentia.
Entre elles a formosa espada via,
Que instrumento, em fim, foi da triste historia; [2]
E como quem de si tinha a victoria,
Fallando só com ella, assi dizia: [3]
Formosa e nova espada, se ficaste [4]
Só porque executasses os enganos [5]
De quem te quiz deixar, em minha vida;
Sabe que tu commigo te enganaste;
Que para me tirar de tantos danos
Sobeja-me a tristeza da partida.

100

Oh quão caro me custa o entender-te,
Molesto Amor, que só por alcançar-te,
De dôr em dôr me tens trazido a parte
D'onde em ti odio e ira se converte! [1]
Cuidei que para em tudo conhecer-te
Me não faltava experiencia e arte;
Mas na alma vejo agora accrescentar-te [2]
Aquillo que era causa de perder-te.
Estavas tão secreto no meu peito,
Que eu mesmo, que te tinha, não sabía
Que me senhoreavas d'este geito.
Descubriste-te agora; e foi por via
Que teu descobrimento e meu defeito,
Hum me envergonha e outro me injuría.

101

Despois de esperança tão perdida,
Amor por causa alguma consentisse [1]
Que inda algum'hora breve alegre visse
De quantas tristes viu tão longa vida;
Hum'alma já tão fraca e tão cahida
(Quando a sorte mais alto me subisse) [2]
Não tenho para mi que consentisse
Alegria tão tarde consentida.
Nem tamsómente o Amor me não mostrou [3]
Hum'hora em que vivesse alegremente,
De quantas n'esta vida me negou;
Mas inda tanta pena me consente,
Que co'o contentamento me tirou
O gosto de algum'hora ser contente.

102 (*)

O raio crystallino se estendia [1]
Por o mundo da Aurora marchetada,
Quando Nise, pastora delicada,
D'onde a vida deixava se partia.
Dos olhos, com que o sol escurecia, [2]
Levando a luz em lagrimas banhada, [3]
De si, do fado, e tempo magoada, [4]
Pondo os olhos no céo, assi dizia:
Nasce, sereno sol, puro e luzente; [5]
Resplandece, purpurea e branca aurora, [6]
Qualquer alma alegrando descontente;
Que a minha, sabe tu que desde agora
Jámais na vida a podes ver contente,
Nem tão triste nenhuma outra pastora.

(*) No Ms. de Luiz Franco, traz a rubrica: « *De Nise que se partia de Montano.* »

103

No mundo poucos annos e cansados
Vivi, cheios de vil miseria e dura:
Foi-me tão cedo a luz do dia escura,
Que não vi cinco lustros acabados.
Corri terras e mares apartados,
Buscando á vida algum remedio ou cura:
Mas aquillo que, em fim, não dá ventura [1]
Não o dão os trabalhos arriscados; [2]
Criou-me Portugal na verde e cara
Patria minha Alemquer; mas ár corruto,
Que n'este meu terreno vaso tinha,
Me fez manjar de peixes em ti, bruto
Mar que bates a Abássia fera e avara,
Tão longe da ditosa patria minha.

104

Que me quereis perpétuas saudades?
Com qu'esperanças inda me enganais?
O tempo, que se vai, não torna mais, [1]
E se torna, não tornam as idades.
Razão he já, ó annos, que vos vades,
Porque estes tão ligeiros que passais,
Nem todos para hum gosto sois iguais,
Nem sempre são conformes as vontades.
Aquillo a que já quiz he tão mudado,
Que quasi he outra cousa; porque os dias
Tem o primeiro gosto já damnado.
Esperanças de novas alegrias,
Não m'as deixa a Fortuna e o tempo irado, [2]
Que do contentamento são espias.

105

Verdade, Amôr, Razão, Merecimento,
Qualquer alma farão segura e forte;
Porém Fortuna, Caso, Tempo, e Sorte,
Tem do confuso mundo o regimento.
 Effeitos mil revolve o pensamento,
E não sabe a que causa se reporte: [1]
Mas sabe que o que he mais que vida e morte
Não se alcança de humano entendimento. [2]
 Doctos varões darão razões subidas; [3]
Mas são as exp'riencias mais provadas: [4]
E por tanto he melhor ter muito visto. [5]
 Cousas ha hi que passam sem ser cridas:
E cousas cridas ha sem ser passadas;
Mas o melhor de tudo he crêr em Christo.

106

Fiou-se o coração, de muito isento
De si, cuidando mal que tomaria
Tão illicito amor, tal ousadia,
Tal modo nunca visto de tormento.
 Mas os olhos pintaram tão a tento
Outros que vistos tem na phantasia,
Que a razão, temerosa do que via,
Fugiu, deixando o campo ao pensamento.
 O Hippolyto casto, que de geito
De Phedra tua madrasta foste amado,
Que não sabia ter nenhum respeito;
 Em mi vingou Amor teu casto peito:
Mas está d'este aggravo tão vingado,
Que se arrepende já do que tem feito.

107

Quem quizer vêr d'amor huma excellencia
Onde sua fineza mais se apura,
Attente onde me põe minha ventura,
Porque de minha fé faça exp'riencia. [1]
Onde lembranças mata a larga ausencia, [2]
Em temeroso mar, em guerra dura,
A saudade alli 'stá mais segura, [3]
Quando risco maior corre a paciencia. [4]
Mas ponha-me a Fortuna e o duro Fado,
Em morte, ou nojo, ou damno, ou perdição, [5]
Ou em sublime e próspera ventura;
Ponha-me, em fim, em baixo ou alto estado;
Que até na dura morte me acharão
Na lingua o nome, e n'alma a vista pura.

108

Vós, Nymphas da Gangetica espessura,
Cantai suavemente, em voz sonora,
Hum grande Capitão que a rôxa Aurora
Dos filhos defendeu da noite escura.
Ajuntou-se a caterva negra e dura,
Que na Aurea Chersoneso affouta mora,
Para lançar do caro ninho fóra
Aquelles que mais podem que a ventura.
Mas hum forte leão, com pouca gente,
A multidão tão fera como necia,
Destruindo castiga e torna fraca.
Ó Nymphas, cantai, pois; que claramente [1]
Mais do que Leonidas fez em Grecia,
O nobre Leoniz fez em Malaca.

SONETOS

RECOLHIDOS POR DOMINGOS FERNANDES, EM 1616, PROMETTIDOS AO PUBLICO NA EDIÇÃO DE 1607 (*)

109

Cantando estava hum dia bem seguro,
Quando passava Sylvio, e me dizia: 1
(Sylvio, pastor antiguo que sabia
Por o canto das aves o futuro)
Liso, quando quizer o fado escuro, 2
A opprimir-te virão em hum só dia
Dous lobos; logo a voz e a melodia
Te fugirão, e o som suave e puro.
Bem foi assi; porque hum me degolou
Quanto gado vacum pastava e tinha,
De que grandes soldadas esperava.
E por mais damno o outro me matou 3
A cordeira gentil, qu'eu tanto amava,
Perpétua saudade da alma minha.

(*) Na Dedicatoria de Domingos Fernandes a Dom Rodrigo da Cunha, Bispo de Portalegre, declara a proveniencia d'este corpo de poesias: «não se descuidou minha ventura em me offerecer esta occasião *de andar juntando estas Rimas, e V. S. me fez mercê de aver a maior parte certificado serem do Autor, outras me deram varias pessoas*... estando esta obra começada em que me fez mercê de dar ajuda de custa pera fazer esta impressão de mil e quinhentos...» No prologo ao leitor escreve: «na Primeira parte das Rimas de Luiz de Camões prometti saír á luz com esta segunda Parte que offereço, em que *gastei sete annos em ajuntar estas Rimas*, por estarem espalhadas em mãos de diversas pessoas, e ainda agora prometto pera a segunda impressão, porque *da India me tem escripto que me mandarão muitas curiosidades*, e n'este Reyno eide haver outras mais, *e d'esta maneira se ajuntou a Primeira parte, fazendo vir da India e pedindo n'este reino a senhores illustres e outras varias pessoas curiosas:* etc.» E accrescenta, como justificando a attribuição a Camões do Poema da *Creação do Homem:* «Se n'este livro se acharem algumas cousas que não sejam de Camões não me ponham culpa, que com boa fé as dei a impressão com muita deligencia, etc.»

110

Eu cantei já, e agora vou chorando
O tempo que cantei tão confiado:
Parece que no canto já passado
Se estavam minhas lagrimas criando.
Cantei; mas se me alguem pergunta, quando?
Não sei; que tambem fui n'isso enganado.
He tão triste este meu presente estado,
Que o passado por ledo estou julgando.
Fizeram-me cantar manhosamente
Contentamentos não, mas confianças:
Cantava, mas já era ao som dos ferros.
De quem me queixarei, se tudo mente? [1]
Porém que culpas ponho ás esperanças,
Onde a fortuna injusta he mais qu'os erros?

111

Doces e claras aguas do Mondego, [1]
Doce repouso de minha lembrança,
Onde a comprida e perfida esperança [2]
Longo tempo apoz si me trouxe cego.
De vós me aparto, si; porém não nego, [3]
Que inda a longa memoria, que me alcança,
Me não deixa de vós fazer mudança, [4]
Mas quanto mais me alongo, mais me achego. [5]
Bem poderá a Fortuna este instrumento [6]
Da alma levar por terra nova e extranha,
Offerecido ao mar remoto, ao vento.
Mas a alma, que de cá vos acompanha,
Nas azas do ligeiro pensamento
Para vós, aguas, vôa, e em vós se banha.

112

Por sua Nympha Céphalo deixava
A Aurora, que por elle se perdia,
Postoque dá principio ao claro dia,
Postoque as rôxas flôres imitava.
Elle, que a bella Procris tanto amava, [1]
Que só por ella tudo engeitaria,
Deseja de tentar se lhe acharia
Tão firme fé, como ella n'elle achava.
Mudado o trage, tece hum duro engano; [2]
Outro se finge, preço põe diante;
Quebra-se a fé mudavel, e consente.
Oh subtil invenção para seu dano! [3]
Vêde que manhas busca hum cego amante
Para que sempre seja descontente!

113

Sentindo-se alcançada a bella esposa
De Céphalo no crime consentido,
Para os montes fugia do marido;
E não sei se de astuta, ou vergonhosa.
Porque elle, em fim, soffrendo a dôr ciosa,
Da cegueira obrigado de Cupido,
Apoz ella se vai como perdido,
Já perdoando a culpa criminosa.
Deita-se aos pés da Nympha endurecida,
Que do cioso engano está aggravada;
Já lhe pede perdão, já pede a vida.
Oh força d'affeição desatinada!
Que da culpa contr'elle commettida,
Perdão pedia á parte que he culpada!

114

Senhor João Lopes, o meu baixo estado
Hontem vi posto em grão tão excellente,
Que sendo vós inveja a toda a gente,
Só por mi vos quizereis vêr trocado.
O gesto vi suave e delicado,
Que já vos fez contente e descontente,
Lançar ao vento a voz tão docemente,
Que fez o ár sereno e socegado.
Vi-lhe em poucas palavras dizer quanto
Ninguem diria em muitas; mas eu chego
A expirar só de ouvir a doce falla.
Oh mal o haja a fortuna, e o moço cego!
Elle, que os corações obriga a tanto;
Ella, porque os estados desiguala.

115

O céo, a terra, o vento socegado,
As ondas que se estendem por a areia,
Os peixes que no mar o somno enfreia,
O nocturno silencio repousado;
O pescador Aonio que, deitado
Onde co'o vento a agua se meneia,
Chorando, o nome amado em vão nomeia,
Que não póde ser mais que nomeado:
Ondas, (dizia) antes que Amor me mate,
Tornai-me a minha Nympha, que tão cêdo
Me fizestes á morte estar sujeita.
Ninguem responde; o mar de longe bate;
Move-se brandamente o arvoredo;
Leva-lhe o vento a voz, qu'ao vento deita.

116

Erros meus, má Fortuna, amor ardente
Em minha perdição se conjuráram:
Os erros e a Fortuna sobejáram;
Que para mi bastava Amor sómente.
Tudo passei; mas tenho tão presente
A grande dôr das cousas que passáram,
Que já as frequencias suas me ensinaram [1]
A desejos deixar de ser contente.
Errei todo o discurso de meus annos;
Dei causa a que a Fortuna castigasse
As minhas mal fundadas esperanças.
De amor não vi senão breves enganos.
Oh quem tanto podesse, que fartasse
Este meu duro Genio de vinganças!

117

Cá n'esta Babylonia d'onde mana
Materia a quanto mal o mundo cria;
Cá d'onde o puro Amor não tem valia,
Que a Mãe, que manda mais, tudo profana;
Cá d'onde o mal se affina, o bem se dana,
E póde mais que a honra a tyrannia;
Cá d'onde a errada e cega Monarchia
Cuida que hum nome vão a Deus engana; [1]
Cá n'este labyrintho onde a Nobreza,
O Valor e o Saber pedindo vão
Ás portas da Cobiça e da Vileza;
Cá n'este escuro caos de confusão
Cumprindo o curso estou da natureza.
Vê se me esquecerei de ti, Sião!

118

Correm turbas as aguas d'este rio,
Que as rapidas enchentes enturbaram; [1]
Os florecidos campos se seccaram; [2]
Intratavel se fez o valle e frio.
Passou, como o verão, o ardente estio; [3]
Humas cousas por outras se trocaram:
Os fementidos fados já deixaram
Do mundo o regimento, ou desvarío.
Já o tempo a ordem sua tem sabida; [4]
O mundo não; mas anda tão confuso,
Que parece que d'elle Deus se esquece.
Casos, opiniões, natura, e uso,
Fazem que nos pareça d'esta vida
Que não ha n'ella mais do que parece.

119

Vós outros, que buscais repouso certo
Na vida, com diversos exercicios;
A quem, vendo do mundo os beneficios,
O regimento seu fica encoberto; [1]
Dedicai, se quereis, ao Desconcêrto
Novas honras e cegos sacrificios;
Que, por castigo igual de antiguos vicios,
Quer Deus que andem as cousas por acêrto.
Não cahiu n'este modo de castigo
Quem pôz culpa á Fortuna, quem sómente
Crê que acontecimentos ha no mundo.
A grande experiencia he grão perigo:
Mas o que a Deus he justo e evidente
Parece injusto aos homens e profundo.

120

Despois que viu Cibele o corpo humano
Do formoso Atys seu verde pinheiro,
Em piedade o vão furor primeiro
Convertido, chorava o grave dano. [1]
E, á sua dôr fazendo illustre engano, [2]
A Jupiter pediu, que o verdadeiro
Preço da nobre palma e do loureiro
Ao seu pinheiro désse, soberano.
Mais lhe concede o filho poderoso
Que, crescendo, as estrellas tocar possa,
Vendo os segredos lá do Céo superno.
Oh ditoso Pinheiro! oh mais ditoso
Quem se vir coroar da rama vossa,
Cantando á vossa sombra verso eterno!

121

Na desesperação já repousava
O peito longamente magoado,
E, com seu damno eterno concertado,
Já não temia; já não desejava;
Quando uma sombra vã me assegurava
Que algum bem me podia estar guardado
Em tão formosa imagem, que o traslado
N'alma ficou, que n'ella se enlevava.
Que credito que dá tão facilmente
O coração áquillo que deseja,
Quando lhe esquece o fero seu destino;
Ah! deixem-me enganar; que eu sou contente;
Pois, postoque maior meu damno seja, [1]
Fica-me a glória já do que imagino.

122

Gentil Senhora, se a Fortuna imiga,
Que contra mi com todo o Céo conspira,
Os olhos meus de vêr os vossos tira,
Porque em mais graves casos me persiga;
Comigo levo esta alma, que se obriga
Na mór pressa do mar, de fogo, e d'ira,
A dar-vos a memoria, que suspira
Só por fazer comvosco eterna liga.
N'esta alma, onde a fortuna póde pouco,
Tão viva vos terei, que frio e fome,
Vos não possam tirar, nem mais perigos.
Antes, com som de voz trémulo e rouco
Por vós chamando, só com vosso nome
Farei fugir os ventos, e os imigos.

123

Arvore, cujo pômo bello e brando
Natureza de leite e sangue pinta,
Onde a pureza, de vergonha tinta,
Está virgineas faces imitando;
Nunca do vento a ira, que arrancando
Os troncos vai, o teu injúria sinta;
Nem por malicia de arte seja extinta
A côr que está teu fructo debuxando.
E pois emprestas doce e idoneo abrigo
A meu contentamento, e favoreces
Com teu suave cheiro a minha gloria;
Se eu não te celebrar como mereces,
Cantando-te, se quer farei comtigo
Doce nos casos tristes a memoria.

124

Por cima d'estas águas forte e firme
Irei aonde os Fados o ordenaram, [1]
Pois por cima de quantas derramaram [2]
Aquelles claros olhos pude vir-me.
Ja chegado era o fim de despedir-me;
Ja mil impedimentos se acabaram,
Quando rios de amor se atravessaram,
A me impedir o passo de partir-me.
Passei-os eu com animo obstinado,
Com que a morte forçada gloriosa [3]
Faz o vencido ja desesperado.
Em qual figura, ou gesto desusado,
Póde ja fazer medo a morte irosa
A quem tem a seus pés rendido e atado?

125

O filho de Latona esclarecido,
Que com seu raio alegra a humana gente,
Matar pôde a Pythonica serpente [1]
Que mortes mil havia produzido.
Feriu com arco, e de arco foi ferido,
Com ponta aguda do ouro reluzente:
Nas Thessalicas praias docemente
Por a Nympha Penea andou perdido. [2]
Não lhe pôde valer contra seu dano [3]
Saber, nem diligencias, nem respeito [4]
De quanto era celeste e soberano.
Pois se hum deos nunca viu nem hum engano [5]
De quem era tão pouco em seu respeito,
Eu qu'espero de um sêr, qu'he mais que humano?

126

Presença bella, angelica figura,
Em quem quanto o Céo tinha nos tem dado;
Gesto alegre de rosas semeado,
Entre as quaes se está rindo a Formosura:
Olhos, onde tem feito tal mistura
Em crystal puro o negro marchetado, [1]
Que vemos já no verde delicado
Não esperança, mas inveja escura:
Brandura, aviso, e graça, que augmentando
A natural belleza co'hum desprezo,
Com que mais desprezada mais se augmenta:
São as prisões de hum coração, que prêso,
Seu mal ao som dos ferros vai cantando,
Como faz a serêa na tormenta.

127

Diversos dões reparte o céo benino,
E quer que cada huma alma hum só possua; [1]
Porisso ornou de casto peito a Lua, [2]
Que o primeiro orbe illustra crystalino; [3]
De graça a Mãe formosa do Menino
Que n'essa vista têm perdido a sua;
Pallas de sciencia não maior que a tua: [4]
Tem Juno da nobreza o imperio dino. [5]
Mas junto agora o largo Céo derrama [6]
Em ti o mais que tinha, e foi o menos
Em respeito do Autor da natureza.
Que a seu pesar te dão, formosa dama,
Seu peito a Lua, sua graça Venus, [7]
Sua sciencia Pallas, Juno sua nobreza.

128

A Morte, que da vida o nó desata, [1]
Os nós que dá o Amor, cortar quizera
Co'a ausencia, que he sôbre elle espada fera, [2]
E co'o tempo, que tudo desbarata.
Duas contrarias, que huma a outra mata,
A Morte contra Amor junta e altera;
Huma, Razão contra a Fortuna austera; [3]
Outra, contra a Razão Fortuna ingrata.
Mas mostre a sua imperial potencia
A Morte em apartar de hum corpo a alma,
O Amor n'hum corpo duas almas una; [4]
Para que assi triumphante leve a palma
Da Morte Amor a grão pesar da ausencia,
Do tempo, da Razão, e da Fortuna.

129

Ornou sublime esforço ao grande Atlante, [1]
Com qu'a celeste máchina sustenta;
Honrou a Homero o engenho, com que intenta [2]
Grecia do quarto Céo passal-o ávante;
Curvou claro Amor de amor constante [3]
A Orpheo, na paz firme e na tormenta;
Inspirou a Fortuna, em tudo isenta,
A Cesar, de quem foi hum tempo amante;
Exaltaste tu, Fama, a gloria alta, [4]
De Alcides lá no monte em que resides;
Mas Castro, em quem o Céo seus dões derrama,
Mais orna, honra, corôa, inspira, exalta,
Que Atlante, Homero, Orpheo, Cesar e Alcides,
Esforço, engenho, Amor, Fortuna e Fama.

130

Coitado! que em hum tempo chóro e rio; [1]
Espero e temo, quero e aborreço;
Juntamente me allegro e me entristeço;
Confio de huma causa e desconfio.
Vôo sem azas; estou cego e guio;
Alcanço menos no que mais mereço;
Então fallo melhor, quando emmudeço;
Sem ter contradição sempre porfio.
Possivel se me faz todo o impossivel;
Intento com mudar-me estar-me quedo;
Usar de liberdade, e ser captivo;
Queria visto ser, ser invisivel;
Vêr-me desenredado, amando o enredo:
Taes os extremos são com que hoje vivo!

131

Julga-me a gente toda por perdido,
Vendo-me, tão entregue a meu cuidado,
Andar sempre dos homens apartado,
E de humanos commercios esquecido. [1]
Mas eu, que tenho o mundo conhecido,
E quasi que sobre elle ando dobrado,
Tenho por baixo, rustico, e enganado
Quem não he com meu mal engrandecido.
Vá revolvendo a terra, o mar, e o vento, [2]
Honras busque e riquezas a outra gente,
Vencendo ferro, fogo, frio e calma.
Que eu por amor sómente me contento [3]
De trazer esculpido eternamente
Vosso formoso gesto dentro da alma.

132

Sempre a Razão vencida foi de Amor;
Mas, porque assi o pedia o coração,
Quiz Amor ser vencido da Razão,
Ora que caso póde haver maior!
Novo modo de morte, e nova dor!
Estranheza de grande admiração!
Pois, em fim, seu vigor perde a affeição, [1]
Porque não perca a pena o seu vigor. [2]
Fraqueza, nunca a houve no querer; [3]
Mas antes muito mais se esforça assim
Hum contrario com outro por vencer.
Mas a razão que a luta vence, em fim, [4]
Não creio que he razão, mas deve ser
Inclinação que eu tenho contra mim.

133

Tal mostra de si dá vossa figura, [1]
Sibela, clara luz da redondeza,
Que as forças e o poder da natureza
Com sua claridade mais apura.
Quem confiança ha visto tão segura, [2]
Tão singular esmalte da belleza,
Que não padeça mal de mais graveza, [3]
Se resistir a seu amor procura?
Eu, pois, por escusar tal esquivança, [4]
A razão sujeitei ao pensamento,
A quem logo os sentidos se entregaram; [5]
Se vos offende o meu atrevimento,
Inda podeis tomar nova vingança
Nas reliquias da vida que ficaram. [6]

134

Que modo tão subtil da natureza
Para fugir ao mundo e seus enganos!
Permitte que se esconda em tenros annos
Debaixo de um burel tanta belleza!
Mas não póde esconder-se aquella alteza [1]
E gravidade de olhos soberanos,
A cujo resplandor entre os humanos
Resistencia não sinto, ou fortaleza.
Quem quer livre ficar de dôr e pena,
Vendo-a já, já trazendo-a na memoria, [2]
Na mesma razão sua se condena.
Porque quem mereceu vêr tanta gloria
Captivo hade ficar; que amor ordena
Que de juro tenha ella esta victoria.

135

Seguia aquelle fogo, que o guiava,
Leandro, contra o mar e contra o vento;
Quebravam-lhe ondas o animoso alento [1]
Por mais e mais que o Amor lh'o renovava.
Com sentir já que quasi lhe faltava, [2]
Sem nada esmorecer, no pensamento
(Não podendo fallar) de seu intento
O fim ao surdo mar encommendava:
Ó mar, (dizia o moço só comsigo)
Já te não peço a vida; só queria
Que a d'Hero me salvasses: não me veja: [3]
Este defunto corpo lá o desvia [4]
D'aquella tôrre: sê-me n'isto amigo,
Pois no meu maior bem me houveste inveja.

136

Á CONCEIÇÃO DA VIRGEM NOSSA SENHORA

Para se namorar do que criou, [1]
Te fez Deus, sacra Phenix, Virgem pura, [2]
Vêde que tal seria esta feitura
Que para si o seu Feitor guardou!
No seu alto conceito te formou [3]
Primeiro que a primeira criatura,
Para que unica fosse a compostura
Que de tão longo tempo se estudou.
Não sei se digo em tudo quanto baste [4]
Para exprimir as raras qualidades [5]
Que quiz criar em ti quem tu criaste.
És Filha, Mãe, e Esposa: e se alcançaste [6]
Huma só, tres tão altas dignidades,
Foi porqu'a Tres de Hum só tanto agradaste.

137

Á ENCARNAÇÃO DO VERBO ETERNO

Desce do Céo immenso Deus benino [1]
Para encarnar na Virgem soberana.
Porque desce o divino a cousa humana? [2]
Para subir o humano a ser divino.
Pois como vem tão pobre e tão menino,
Rendendo-se ao poder de mão tyranna?
Porque vem receber morte inhumana
Para pagar de Adão o desatino.
He possivel que os dous o fructo comem
Que de quem lhes deu tanto foi vedado? [3]
Si; porque o proprio sêr de deoses tomem.
E por esta razão foi humanado?
Si; porque foi com causa decretado,
Se quiz o homem ser Deus, que Deus fosse homem.

138

A CHRISTO NOSSO SENHOR NO PRESEPIO

Dos céos á terra desce a mór belleza,
Une-se á nossa carne, e a faz nobre; [1]
E, sendo a humanidade d'antes pobre,
Hoje subida fica á mór riqueza. [2]
Busca o Senhor mais rico a mór pobreza;
Que, como ao mundo o seu amor descobre,
De palhas vis o corpo tenro cobre,
E por ellas o mesmo Céo despreza.
Como! Deus em pobreza á terra dece!
O qu'he mais pobre tanto lhe contenta,
Qu'este sómente rico lhe parece.
Pobreza este Presepio representa;
Mas tanto por ser pobre já merece,
Que quanto mais o he, mais lhe contenta.

139

Á PAIXÃO DE CHRISTO NOSSO SENHOR (DEALOGISMO)

Porque a tamanhas penas se offerece
Por o peccado alheio, e êrro insano,
O Trino Deos? Porque o sogeito humano
Não póde co'o castigo que merece.
Quem padecerá as penas que padece?
Quem soffrerá deshonra, morte e dano?
Quem será, se não fôr o Soberano
Que reina, e servos manda, e obedece?
Foi a força do homem tão pequena,
Que não pôde suster tanta aspereza,
Pois não susteve a Lei que Deus ordena.
Mas soffre-a aquella immensa Fortaleza [1]
Por amor puro; que a mortal fraqueza [2]
Foi para o êrro, e não já para a pena.

SONETOS

RECOLHIDOS POR DOM ANTONIO ALVARES DA CUNHA, NA EDIÇÃO DAS «RIMAS» DE 1668 (*)

140

Guardando em mi a Sorte o seu direito, 1
Em verde me cortou minha alegria.
Oh quanto feneceu n'aquelle dia,
Cuja triste lembrança arde em meu peito!
Quanto mais o imagino, bem suspeito
Que a tal bem tal desconto se devia,
Por não dizer o mundo que podia
Achar-se em seus enganos bem perfeito.
Pois se a fortuna o fez por descontar-me
Aquelle gôsto, em cujo sentimento
A memoria não faz senão matar-me;
Que culpas póde dar-me o pensamento, 2
Se a causa qu'elle tem de atormentar-me,
Tenho eu de soffrer mal o seu tormento?

(*) Escreve este editor ácerca da authenticidade das poesias ineditas: «Convido-vos n'este volume com os *versos que ainda não vistes do nosso grande poeta Luiz de Camões que os trabalhos dos estudos nos trouxeram á mão de varios manuscriptos, muitos da letra do proprio Autor;* pouco hey mister para vos fazer crêr esta verdade, porque elles mesmos testemunham quem os fez...» E promette recolher mais ineditos: «esta offerta que vos faço sirva de peita á vossa benignidade, para outras que vos hei-de fazer.» De facto, no fim da 3.ª P. das Rimas, apresenta mais sonetos ineditos.

141

Ah Fortuna cruel! ah duros Fados!
Quão asinha em meu damno vos mudastes!
Com os vossos cuidados me cansastes, [1]
E agora descansais co'os meus cuidados.
Fizestes-me provar gostos passados, [2]
E vossa condição n'elles provastes:
Singelos em hum'hora m'os levastes,
Deixando em seu lugar males dobrados.
Quanto melhor me fôra que não vira [3]
Os doces bens de Amor? Ah bens suaves!
Quem me deixa sem vós, porque me deixa?
De queixar-te, alma minha, te retira:
Alma, de alto cahida em penas graves,
Pois tanto amaste em vão, em vão te queixa.

142

Que doudo pensamento he o que sigo?
Apoz que vão cuidado vou correndo?
Sem ventura de mi! que não me entendo;
Nem o que callo sei, nem o que digo.
Pelejo com quem trata paz commigo;
De quem guerra me faz não me defendo.
De falsas esperanças que pertendo?
Quem do meu proprio mal me faz amigo?
Porque, se nasci livre, me captivo?
E pois o quero ser, porque o não quero? [1]
Como me engano mais com desenganos? [2]
Se já desesperei, que mais espero?
E se inda espero mais, porque não vivo? [3]
E se vivo, que accuso mortaes danos?

143

Onde porei meus olhos que não veja
A causa de que nasce o meu tormento?
A qual parte me irei co'o pensamento,
Que para descansar parte me seja?
Já sei como se engana quem deseja [1]
Em vão amor fiel contentamento;
E que nos gostos seus, que são de vento,
Sempre falta seu bem, seu mal sobeja.
Mas inda, sobre o claro desengano,
Assi me traz esta alma sobjugada,
Que d'elle está pendendo o meu desejo.
E vou de dia em dia, de anno em anno,
Apoz hum não sei que, apoz um nada,
Que quanto mais me chego, menos vejo.

144

Quando cuido no tempo, que contente
Vi as perolas, neve, rosa e ouro,
Como quem vê por sonhos hum thezouro,
Parece tudo tenho aqui presente.
Mas tanto que se passa este accidente,
E vejo o quão distante de vós mouro,
Temo quanto imagino por agouro,
Porque de imaginar tambem me ausente.
Já foram dias, em que por ventura
Vos vi, Senhora, se assi dizendo posso
Com o coração seguro estar sem medo:
Agora em tanto mal não me assegura
A propria fantasia, e nojo vosso:
Eu não posso entender este segredo.

145

Quando, Senhora, quiz Amor qu'amasse
Essa grã perfeição e gentileza,
Logo deu por sentença, que a crueza
Em vosso peito amor accrescentasse.
Determinou, que nada me apartasse,
Nem desfavor cruel, nem aspereza;
Mas qu'em minha rarissima firmeza
Vossa isenção cruel se executasse.
E, pois tendes aqui offerecida
Est'alma vossa a vosso sacrificio,
Acabai de fartar vossa vontade.
Não lhe alargueis, Senhora, mais a vida;
Acabará morrendo em seu officio,
Sua fé defendendo e lealdade.

146

Eu vivia de lagrimas isento,
N'hum engano tão doce e deleitoso,
Qu'em qu'outro amante fosse mais ditoso
Não valiam mil glorias hum tormento.
Vendo-me possuir tal pensamento,
De nenhuma riqueza era invejoso:
Vivia bem, de nada receoso,
Com doce amor e doce sentimento.
Cobiçosa a Fortuna, me tirou
D'este meu tão contente e alegre estado;
E passou-se este bem, que nunca fôra:
Em trôco do qual bem só me deixou
Lembranças, que me matam cada hora,
Trazendo-me á memoria o bem passado.

147

Indo o triste pastor todo embebido
Na sombra de seu doce pensamento,
Taes queixas espalhava ao leve vento,
Co'hum brando suspirar d'alma sahido:
A quem me queixarei, cego, perdido,
Pois nas pedras não acho sentimento?
Com quem fallo? A quem digo meu tormento?
Que onde mais chamo, sam menos ouvido.
Ó bella Nympha, porque não respondes?
Porque o olhar-me tanto m'encareces?
Porque queres que sempre me querelle?
Eu quanto mais te busco, mais te escondes!
Quanto mais mal me vês, mais te endureces!
Assim que co'o mal cresce a causa d'elle.

148

Se a fortuna inquieta e mal olhada,
Que a justa lei do Céo comsigo infama,
A vida quieta, qu'ella mais desama,
Me concedêra honesta e repousada;
Pudéra ser que a Musa, alevantada
Com luz de mais ardente e viva flamma,
Fizera ao Tejo lá na patria cama
Adormecer co'o som da lyra amada.
Porém, pois o destino trabalhoso,
Que m'escurece a Musa fraca e lassa,
Louvor de tanto preço não sustenta;
A vossa, de louvar-me pouco escassa,
Outro sogeito busque valeroso,
Tal qual em vós ao mundo se apresenta.

149

A DOM SIMÃO DA SILVEIRA EM RESPOSTA DE OUTRO SEU. PELAS MESMAS CONSOANTES. MANDANDO-LHE PERGUNTAR QUEM FORA O PRIMEIRO POETA QUE FIZERA SONETOS.

De hum tão felice engenho, produzido
De outro que o claro sol não viu maior,
He trazer cousas altas no sentido,
Todas dignas de espanto e de louvor.
Museo foi antiquissimo Escriptor,
Philosopho e Poeta conhecido,
Discipulo do Musico amador
Que c'o som teve o inferno suspendido:
Este pôde abalar o monte mudo,
Cantando aquelle mal que eu já passei,
Do mancebo do Abydo mal sisudo:
Agora contam já (segundo achei)
Tasso e o nosso Boscan, que disse tudo,
Dos segredos que move o cego rei.

150

Este amor, que vos tenho limpo e puro,
De pensamento vil nunca tocado,
Em minha tenra idade começado,
Têl-o dentro n'esta alma só procuro.
D'haver n'elle mudança estou seguro,
Sem temer nenhum caso, ou duro fado,
Nem o supremo bem, ou baixo estado,
Nem o tempo presente, nem futuro.
A bonina e a flôr asinha passa;
Tudo por terra o inverno e estio deita;
Só para meu amor he sempre Maio.
Mas vêr-vos para mim, Senhora, escassa,
E qu'essa ingratidão tudo me engeita,
Traz este meu amor sempre em desmaio.

151

Quem, Senhora, presume de louvar-vos [1]
Com discurso que baixe de divino,
De tanto maior pena será dino,
Quanto vós sois maior ao contemplar-vos.
Não aspire algum canto a celebrar-vos
Por mais que seja raro, ou peregrino;
Pois de vossa belleza eu imagino
Que só comvosco o Céo quiz comparar-vos.
Ditosa esta alma vossa, a que quizestes
Pôr em posse de prenda tão subida,
Qual esta que benigna, em fim, me déstes.
Sempre será anteposta á mesma vida:
Esta estimar em menos me fizestes,
Se antes que ess'outra a quero vêr perdida.

152

Quem pudéra julgar de vós, Senhora,
Que huma tal fé pudesse assi perder-vos? [1]
Se por amar-vos chego a aborrecer-vos, [2]
Deixar não posso o amar-vos algum'hora.
Deixais a quem vos ama, ou vos adora, [3]
Por vêr a quem quiçá não sabe vêr-vos?
Mas eu sou quem não soube merecer-vos,
E esta minha ignorancia entendo agora.
Nunca soube entender vossa vontade,
Nem a minha mostrar-vos verdadeira,
Inda que clara estava esta verdade.
Esta, em quanto eu viver, vereis inteira; [4]
E se em vão meu querer vos persuade,
Mais vosso não querer faz que vos queira.

153

*V*encido está de amor *M*eu pensamento
O mais que póde ser, *V*encida a vida,
*S*ujeita a vos servir e *I*nstituida,
*O*fferecendo tudo *A* vosso intento.
*C*ontente d'este bem *L*ouva o momento,
*O*u hora em que se viu *T*ão bem perdida;
*M*il vezes desejando, *A*ssi ferida, [1]
*O*utras mil renovar *S*eu perdimento. [2]
*C*om esta pretenção *E*stá segura
A causa que me guia *N*'esta empreza
*T*ão sobrenatural, *H*onrosa, e alta.
*J*urando não querer *O*utra ventura, [3]
*V*otando só por vós *R*ara firmeza,
*O*u ser no vosso amor *A*chado em falta. [4]

154

Sempre, cruel Senhora, receei,
Medindo vossa grã desconfiança,
Que désse em desamor vossa tardança,
E que me perdesse eu, pois vos amei.
Perca-se, em fim, já tudo o qu'esperei,
Pois n'outro amor já tendes esperança,
Tão patente será vossa mudança,
Quanto eu encobri sempre o que vos dei.
Dei-vos a alma, a vida e o sentido;
De tudo o qu'em mi ha vos fiz senhora.
Prometteis, e negais o mesmo Amor.
Agora tal estou, que de perdido
Não sei por onde vou, mas algum'hora
Vos dará tal lembrança grande dcr.

155

Esses cabellos louros escolhidos,
Que o sêr ao aureo sol estão tirando; [1]
Esse ar immenso, adonde naufragando [2]
Estão continuamente os meus sentidos;
Esses furtados olhos tão fingidos
Que minha vida e morte estão causando;
Essa divina graca, que em fallando [3]
Finge os meus pensamentos não ser cridos;
Esse compasso certo, essa medida
Que faz dobrar no corpo a gentileza;
A divindade em terra, tão subidá; [4]
Mostrem já piedade, e não crueza, [5]
Que são laços que Amor tece na vida,
Sendo em mi soffrimento, em vós dureza. [6]

156

Dizei, Senhora, da belleza idêa,
Para fazerdes esse aureo crino,
Onde fostes buscar esse ouro fino?
De qu'escondida mina ou de que vêa?
Dos vossos olhos essa luz phebêa,
Esse respeito, de hum imperio dino?
Se o alcançastes com saber divino,
Se com encantamentos de Medéa?
De qu'escondidas conchas escolhestes
As perlas preciosas orientais
Que fallando mostrais no doce riso?
Pois vos formastes tal, como quizestes,
Vigiai-vos de vós, não vos vejais,
Fugi das fontes; lembre-vos Narciso.

157

Na ribeira do Euphrates assentado,
Discorrendo me achei pela memoria
Aquelle breve bem, aquella gloria,
Que em ti, doce Sião, tinha passado.
Da causa de meus males perguntado
Me foi: Como não cantas a historia
De teu passado bem, e da victoria
Que sempre de teu mal has alcançado?
Não sabes, que a quem canta se lhe esquece
O mal, inda que grave e rigoroso?
Canta pois, e não chores d'essa sorte.
Respondi com suspiros: Quando crece
A muita saudade, o piedoso
Remedio he não cantar, senão a morte.

158

El vaso relusiente y cristalino,
De Angeles agua clara y olorosa,
De blanca seda ornado y fresca rosa,
Ligado con cabellos de oro fino:
Bien claro parecia el don divino
Labrado por la mano artificiosa
De aquella blanca Ninfa graciosa,
Mas que el rubio luzero matutino:
Nel vaso vuestro cuerpo se afigura
Raxado de los blandos miembros bellos,
Y en el agua vuestra anima pura:
La seda es la blandura, y los cabellos
Son las prisiones, y la ligadura
Con que mi libertad fué asida d'ellos.

159

Pues siempre sin cesar, mis ojos tristes, [1]
En lagrimas trataes la noche y dia,
Mirad si es lagrima esta que os envia
Aquel sol por quien vos tantas vertistes.
Si vos me asegurais, pues ya la vistes,
Que és lagrima, será ventura mia;
Por empleadas bien desde hoy tendria
Las muchas que por ella sola distes.
Mas cualquier cosa mucho deseada,
Aunque viendo se esté, nunca es creida;
Y menos esta, nunca imaginada.
Pero della aseguro, si es fingida,
Que basta ser por lagrima enviada,
Para que sea por lagrima tenida.

160

Quando se vir com agua o fogo arder, [1]
Juntar-se ao claro dia a noite escura,
E a terra collocada lá na altura,
Em que se vem os céos, prevalecer;
Quando Amor á Razão obedecer,
E em todos fôr igual huma ventura,
Deixarei eu de vêr tal formosura,
E de a amar deixarei depois de a vêr.
Porém não sendo vista esta mudança
No mundo, porque, em fim, não póde ver-se,
Ninguem mudar-me queira de querer-vos.
Que basta estar em vós minha esperança,
E o ganhar-se a minha alma, ou o perder-se,
Para dos olhos meus nunca perder-vos.

161

Chorai, Nymphas, os fados poderosos
D'aquella soberana formosura.
Onde foram parar? na sepultura?
Aquelles reaes olhos graciosos?
Oh bens do mundo falsos e enganosos!
Que mágoas para ouvir! Que tal figura
Jaza sem resplandor na terra dura
Com tal rosto e cabellos tão formosos!
Das outras que será! pois poder teve
A morte sobre cousa tanto bella,
Que ella eclipsava a luz do claro dia.
Mas o mundo não era digno d'ella,
Por isso mais na terra não esteve
Ao céo subiu, que já se lhe devia.

162

Ai inimiga cruel! que apartamento
He este que fazeis da patria terra?
Ai! quem do amado ninho vos desterra, [1]
Gloria dos olhos, bem do pensamento?
His tentar da fortuna o movimento,
E dos ventos crueis a dura guerra?
Vêr brenhas de ondas? feito o mar em serra, [2]
Levantado de hum vento e de outro vento?
Mas já que vós partis, sem vos partirdes,
Parta comvosco o céo tanta ventura,
Que se avantaje áquella qu'esperardes, [3]
E só d'esta verdade ide segura, [4]
Que fazeis mais saudades com vos irdes,
Do que levais desejo por chegardes.

163

Senhora já d'esta alma, perdoai
De hum vencido de Amor os desatinos,
E sejam vossos olhos tão beninos
Com este puro amor, que d'alma sai.
A minha pura fé sómente olhai,
E vêde meus extremos se são finos;
E se de alguma pena forem dinos,
Em mim, Senhora minha, vos vingai.
Não seja a dôr que abraza o triste peito
Causa por onde pene o coração,
Que tanto em firme amor vos he sujeito.
Guardai-vos do que alguns, dama, dirão,
Que sendo raro em tudo vosso objeito,
Possa morar em vós ingratidão.

164

Quem vos levou de mim saudoso estado,
Que tanta sem rasão commigo usastes?
Quem foi, por quem tão presto me negastes,
Esquecido de todo bem passado?
Trocaste-me hum descanso em hum cuidado
Tão duro, tão cruel, qual me ordenastes.
A fé, que tinheis dado, me negastes,
Quanto mais n'ella estava confiado.
Vivia sem receio d'este mal,
Fortuna que tem tudo á sua mercê,
Amor com desamor me revolveu:
Bem sei que n'este caso nada val,
Que quem nasceu chorando, justo he,
Que pague com chorar o que perdeu.

165

Diversos casos, varios pensamentos
Me trazem tão confuso o entendimento,
Que em nada vejo já contentamento,
Se não quando se vão contentamentos:
Em varios casos, varios sentimentos
Succedem, por mostrar ao fundamento,
Que he o que se deseja tudo vento,
Pois pinta haver descanço em vãos intentos:
Vê-se em grandes discursos o desejo,
Quando as occasiões os tempos mudam,
Não ha cousa impossivel a hum cuidado:
O injusto c'o justo he já trocado,
Os duros montes seus assentos mudam,
Eu só não posso vêr meu mal mudado.

166

Doce sonho, suave e soberano,
Se por mais longo tempo me durára!
Ah quem de sonho tal nunca acordára,
Pois havia de vêr tal desengano!
Ah deleitoso bem! ah doce engano!
Se por mais largo espaço me enganára!
Se então a vida misera acabára,
De alegria e prazer morrêra ufano.
Ditoso, não estando em mi, pois tive
Dormindo o que acordado ter quizera.
Olhai com que me paga meu destino!
Em fim, fóra de mim ditoso estive.
Em mentiras ter dita razão era,
Pois sempre nas verdades fui mofino.

167

Diana prateada, esclarecida
Com a luz que do claro Phebo ardente,
Por ser de natureza transparente,
Em si, como em espelho, reluzia.
Cem mil milhões de graças lhe influia,
Quando me appareceu o excellente
Raio de vosso aspecto, differente
Em graça e em amor do que sohia.
Eu vendo-me tão cheio de favores,
E tão propinquo a ser de todo vosso,
Louvei a hora clara, e a noite escura,
Pois n'ella déstes côr a meus amores:
D'onde collijo claro que não posso
De dia para vós já ter ventura.

168

EM LINGUA GALEGA

A lá en Monte Rey, em Bal de Laça,
A Biolante bi' beira de un rio,
Tam fermosa em berdá, que quedé frio
De ber alma immortal en mortal maça:
De um alto e lindo copo a seda laça
A Pastora sacaba fio a fio,
Quando lhe disse: Morro, corta o fio,
Bolbeo: Não cortarei, seguro passa.
E como passarei, se en acá quedo,
Se passar, respondi, não bou seguro,
Que este corpo sem alma morra cedo.
Com a minha que lebas, te asseguro
Que não morras, Pastor. Pastora, ei medo,
O quedar me parece mais seguro.

169

Porque me faz Amor inda acá torto,
O mal te faga Deos, desbergonzado,
Rapaz bil, descortez, que me has guiado
A ber a Biolante, que me ha morto:
Bila, por mas non berme tomar porto,
En repouso ningun desbenturado,
Mas para chorar sempre quede a bado
As aguas de meus olhos sou conforto:
Bem vi ser tua madre Cypriana
Una mundana astrosa, deshonesta,
Cruel, falsa, sem lei, dura e tirana:
Que a bós ella ser outra, e não ser esta,
Não tiberas bontá tão deshumana,
Nem fôra contra mim tão cruda besta.

170

Olhos formosos em quem quiz natura
Mostrar do seu poder altos signais,
Se quizerdes saber quanto possais
Vede-me a mi que sou vossa fortuna.
Pintada em mi se vê vossa figura,
No que eu padeço retratada estais.
Que se eu passo tormentos desiguais,
Muito mais póde vossa formosura.
De mi não quero mais que o meu desejo;
Ser vosso, e só de ser vosso me arreio,
Porque o vosso penhor em mi se asselle.
Não me lembro de mi quando vos vejo;
Nem do mundo: e não erro porque creio
Que em lembrar-me de vós cumpro com elle.

171

Em quanto Phebo os montes accendia
Do céo com luminosa claridade,
Por conservar illesa a castidade
Na caça o tempo Delia despendia.
Venus, qu'então de furto descendia
Por captivar de Anchises a vontade,
Vendo Diana em tanta honestidade,
Quasi zombando d'ella, lhe dizia:
Tu vás com tuas redes na espessura
Os fugitivos cervos enredando;
Mas as minhas enredam o sentido.
Melhor he (respondia a deosa pura)
Nas rêdes leves cervos ir tomando,
Que tomar-te a ti n'ellas teu marido.

172

A DYNAMENE MORTA NAS AGUAS

Ah minha Dinamene! assi deixaste
Quem nunca deixar pôde de querer-te! [1]
Que já, Nympha gentil, não possa ver-te! [2]
Que tão veloz a vida desprezaste!
Como por tempo eterno te apartaste [3]
De quem tão longe andava de perder-te!
Puderam essas águas defender-te [4]
Que não visses quem tanto magoaste?
Nem sómente fallar-te a dura morte [5]
Me deixou, qu'apressada o negro manto [6]
Lançar sôbre os teus olhos consentiste.
Oh mar! oh céo! oh minha escura sorte!
Qual vida perderei que valha tanto, [7]
Se inda tenho por pouco o viver triste?

173

Oh rigorosa ausencia desejada [1]
De mi sempre, mas nunca conhecida!
Saudade, n'outro tempo tão temida,
Como em meu damno agora exprimentada!
Já rigorosamente começada
Tendes vossa esperança em minha vida; [2]
Mas tanto, que já temo que opprimida [3]
Sejais com ella cedo, ou acabada. [4]
Os dias mais alegres me entristecem;
As noites, com cuidados as desconto, [5]
Em que sem vós sem conto me parecem.
Eu desejando espero, e os annos conto;
Mas com a vida, em fim, elles fallecem:
Nem basta á carne enfêrma esprito pronto.

174

Se de vosso formoso e lindo gesto [1]
Nasceram lindas flores para os olhos,
Que para o peito são duros abrolhos,
Em mim se vê mui claro e manifesto:
Pois vossa formosura e vulto honesto, [2]
Em os vêr, de boninas vi mil molhos,
Mas se meu coração tivera antolhos,
Não vira em vós seu damno o mal funesto: [3]
Hum mal visto por bem, hum bem tristonho,
Que me traz enlevado o pensamento
Em mil, porem diversas phantasias: [4]
Nas quaes eu sempre ando e sempre sonho, [5]
E vós não cuidais mais que em meu tormento,
Em que fundais as vossas alegrias. [6]

175

N'hum tão alto lugar, de tanto preço,
Este meu pensamento posto vejo,
Que desfallece n'elle inda o desejo,
Vendo quanto por mi o desmereço.
Quando esta tal baixeza em mi conheço,
Acho que cuidar n'elle he grão despejo,
E que morrer por elle me he sobejo
E mór bem para mi, do que mereço.
O mais que natural merecimento
De quem me causa hum mal tão duro e forte,
O faz que vá crescendo de hora em hora.
Mas eu não deixarei meu pensamento,
Porque inda qu'este mal me causa a morte,
Un bel morir tutta la vita honora.

176

Quando a suprema dôr muito me aperta,
Se digo que desejo esquecimento,
He fôrça que se faz ao pensamento,
De que a vontade livre desconcerta.
Assi de erro tão grave me desperta
A luz do bem regido entendimento,
Que mostra ser engano, ou fingimento,
Dizer que em tal descanso mais se acerta.
Porque essa propria imagem, que na mente
Me representa o bem de que careço,
Faz-m'o de hum certo modo ser presente.
Ditosa he, logo, a pena que padeço,
Pois que da causa d'ella em mi se sente
Hum bem que, inda sem vêr-vos, reconheço.

177

Quantas penas, Amor, quantos cuidados,
Quantas lagrimas tristes sem proveito,
De que mil vezes olhos, rosto e peito,
Por ti, cego, me viste já banhados;
Quantos mortaes suspiros derramados
Do coração por tanto a ti sujeito,
Quantos males, em fim, tu me tens feito,
Todos foram em mi bem empregados.
A tudo satisfaz (confesso-te isto)
Huma só vista branda e amorosa
De quem me captivou minha ventura.
Oh sempre para mi hora ditosa!
Que posso temer já, pois tenho visto,
Com tanto gôsto meu, tanta brandura?

178

Se como em tudo o mais fostes perfeita,
Foreis de condição menos esquiva,
Fôra a minha fortuna mais altiva, [1]
Fôra a sua altiveza mais sujeita. [2]
Mas quando a vida a vossos pés se deita, [3]
Porque não a acceitais, não quer que eu viva;
Ella propria de si já a mi me priva;
Que, porque me engeitais, tambem me engeita.
Se n'isso contradiz vossa vontade,
Mandai-lhe vós, Senhora, que dê fim
Á minha profundissima tristeza. [4]
Pois ella não m'o dá, por que piedade [5]
Tenha d'este meu mal, mas porque em mim
Possais assi fartar vossa crueza.

*

179

O tempo acaba, o anno, o mez e a hora,
A força, a arte, a manha, a fortaleza;
O tempo acaba a fama e a riqueza,
O tempo o mesmo tempo de si chora:
O tempo busca, e acaba o onde móra
Qualquer ingratidão, qualquer dureza,
Mas não pode acabar minha tristeza
Em quanto não quizerdes vós, Senhora.
O tempo o claro dia torna escuro,
E o mais ledo prazer em choro triste,
O tempo a tempestade em gram bonança;
Mas de abrandar o tempo estou seguro,
O peito de diamante onde consiste
A pena e o prazer d'esta esperança.

180

Posto me tem fortuna em tal estado,
E tanto a seus pés me tem rendido!
Não tenho que perder, já de perdido,
Nem tenho que mudar, já de mudado.
Todo bem para mi he acabado:
D'aqui dou o viver já por vivido;
Que aonde o mal he tão conhecido,
Tambem o viver mais será 'scusado.
Se me basta querer, a morte quero
Que bem outra esperança não convem:
E curarei hum mal com outro mal.
E pois do bem tão pouco bem espero,
Já que o mal esse só remedio tem,
Não me culpem em qu'rer remedio tal.

181

Já me não fere o Amor com arco forte,
As setas tem lançadas já por terra,
Como sohia já não nos faz guerra,
Porque a que nos faz he de outra sorte.
Com olhos, pelos olhos nos dá morte,
E para acertar o que não erra,
Os vossos escolheu, em quem se encerra
Mais bem do que ha do Sul ao Norte.
Concede-vos o Amor tão grão poder,
Que vós sejaes do seu livre e isenta.
Apagou-se a candea no meio do consoante.
Por isso Feliza se vos não contenta,
Não vades com o Soneto por diante,
Que he sonho o que a fantasia representa.

182

Lembranças, que lembrais o bem passado
Para que sinta mais o mal presente,
Deixai-me, se quereis, viver contente,
Morrer não me deixeis em tal estado. [1]
Se de todo, comtudo, está do Fado, [2]
Que eu morra de viver tão descontente,
Venha-me todo o bem por accidente,
E todo o mal me venha por cuidado.
Que muito melhor he perder-se a vida,
Perdendo-se as lembranças da memoria,
Pois fazem tanto damno ao pensamento. [3]
Porque, em fim, nada perde quem perdida
A esperança tem já d'aquella gloria
Que fazia suave o seu tormento.

183

Doce contentamento já passado,
Em que todo o meu bem só consistia, [1]
Quem vos levou de minha companhia,
E me deixou de vós tão apartado?
Quem cuidou que se visse n'este estado
N'aquellas breves horas d'alegria,
Quando minha ventura consentia
Que d'enganos vivesse meu cuidado?
Fortuna minha foi cruel e dura
Aquella que causou meu perdimento,
Com a qual ninguem póde ter cautella.
Nem se engane nenhuma creatura;
Que não póde nenhum impedimento
Fugir o que lh'ordena sua estrella.

184

Horas breves de meu contentamento,
Nunca me pareceu, quando vos tinha,
Que vos visse mudadas tão asínha
Em tão compridos annos de tormento. [1]
As altas torres, que fundei no vento, [2]
Levou, em fim, o vento que as sustinha: [3]
Do mal, que me ficou, a culpa he minha,
Pois sobre cousas vãs fiz fundamento.
Amor com brandas mostras apparece, [4]
Tudo possivel faz, tudo assegura;
Mas logo no melhor desapparece.
Extranho mal! extranha desventura! [5]
Por um pequeno bem que desfallece, [6]
Hum bem aventurar, que sempre dura! [7]

185

Sustenta meu viver huma esperança
Derivada de hum bem tão desejado,
Que quando n'ella estou mais confiado,
Mór duvida me põe qualquer mudança.
E quando inda este bem na mór pujança
De seus gostos me têm mais enlevado,
Me atormenta então vêr eu qu'alcançado
Será por quem de vós não têm lembrança.
Assi que, n'estas redes enlaçado,
A penas dou a vida, sustentando
Huma nova materia a meu cuidado.
Suspiros d'alma tristes arrancando,
Dos silvos d'uma pedra acompanhado,
Estou materias tristes lamentando.

186

Já não sinto, Senhora, os desenganos
Com que minha affeição sempre tratastes,
Nem ver o galardão, que me negastes,
Merecido por fé ha tantos annos.
A magoa chóro só, só choro os danos
De vêr por quem, Senhora, me trocastes;
Mas em tal caso vós só me vingastes
De vossa ingratidão, vossos enganos.
Dobrada gloria dá qualquer vingança,
Que o offendido toma do culpado,
Quando se satisfaz com causa justa;
Mas eu de vossos males e esquivança,
De que agora me vejo bem vingado,
Não a quizera tanto á vossa custa.

187

Que póde já fazer minha ventura,
Que seja para meu contentamento?
Ou como fazer devo fundamento
De cousa que o não tem, nem he segura?
Que pena póde ser tão certa e dura,
Que possa ser maior que meu tormento?
Ou como receará meu pensamento
Os males, se com elles mais se apura?
Como quem se costuma de pequeno
Com peçonha criar por mão sciente,
Da qual o uso já o tem seguro:
Assim de acostumado co'o veneno,
O uso de soffrer meu mal presente
Me faz não sentir já nada o futuro.

188

Los ojos que con blando movimiento
Al passar enternecen la alma mia,
Si detener pudiera solo un dia, [1]
Pudiera bien librarla de tormiento.
D'este tan amoroso sentimiento [2]
El importuno mal se acabaria;
O tambien su accidente creceria [3]
Para acabar la vida en un momento.
Oh! si ya tu esquivez me permitiese [4]
Que al ver, o Ninpha, tu semblante hermoso,
A manos de tus ojos yo muriese!
Oh si los detuvieras! cuan dichoso [5]
Seria aquel momento en que me viese
Vida en ellos cobrar, cobrar reposo! [6]

189

A formosura d'esta fresca serra,
E a sombra dos verdes castanheiros,
O manso caminhar d'estes ribeiros,
Donde toda a tristeza se desterra;
O rouco som do mar, a extranha terra,
O esconder do sol pelos outeiros,
O recolher dos gados derradeiros,
Das nuvens pelo ár a branda guerra:
Em fim, tudo o que a rara natureza
Com tanta variedade nos offrece,
M'está (se não te vejo) magoando.
Sem ti tudo me enoja, e me aborrece;
Sem ti perpetuamente estou passando
Nas móres alegrias mór tristeza.

190

Sospechas, que en mi triste fantesia
Puestas hazeis la guerra a mi sentido,
Bolviendo y rebolviendo el affligido
Pecho con dura mano noche y dia.
Ya se acabó la resistencia mia,
Y la fuerça del alma, ya rendido
Vencer de vos me dexo arrepentido
De averos contrastado en tal porfia.
Llevadme a aquel lugar tan espantable
Que por no ver mi muerte alli esculpida,
Cerrados hasta aqui tuve los ojos.
Las armas pongo, que concedida
No es tan larga defensa al miserable;
Colgad en vuestro carro mis despojos.

191

No bastava que amor puro y ardiente
Por términos la vida me quitase;
Mas que la muerte asi se apresurase [1]
Con un deshumanísimo accidente?
No pretendió mi alma, aunque lo siente, [2]
Que el riguroso curso se atajase,
Porque nunca morir se exprimentase
Desamado el que amó tan dulcemente.
Mas vuestra voluntad tan poderosa
Con esas gracias vuestras ordenaron [3]
Crueldad así imposible, ó nunca oida.
Aquel frio desden, y la amorosa [4]
Furia, de un golpe solo, me quitaron
Con dós contrarias muertes una vida. [5]

192

Vós, que escuitaes em Rimas derramado
Dos suspiros o som que me alentava
Na juvenil idade, quando andava
Em outro em parte do que sou mudado;
Sabei que busca só do já cantado
No tempo em que ou temia ou esperava,
De quem o mal provou, que eu tanto amava,
Piedade, e não perdão, o meu cuidado.
Pois vejo que tamanho sentimento
Só me rendeu ser fabula da gente,
(Do que commigo mesmo me envergonho.)
Sirva de exemplo claro meu tormento,
Com que todos conheçam claramente
Que quanto ao mundo apraz he breve sonho.

193

De amor escrevo, de amor trato e vivo;
De amor me nasce amar sem ser amado;
De tudo se descuida o meu cuidado,
Quanto não seja ser de amor captivo:
De amor que a lugar alto voe altivo,
E funde a gloria sua em ser ousado;
Que se veja melhor purificado
No immenso resplandor de hum raio esquivo.
Mas ai que tanto amor só pena alcança!
Mais constante ella, e elle mais constante,
De seu triumpho cada qual só trata.
Nada, emfim, me aproveita; que a esperança
Se anima alguma vez a hum triste amante,
Ao perto vivifica, ao longe mata.

194

Moradoras gentís e delicadas
Do claro e aureo Tejo, que mettidas
Estais em suas grutas escondidas,
E com doce repouso socegadas;
Agora estais de amores inflammadas, [1]
Nos crystallinos paços entretidas;
Agora no exercicio embevecidas
Das télas de ouro puro matizadas;
Movei dos lindos rostos a luz pura
De vossos olhos bellos, consentindo
Que lagrimas derramem de tristura.
E assi com dôr mais propria ireis ouvindo
As queixas que derramo da ventura,
Que com penas de amor me vai seguindo.

195

Brandas aguas do Tejo que, passando
Por estes verdes campos que regais,
Plantas, hervas e flôres e animais,
Pastores, Nymphas, ides alegrando;
Não sei, (ah doces aguas!) não sei quando
Vos tornarei a vêr; que mágoas tais,
Vendo como vos deixo, me causais,
Que de tornar já vou desconfiando.
Ordenou o destino, desejoso
De converter meus gostos em pezares,
Partida que me vai custando tanto.
Saudoso de vós, d'elle queixoso,
Encherei de suspiros outros ares,
Turbarei outras aguas com meu pranto.

196

Novos casos de Amor, novos enganos,
Envoltos em lisonjas conhecidas;
Do bem promessas falsas e escondidas,
Onde do mal se cumprem grandes danos;
Como não tomais já por desenganos
Tantos ais, tantas lagrimas perdidas,
Pois que a vida não basta, nem mil vidas,
A tantos dias tristes, tantos annos?
Hum novo coração mister havia,
Com outros olhos menos aggravados,
Para tornar a crêr o que eu vos cria.
Andais commigo, enganos, enganados;
E se o quizerdes vêr, cuidai um dia
O que se diz dos bem acutilados.

197

Já do Mondego as aguas apparecem
A meus olhos, não meus, antes alheios,
Que de outras differentes vindo cheios,
Na sua branda vista inda mais crescem.
Parece que tambem forçadas decem,
Segundo se detem em seus rodeios.
Triste! por quantos modos, quantos meios,
As minhas saudades me entristecem!
Vida de tantos males salteada,
Amor a põe em termos, que duvída
De conseguir o fim d'esta jornada.
Antes se dá de todo por perdida,
Vendo que não vai da alma acompanhada,
Que se deixou ficar onde tem vida.

198

Hum firme coração posto em ventura;
Hum desejar honesto, que se engeite
De vossa condição, sem que respeite
A meu tão puro amor, a fé tão pura;
Hum vêr-vos de piedade e de brandura
Sempre inimiga, faz-me que suspeite
Se alguma hyrcana fera vos deu leite,
Ou se nascestes de huma pedra dura.
Ando buscando causa, que desculpe
Crueza tão estranha; porém quanto
N'isso trabalho mais, mais mal me trata.
Donde vem, que não ha quem nos não culpe;
A vós, porque matais quem vos quer tanto,
A mim, por querer tanto a quem me mata.

199

Ar, que de meus suspiros vejo cheio;
Terra, cansada já com meu tormento;
Agua, que com mil lagrimas sustento;
Fogo, que mais accendo no meu seio;
Em paz estais em mim; e assi o creio,
Sem esse ser o vosso proprio intento;
Pois em dôr onde falta o soffrimento,
A vida se sustem por vosso meio.
Ai imiga fortuna! ai vingativo
Amor! a que discursos por vós venho,
Sem nunca vos mover com minha mágoa!
Se me quereis matar, para que vivo?
E como vivo, se contrarios tenho
Fogo, Fortuna, Amor, Ar, Terra e Ágoa?

200

Já claro vejo bem, já bem conheço
Quanto augmentando vou o meu tormento;
Pois sei que fundo em agua, escrevo em vento,
E que o cordeiro manso ao lobo peço;
Que Arachne sou, pois já com Pallas teço;
Que a tigres em meus males me lamento;
Que reduzir o mar a hum vaso intento,
Aspirando a esse céo que não mereço.
Quero achar paz em hum confuso inferno;
Na noite do sol puro a claridade;
E o suave verão no duro inverno.
Busco em luzente Olympo escuridade,
E o desejado bem no mal eterno,
Buscando amor em vossa crueldade.

201

De cá, d'onde sómente o imaginar-vos
A rigorosa ausencia me consente,
Sôbre as azas de amor, ousadamente
O mal soffrido esprito vai buscar-vos.
E se não receára de abrazar-vos
Nas chammas que por vossa causa sente,
Lá ficára comvosco e, vós presente,
Aprendera de vós a contentar-vos.
Mas, pois que estar ausente lhe he forçado,
Por senhora, de cá, vos reconhece,
Aos pés de imagens vossas inclinado.
E pois vêdes a fé que vos offerece,
Ponde os olhos, de lá, no seu cuidado,
E dar-lhe-heis inda mais do que merece.

202 (*)

Não ha louvor que arribe á menor parte
De quanto em vós se vê, bella Senhora:
Vós sois vosso louvor: quem vos adora
Reduz sómente a este o engenho e arte.
Quanto por muitas damas se reparte
De bello e de formoso, em vós agora
Se junta em modo tal, que pouco fôra
Dizer que sois o todo, ellas a parte.
Culpa, logo, não he, se vou louvar-vos,
Vêr incapazes todos os louvores,
Pois tanto quiz o céo avantajar-vos.
Seja a culpa de vossos resplandores;
E a que elles têm vos dou, só para dar-vos
O mór louvor de todos os maiores.

(*) Achado por Faria e Sousa em nome do Seropita em um manuscripto.

203

Não vás ao monte, Nise, com teu gado;
Que lá vi que Cupido te buscava:
Por ti sómente a todos perguntava,
No gesto menos placido que irado.
Elle publica, em fim, que lhe has roubado
Os melhores farpões da sua aljava;
E com um dardo ardente assegurava
Traspassar esse peito delicado.
Fuge de vêr-te lá n'esta aventura,
Porque se contra ti o tens iroso,
Póde ser que te alcance com mão dura.
Mas ai! que em vão te advirto temeroso,
Se á tua incomparavel formosura
Se rende o dardo seu mais poderoso!

204

A violeta mais bella que amanhece
No valle por esmalte da verdura,
Com seu pallido lustre e formosura,
Por mais bella, Violante, te obedece.
Perguntas-me porque? Porque apparece
Em ti seu nome, e sua côr mais pura;
E estudar em teu rosto só procura
Tudo quanto em beldade mais florece.
Oh luminosa flôr! Oh sol mais claro!
Unico roubador do meu sentido,
Não permittas que Amor me seja avaro.
Oh penetrante setta de Cupido!
Que queres? Que te peça por reparo
Ser n'este valle Eneas d'esta Dido?

205

Tornai essa brancura á alva assucena,
E essa purpurea côr ás puras rosas;
Tornai ao sol as chammas luminosas
De essa vista que a roubos vos condena.
Tornai á suavissima sirena
D'essa voz as cadencias deleitosas:
Tornai a graça ás Graças, que queixosas
Estão de a ter por vós menos serena:
Tornai á bella Venus a belleza;
À Minerva o saber, o engenho, e a arte;
E a pureza á castissima Diana.
Despojai-vos de toda essa grandeza
De dões; e ficareis em toda a parte
Comvosco só, que he só ser inhumana.

206

De mil suspeitas vãs se me levantam
Trabalhos e desgostos verdadeiros;
Ai que estes bens de Amor são feiticeiros,
Que com hum não sei toda alma encantam!
Como serêas docemente cantam
Para enganar os tristes marinheiros:
Os meus assi me attrahem lisongeiros,
E despois com horrores mil me espantam.
Quando cuido que tomo porto ou terra,
Tal vento se levanta em hum instante,
Que subito da vida desconfio.
Mas eu sou quem me faz a maior guerra,
Pois conhecendo os riscos de hum amante
Fiado a ondas de Amor, d'ellas me fio.

207

Mil vezes determino não vos ver,
Por vêr se abranda mais o meu penar:
E se cuido de assi me magoar
Cuidai o que será, se houver de ser.
Pouco me importa já muito soffrer,
Despois que Amor me pôz em tal lugar;
E o que inda me doe mais he só cuidar,
Que mal sem esta dôr posso viver.
Assi não busco eu cura contra a dor,
Porque, buscando alguma, entendo bem
Que n'esse mesmo ponto me perdi.
Quereis que viva, em fim, n'este rigor?
Sómente o querer vosso me convem.
Assi quereis que seja? Seja assi.

208 (*)

A chaga que, Senhora, me fizestes,
Não foi para curar-se em hum só dia;
Porque crescendo vai com tal porfia,
Que bem descobre o intento que tivestes.
De causar tanta dôr vos não doestes?
Mas a doer-vos, dôr me não seria,
Pois já com esperança me veria
Do que vós que em mi visse não quizestes.
Os olhos com que todo me roubastes
Foram causa do mal que vou passando;
E vós estais fingindo o não causastes.
Mas eu me vingarei. E sabeis quando?
Quando vos vir queixar porque deixastes
Ir-se a minha alma n'elles abrazando.

(*) Em um Ms. traz a rubrica: «*A uma Freira das Chagas.*»

209

Se com desprezos, Nympha, te parece
Que podes desviar do seu cuidado
Hum coração constante, que se offrece
A ter por gloria o ser atormentado;
Deixa a tua porfia, e reconhece
Que mal sabes de amor desenganado;
Pois não sentes, nem vês que em teu mal crece,
Crescendo em mi de ti mais desamado.
O esquivo desamor, com que me tratas,
Converte em piedade, se não queres
Que cresça o meu querer e o teu desgosto.
Vencer-me com cruezas nunca esperes:
Bem me podes matar, e bem me matas;
Mas sempre ha de viver meu presupposto.

210

Senhora minha, se eu de vós ausente
Me defendera de hum penar severo,
Suspeito que offendera o que vos quero,
Esquecido do bem de estar presente.
Tras este, logo sinto outro accidente,
E he vêr que se da vida desespero,
Perco a gloria que vendo-vos espero;
E assi estou em meus males differente.
E n'esta differença meus sentidos
Combatem com tão áspera porfia,
Que julgo este meu mal por deshumano.
Entre si sempre os vejo divididos;
E se acaso concordam algum dia,
He só conjuração para meu dano.
*

211 (*)

No regaço da mãe Amor estava
Dormindo tão formoso, que movia
O coração que mais isento o via;
E a sua propria mãe de amor matava.
Ella, co'os olhos n'elle, contemplava
A quanto estrago o mundo reduzia:
Elle porém, sonhando, lhe dizia
Que todo aquelle mal ella o causava.
Soliso que, graduado em seus amores,
De saber de ambos mais teve a ventura,
Assi soltou a duvida aos pastores:
Se bem me ferem sempre sem ter cura
Do menino os ardentes passadores,
Mais me fere da mãe a formosura.

212

Este terreste caos com seus vapores
Não póde condensar as nuvens tanto,
Que o claro sol não rompa o negro manto
Com suas bellas e luzentes côres.
A ingratidão esquiva de rigores
Opposta nuvem he, que dura em quanto
Nos não converte o céo em triste pranto
Suas vãas esperanças, seus favores.
Póde-se contrapôr ao céo a terra,
E estar o sol por horas eclipsado;
Mas não póde ficar escurecido.
Póde prevalecer a vossa guerra;
Mas, a pezar das nuvens, declarado
Ha de ser vosso sol, e obedecido.

(*) Em um Ms. trazia a rubrica: « *A uma pintura de Venus com Cupido dormindo-lhe no seio.* »

213

Huma admiravel herva se conhece,
Que vai ao sol seguindo de hora em hora,
Logo que elle do Euphrates se vê fóra,
E quando está mais alto, então florece.
Mas quando ao Oceano o carro dece, [1]
Toda a sua belleza perde Flora,
Porque ella se emmurchece e se descora:
Tanto co'a luz ausente se entristece!
Meu sol, quando alegrais esta alma vossa,
Mostrando-lhe esse rosto que dá vida, [2]
Cria flôres em seu contentamento.
Mas logo, em não vos vendo, entristecida
Se murcha e se consumme em grão tormento:
Nem ha quem vossa ausencia soffrer possa.

214

Crescei, desejo meu, pois que a ventura
Já vos tem nos seus braços levantado;
Que a bella causa de que sois gerado
O mais ditoso fim vos assegura.
Se aspirais por ousado a tanta altura,
Não vos espante haver ao sol chegado;
Porque he de aguia real vosso cuidado,
Que quanto mais o soffre, mais se apura.
Animo, coração; que o pensamento
Te póde inda fazer mais glorioso,
Sem que respeite a teu merecimento.
Que cresças inda mais he já forçoso;
Porque se foi de ousado o teu intento,
Agora de atrevido he venturoso.

215

He o gozado bem em agua escrito;
Vive no desejar, morre no effeito:
O desejado sempre he mais perfeito,
Porque tem parte alguma de infinito.
Dar a huma alma immortal gôzo prescrito,
Em verdadeiro amor, fôra defeito:
Por modo sup'rior, não imperfeito,
Sois excepção de quanto aqui limito.
De uma esperança nunca conhecida,
Da fé do desejar não alcançada,
Sereis mais desejada, possuida.
Não podeis da esperança ser amada;
Vista podereis ser, e então mais crida;
Porém não, sem aggravo, comparada.

216

De quantas graças tinha a natureza
Fez hum bello e riquissimo thesouro;
E com rubis e rosas, neve e ouro,
Formou sublime e angelica belleza.
Poz na boca os rubis, e na pureza
Do bello rosto as rosas, por quem mouro;
No cabello o valor do metal louro;
No peito a neve, em que a alma tenho acceza.
Mas nos olhos mostrou quanto podia,
E fez d'elles hum sol, onde se apura
A luz mais clara que a do claro dia.
Em fim, Senhora, em vossa compostura,
Ella a apurar chegou quanto sabia
De ouro, rosas, rubis, neve e luz pura.

217

Nunca em amor damnou o atrevimento;
Favorece a fortuna a ousadia;
Porque sempre a encolhida covardia
De pedra serve ao livre pensamento.
Quem se eleva ao sublime firmamento,
A estrella n'elle encontra, que lhe he guia;
Que o bem que encerra em si a phantasia
São humas illusões que leva o vento.
Abrir se devem passos á ventura [1]
Sem si proprio ninguem será ditoso:
Os principios sómente a sorte os move.
Atrever-se he valor, e não loucura.
Perderá por covarde o venturoso
Que vos vê, se os temores não remove.

218

Na margem de hum ribeiro, que fendia
Com liquido crystal hum verde prado,
O triste pastor Liso debruçado
Sôbre o tronco de hum freixo assi dizia:
Ah Natercia cruel! quem te desvia
Esse cuidado teu do meu cuidado?
Se tanto hei de penar desenganado,
Enganado de ti viver queria.
Que foi de aquella fé que tu me deste?
D'aquelle puro amor que me mostraste?
Quem tudo trocar pôde tão asinha?
Quando esses olhos teus n'outro puzeste,
Como te não lembrou que me juraste
Por toda a sua luz que eras só minha?

219

Se me vem tanta gloria só de olhar-te, [1]
He pena desigual deixar de ver-te;
Se presumo com obras merecer-te,
Grão paga de hum engano he desejar-te. [2]
Se aspiro por quem és a celebrar-te, [3]
Sei certo por quem sou que hei de offender-te; [4]
Se mal me quero a mi por bem querer-te,
Que premio querer posso mais que amar-te?
Porque hum tão raro amor não me soccorre? [5]
Oh humano thesouro! oh doce gloria!
Ditoso quem á morte por ti corre! [6]
Sempre escrita estarás n'esta memoria; [7]
E esta alma viverá, pois por ti morre, [8]
Porque ao fim da batalha he a victoria. [9]

220

Criou a natureza Damas bellas,
Que foram de altos plectros celebradas;
D'ellas tomou as partes mais prezadas,
E a vós, Senhora, fez do melhor d'ellas.
Ellas diante vós são as estrellas,
Que ficam com vos vêr logo eclipsadas;
Mas se ellas tem por sol essas rosadas
Luzes de sol maior, felizes ellas!
Em perfeição, em graça e gentileza,
Por hum modo entre humanos peregrino,
A todo bello excede essa belleza.
Oh quem tivera partes de divino
Para vos merecer! Mas se pureza
De amor val ante vós, de vós sou dino.

221

Que esperais, esperança? Desespéro.
Quem d'isso a causa foi? Huma mudança.
Vós, vida, como estais? Sem esperança.
Que dizeis, coração? Que muito quero.
Que sentis, alma, vós? Que amor he fero.
E, em fim, como viveis? Sem confiança.
Quem vos sustenta, logo? Huma lembrança.
E só n'ella esperais? Só n'ella espero.
Em que podeis parar? N'isto em que estou.
E em que estais vós? Em acabar a vida.
E tendel-o por bem? Amor o quer.
Quem vos obriga assi? Saber quem sou.
E quem sois? Quem de todo está rendida.
A quem rendida estais? A hum só querer.

222

Se algum'hora essa vista mais suave
Acaso a mi volveis, em hum momento
Me sinto com hum tal contentamento,
Que não temo que damno algum me aggrave.
Mas quando com desdem esquivo e grave
O bello rosto me mostrais isento,
Huma dôr provo tal, hum tal tormento,
Que muito vem a ser que não me acabe.
Assi está minha vida, ou minha morte
No volver de esses olhos; pois podeis
Dar co'huma volta d'elles morte, ou vida.
Ditoso eu, se o céo quer, ou minha sorte,
Que ou vida, para dar-vol-a, me deis,
Ou morte, para haver morte querida?

223

Tanto se foram, Nympha, costumando
Meus olhos a chorar tua dureza,
Que vão passando já por natureza
O que por accidente hiam passando.
No que ao somno se deve estou velando,
E venho a velar só minha tristeza:
O chôro não abranda esta aspereza,
E meus olhos estão sempre chorando.
Assi de dôr em dôr, de mágoa em mágoa,
Consummindo-se vão inutilmente,
E esta vida tambem vão consummindo.
Sobre o fogo de amor inutil ágoa!
Pois eu em chôro estou continuamente,
E do que vou chorando te vás rindo,
Assi nova corrente
Levas de chôro em foro;
Porque de vêr-te rir, de novo chóro.

224

Divina companhia, que nos prados
Do claro Eurotas, ou no Olympo monte,
Ou sobre as margens da Castalia fonte
Vossos estudos tendes mais sagrados;
Pois por destino dos immoveis fados
Quereis qu'em vosso numero me conte,
No eterno templo de Belorofonte
Ponde em bronze estes versos entalhados:
Soliso (porque em seculos futuros
Se veja da belleza o que merece
Quem de sabia doudice a mente inflamma)
Seus escritos, da sorte já seguros,
A estas aras em uma mão offrece,
E a alma em outra á sua bella dama.

225

Á la margen del Tajo, en claro dia,
Con rayado marfil peinando estaba
Natercia sus cabellos, y quitaba
Con sus ojos la luz al sol que ardia.
Soliso que, cual Clicie, la seguia,
Lejos de sí, mas cerca della estaba:
Al son de su zampoña celebraba
La causa de su ardor, y así decia:
Si tantas, como tú tienes cabellos,
Tuviera vidas yo, me las llevaras
Colgada cada cual del uno dellos.
De no tenerlas tú me consolaras,
Si tantas veces mil, como son ellos,
En ellos la que tengo me enredaras.

226

Por gloria tuve un tiempo el ser *perdido;*
Perdíame de puro bien *ganado;*
Gané cuando perdí ser *libertado;*
Libre agora me veo, mas *vencido.*
Vencí cuando de Nise fuí *rendido;*
Rendíme por no ser della *dejado:*
Dejóme en la memoria el bien *pasado;*
Paso agora a llorar lo que he *servido.*
Servia al premio de la luz que *amaba;*
Amándola esperábale por *cierto,*
Incierto me salió cuanto *esperaba.*
La *esperanza* se queda en *desconcierto;*
El *concierto* en el mal que no *pensava;*
El *pensamiento* con un fin incierto.

227

Revuelvo en la incessable fantasía
Cuando me he visto en mas dichoso estado,
Si agora que de Amor vivo inflamado,
Si quando de su ardor libre vivia.
Entonces desta llama solo huìa,
Despreciando en mi vida su cuidado;
Agora, com dolor de lo pasado,
Tengo por gloria aquello que temia.
Bien veo que era vida deleitosa
Aquella que lograba sin temores,
Cuando gustos de Amor tuve por viento;
Mas viendo hoy á Natercia tão hermosa,
Hallo en esta prision glorias mayores,
Y en perderlas, por libre, hallo tormento.

228

Las peñas retumbaban al gemido
Del misero zagal, que lamentaba
El dolor que á sua alma lastimaba,
De un obstinado desamor nacido.
El mar, que las batia, su bramido
Con los retumbos d'ellas ayuntaba;
Confuso son el viento derramaba,
En cavernosos valles repetido.
Responden a mi llanto duras peñas,
Ai de mí! (dijo) la mar brama y gime;
Los ecos suenan de tristeza llenos:
Y tú, por quien la muerte en mí se imprime,
De oir las ansias mias te desdeñas;
Y cuando lloro mas, te abrando menos.

229

En una selva al dispuntar del dia
Estaba Endimion triste y lloroso,
Vuelto al rayo del sol, que presuroso
Por la falda de un monte descendia.
Mirando al turbador de su alegría,
Contrario de su bien y su reposo,
Tras un suspiro y otro, congojoso,
Razones semejantes le decia:
Luz clara, para mí la mas escura,
Que con esse paseo apresurado,
Mi sol con tu teniebla escureciste;
Si alla pueden moverte en esa altura
Las quejas de un pastor enamorado,
No tardes en volver á dó saliste.

230

Orfeo enamorado que teñia
Por la perdida Ninfa que buscaba,
En el Orco implacable d'onde estaba,
Con la arpa, y con la voz la enternecia.
La rueda de Ixion no se movia,
Ningun atormentado se quejaba;
Las penas de los otros ablandaba,
Y todas las de todos él sentia.
El son pudo obligar de tal manera,
Que en dulce galardon de lo cantado,
Los infernales reyes condolidos,
Le mandáron volver su compañera,
Y volvióla á perder el desdichado;
Con que fueron entrambos los perdidos.

SONETOS

RECOLHIDOS POR MANOEL DE FARIA E SOUSA, E PUBLICADOS NA EDIÇÃO DE 1685 (*)

231

Se da celebre Laura a formosura
Hum numeroso cysne ufano escreve,
Huma angelica penna se te deve,
Pois o céo em formar-te mais se apura.
E se voz menos alta te procura
Celebrar, (oh Natercia!) em vão se atreve:
De vêr-te já a ventura Liso teve,
Mas de cantar-te falta-lhe a ventura.
No céo nasceste, certo, e não na terra:
Para gloria do mundo cá desceste:
Quem mais isto negar, muito mais erra.
E eu imagino que de lá vieste
Para emendar os vicios que elle encerra,
Co'os divinos poderes que trouxeste.

(*) Diz este commentador: «Lo que he añadido a estas Rimas es lo que sigue: De los Sonetos mas de 160, y aunque mas de 30 d'estos andan en la edicion que se llamó Segunda Parte, estavan tan viciados que puedo dezir los doy tambien de nuevo: los impressos en la P. eran 105.» *Rimas Varias*, t. III.

232

Campo! nas syrtes d'este mar da vida,
Apoz naufragios seus taboa segura;
Claras bonanças em tormenta escura,
Habitação da paz, de amor guarida;
A ti fujo: e se vence tal fugida,
E quem mudou lugar, mudou ventura,
Cantemos a victoria; e na espessura
Triumphe a honra da ambição vencida.
Em flôr e fructo de verão e outomno;
Utilmente murmuram claras ágoas;
Alegre me acha aqui, me deixa o dia.
Amantes rouxinoes rompem-me o somno
Que ata o descanso: aqui sepulta mágoas
Que já foram sepulcros de alegria.

233

Quanto tempo, olhos meus, com tal lamento
Vos hei de vêr tão tristes e aggravados?
Não bastam meus suspiros inflammados,
Que sempre em mi renovam seu tormento?
Não basta consentir meu pensamento
Em mágoas, em tristezas e em cuidados,
Senão que haveis de andar tão maltratados,
Que lagrimas tenhais por mantimento?
Não sei porque tomais esta vingança,
Mostrando-vos na ausencia tão saudosos,
Se sabeis quanto póde huma esperança.
Olhos, não aggraveis outros formosos,
Tornando hum puro amor em esquivança,
Pois ficais por esquivos desdenhosos.

234

Quando os olhos emprégo no passado,
De quanto passei me acho arrependido;
Vejo que tudo foi tempo perdido,
Que todo emprêgo foi mal empregado.
Sempre no mais damnoso mais cuidado;
Tudo o que mais cumpria, mal cumprido;
De desenganos menos advertido
Fui, quando de esperanças mais frustrado.
Os castellos que erguia o pensamento,
No ponto que mais altos os erguia,
Por esse chão os via em hum momento.
Que erradas contas faz a phantasia!
Pois tudo pára em morte, tudo em vento,
Triste o que espera! triste o que confia!

235

Já cantei, já chorei a dura guerra
Por Amor sustentada longos annos;
Vezes mil me vedou dizer seus danos,
Por não vêr quem o segue o muito que erra.
Nymphas, por quem Castalia se abre e cerra;
Vós que fazeis á morte mil enganos,
Concedei-me já alentos soberanos
Para que diga o mal que Amor encèrra:
Para que aquelle, que o seguir ardente,
Veja em meus puros versos hum exemplo
De quanto em glorias promettidas mente.
Qu'inda qu'em triste estado me contemplo,
Se n'este assumpto me inspirais, contente
Darei a minha lyra ao vosso templo.

236

Os meus alegres, venturosos dias
Passaram, como raio, brevemente;
Movem-se os tristes mais pezadamente
Apoz das fugitivas alegrias.
Ah falsas pretenções! vãs phantasias!
Que me podeis já dar que me contente?
Já de meu triste peito a chamma ardente
O tempo reduziu a cinzas frias.
N'ellas revolvo agora erros passados;
Que outro fructo não deu a mocidade,
A quem vergonha e dôr minha alma deve.
Revolvo mais de toda a mais idade,
Desejos vãos, vãos choros, vãos cuidados,
Para que leve tudo o tempo leve.

237

Onde acharei logar tão apartado,
E tão isento em tudo de ventura,
Que, não digo eu de humana criatura,
Mas nem de feras seja frequentado?
Algum bosque medonho e carregado,
Ou selva solitaria, triste e escura,
Sem fonte clara, ou placida verdura;
Em fim, logar conforme a meu cuidado?
Porque alli nas entranhas dos penedos,
Em vida morto, sepultado em vida,
Me queixe copiosa e livremente.
Que, pois a minha pena he sem medida,
Alli não serei triste em dias ledos,
E dias tristes me farão contente.

238

Aqui de longos damnos breve historia
Verão os que se jactam de amadores:
Reparo póde ser das suas dôres
Não apartar as minhas da memoria.
Escrevi, não por fama, nem por gloria,
De que outros versos são merecedores,
Mas por mostrar seus triumphos, seus rigores
A quem de mi logrou tanta victoria.
Crescendo foi a dôr co'o tempo, tanto
Que em número me fez, alheio de arte,
Dizer do cego Amor, que me venceu.
Se ao canto dei a voz, dei a alma ao pranto;
E dando a penna á mão, esta só parte
De minhas tristes penas escreveu.

239

Os olhos onde o casto Amor ardia,
Ledo de se vêr n'elles abrazado;
O rosto onde com lustre desusado
Purpurea rosa sobre neve ardia;
O cabello, que inveja ao sol fazia,
Porque fazia o seu menos dourado;
A branca mão, o corpo bem talhado,
Tudo aqui se reduz a terra fria.
Perfeita formosura em tenra idade,
Qual flôr, que antecipada foi colhida,
Murchada está da mão da morte dura.
Como não morre Amor de piedade?
Não d'ella, que se foi á clara vida;
Mas de si, que ficou em noute escura.

240

Ditosa penna, como a mão que a guia
Com tantas perfeições da subtil arte,
Que quando com razão venho a louvar-te,
Em teus louvores perco a phantasia.
Porém Amor, que effeitos varios cria,
De ti cantar me manda em toda parte,
Não em plectro belligero de Marte,
Mas em suave e branda melodia.
Teu nome, Emmanuel, de hum n'outro pólo,
Voando se levanta e te pregôa,
Agora que ninguem te levantava.
E porque immortal sejas, eis Apollo
Te offerece de flôres a corôa,
Que já de longo tempo te guardava.

241

Pois torna por seu Rei o juntamente
Por Christo a governar aquella parte
Onde se tem mostrado hum Numa, hum Marte,
O famoso Luiz, justo e valente;
O Tejo espere vêr de todo o Oriente,
Onde tão raros dões o céo reparte,
Render a tanto esfôrço, aviso e arte,
Mil palmas, mil tributos novamente.
Os que bebem no Gange, os que no Indo,
A quem pouco valeram lança e escudo,
O render-se terão por bom partido.
O Euphrates temerá, seu nome ouvindo;
Que para d'elle vêr vencido tudo,
Já viu do braço seu tudo vencido.

242

Agora toma a espada, agora a penna,
Estacio nosso, em ambas celebrado,
Sendo, ou no salso mar de Marte amado,
Ou n'agua doce amante da Camena.
Cysne sonoro por ribeira amena
De mi para cantar-te he cobiçado;
Porque não podes tu ser bem cantado
De ruda frauta, nem de agreste avena.
Se eu, que a penna tomei, tomei a espada,
Para poder jogar licença tenho
D'esta alta influição de dous Planetas;
Com huma e outra luz d'elles lograda,
Tu com pujante braço ardente engenho,
Serás pharo a Soldados e a Poetas.

Quando ya tenia dado fin a estos commentarios... hallé de nuevo otros manuscriptos dellas, en que cogi sessenta y quatro Sonetos...

243

Despois de haver chorado os meus tormentos,
Quer Amor que lhe cante as suas glorias;
Canto de huma belleza os vencimentos,
De um longo padecer chóro as memorias.
Porém, se as minhas penas são victorias,
Por a causa, a meus altos pensamentos,
Dilatem-se em larguissimas historias
Estes meus gloriosos rendimentos.
Mova-se em todo o mundo unico espanto
De qu'he, por a belleza qu'eu adoro,
Do que cantado tenho premio o pranto.
Contente offreço a Amor tão triste fôro:
Que se chôro não he como o meu canto,
Não sei canto melhor qu'este meu chôro.

244

Onde mereci eu tal pensamento
Nunca de ser humano merecido?
Onde mereci eu ficar vencido
De quem tanto me honrou co'o vencimento?
Em gloria se converte o meu tormento,
Quando vendo-me estou tão bem perdido;
Pois não foi tanto mal ser atrevido,
Como foi gloria o mesmo atrevimento.
Vivo, Senhora, só de contemplar-vos;
E pois esta alma tenho tão rendida,
Em lagrimas desfeito acabarei.
Porque não me farão deixar de amar-vos
Receios de perder por vós a vida;
Que por vós vezes mil a perderei.

245

De frescas belvederes rodeadas
Estão as puras aguas d'esta fonte;
Formosas Nymphas lhes estão defronte,
A vencer e a matar acostumadas.
Andam contra Cupido levantadas
As suas graças, que não ha quem conte:
D'outro valle esquecidas, d'outro monte,
A vida passam n'este socegadas.
O seu poder juntou, sua valia
Amor, já não soffrendo este desprêzo,
Sómente por se vêr d'ellas vingado;
Mas, vendo-as, entendeu que não podia
De ser morto livrar-se, ou de ser prêzo,
E ficou-se com ellas desarmado.

246

Nos braços de um Sylvano adormecendo
Se estava aquella Nympha qu'eu adoro,
Pagando com a bocca o doce fôro,
Com que os meus olhos foi escurecendo.
Oh bella Venus! porqu'estás soffrendo
Que a maior formosura do teu côro
Em hum poder tão vil perca o decoro
Que o merito maior lhe está devendo?
Eu levarei d'aqui por presupposto
D'esta nova estranheza que fizeste,
Que em ti não pode haver cousa segura.
Que, pois o claro lume, o bello rosto
Áquelle monstro tão disforme déste,
Não creio que haja amor, senão ventura.

247

Quem diz que Amor he falso ou enganoso,
Ligeiro, ingrato, vão, desconhecido,
Sem falta lhe terá bem merecido
Que lhe seja cruel, ou rigoroso.
Amor he brando, he doce e he piedoso:
Quem o contrário diz não seja crido;
Seja por cego e apaixonado tido,
E aos homens, e inda aos deoses, odioso.
Se males faz Amor, em mi se vem;
Em mi mostrando todo o seu rigor,
Ao mundo quiz mostrar quanto podia.
Mas todas as suas íras são d'amor;
Todos estes seus males são hum bem,
Qu'eu por todo outro bem não trocaria.

248

Formosa Beatriz, tendes taes geitos
N'hum brando revolver dos olhos bellos,
Que só no contemplál-os, se não vêl-os,
Se inflammam corações e humanos peitos.
Em toda perfeição são tão perfeitos,
Que o desengano dão de merecel-os:
Não póde haver quem possa conhecel-os,
Sem n'elle Amor fazer grandes effeitos.
Sentiram, por meu mal, tão graves danos
Os meus, que com os vêr, cegos e tristes
Ficaram sem prazer, co'a luz perdida:
Mas já que vós com elles me feristes,
Tornai-me a vêr com elles mais humanos,
E deixareis curada esta ferida.

249

Alegres campos, verdes, deleitosos,
Suaves me serão vossas boninas,
Em quanto forem vistas das meninas
Dos olhos de Ignez bella tão formosos.
Dos meus, que vos serão sempre invejosos
Por não verem estrellas tão divinas,
Sereis regados d'aguas peregrinas,
Soprados de suspiros amorosos.
E vós, douradas flôres, por ventura
Se Ignez quizer fazer de meus amores
Exp'riencias na folha derradeira,
Mostrai-lhe, para vêr minha fé pura,
O bem que sempre quiz, formosas flôres;
Qu'então não sentirei que mal me queira.

250

Ondados fios de ouro, onde enlaçado
Continuamente tenho o pensamento;
Que quanto mais vos sólta o fresco vento,
Mais prêso fico então de meu cuidado;
Amor, d'huns bellos olhos sempre armado,
Me combate co'as forças do tormento,
Provando da minha alma o soffrimento
Que á justa lei da paz trago obrigado.
Assi que em vosso gesto mais que humano
Amo a paz juntamente e o perigo;
E em amar hum e outro não me engano.
Muitas vezes dizendo estou commigo
Que, pois he tal a causa de meu dano,
He justa a guerra, he justa a paz que sigo.

251

Amor, que em sonhos vãos do pensamento
Paga o zêlo maior de seu cuidado,
Em toda condição, em todo estado,
Tributario me fez de seu tormento.
Eu sirvo, eu canso; e o grão merecimento
De quanto tenho a Amor sacrificado,
Nas mãos da ingratidão despedaçado
Por preza vai do eterno esquecimento.
Mas quando muito, emfim, cresça o perigo,
A que perpetuamente me condena
Amor, que amor não he, mas inimigo;
Tenho hum grande descanso em minha pena,
Que a gloria do querer, que tanto sigo,
Não póde ser co'os males mais pequena.

252

Nem o tremendo estrepito da guerra
Com armas, com incendios espantosos
Que despacham pelouros perigosos,
Bastantes a abalar huma alta serra,
Podem pôr medo a quem nenhum encerra,
Despois que viu os olhos tão formosos,
Por quem o horror nos casos pavorosos
De mi todo se aparta e se desterra.
A vida posso ao fogo e ferro dar,
E perdêl-a em qualquer duro perigo,
E n'elle, como phenix, renovar.
Não póde mal haver para commigo,
De qu'eu já me não possa bem livrar,
Senão do que me ordena Amor imigo.

253

Ayudame, Señora, á hacer venganza [1]
De tal selvatiquez, de tal rudeza,
Pues de mi poquedad, de mi bajeza
Osado á ti elevaba la esperanza.
Á esa tu perfeccion, que no se alcanza,
Á esas sublimes cumbres de belleza,
Donde una vez llegó naturaleza,
Mas de volver perdió la confianza.
Aquello que en ti miro contemplando,
(Que apenas contemplarlo me consiente)
Contemplándolo mas, menos lo espero.
Si gloria de mi pena en ti se siente,
Derrama em mi tus iras, desamando;
Que al ofenderme mas yo mas te quiero.

254

Ó claras aguas deste blando rio,
Que en vos al natural estais pintando
El frondifero adorno con que alzando
Se vá á los cielos este bosque umbrio;
Asi las lluvias, así el Austro frio
Jamás puedan veniros enturbiando,
Que os vais del seco estio preservando
Con soccorreros deste llanto mio.
Y cuando en vos Marfisa se mirare,
Mi figura, coal veis desfallecida,
Ante sus claros ojos puesta sea.
Y si por mí de vos los apartare,
De verme alli mostrándose ofendida,
En pena de no verme no se vea.

255

Mil veces entre sueños tu figura,
O bella Ninfa, claramente veo;
Y cuando mas la miro, mas deseo
Gozar libre de sueños su hermosura.
En tanto que este dulce engaño dura,
Vivo en la vana gloria que poseo:
Mas cuando allí se eleva mi deseo,
Viene a caer despierto en sombra escura.
Duéleme el despertar por contemplarte;
Que si bien sé te huelgas de no verme,
Huélgome de ser ciego por mirarte.
Mas si quiero de engaños mantenerme,
Y tú quieres me pierda por amarte,
Sin gran ganancia no podré perderme.

256

Mi gusto y tu beldad se desposaron,
Terceros por mi mal mis ojos fueron:
Su logro ha sido tal, que, alfin, hicieron
Um hijo hermoso á quien amor llamaron.
Tan fuera de compás le regalaron,
Que cuando mas alegres estuvieron,
Sin entender el mal que produjeron,
Perdidos por amores se miraron.
La beldad desposada deste duelo, [1]
Vino á parir un monstro con dós alas;
La madre es la soberbia, el niño el zelo. [2]
Oh madre que á tu hijo en todo igualas!
Quien morial hace al inmortal abuelo,
Y al padre mortal da inmortales zalas?

257

Si el fuego que me enciende, consumido
De algun mas suelto Aquario ser pudiese;
Si el alto suspirar me convertiese
En aire por el aire desparcido;
Si un horrible rumor siendo sentido,
La alma á dejar el cuerpo redujese;
O por estos mis ojos al mar fuese
Este mi cuerpo en llanto convertido;
Nunca poderia la fortuna airada,
Con todos sus horrores, sus espantos,
Derrocar la alma mia de su gloria.
Porque en vuestra beldad ya transformada,
Ni del Estigio lago eternos llantos
Os podrian quitar de mi memoria.

258

Ay! quien dará á mis ojos una fuente
De lágrimas que manen noche y dia?
Respirara si quiera la alma mia,
Llorando lo pasado, y lo presente.
Quien me diera apartado de la gente,
De mi dolor siguiendo la porfía
Con la triste memoria y fantasía
Del bien por quien mal tanto así se siente!
Quien me dará palabras con que iguale
El duro agravio que el amor me ha hecho,
Donde tan poco el sufrimiento vale?
Quin me abrirá profundamente el pecho,
Dó está escrito el secreto que no sale,
Con tanto dolor mio, á mi despecho?

259

Con razon os vais, aguas, fatigando
Por llegar dó sereis bien recebidas;
Y en aquel mar inmenso convertidas,
Que ya de tantos dias vais buscando.
Triste de aquel que siempre anda llorando
Las vanas esperanzas ya perdidas,
Y con dolor las lagrimas vertidas
Nunca al fin pretendido van llegando!
Vosotras sin traer derecha via
Al término llegais tan deseado,
Por mas que os embarace el gran rodeo;
Mas yo siempre afligido noche y dia,
Por un camino, que no llevo errado,
Jamás puedo llegar donde deseo.

260

Oh cese ya, Señor, tu dura mano!
No llegues tanto al cabo con mi vida;
Baste el estar por ti tan consumida,
Que ya no se halla en ella lugar sano.
Ay estraña hermosura! ay deshumano
Hado, á que nunca puedo hallar salida!
Si tú de tu piedad no eres movida,
Roto el hilo vital verás temprano.
Un blando desamor, un amor blando,
Bien basta para un hombre tan perdido,
Que de su mal ningun remedio espera.
Y si estimas en poco el ver cual ando,
Aqui me tienes ante ti rendido:
Viva tu gusto, mi esperanza muera.

261

Dulces engaños de mis ojos tristes,
Cuan vivo despertais mi pensamiento!
Aquello que pudiera dar contento,
En sombra de pintura lo volvistes.
De blando sobresalto enternecistes
Con vista arrebatada el sentimiento;
Mas no le asegurastes un momento
Aqueste vano bien que le ofrecístes.
Veo que la figura era fingida,
Y no aquella que en si mi alma esconde,
Aunque en esto se llega al natural:
Así escucha mi llanto, así responde,
Así se condolece de mi vida,
Como si fuera el proprio original.

262

Cuanto tiempo ha que lloro un dia triste,
Como si alguno alegre yo esperara?
Como, o Tajo, al pasar esa tu clara
Agua, no la alteraste y no me hundiste?
El paso me cerraste, el pecho abriste.
O mi ventura, de mi bien avara!
Á Dios, montañas de hermosura rara;
Á Dios, mi corazon, que no partiste.
Si adonde quedas en dichosa suerte
No bebieres las aguas del olvido,
En tanto bien no quieras olvidarme.
Cantando mi dolor llora mi muerte;
Porque hasta el hueco monte sin sentido
Suelta su ronca voz por consolarme.

263

Levantai, minhas Tagides, a frente,
Deixando o Tejo ás sombras numerosas;
Dourai o valle umbroso, as frescas rosas,
E o monte com as arvores frondente.
Fique de vós hum pouco o rio ausente,
Cessem agora as lyras numerosas,
Cesse vosso lavor, Nymphas formosas,
Cesse da fonte vossa a grã corrente.
Vinde a vêr a Theodosio grande e claro,
A quem 'stá offerecendo maior canto
Na cithara dourada o louro Apollo.
Minerva do saber dá-lhe o dom raro,
Pallas lhe dá o valor de mais espanto,
E a Fama o leva já de pólo a pólo.

264

Alma gentil, que á firme eternidade
Subiste clara e valerosamente,
Cá durará de ti perpetuamente
A fama, a gloria, o nome e a saudade.
Não sei se he mór espanto em tal idade
Deixar de teu valor inveja á gente,
Se hum peito de diamante, ou de serpente,
Fazeres que se mova a piedade.
Invejosa da tua acho mil sortes,
E a minha mais que todas invejosa,
Pois ao teu mal o meu tanto igualaste.
Oh ditoso morrer! sorte ditosa!
Pois o que não se alcança com mil mortes,
Tu com huma só morte o alcançaste.

265

Debaixo d'esta pedra sepultada
Jaz do mundo a mais nobre formosura,
A quem a morte, só de inveja pura,
Sem tempo sua vida tem roubada.
Sem ter respeito áquella assi estremada
Gentileza de luz, que a noite escura
Tornava em claro dia; cuja alvura
Do sol a clara luz tinha eclipsada;
Do sol peitada fôste, cruel morte,
Para o livrar de quem o escurecia;
E da lua, que ante ella luz não tinha. [1]
Como de tal poder tiveste sorte?
E se a tiveste, como tão asinha
Tornaste a luz do mundo em terra fria?

266

Imagens vãas me imprime a phantasia; [1]
Discursos novos acha o pensamento;
Com que dão á minha alma grão tormento
Cuidados de cem annos n'hum só dia.
Se fim grande tivessem, bem seria
Responder a esperança ao fundamento:
Mas o fado não corre tão a tento,
Que reserve á razão sua valia.
Caso e Fortuna podem acertar;
Mas se por accidente dão victoria,
Sempre o favor da Fama he falsa historia.
Excede ao saber, determinar:
Á constancia se deve toda a gloria:
O animo livre he digno de memoria.

267

Quanta incerta esperança, quanto engano!
Quanto viver de falsos pensamentos!
Pois todos vão fazer seus fundamentos
Só no mesmo em qu'está seu proprio dano.
Na incerta vida estribam de hum humano;
Dão credito a palavras que são ventos;
Choram despois as horas e os momentos,
Que riram com mais gosto em todo o anno.
Não haja em apparencias confianças;
Entendei que o viver he de emprestado;
Que o de que vive o mundo são mudanças.
Mudai, pois, o sentido e o cuidado,
Sómente amando aquellas esperanças
Que duram para sempre com o amado.

268

Mal, que de tempo em tempo vás crescendo,
Quem te visse de hum bem acompanhado!
A vida passaria descansado,
Da morte não temêra o rosto horrendo.
Se os vãos cuidados fôra convertendo
Em suspiros que dão outro cuidado,
Oh quão prudente, oh quão afortunado
A capella do louro irá tecendo!
Tempo he já de esquecer contentamentos
Passados, co'a esperança que passou,
E de que triumphem novos pensamentos.
A fé, que viva n'alma me ficou,
Dê já fim aos caducos ardimentos
A que o passado bem se condemnou.

269

Oh quanto melhor he o supremo dia
Da mansa morte, que o do nascimento!
Oh quanto melhor he hum só momento,
Que livra de annos tantos de agonia!
De alcançar outro bem cesse a porfia;
Cesse todo applicado pensamento
De tudo quanto dá contentamento,
Pois só contenta ao corpo a terra fria.
O que do seu fez Deos seu despenseiro,
Tem mais estreita conta que lhe dar:
Então parece rico o ovelheiro.
Triste de quem no dia derradeiro
Tem o suor alheio por pagar,
Pois a alma ha de vender por o dinheiro!

270

Como podes (oh cego peccador!)
Estar em teus errores tão isento,
Sabendo que esta vida he hum momento,
Se comparada com a eterna fôr?
Não cuides tu que o justo Julgador
Deixará tuas culpas sem tormento,
Nem que passando vai o tempo lento
Do dia de horrendissimo pavor.
Não gastes horas, dias, mezes, annos,
Em seguir de teus damnos a amisade
De que despois resultam móres damnos.
E pois de teus enganos a verdade
Conheces, deixa já tantos enganos,
Pedindo a Deos perdão com humildade.

271

De Babel sobre os rios nos sentamos,
De nossa doce patria desterrados,
As mãos na face, os olhos derribados,
Com saudades de ti, Sião, choramos.
Os orgãos nos salgueiros penduramos,
Em outro tempo bem de nós tocados;
Outro era elle, por certo, outros cuidados;
Mas por deixar saudades os deixamos.
Aquelles que captivos nos traziam
Por cantigas alegres perguntavam:
Cantai (nos dizem) hymnos de Sião.
Sôbre tal pena, pena tal nos dão,
Pois tyranicamente pretendiam
Que cantassem aquelle que choravam.

272

Sobre os rios do Reino escuro, quando
Tristes, quaes nossas culpas o ordenaram,
Lagrimas nossos olhos derramaram,
Por ti, Sião divina, suspirando,
Os que hiam nossas almas infestando,
De contino em error, as captivaram;
E em vão por nossos Psalmos perguntaram;
Que tudo era silencio miserando.
Dizendo estamos: Como cantaremos
As acceitas canções a Deos benino,
Quando a contrarios seus obedecemos?
Mas já, Senhor só Santo, determino,
Deixando viciosissimos extremos,
Os cantos proseguir de Amor divino.

273

Em Babylonia sobre os rios, quando
De ti, Sião sagrada, nos lembramos,
Alli com grã saudade nos sentamos,
O bem perdido, miseros, chorando.
Os instrumentos musicos deixando,
Nos extranhos salgueiros penduramos,
Quando aos cantares, que já em ti cantamos,
Nos estavam imigos incitando.
Ás esquadras, dizemos, inimigas:
Como hemos de cantar em terra alhea
As cantigas de Deos, sacras cantigas?
Se a lembrança eu perder que me recrea
Cá n'essas penosissimas fadigas,
Oblivioni detur dextra mea.

274

Aponta a bella Aurora, luz primeira,
Que a grã nova nos deu do claro dia:
Vesti-vos, corações, já de alegria,
E recebei da vida a mensageira.
Da humana Redempção nasce a Terceira:
Alegra-te, divina monarchia;
Da terra terás cedo a companhia,
Do céo verás tambem a nossa feira.
De tal obra se espanta a natureza,
Confuso fica de temor o inferno,
Vendo a que nasce isenta da defeza.
Lei geral era posta desde eterno;
Mas o Senhor da Lei, toda limpeza
Para o sacrario seu guardou materno.

275

Porque a terra no céo agasalhasse,
O céo na terra Deos agasalhou:
Lá não cabendo, cá se accommodou,
Porque lá, de cá indo, se alargasse.
Porqu'o homem a ser Deos por Deos chegasse,
Por o homem a ser homem Deos chegou;
Seu divino poder tanto humanou,
Porque o humano em divino se tornasse.
Vêde bem o que deu e recebeu:
Não se perca hum bem tanto da memoria:
Deu-nos a vida, a morte padeceu.
Trocou por nossa pena a sua gloria;
Deu-nos o triumpho qu'elle mereceu;
Porque amor foi auctor d'esta victoria.

276

Qu'estilla a Arvore sacra? Hum licôr santo.
Para quem? Para o genero he humano.
Que faz d'elle? Hum remedio soberano.
Para que? Para a culpa e triste pranto.
E que obra? Reduzir Lusbel a espanto.
Porque? Porque co'hum pomo fez grão dano.
Que foi? A morte deu com hum engano.
Tanto pôde? Sem falta pôde tanto.
Quem sobe a ella? Quem do céo desceu.
A que desce? A subir a creatura.
Que quiz da terra? Só leval-a ao céo.
He escada para ir lá? E a mais segura.
Quem o obrigou? De amor só se venceu.
Quem amava este Feitor? Sua feitura.

277

Oh Arma unicamente só triumphante,
Propugnaculo só de nossas vidas,
Por quem foram ganhadas as perdidas
Com que o Tartaro horrendo andava ovante!
Sigua-se esta bandeira militante
Por quem são taes victorias conseguidas,
Por quantas almas, d'ella divertidas,
No Ponente erram cá, lá no Levante.
Oh Arvore sublime, e marchetada
De branco e carmesi, de ouro embutida,
Dos rubis mais preciosos esmaltada,
E de trophéos mais claros guarnecida!
Á vida a morte vimos em ti dada,
Para qu'em ti se désse á morte a vida.

278

Aos homens hum só homem pôz espanto,
E o pôz a toda a humana natureza;
Que de homem teve o ser, de anjo a pureza,
Porqu'antes que nascesse era já santo.
Propheta foi na mãe; em fim, foi tanto,
Qu'entre os nascidos houve a mór alteza;
Que da Luz, sem a vêr, viu a grandeza,
Tendo por trompa o Verbo sacrosanto.
Aquella voz foi elle sonorosa,
No concavo dos orbes resonante,
E que a carne inculpavel baptisou;
Quem do mór Pae ouviu a voz amante;
Quem a subtil pergunta industriosa
Com sincera resposta socegou.

279

Vós só podeis, sagrado evangelista,
Angelico abrazado seraphim,
E na sciencia mais alto cherubim,
Do que he mais sabio Amor ser coronista.
Divina e real aguia, cuja vista
Viu o qu'he sem principio, o qu'he sem fim,
De Jacob mais querido Benjamim,
Quem mais campêa de Joseph na lista.
Apostolo, e propheta, e patriarcha,
Ao principe dos céos o mais acceito,
Qu'em seu seio dormindo então mais via.
A quem o mesmo Deos por irmão marca;
Quem por filho da Mãe unica feito,
Em corpo e alma gosa o claro dia.

280

Como louvarei eu, Saraphim santo,
Tanta humildade, tanta penitencia,
Castidade, e pobreza, e paciencia,
Com este meu inculto e rudo canto?
Argumento que ás musas põe espanto,
Que faz muda a grandiloqua eloquencia.
Oh imagem, qu'a divina Providencia
De si viva em vós fez para bem tanto!
Fostes de santos huma rara mina;
Almas de mil a mil ao céo mandastes
Do mundo, que perdido reformastes.
E não roubaveis só com a doutrina
As vontades mortaes, mas a divina;
Pois os seus rubis cinco lhe roubastes.

Despues de ordenados por numeros los 46 Sonetos antecedentes he hallado otros que pondré aqui sin orden...

281

Ditosas almas, que ambas juntamente
Ao céo de Venus e de Amor voastes,
Onde hum bem que tão breve cá lograstes,
Estais logrando agora eternamente;
Aquelle estado vosso tão contente,
Que só por durar pouco triste achastes,
Por outro mais contente já o trocastes,
Onde sem sobresalto o bem se sente.
Triste de quem cá vive tão cercado,
Na amorosa fineza, de hum tormento
Que a gloria lhe perturba mais crescida!
Triste, pois me não val o soffrimento,
E Amor para mais damno me tem dado
Para tão duro mal tão larga vida!

282

Contente vivi já, vendo-me isento
D'este mal de que a muitos queixar via:
Chamam-lhe amor; mas eu lhe chamaria
Discordia e sem razão, guerra e tormento.
Enganou-me co'o nome o pensamento:
(Quem com tal nome não se enganaria?)
Agora tal estou, que temo hum dia
Em que venha a faltar-me o soffrimento.
Com desesperação, e com desejo
Me paga o que por elle estou passando,
E inda está do meu mal mal satisfeito.
Pois sobre tantos damnos inda vejo
Para dar-me outros mil hum olhar brando,
E para os não curar hum duro peito.

283

Nas cidades, nos bosques, nas florestas,
Nos valles, e nos montes, teus louvores
Sempre te cantem musicos pastores
Nas manhãas frias, nas ardentes sestas.
E n'este Templo d'onde manifestas
E repartes agora teus favores,
Com psalmos, hymnos, e com varias flores
Sejam celebres sempre as tuas festas.
Estes te offreçam pés, ess'outros mãos;
D'aquelles pendam sobre os teus altares
Monstros do mar, de servidão prisões.
Que eu cuidados, enganos e affeições,
Muito maiores monstros, e milhares
Te deixo aqui de pensamentos vãos.

284

Vi queixosos de Amor mil namorados
E nenhuns inda vi com seus louvores;
E aquelle que mais chora o mal de amores,
Vejo menos fugir de seus cuidados.
Se das dôres de Amor sois mal tratados,
Porque tanto buscais de Amor as dores?
E se tambem as tendes por favores,
Porque d'ellas fallais como aggravados?
Não queirais alegria achar alguma
No Amor, porque he composto de tristeza,
Na fortuna que acheis mais agradavel.
N'ella e n'elle achei sempre a mesma lua,
Em quem nunca se viu outra firmeza,
Que não seja a de ser sempre mudavel.

285

Se lagrimas choradas de verdade
O marmore abrandar podem mais duro, [1]
Porque as minhas que nascem de amor puro [2]
Hum coração não rendem a piedade? [3]
Por vós perdi, Senhora, a liberdade, [4]
E nem da propria vida estou seguro;
Rompei d'esse rigor o forte muro,
Não passe tanto avante a crueldade.
Ao prezar de desprêzos dai já fim:
Não vos chamem cruel; nome devido
A quem se ri de quem suspira e ama.
Abrandai esse peito endurecido,
Por o que toca a vós, já não por mim,
Que eu aventuro a vida, e vós a fama.

286

Já me fundei em vãos contentamentos,
Quando d'elles vivi todo enganado
De um phantastico bem, e de um cuidado,
De que só cuidam cegos pensamentos.
Passava dias, horas e momentos,
D'este enleio de amores tão pagado,
Que tinha só por bem-aventurado
Quem só por elles mais bebia os ventos.
Mas agora que já cahi na conta,
Desengana-me quanto me enganava;
Que tudo o tempo dá, tudo descobre.
O Amor mais caudaloso menos monta.
Qu'he de gostos mais rico, eu ignorava,
Aquelle que de amores he mais pobre.

287

Em huma lapa toda tenebrosa,
Adonde bate o mar com furia brava,
Sobre huma mão o rosto, vi qu'estava
Huma Nympha gentil, mas cuidadosa.
Igualmente que linda, lastimosa,
Aljofar dos seus olhos distillava:
O mar os seus furores applacava
Com vêr cousa tão triste e tão formosa.
Alguma vez na horrivel penedia
Os bellos olhos punha com brandura,
Bastante a desfazer sua dureza.
Com angelica voz assi dizia:
Ah! que falte mais vezes a ventura
Onde sobeja mais a natureza!

288

Se em mim, ó alma, vive mais lembrança
Que aquella só da gloria de querer-vos,
Eu perca todo o bem que lógro em vêr-vos,
E de vêr-vos tambem toda a esperança.
Veja-se em mi tão rustica esquivança,
Que possa indigno ser de conhecer-vos;
E, quando em mór empenho de aprazer-vos,
Vos offenda, se em mi houver mudança.
Confirmado estou já n'esta certeza:
Examine-me vossa crueldade,
Exprimente-se em mi vossa dureza.
Conhecei já de mi tanta verdade;
Pois em penhor e fé d'esta pureza
Tributo vos fiz ser o que he vontade.

289

Illustre Gracia, nombre de una moza,
Primera malhechora en este caso
Á Mondoñedo, á Palma, al cojo Traso,
Sugeto digno de immortal coroza;
Si en medio de la Iglesia no reboza
El manto á vuestro rostro tan devaso,
Por vos diran las gentes recio y paso:
Veis quien con el demonio se retoza.
Puedo mover los montes sin trabajo;
Con palabras el curso al agua enfrena;
Por las ondas hará camino enjuto.
Averguenza su patria y rico Tajo,
Que por ella hombres lleva, mas que arena,
De que paga al infierno gran tributo.

290

Qual tem a borboleta por costume,
Qu'enlevada na luz da acesa vella,
Dando vai voltas mil, até que n'ella
Se queima agora, agora se consume:
Tal eu correndo vou ao vivo lume
D'esses olhos gentis, Aonia bella;
E abrazo-me, por mais que com cautella
Livrar-me a parte racional presume.
Conheço o muito a que se atreve a vista,
O quanto se levanta o pensamento,
O como vou morrendo claramente;
Porém não quer Amor que lhe resista,
Nem a minh'alma o quer; qu'em tal tormento,
Qual em gloria maior está contente.

291

Lembranças de meu bem, doces lembranças
Que tão vivas estais n'esta alma minha,
Não queirais mais de mi, se os bens que tinha
Em poder vedes todos de mudanças.
Ai cego Amor! Ai mortas esperanças
De qu'eu em outro tempo me mantinha!
Agora deixareis quem vos sostinha;
Acabaram co'a vida as confianças.
Co'a vida acabaram, pois a ventura
Me roubou n'hum momento aquella gloria,
Que, quando tão grande he, tão pouco dura.
Oh se apoz o prazer fôra a memoria!
Ao menos estivera a alma segura
De ganhar-se com ella mais victoria.

292

Formosos olhos, que cuidado dais
A mesma luz do sol mais clara e pura;
Que sua esclarecida formosura,
Com tanta gloria vossa, atraz deixais;
Se por sérdes tão bellos desprezais
A fineza de amor que vos procura,
Pois tanto vêdes, vêde que não dura
O vosso resplandor quanto cuidais.
Colhei, colhei do tempo fugitivo
E de vossa belleza o doce fruto;
Qu'em vão fóra de tempo he desejado.
E a mi, que por vós morro, e por vós vivo.
Fazei pagar a Amor o seu tributo,
Contente de por vós lh'o haver pagado.

293

Tem feito os olhos n'este apartamento
Hum mar de saudosa tempestade,
Que póde dar saudade á saudade,
Sentimentos ao proprio sentimento.
Em dôr vai convertido o soffrimento,
Em pena convertida a piedade;
A razão tão vencida da vontade;
Qu'escravo faz do mal o entendimento.
A lingua não alcança o qu'alma sente,
E assi, se alguem quizer em algum'hora
Saber que cousa he dôr não comprehendida,
Parta-se do seu bem, porque exprimente
Qu'antes de se partir, melhor lhe fôra
Partir-se do viver para ter vida.

294

A peregrinação d'hum pensamento,
Que dos males fez habito e costume,
Tanto da triste vida me consume,
Quanto cresce na causa do tormento.
Leva a dôr de vencida ao soffrimento;
Mas a alma está, de entregue, tão sem lume,
Qu'enlevada no bem que haver presume,
Não faz caso do mal qu'está de assento.
De longe receei (se me valêra)
O perigo que tanto á porta vejo,
Quando não acho em mi cousa segura.
Mas já conheço, (oh nunca o conhecêra!)
Qu'entendimentos presos do desejo
Não teem remedio mais que o da ventura.

295

Acho-me da fortuna salteado;
O tempo vai fugindo presuroso,
Deixando-me da vida duvidoso,
E cada instante mais desesperado.
Trocou-se o meu descuido em tal cuidado,
Que donde a gloria he mais, he mais penoso,
Nem vivo de perder-me receoso,
Nem de poder ganhar-me confiado.
Qualquer ave nos montes mais agrestes,
Qualquer féra na cova repousando,
Tem horas de alegria: eu todas tristes.
Vós, saudosos olhos, que o quizestes,
(Pois com tormento Amor me está pagando)
Chorai, como que vêdes, o que vistes.

296

Se no que tenho dito vos offendo,
Não he a intenção minha de offender-vos;
Qu'inda que não pretenda merecer-vos,
Não vos desmerecer sempre pretendo.
Mas he meu fado tal, segundo entendo,
Que, por quanto ganhava em entender-vos,
Não me deixa atégora conhecer-vos,
Por a mi proprio m'ir desconhecendo.
Os dias ajudados da ventura
A cada qual de si dão desenganos,
E a outros soe dal-o a desventura.
Qual d'estas sirva a mi, dirão os danos
Ou gostos que eu tiver, em quanto dura
Esta vida, tão larga em poucos annos.

SONETOS

RECOLHIDOS POR LUIZ FRANCO CORREIA, ENTRE 1557 E 1589;
PUBLICADOS EM PARTE NA EDIÇÃO JUROMENHA (*)

297

Todas as almas, tristes se mostravam
Pela piedade do Feitor divino,
Onde ante o seu aspecto benigno
O devido tributo lhe pagavam.
Meus sentidos então livres estavam,
Que até hi foi costume o seu destino;
Quando huns olhos de que eu não era dino
A furto da razão me salteavam.
A nova vista me cegou de todo,
Nasceu do descostume a extranheza,
Da suave e angelica presença.
Para remediar-me não ha hi modo?
Oh porque fez a huma Natureza
Entre os nascidos tanta differença?

(*Ms.* fl. 41.)

(*) Na Bibliotheca publica de Lisboa existe um Ms. in-fol. de 260 folhas, com o titulo: *Cancioneiro em que vão as obras dos melhores poetas do meu tempo ainda não impressas, e trasladadas dos papeis dos mesmos que as compuzeram, começado na India a 15 de Janeiro de 1557 e acabado em Lisboa em 1589 por Luiz Franco Correa, companheiro em o estado da India e muito amigo de Luiz de Camões.* Tem este Ms. oitenta e oito Sonetos de Camões, que foram sendo publicados sobre outros manuscriptos, desde 1595, mas ainda hoje importantes pelas variantes que offerecem. Encontram-se entre estes, mais quarenta e tres Sonetos, ineditos até á edição Juromenha de 1861, aonde foram publicados só trinta e quatro, publicando-se na presente edição os nove Sonetos restantes. Seguimos a ordem do Ms. de Luiz Franco.

298

O dia, hora ou o ultimo momento
Da vida em que meus fados me poseram,
Já minhas esperanças se perderam
Já me não enganará meu pensamento.
Triste mudança, duro apartamento,
Que perder em tão breve me fizeram,
Tudo o que meus serviços mereceram,
Ó quantas cousas muda o mudamento:
Não espero já vêr cousa passada,
Porque vejo que tão longa partida
Me não consente esperanças de tornada.
Minha fabula breve he já conhecida,
Porque bem sei que tenho averiguada
De longo apartamento curta vida.

(*Ms.* fl. 43, v.)

299

Em hum batel, que com doce meneio
O aurifero Tejo dividia,
Vi bellas damas, ou melhor diria,
Bellas estrellas e hum sol no meio.
As delicadas filhas de Nereo
Com mil vozes de doce harmonia,
Hiam amarrando a bella companhia,
Que (se eu não erro) por honral-a veiu.
Ó formosas Nereidas, que cantando
Lograes aquella visão serena,
Que a vida em tantos males quer trazer-m'a.
Dizei-lhe, que olhe que se vae passando
O curto tempo, e a tão longa pena,
O tempo é prompto, a carne enferma.

(*Ms.* fl. 44.)

300 *(inedito)*

Queimado sejas tu e teus enganos,
Amor escandaloso, máo, cruel;
Queimadas tuas frechas, teu cordel
E arquo com que fazes tantos danos.
Teus promettimentos tão profanos,
Teus afagos mais doces que o mel,
Eu os veja todos, pois se tornam fel,
No fogo em que queimas os humanos.
Deixo-te eu os olhos desatados
E vejas tu os com que me ataste,
Que bem abastaria tal vingança.
Mas como os mais desesperados
Morrerás mal, se bem o calaste,
Perdendo o remedio da esperança.

(Ms. fl. 49, v.)

301

Quem busca no amor contentamento
Achará n'elle que he seu natural,
Mas a substancia que ha do bem ao mal,
He como folha que revolve o vento.
Quem foi sugeito d'este movimento,
Não pode ter sua gloria por tal,
Que dure n'hum sêr para sempre igual
Pois he mudavel para seu tormento.
Assim que em amor se acham cada dia
Estes dois contrarios ambos n'hum sugeito
Os quaes por ventura são ordenados,
Ora em huma, ora em outra via,
Em perda dos que amam ou proveito,
Mas em nenhum momento são desesperados.

(Ms. fl. 49, v.)

302

Já tempo foi, que meus olhos faziam
Alegres novas ao pensamento,
Já tempo foi, que o sentimento
Gostava do que elles lhe diziam.
Amor e saudade então faziam
No contente peito ajuntamento,
Esperança e firme fundamento
Os falsos argumentos desfaziam.
Tornou-se a minha nympha inhumana,
Feriu com o descuido de dois gumes,
Ó grão mal, oh! crua Feliciana!
Tem apparencia de ciumes
E certo não o são, nem tal me dana;
Mas são da minha fé justos queixumes.

(*Ms.* fl. 50.)

303

Quam bemaventurado me achara,
Se o amor tanto me favorecêra,
E assim como menos mostrar quizera
Com vêr no mais me contentara.
Inteiro e perfeito o bem lograra,
Se meu desejo a mais se não atrevera,
Pois já que pude vêr-vos, merecera
Ao menos alcançar o que desejara.
Este desejo meu, esta ousadia,
Naceu commigo depois que pude vêr-vos,
E com vos vêr, Senhora, se acrescenta.
Trabalho de o tirar da phantesia,
Por quanto creio offender-vos,
Mas quanto mais resisto mais se augmenta.

(*Ms.* fl. 50, v.)

304 *(inedito)*

Senhora, quem a tanto se atreve
Que consente em servir vossa lembrança,
Sabendo que a tem sem esperança,
Não he pouquo o que por isso se lhe deve.
Mais cala esta alma do que escreve,
Sem esperar que seu mal faça mudança,
Não querendo outra bemaventurança
Maior, do *que* amor com que vos serve.
Que esperar grandes casos da ventura
He offender vosso merecimento,
Com esse pagais meu tormento.
Tendo por impossivel sua cura,
E inda fiqua meu pensamento
Devendo a vossa fremosura.

(Ms. fl. 50, v.)

305

A ti, Senhor, a quem as sacras Musas
Nutrem e cibam de poção divina,
Não as da fonte delia cabalina,
Que são Med[illegible], Circes e Medusas;
Mas aquellas em cujo peito infusas
As estão que as leis da graça ensinam,
Benignas no amor e na doutrina,
E não soberbas [illegible] e confusas.
Este pequeno parto produzido
De meu saber e [illegible] entendimento,
Huma vontade grande [illegible] offerece.
Se for de ti [illegible],
D'aqui peço perdão de atrevimento,
O qual esta vontade te merece.

(Ms. fl. 66, v.)

306

Á romana populaça perguntava
Hum certo curioso e não prudente,
Porque a alimaria commumente
Em tempo certo do anno se juntava?
A qual, como discreta, e que cuidava
Em respostas ser summa e eminente,
Com uma só palavra claramente
Respondeu, e mostrou com que folgava.
Bestas, dá a entender que o não entendem,
Quam grande suavidade se encerra
Na cópula hymenea, e ajuntamento.
Mas móres bestas são as que pretendem
Buscar contentamento á carne e á terra,
Deixando a alma prestes ao tormento.

(*Ms.* fl. 70, v.)

307

O capitão romano esclarecido,
Sertorio, nas armas sem segundo,
Tal exemplo de si deixou ao mundo,
Qual nunca já mais foi visto ou ouvido.
Porque, por hum soldado fementido
Fazer um feito torpe e caso immundo,
Usou de hum castigo tão profundo,
Que foi dos seus por elle mui temido.
Porque decimou aquella legião?
Por não usar a honesta disciplina
Do crú, horrendo, duro e fero Marte.
Ó claro exemplo! oh fero nobre Capitão,
Que não deixaste Roma sem doutrina
Da militar e invencivel arte.

(*Ms.* fl. 70, v.)

308 *(inedito)*

Angelica la bella despreciando
La frol del mundo que en su tiempo avia,
De todos se burlava y si reya,
Ningun valor nin reynos estimando.
En solo su hermosura está pensando
Asia un campo de francia llegó un dia,
Donde vido que so un arbore yazia
Su sangre un pobre infante derramando.
Aquella que en amor sentia despecho,
Aquella que con todos era cruel y dura,
Sentió dentro en sy un nuevo pecho.
De ver ansi Medoro su salud procura,
Es aqui un mal avido por provecho,
Al fin casos de amor todo es ventura.

(Ms. fl. 71.)

309 *(inedito)*

La letra que s'el nombre en que me fundo
Viene a ser principal en mi fadiga,
Justamente fue **L** porque diga
S'es la que mas merece a qua en el mundo.
Asy tambien la **V** que es lo segundo
Declara que a su vista muerte siga,
Y luego muestra **Y** como ynimiga,
Que muerte por su causa es bien jocundo.
Venga luego la **S**, que sustente
El soberano ser a do consiste
Su gracia y su virtud y otros valores.
Alfin venga la **A**, que claramente
Diga que alfin, alfin yo soy el triste
A quien Amor mató por sus amores.

(Ms. fl. 113, v.)

310

Si el triste coraçon que siempre llora,
Sin ser obra de llanto meritoria,
Pudiese ya gosar de la victoria
De la guerra del amor que s'empeora.
Si entre los verdes arboles, do agora
Estoi apacentando la memoria,
Pudiese yo gosar por suma gloria
De ver un solo punto a mi pastora.
Ni el aire, que con el aire, que consiente
Amor el mi dolor se aumentaria,
Ni con la de mis ojos esta fuente.
Mas para despojar me de alegria
Ordena una passion, que viva ausente
De quien ya mas lo estuvo el alma mia.

(*Ms.* fl. 114, v.)

311

Do estan los claros ojos que colgada
Mi alma tras si llevar solian?
Do estan dos mexillas que vencian
La rosa quando está mas colorada?
Do está la roxa boca y adornada
Con dientes que de nieve parecian?
Los cabellos que el oro escurecian
Do está, y aquella mano delicada?
O toda linda! do estares agora
Que no te puedo vêr, y el gran deseo
De verte me da muerte cada hora!
Mas no mirais mi grande devaneo,
Que tengo yo en mi alma a mi Señora,
E diga: *Donde estás que te no veo!*

(*Ms.* fl. 114, v.)

312 *(inedito)*

Luiza, son tan rubios tus cabellos
Que el sol por solo vellos se detiene,
Y puesto que a su lumbre no conviene
La quiere mas perder que no perdellos.
Dichoso el que merece poder vellos
Y mas el que una trança dellos tiene,
Y mucho mas aquel que se mantiene
De solo el resplandor que sale dellos.
Luisa, si la claridad tanto immensa
De tu cabello que enciende los amores
Y amor con otro amor se recompensa.
Puesto que no meresca yo favores,
Merescan ver mis oyos una trença
En pago de su llanto y mis dolores.

(*Ms.* fl. 115.)

313

Ondas, que por el mundo camiñando
Contino vas llevadas por el viento,
Llevad embuelto en vos mi pensamiento,
Do está la que do está lo está causando.
Dizilde que os estás acrecentando,
Dizilde que de vida no ai momento,
Dizilde que no muere mi tormento,
Dizilde que no vivo ya esperando.
Dizilde quan perdido me hallaste,
Dizilde quan ganando me perdiste,
Dizilde que sin vida me mataste.
Dizide quan llagado me feriste,
Dizilde quan sin mi que me dexaste,
Dizilde quan con ella me viste.

(*Ms.* fl. 115, v.)

314

Sobre un olmo que al cielo parecia
Llegar do flor no oja, se mostrava
Una ave sola y triste vi que estava,
Y ali su soledad encarecia.
En una fuente clara que corria
Con dulce son lloroso se baxava,
Y en el sa metendo la enturbiava,
Y viendo la agua turbia la bevia.
La causa por que al dolor tanto se entregava
La sola tortorilla es verse ausente,
Mirad a quanto el mal d'ausencia llega.
Se tanto sentimiento el accidente
De una ave sin sentido amor la llega
Sentió, que sentirá quien algo siente.

(*Ms.* fl. 116.)

315

Cançada e rouca boz por que bolando
No vas do mi Florinda está dormiendo,
Y ali, de todo quanto yo pretiendo,
O venturosa tu no estás gosando!
Ve passo, y al oydo suspirando,
Le di sin que te sinta, que sentiendo,
Estoi tan grave mal que estoi moriendo,
Y avendo de morir estoi cantando.
E dile, que aunque tengo su transumpto,
A qua do estoi que venga dela espero,
Si no quiere hallarme ya defunto.
Mas ay, no sei lo que digas, que mas muero
De verme a su valor despues tan junto,
Sin que vea el bien que tanto quiero.

(*Ms.* fl. 117.)

316

Los que bivis subjectos a la estrella
De Venus, cujo hijo Amor se llama,
No digo a los que viendo qualquer dama
Dizis que padecis muerte por ella;
Si no a los que, de amor viva centelha
Por una solamente el pecho inflama;
Y destes lo que mas ardiente llama.
Sufrir por bien amar la causa della:
Venida a ver mis versos, do pintado
Vereis varios efectos de la suerte
Que dentro en mis entrañas son formados.
Vereis al proprio amor terrible y fuerte,
Vereis angustia, ancias y cuidados,
Suspiros, llanto, pena, fee y muerte.

(Ms. fl. 118.)

317

Ó gloriosa Luz, ó victorioso
Tropheo de despojos rodeado,
Ó signal escolhido e ordenado
Para remedio tão maravilhoso.
Ó fonte viva de licor *sabroso,*
Em ti nosso mal todo foi curado,
Em ti o Senhor, que forte era chamado,
Quiz merecer o nome de Piedoso.
Em ti se acabou o tempo da vingança,
Em ti misericordia assim floreça,
Como depois do inverno a primavera.
Todo o imigo ante ti desapareça,
Tu podeste fazer tanta mudança
Em quem nunca deixou de ser quem era.

(Ms. fl. 118, v.)

318

Ventana venturosa, do amañece
Qual resplendor d'Apollo el de mi dama
Abrazarte veja yo con una llama
De las con que mi alma resplandece.
Porque se ves el mal que se padece
Y sientes el dolor que el pecho inflama,
No dexas a mis ojos ver la rama
Que dentro en mi con lagrimas florece.
Si no te mueve ya la pena mia,
Mueva-te ver lo pouco que se gana
De no dexar el alma su alegria.
Ya pues lo sabes, ya cruda ventana
Antes que mi dolor discubra el dia,
Dexa-me ver mi nimpha soberana.

(*Ms.* fl. 119.)

319

Memoria do bem cortado em flores,
Por ordem de meus tristes e maos fados,
Deixai-me descançar com meus cuidados,
N'esta inquietação de meus amores.
Basta-me o mal presente, e os temores
Dos successos que espero infortunados,
Sem que venham de novo bens passados
Afrontar meu repouso com suas dores.
Pedi n'huma hora quanto em termos
Tão vagarosos e largos alcancei,
Leixai-me pois, lembranças d'esta gloria.
Cumpre acabe a vida n'estes ermos,
Porque n'elles com meu mal acabarei
Mil vidas, não huma só, dura memoria!

(*Ms.* fl. 119.)

320

De piedra, de metal, de cosa dura,
El alma, dura nympha, os ha vestido,
Pues el cabello es oro endurecido,
Y marmol es la frente en su blancura.
Los ojos, esmeralda verde escura,
Granata las mexillas, no fingido
El labio es un robi no posseydo,
Los blancos dentes son de perla pura.
La mano de marfil, y la garganta
De alabastro, por donde con yedra
Las venas son de azul mui rutilante.
Mas lo que mas en toda vós me espanta,
Es ver que, porque todo fuese piedra;
Teneis el coraçon como diamante.

(*Ms.* fl. 121, v.)

321

Al pié de una verde e alta enzina
Coridon su samphona está tangiendo,
A la sombra de la yedra, que trociendo
El passo por las arboles camiña.
Cantava los amores de la niña
Amarilis, que el amor le está influyendo,
Las aves por los ramos van corriendo,
Al pié cuerre una fuente cristalina.
A el se allego Titiro perdido,
Guiando su rebaño macillento,
Fue este amigo suyo mui querido.
Cantavale su dano y su tormento,
Ni platica agena gusto al desabrido,
Ni el dolor haze triste al que es contente.

(*Ms.* fl. 122.)

322

Amor, amor, que fieres al coitado
Que por amor te serve ha tantos annos,
Sostiendo el tu servicio con enganos,
Pues alfin, fin le dexas no esperado.
Con solo su dolor, con su cuidado
Le pagas el servicio, y con enganos,
Passando por ti casos tan estraños,
Qual outro nunqua mas uvo passado.
Quien piensa que es Dios, quien esta loco,
Quien cre que eres justo yo no lo creo,
Pues al que mejor sirve das mas preo.
Piensa el, que cre en ti, que devaneo
Yo julgo lo que veo e lo que toco,
Y aun jusgo lo que toco y no lo creo.

(*Ms.* fl. 122, v.)

323

Transumpto sou, senhora, n'este engano,
E tratar d'elle commigo he escusado,
Que mal póde de vós ser enganado
Quem d'outras como vós tem desengano.
Já sei que foi á custa de meu damno
Que só no doce dar tendes cuidado,
Mas para como eu sou de vós julgado
Mui vans são as esperanças d'este anno.
Tratei grão tempo d'amor, e d'aqui veiu
A conhecer o fingido facilmente,
Que tal he gentil dama o que mostrais.
De treslida cahiste n'este enleio,
Querei de mim o que eu quizer boamente,
Que no al a costa arriba caminhais.

(*Ms.* fl. 281.)

324

Memorias offendidas que hum só dia
Me não deixais em paz o pensamento,
Não me daneis o gosto do tormento
Que quem vos offende vos deffendia.
Que me quereis? olhai que se injuria
Com vosco o delicado sentimento,
Que me ficou do eterno apartamento
De quem tem já desfeita a morte fria.
Deixaram-me com a magoa das offensas,
Levaram hum remedio que só tinha
Quem irá vencer a pena que a alma sente.
Onde achará do damno as recompensas
Que ainda de ser triste, a dita minha
Me não deixa hum momento ser contente.

(*Ms.* fl. 128, v.)

325 (*inedito*)

Amor bravo e razão dentro em meu peito
Tem guerra desigual; amor que jaz
Hi, já de muito tempo manda e faz
Tudo o que quer, a torto e a direito.
Não espera Razão, tudo he despeito,
Tudo soberba e força, faz, desfaz,
Sem respeito nenhum; nunca está em paz,
Quando cuidais que si, tudo he desfeito.
D'outra parte a Rasão tempos espia,
Aquelles quando os traz de tarde em tarde,
Força de sem rasões e melhor dia.
Não tem amor logar certo onde aguarde,
Então trata traições n'esta agonia,
Triste que farei eu, quando tudo arde!

(*Ms.* fl. 128, v.)

326

Oh fortuna cruel, oh dura sorte
Trabalho que me poz em tal estado,
Que não quero já ser desenganado
Nem tem cura meu mal senão a morte.
És cego, dize, Amor? por que tão forte
Te mostras contra quem tão mal tratado
Anda de servir, e magoado
Traz o coração ferido de teu córte?
Mas já que não quer mal senão tratar-me
Ah, cruel fortuna minha, ó amor,
Deixa-me sequer poder queixar-me.
Porque em tanto trabalho e tanta dôr,
Mal poderei sem isto consolar-me,
Já que de ti não quero outro favor.

(Ms. fl. 129, v.)

327

Perder-me assi em vosso esquecimento
Não me consente o ser por vós perdido,
Que sel-o eu, e ser de vós sobido,
Ou consentido, já eu me contento.
Mas tratardes com hum descuido isento
Quem vos tem o contrario merecido,
Bem que me tenha a mim n'alma offendido,
Mais me offende em vós o merecimento.
Não póde soffrer-vos culpa a vontade,
Que commigo vos entreguei, Senhora,
Nem cousa que em vós pareça tacha.
Ache em vosso rosto piedade,
Pois n'elle emfim com graças mora,
E toda a perfeição em vós se acha.

(Ms. fl. 129, v.)

328

Fermosa mão que o coração me aperta,
Se a vontade me tem em si sujeita,
Esta tão doce se mostra contrafeita,
Quando será que a veja cara e certa.
Meu repouso sonhado a dôr desperta,
Inteira a pena, a gloria he imperfeita,
Que velle em sonhos eu, que aproveita
Se quando acordado estou me he incuberta?
Manhosamente amor me favorece
Com mostras d'algum bem cheio de engano,
Hum bem que pouco dura, e mais empece;
Porque, tornando a vir o desengano,
Acordando-me o mal que m'adormece
Faça fugir o bem e dobre o dano.

(Ms. fl. 129, v.)

329

Se alguma hora em vós a piedade
De tão longo tormento se sentira,
Não consentira amor que se partira
De vossos olhos minha saudade.
Aparto de vós, mas a vontade
Que n'alma pelo natural vos [illegible],
Mas faz crêr que esta ausencia he mentira,
Mas inda mal porém, que he [illegible].
Ir-me-hei, Senhora, e n'esse [illegible] [illegible]ento
Tomarão tristes lagrimas ving[illegible]
Nos olhos de quem foste mand[illegible].
Assim darei a vida a meu tormento,
Que emfim cá me achará minha lembrança
Já sepultado em vosso esquecimento.

(Ms. fl. 129, v.)

330

O dia, em que naci moura e pereça,
Não o queira jamais o tempo dar,
Não torne mais ao mundo, e se tornar
Ecclipse n'esse passo o sol padeça.
A luz lhe falte, o sol se escureça,
Mostre o mundo signaes de se acabar,
Naçam-lhe monstros, sangue chova o ár,
A mãe ao proprio filho não conheça.
As pessoas pasmadas de ignorantes,
As lagrimas no rosto, a côr perdida,
Cuidem que o mundo já se destruiu.
Oh gente temerosa, não te espantes,
Que este dia deitou ao mundo a vida
Mais desgraçada que jamais se viu.

(*Ms.* fl. 132.)

331

Lembranças tristes p'ra que gastaes tempo
Em cançar mais um coração cançado!
Contentai-vos em me vêr em tal estado,
Não queirais de mim mór merecimento.
Temo tão pouco já vosso tormento
De andar a passar mal acostumado,
Que sinto de me vêr atormentado
De nada poder ter já contentamento.
Trabalho em vão, cuidando empecer
A quem a esperança tem perdida
De tudo quanto teve e desejou.
De perder muito não tenho que perder,
Se não fôr esta já cansada vida
Que por mór perda minha me ficou.

(*Ms.* fl. 139.)

332

Quando descansareis olhos cansados
Pois que já não vedes quem vos dava vida,
Ou quando vereis fim á despedida
A tantas disventuras e cuidados?
Ou quando quererão meus duros fados
Erguer minha esperança tão cahida;
Ou quando, se de todo he já perdida,
Alcançar podereis meus bens passados?
Bem sei que heide morrer n'esta saudade
Em que meu esperar he todo vento,
Pois nada espero ao que desejo.
E pois tão clara vejo esta verdade,
Bem pode vir a mim todo o tormento,
Que me não hade espantar pois sempre o vejo.

(*Ms.* fl. 139.)

333

Que fiz, Amor, que tão mal me tratas,
Não sendo todo teu, que mal me queres,
Que se por teu me tens, porque me feres,
E a minha triste vida desbaratas?
Se com a fera nympha te contratas,
E de suas esperanças não differes,
A quem me queixarei do que fizeres,
Que vida me darás se tu me matas?
E tu despiedosa honra e fama,
Respondes com mortal esquecimento,
Não tens a tanta fé algum respeito!
Mas já que tu não vês a quem te ama,
Não vindo, não terás conhecimento
De quem sempre contino por ti chama.

(*Ms.* fl. 139, v.)

334

Saudades me atormentam cruamente,
Saudades do meu bem já passado;
Não sou a tantos males condenado
Sem razão, pois que posso ser ausente.
Por amor me vi hum tempo já contente,
Por amor eu me quiz atormentado,
Bem he que veja meu erro tão pagado,
Como o he com minha dor e mal presente.
Que bem mereceu pois fez tal partida
Não vos vêr, ou não me verdes vós, Senhora,
Porque assim pagasse eu com minha vida:
Mais pois minha alma seu erro chora,
Não queiraes que chore a sorte perdida,
Vejam-vos meus olhos branda alguma hora.

(*Ms.* fl. 140.)

335

Oh tu que vas buscando com cuidado
Repouso n'este mar do mundo tempestoso,
Não esperes d'achar nenhum repouso
Salvo em Christo Jesus crucificado.
Se por riquezas vives desvelado,
Em Deos está o thesouro mais precioso;
Se estás de fremosura desejoso,
Se olhas este Senhor, ficas namorado.
Se tu buscas deleites ou prazeres
N'elle está o dulçor de todos os dulçores,
Que a todos nós deleita com victoria.
Se por ventura gloria ou honra queres,
Que mór honra pode ser, nem gloria
Que servir ao Senhor grande dos senhores!

(*Ms.* fl. 140, v.)

336

Se ao que te quero desses tanta fé,
Quanto dás tormento ao coração,
Meus suspiros não seriam tanto em vão,
Nem eu te pediria em vão mercê.
Mas he tanta a tua dureza, que não crê
Os males que me faz tua condição,
Podendo comtigo mais a sem razão
Do que he o terno amor que em mi se vê.
E pois, sempre á morte me chegaste
Com desamor que não merecia,
Eu morrerei, mas sabe que ganhaste?
Dizerem-te as gentes cada dia:
Ah! Senhora cruel porque mataste
A quem mais que a vida te queria?

(*Ms.* fl. 216.)

337

A UMA DAMA MUITO FULVA E MUITO CORADA

Senhora minha, se de pura inveja
Amor me tolhe a vista delicada,
A côr de rosa e neve semeada
E dos olhos a luz que o sol deseja;
Não me póde tolher, que vos não veja
N'esta alma, que elle mesmo vos tem dada,
Onde vos terei sempre debuxada
Por mais cruel imigo que me seja.
N'ella vos vejo e vejo que não nace
Em bello e fresco prado deleitoso,
Se não flor que dá cheiro a toda a serra.
Os lirios tendes n'huma e n'outra face;
Ditoso quem vos vir, mas mais ditoso,
Quem os tiver, se ha tanto bem na terra.

(*Ms.* fl. 216.)

338 *(inedito)*

Se, senhora Lurina, algum começo
Houvesse em vos louvar com igual canto
Seria no que sois desfavor tanto
Quanto por minha pluma em alto preço.
Que se espera louvar-vos, me offereço
Em o sentido ao que sois levanto,
Sinto no pensamento tal espanto
Que certo então de vós menos conheço.
Alçando a vós em vossas cousas altas
De tão alto ardor e ardente chama
Derrete as azas de minha ousadia.
E se caio no mar de minhas faltas
Já dou a meu defeito nome e fama,
Mas a vosso valor quem o daria?

(*Ms.* fl. 266, v.)

SONETOS

EXTRAHIDOS DO MANUSCRIPTO DE DONA CECILIA DE PORTUGAL, PUBLICADOS NA EDIÇÃO JUROMENHA, EM 1861 (*)

339

Contas que traz amor com meus cuidados
Me fazem contas dar de meu tormento,
São contas com que anda o pensamento,
Contando magoas tristes, duros fados.
Contas crueis serão, se mal contados
Os meus serviços forem, cujo intento
He sempre fazer conta em fundamento,
Em contar-se por bem afortunados:
Se em sahindo cá fóra vos vejo
Contas, do peito em lagrimas tornadas,
Á causa deste effeito hide sem pejo;
E lá direis que sois gotas salgadas
Do infinito mar do meu desejo,
Que accende o fogo em que sois forjadas.

(Ed. Jur. cccv.)

(*) Eis como o snr. Visconde de Juromenha descreve esta fonte dos ineditos que publicou: « O encontro casual de um pequeno manuscripto do seculo XVII, que pertenceu a D. Cecilia de Portugal, por ella escripto, e em bellos caracteres, encontrado no decurso das investigações que eu fazia para a biographia de Camões, me despertou a attenção e me fez pensar na possibilidade de se poderem ainda encontrar manuscriptas algumas obras poeticas do Vate portuguez.» Ed. Jur., t. II, p. XII.

340

De tantas perfeições a natureza,
Formou, dama gentil, vossa figura,
Que sois divina no mundo em formosura,
E divina na graça e gentileza.
De modo que tal he vossa lindeza,
Tal a graça que em vós tanto se apura,
Que não ha dama em si tanto segura,
Que ante essa vossa cuide ter belleza:
A natureza humana se esmerou
Em vos formar tão linda e graciosa,
Quão graciosa e linda vos formou;
E para vos fazer mais gloriosa,
Depois de vos formar, logo jurou
De não fazer mais cousa tão formosa.

(Ed. Jur. cccvii.)

341

D'amores de huma inclita donzella
Ferido o mesmo Deos d'Amor se viu,
E prezo emfim por mais que resistiu,
Que a tudo vence e rende a força d'ella;
Jamais o mundo viu dama tão bella,
Com ella a natureza repartiu
A graça com que ao mesmo Amor feriu,
Laços com quem não vale força ou cautella:
Oh rara e nunca vista formosura,
Formosura bastante a sojugar
O mesmo Deos d'Amor tão soberano.
Olhai se poderá d'hum fraco humano
A força, a força tal muito durar,
Quando a força de Amor tão pouco dura.

(Ed. Jur. cccviii.)

342

Se a ninguem tratais com desamor,
Antes a todos tendes affeição,
E se a todos mostrais hum coração
Cheio de mansidão, cheio de amor;
Desde hoje me tratai com desfavor,
Mostrai-me um odio esquivo, huma isenção,
Poderei acabar de crêr então
Que sómente a mim me dais favor.
Que se tratais a todos brandamente,
Claro he que aquelle he só favorecido
A quem mostrais irado o continente.
Mal poderei eu ser de vós querido
Se tendes outro amor n'algum presente,
Que amor he hum, não póde ser partido.

(Ed. Jur. CCCXIV.)

343

Ausente d'essa vista pura e bella
Que d'antes viver ledo me fazia,
Vivo agora tão farto de agonia,
Quanto vendo-vos fui já falto d'ella.
Chamo dura e cruel a dura estrella
Que me aparta de vós minha alegria,
Mil vezes maldizendo a hora e dia
Que foi duro principio a tal querella:
E tanta pena passo n'esta ausencia,
Que o cruel destino me condemna,
Porque soffra huma dôr ao mundo rara.
Que já vencer deixara a paciencia
Com minha vida, á força d'esta pena,
Se a vida para vêr-vos não guardara.

(Ed. Jur. CCCXVIII.)

SONETOS

EXTRAHIDOS DE UM MANUSCRIPTO QUE POSSUE O SNR. VISCONDE DE JUROMENHA, PUBLICADOS NA SUA EDIÇÃO DE 1861 (*)

344

O tempo está vingado á custa minha,
Do tempo que no tempo não hei olhado;
Triste quem do tempo em tal estado
Que o tempo e todo o tempo não temia.
Bem me castigou o tempo e a porfia
De aver-me com só o tempo descuidado,
Pois tão sem tempo o tempo me ha deixado,
Que já não espero tempo de alegria.
Passaram horas, tempos e momentos
Em que pudera do tempo aproveitar-me,
Para escusar com tempo meu tormento.
Mas pois quiz do tempo confiar-me,
Sendo o tempo do desvario e movimento
De mim, que não do tempo posso quixar-me.

(Ibid. CCCXII.)

(*) D'este manuscripto extrahiu o snr. Visconde de Juromenha doze Sonetos ineditos. Eis como descreve esta fonte: «Outro manuscripto que possuimos do seculo XVII, nos forneceu algumas poesias ineditas, e o poder completar algumas já impressas que não estão inteiras, e variantes, tornando-se entre estas notavel uma Elegia II. Este manuscripto, ou antes manuscriptos, porque são dois encadernados na mesma capa, e que infelizmente não estão completos por lhes faltar o principio e o fim, e deverem por isso ter-se perdido algumas poesias de Camões, comprehende, a primeira parte, poesias de differentes auctores contemporaneos, Bernardes, Caminha, Dom Manoel de Portugal, Jorge Fernandes, vulgo o Frade da Rainha (D. Catharina); e a segunda parte, que é em letra differente, pertence exclusivamente a Francisco de Sá de Miranda, de quem traz algumas poesias ineditas.» Ed. Jur., t II, p. XVI.

345

Gostos falsos de amor, gostos fingidos,
Gostos vãos sempre limitados,
Gostos grandes quando imaginados,
Gostos pequenos quando possuidos;
Inda não alcançados já perdidos,
Inda não começados já acabados,
Inconstantes, mudaveis, apressados,
Apparecidos e desapparecidos.
Já vos perdi, e perdi a esperança
De vos cobrar, agora só queria
Comvosco se acabasse esta lembrança.
Que se me cança a vida e a fantezia,
Viver de vós tão longe, mais me cansa,
Lembrar-me o tempo que vos possuia.

(Ibid. cccxv.)

346

Com o tempo o prado verde reverdece,
Com o tempo cai a folha ao bosque umbroso,
Com o tempo pára o rio caudaloso,
Com o tempo o campo pobre se enriquece.
Com o tempo um louro morre, outro florece,
Com o tempo hum he sereno, outro invernoso,
Com o tempo foje o mal duro e penoso,
Com o tempo torna o bem já quando esquece.
Com o tempo faz mudança a sorte avara,
Com o tempo se aniquila hum grande estado,
Com o tempo torna a ser mais eminente.
Com o tempo tudo anda e tudo pára,
Mas só aquelle tempo que he passado
Com o tempo se não faz tempo presente.

(Ibid. cccxvi.)

347

Aquelles claros olhos que chorando
Ficavam quando d'elles me partia,
Agora que farão? quem m'o diria?
Se por ventura estão em mim cuidando!
Se terão na memoria como ou quando
D'elles me vi tão longe de alegria?
Ou se estarão aquelle alegre dia
Que torne a vel-os, n'alma figurando?
Se contarão as horas e os momentos?
Se acharão n'um momento muitos annos?
Se fallarão com as aves e com os ventos?
Oh! bemaventurados fingimentos
Que n'esta ausencia, tão doces enganos
Sabeis fazer aos tristes pensamentos.

(Ed. Jur. CCCXVII.)

348

Se para mim tivera, que algum dia
Movida com paixão de meu tormento
Tivereis hum pequeno sentimento
De quem com isto só descançaria:
A meus males por gloria julgaria,
E por prazeres quantas penas sento,
E em meio do pesar contentamento
Com tão doces lembranças sentiria.
Mas ai! triste de mim, que estou cuidando
Cousas que me darão mais cedo a morte,
Em pago de doudice tão notoria.
De que serve estar tanto desejando,
Pois vosso merecer e minha sorte
Me fazem duvidosa esta gloria.

(Ed. Jur. CCCXXI.)

349

Fermoso Tejo meu, quam differente
Te vejo e vi, me vês agora e viste,
Turvo te vejo a ti, tu a mim triste,
Claro te vi eu já, tu a mim contente:
A ti foi-te trocando a grossa enchente
A quem teu largo campo não resiste,
A mim trocou-me a vista em que consiste
Meu viver contente ou descontente.
Já que sômos no mal participantes
Sejamol-o no bem, ah quem me dera
Que fossemos em tudo semelhantes.
Lá virá então a fresca primavera,
Tu tornarás a ser quem eras d'antes,
Eu não sei se serei quem d'antes era.

(Ed. Jur. CCCXXXIII.)

350

Do corpo estava já quasi forçada
Aquella alma gentil ao céo devida,
Rompendo a nobre tea de sua vida,
Por tornar cedo á patria desejada.
Ainda em flôr, sem ter raiz lançada,
Na terra d'ella tanto aborrecida,
S'arrancou boamente, e esta partida
Fez a morte suave sua jornada.
Alma pura, que ao mundo te mostraste
Solta de seus grilhões que outros enlaçam,
E agora gosas lá dias melhores;
Dos teus, que cá sem ti tristes deixaste,
Te mova alta piedade, em quanto passam
Estas horas que a dor lhe faz maiores.

(Ed. Jur. CCCXXXVIII.)

351

Com o generoso rostro alanceado,
Cheia de pó e sangue a real fronte,
Chegou á triste barca de Acheronte
O gram Sebastião sombra tornado.
Vendo o cruel barqueiro, que forçado
Queria o rei passar, poz-se defronte
Dizendo: Pelas aguas d'esta fonte
Nunca passou ninguem desinterrado.
O valeroso rei com ira commovido,
Lhe responde: Oh falso velho, por ventura
Não passou outrem já com força d'ouro?
Pois a um rei banhado em sangue mouro
Ousas tu perguntar por sepultura?
Pergunta-o a quem vier menos ferido.

(Ed. Jur. CCCXLVI.)

352

Quando do raro esforço que mostravas
Largo fructo na guerra produzias,
Cortou-te a parca em flor, por que excedias
Com teus feitos os annos que contavas.
D'armas cobrindo o rosto afiguravas
Marte encoberto, amor se o descobrias,
Que se com a espada os esquadrões abrias,
Com geito os olhos apoz ti levavas.
Não póde não ferir-te imigo ferro,
Vulcano foi, que com sua fortaleza
O mais seguro arnez divide e parte.
Dá porém por desculpa do seu erro,
Que creu de teu esforço e gentileza
Que eras filho de Venus e de Marte.

(Ed. Jur. CCCXLVII.)

353

Quão cedo te roubou a morte dura
Animo illustre a grandes cousas dado!
Deixando o frio corpo assi lançado
Em extranha mas nobre sepultura!
D'esta vida de cá que pouco dura
Todo de sangue imigo já banhado,
Por mão de teu valor foste levado
Aos campos da immortal vida segura.
O espirito gosa da ditosa edade,
E o corpo não cabendo cá na terra
Ás aves que o levassem s'entregou.
Deixaste a todos magoa e saudade;
Buscastes morte honrosa em dura guerra,
Deu-te o Tejo, e o Ganges te levou.

(Ed. Jur. CCCXLVIII.)

354

Mil vezes se move meu pensamento
A louvar o branco rosto crystalino,
A trança dos cabellos d'ouro fino,
O claro e mais que humano entendimento.
Que com brando e suave movimento
Pudera romper hum peito diamantino,
A graça soberana, o ár divino,
A honesta magestade, o doce accento.
. . . .
As perolas escolhidas orientaes,
Que entre robis mostrais no doce riso.
Que essa luz que dos olhos derramais
He o doce resplandor do paraiso,
Pois o demostrais e dais com claro viso.

(Ed. Jur. CCCLII.)

FIM DOS SONETOS.

VARIANTES

SONETO 1

1 *E sabei* que segundo o amor tiverdes. Ed. 1595.

SONETO 2

1 Farei o amor a todos evidente
Pintando mil desejos delicados,
Lagrimas doces, suspiros cansados,
Temor, saudades juntamente.

Tambem de vossas duras asperezas,
Despresos seus, favores enganosos,
Contentar-m'-hei dizendo a menor parte.

Porém para dizer vossas bellezas,
Airoso gesto e olhos graciosos,
Ai falta o saber, engenho e arte. Ms. de Luiz Franco.

SONETO 3

1 O mundo todo *abraço* e nada aperto. Ms. Juromenha.
2 He tudo quanto sinto desconcerto. Ms. de Luiz Franco.

SONETO 4

1 Pois *comsigo* tal alma está liada. Ed. 1595 e 1598.
Pois *commigo* tal alma está liada. Ms. de Luiz Franco.
2 Que como *hum* accidente em seu sujeito. Ed. 1598 e Ms. de Luiz Franco.
3 Está no pensamento como ideia
O vivo e puro amor de que sou feito. Ed. 1595, e Ms. de Luiz Franco.

SONETO 7

1 *A que esmaltam* por cima varias flores. Ed. 1595.

Soneto 8

1 *Hilario* o ardor d'ella não sentia. Ms. de Luiz Franco.
2 Que o repouso do fogo em que ardia. Ed. 1595.
3 *O doce* som das magoas que dizia. Ms. de Luiz Franco.
4 Que na vontade *d'outrem* posto estava. Ed. 1595.
5 Cansado já de andar *pela* espessura. Ed. 1595.

Soneto 10

1 Se não perder a vista só *por* vellos. Ms. de Luiz Franco.
Se não perder a vista só *em* vellos. Ed. 1595.
2 *Isto* me parecia preço honesto. Ms. de Luiz Franco.
3 *E* já me não *ficara* mais de resto. Ms. de Luiz Franco.
4 Assim que *a vida e alma e* esperança. Ed. 1595. Ms. de Luiz Franco.
5 *E tudo quanto tenho* tudo he vosso. Ed. 1595 e Ms. de Luiz Franco.
6 *E o proveito d'isso* eu só o levo. Ed. 1595. Ms. de Luiz Franco.

Soneto 11

1 Tanto *da vida humana* estou diviso. Ms. de Luiz Franco.
2 Assi que em *caso* tal segundo sento. Ed. 1595.
Certo que em *passo* tal segundo sento. Ms. de Luiz Franco.
3 *Assas de pouco faz* quem perde o siso. Ed. 1595. Ms. de Luiz Franco.
4 *Em vos* louvar, senhora, não me fundo. Ed. 1595.
5 Porque quem vossas *cousas* claro sente. Ed. 1595.
6 Sentirá que não póde *mercellas*. Ms. de Luiz Franco.
7 *Que* de tanta extranhesa sois ao mundo. Ed. 1595. Ms. de Luiz Franco.

4 a 7 Quiz a natureza da gente ser louvada,
E poz em vós tudo que n'ella mora,
Para serdes exemplo entre as bellas.

Em vós nos he sua industria declarada,
Em vós se vê que quem vos vê, senhora,
Pouco he vêr o sol e as estrellas. Ms. de Luiz Franco.

Soneto 12

1 Deixai-me *repousar* em paz um'hora. Ms. de Luiz Franco.
2 *Pois* commigo ganhais pouca victoria. Ms. Jur.

3 Impressa *n'alma tenho* larga historia. Ms. de Luiz Franco.
4 Vivo *de* lembranças, *mouro* de esquecido. Ed. 1595.
Vivo em *memorias, mouro* de esquecido. Ms. de Luiz Franco.
5 Soubera-me *eu* lograr do bem passado. Ms. de Luiz Franco.
Podera-se lograr do bem passado
Se *entender* soubera o mal presente. Ms. Juromenha.

SONETO 13

1 Tão cedo d'este *corpo* descontente. Ms. de Luiz Franco.
2 Repousa *tu* no céo eternamente. Ms. de Luiz Franco.
3 Memoria d'este *mundo* se consente. *Ib.*
4 *Pede* a Deos que teus annos encurtou. *Ib.*

SONETO 14

1 *Silvia*, ninfa linda andava hum dia. Ed. 1595.
Sibella, *linda ninfa* andava um dia. Ms. de L. Franco.
2 Subida *n'huma* arvore sombria. Ed. 1595.
3 N'hum ramo *o* arco e setas que trazia. Ed. 1595.

SONETO 16

1 *Pollas* aguas do eterno esquecimento. Ed. 1595.
2 Que com *qualquer* cousa outra se contentam. Ed. 1595.

SONETO 18

1 Sahia dando ao *mundo* claridade. Ed. 1595.
2 *S'accrescentaram em grande e* largo rio. Ed. 1595.
S'accrescentaram em longo e largo rio. Ms. Jur.

SONETO 19

1 Só por seu *acanhado* nascimento. Ed. 1595.
2 *Muito mais tarde vir o premio* he sempre certo.
E sempre tarda inda que venha cedo. Ed. 1595.
3 Mais de vagar se movem. Quem *soubesse.*
Tras d'aquelle segredo este segredo. Ed. 1595.

SONETO 20

1 De cousas de que *não havia* signal.
Por as ter postas já em esquecimento.
D'estas me veio agora perseguido. Ed. 1595.
2 Ter lembrança do bem que he já *perdido.* Ed. 1595.

SONETO 21

1 *Castigo duro* tanta formosura. Ed. 1595.
2 Quiz *padecer em si a* culpa alheia. Ed. 1595.

Soneto 22

1 *Derrubar* meu *tão* alto pensamento. Ed. 1595.
2 Dai já fim a *hum* tormento tào comprido. Ed. 1595.
3 *Porque* de ambos contente *seja* a sorte. Ms. Jur.
4 *E eu*, porque acabei de vós vencido. Ms. Jur.

Soneto 23

1 *Na* vossa vista deleitosa e honesta. Ms. de L. Franco.
2 Nas *lindas* faces, *olhos*, bocca e testa.
Boninas, *lirios*, *rosas* debuxando. Ed. 1595. Ms. de Luiz Franco.
3 Que o monte, o campo, rio e *que* a floresta. Ms. Jur.
4 Se estão de *vosso gesto* namorando. Ms. de L. Franco.
5 Possa colher *a fructa* d'essas flores. *Ib.*
6 Perderão toda a graça vossos olhos. Ed. 1595.
7 Que semeasse Amor em vós amores. Ed. 1595.

Soneto 24

1 *E a* ella só por premio pretendia. Ed. 1595.
2 Em logar de Rachel lhe *dava* Lia. Ed. 1595.
3 *Começa de* servir outros set'annos. Ed. 1595.
4 Para tão *grande* amor tão curta vida. Ms. Jur.

Soneto 25

1 *Espedindo* no rustico raminho. Ed. 1595.
2 *Na* prompta vista a setta endireitando. Ed. 1595.
Na propria vista a setta endireitando. Ms. Jur.
3 *Em morte lhe converte o caro* ninho. Ms. Jur.

Soneto 26

1 He este amor tão *alto* e tão delgado. Ms. de L. Franco.
2 Não ha *hi* cousa, a qual natural seja. Ms. de Luiz Franco.
Não ha *hi* cousa a *que* natural seja. Ms. Jur.
3 Que não queira perpetuo seu estado. Ed. 1595.
4 *Porque não* falte nunca onde sobeja. Ed. 1595.
5 Assim o pensamento *pela* parte. Ed. 1595.
6 *Vai pedir tão heretica* baixeza. Ms. de L. Franco.

Soneto 27

1 *Para que* quereis, Senhora, que padeça
Tanta pena sem cabo nem começo. Ms. de L. Franco.
2 *Sabei que emfim por muito que* vos peça. Ed. 1595. Ms. de Luiz Franco.

3 *Que posso* merecer quanto vos peço. *Ib. ib.*
4 *Que* não consente amor que em baixo preço. *Ib. ib.*
5 E se o valor de vossos *servidores.* Ed. 1595.
Que se o valor de vossos *servidores.* Ms. de L. Franco.

SONETO 28

1 Que *a* móres soffrimentos e firmezas. Ms. de L. F.
2 *Sustentarão a* guerra d'esta vida. M. de L. Franco.
3 *Forçado he* que tudo se lhe renda. Ed. 1595. Ms. Jur.
4 *Com me entregar á morte* me defenda. Ms. de L. F.
Com *me meter* nas lanças me defenda. Ms. Jur.

SONETO 29

1 Ao longo de uma praia *saudosa.* Ms. de Luiz Franco.
2 *Alli estando leda, e* alli cuidosa. *Ib.*
3 *Aqui movida* hum pouco, alli segura. Ed. 1595. Ms. de Luiz Franco.
4 *Emfim* n'estes cansados pensamentos. Ed. 1595.
5 Passo esta vida vã que *tanto* dura. Ms. de L. Franco.

SONETO 30

1 Hum repouso gravissimo e *honesto.* Ms. Jur.

SONETO 31

1 *A tempo que eu tinha as armas* mais á mão. Ms. de Luiz Franco.
2 *Cuidei de me salvar*, mas foi em vão. Ed. 1595.
3 *Mas, porem,* se vos tinha promettido. Ed. 1595, e Ms. Jur.
Porem, se vos já vinha promettido. Ms. de L. Franco.
4 Ser-vos *tudo* bem pouco está *sabido.* Ed. 1595, e Ms. Jur.
E ser-vos *tudo* pouco é *conhecido.* Ms. de Luiz Franco.
5 *Que, postoque estivesse* apercebido. Ed. 1595, e Ms. de Luiz Franco.
6 *Maior a levo eu* de ser vencido. Ed. 1595, e Ms. Jur.
Maior a leva eu em ser vencido. Ms. Jur.

SONETO 32

1 *Apregoando* direi tão alta sorte. Ed. 1595, e Ms. Jur.
2 Que sempre deu *sua* vida claro indicio. Ed. 1595 e Ms. Jur.

SONETO 33

1 *E se dentro* n'est'alma, *ver* quizerdes. Ed. 1595.
2 Mas eu cuido que só por *não me* vêrdes. Ed. 1595.

*

SONETO 34

1 *Como a abraçar* a luz que vence o dia. Ms. Jur.
2 *E* como de dous ardores se *accendia*. Ms. Jur.
3 Vos foi beijar na parte *em que* se via. *Ib.*
4 Na vista *de que o mundo tremer* deve. Ed. 1595 e Ms. Jur.

SONETO 35

1 Compostas *em* concerto desigual. Ed. 1595.
2 *Nem* me alegrem verduras deleitosas. Ms. de Luiz Franco.
3 Nem *as* aguas *claras que das fontes* vem. Ms. de Luiz Franco.
4 *Regando-vos* com lagrimas saudosas. Ms. de L. Franco.

SONETO 36

1 *Quantas vezes* de um aspero receio. Ms. de L. Franco.
Tantas vezes de um aspero receio. Ed. 1595.
2 O' como *curaria o dano* alheio
Quem o seu mal tão mal *sabia*. Ms. de Luiz Franco. Ed. 1595.
3 *Commoviam* de magoa e piedade. Ed. 1595 e Ms. de Luiz Franco.
4 *A quem* fez tão conformes na ventura. Ms. de L. F.

SONETO 37

1 *Vae-se gastando* a edade *e cresce* o dano. Ms. de Luiz Franco. Ed. 1595.
2 *Perde-se-me* um remedio que inda tinha. Ed. 1595.
3 Se olhos ergo a ver se inda apparece. *Ib.*

SONETO 38

1 *Tempo he ja* que minha confiança. Ed. 1595.
Rasão he ja que minha confiança. Ms. de Luiz Franco.
2 Se deça de *sua* falsa opinião. Ms. de Luiz Franco.
3 Mas *se* amor se não rege por razão. Ms. Jur.
4 E eu na morte tenho a salvação. Ed. 1595. Ms. de Luiz Franco.
5 Forçado he logo *assim* que espere e viva. Ms. de Luiz Franco.
6 *Oh* dura lei de Amor que não consente. Ms. de Luiz Franco.

SONETO 39

1 O teu *sagrado* templo visitei. Ms. de Luiz Franco.

2 Que mais queres de mi *que* destruida. Ed. 1595.
Não cuides de forçar-me que destruida. Ms. Jur.
3 Não *cures* de forçar-me, que não sei. Ms. de L. F.
4 *Despojos doces* de meu bem passado. Ed. 1595. Ms. de Luiz Franco.
5 Em quanto quiz aquella que eu adoro. Ed. 1595.
Em quanto quiz aquella *em quem eu moro*. Ms. Jur.
6 *N'elles* podes tomar de mim vingança. Ms. de L. F.
7 *E s'inda não estás de mim* vingado. Ed. 1595.

SONETO 40

1 Casar com *hum vil* vaqueiro; e em si vingava. Ms. de Luiz Franco.
2 *As* rosas que seu *gesto* debuxava. Ms. de L. Franco.
3 O descontentamento lhas *seccava*. Ed. 1595. Ms. de Luiz Franco.
4 Tornavam verde prado em *dura serra*. Ed. 1595. Ms. de Luiz Franco.

SONETO 41

1 *Grande* tempo ha que *eu* soube da ventura. Ms. de Luiz Franco.
2 Que não *tenha* fortuna poder n'ella. Ms. de L. Franco.

SONETO 42

1 Se *alguma hora* em vós *a* piedade. Ed. 1595. Ms. Jur.
2 *Não consentira amor* que me partira. *Ibid.*
3 *Mas inda mal porem* que he verdade. *Ibid.*
4 *Tomarão tristes lagrimas* vingança. *Ibid.*
5 *E assi* darei vida a meu tormento. *Ibid.*
6 Qu' emfim me achará minha lembrança. Ms. Jur.

SONETO 43

1 Que *farei* com os cabellos que apertaste. Ms. de Luiz Franco.
2 *Se* para me matar as desataste. Ed. 1595.
Se para *atar de novo* as desataste. Ms. de L. Franco.
Se para matar *só* as desataste. Ms. Jur.
3 *Pollo* todo tambem se toma a parte.

SONETO 44

1 *Musica, com voz alta e mui* sentida. Ed. 1595. e Ms. de Luiz Franco.
2 Deseja *ter a* vida prolongada. Ed. 1595 e Ms. de Luiz Franco.

3 Chorando *do viver* a despedida. Ed. 1595. Ms. de L. Franco.
4 Celebra *o fim de tão triste* jornada. Ms. de L. Franco.
5 Assi *eu*, Senhora minha, quando via. Ms. de Luiz Franco.
6 Estando *postos* já no extremo fio. Ms. de Luiz Franco.

SONETO 45

1 *Pelos extremos raros* que mostrou. Ed. 1595. Ms. Jur.
2 Em *saber* Pallas, Venus em formosa. Ed. de 1595. Ms. Jur.
3 De *só* quatro elementos fabricou. *Ib.*
4 Mas *mór* milagre fez a natureza. Ms. Jur.

SONETO 46

1 Ditosos os sentidos que *soffriam.* Ms. de Luiz Franco.
2 Estar-se em seu *objecto* traspassando. Ms. de Luiz Franco.

SONETO 47

1 Que *ainda* não espere d'elle mais. Ms. de L. Franco.
2 De *muito longe* já me *acostumais* Ms. de Luiz Franco.
3 De soffrer os *trabalhos* que me dais. Ms. Jur.
4 Cuide *em* quanto quizer o pensamento. Ed. 1595. Ms. de Luiz Franco.
5 Que pois não *ha hi outra* resistencia. Ed. 1595. Ms. de Luiz Franco.
6 Para tão *certa* queda de subida. Ms. Jur.

SONETO 48

1 Em sua alma partindo-se ficava. Ms. de Luiz Franco.
2 *Pollas praias* do Indico oceano. Ed. 1595. Ms. de L. F.
3 *De mim se foi (dizia) quem* adoro. Ms. de Luiz Franco.
(Dizia) quiz deixar-me a *em que eu moro.* Ms. Jur.
4 Mas se *a* vós, ondas, *peço* piedade. Ms. de Luiz Franco.

SONETO 49

1 *Pois* como pode ser, que na mudança. Ed. 1595.
Pois como pode ser que na partida
Do que mais quero a pena de partir-me
Por algum modo possa resistil-a.

O refrear a crueza que tão firme
Sempre tivestes, que esta despedida
Mais sentireis senhora, não sentil-a. Ms. de L. Franco.

SONETO 50

1 Se não tivereis já experiencia. Ed. 1595. Ms. Jur.
2 Que o tempo não *cura*, nem *longa* ausencia. Ed. 1595. Ms. Jur.

SONETO 51

1 Driades *vós que as settas atiraes*. Ed. 1595. Ms. de Luiz Franco.
2 Os *subjectivos* cervos *derrubando*. Ms. de Luiz Franco.
3 Deixae *a aljava logo* e *as* aguas frias Ms. de Luiz. Franco.
4 E vinde, Nymphas *minhas*, se quereis. Ed. 1595.
5 *Saber* como *só* d'olhos nascem aguas. Ed. 1595.
6 *Vereis como se passam em vão* os dias. Ed. 1595. Ms. Jur.
E mais como passo em vão os dias. Ms. Jur.
7 Mas *não vireis em vão que me* achareis. Ed. 1595.
Mas *não vireis em vão que cá* achareis. Ms. de Luiz Franco.

SONETOS 52

1 Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, *mudam-se as confianças,*
Todo o mundo he composto de *mudanças*
Tomando sempre novas calidades.
Continuamente vemos novidades,
Differentes *de nossas esperanças*
Nem ficam d'aqui mais que as lembranças
Do bem passado ou das adversidades.
Mas as do bem tão más são de soffrer,
Que he muito melhor poder passar
Qualquer trabalho, pena e desprazer.
Porque tudo emfim se hade perder,
Muito mais vale a pena do pezar
Do que contenta a gloria do prazer. Ms. de L. Franco.

SONETO 53

1 Se as penas *que por vós donzella ingrata*
Posso, vivesse tanto em soffrellas. Ms. de Luiz Franco.
Quizer que tanto tempo viva d'ellas. Ed. 1595.
2 Que *visse* escuro o lume das estrellas. Ms. de L. F.
3 Em cuja vista o meu *s'encende* e mata. Ms. de Luiz Franco.

4 *Mostrando* a linda cor das tranças bellas. Ed. 1595. Ms. de Luiz Franco.
5 Mudada de ouro fino em *bella* prata. *Ib. ibid.*
6 *Vereis*, senhora, então tambem mudado. *Ib. ibid.*
7 Quando não *preste* já sua mudança. Ms. de L. Franco.
8 *Suspirareis então pelo* passado. Ed. 1595. Ms. de Luiz Franco.
9 *Em* vosso arrepender minha vingança. Ed. 1595.

SONETO 54

1 Quem jaz no grão *jazigo* que descreve. Ed. 1595.
2 *Que fez me disse, a lingua não se atreve.* Ms. de Luiz Franco.
He rei que poz na pax devido estudo. Ms. de L. Franco.
3 Quão pezado *elle* foi ao Mouro rudo. Ms. de L. Franco.
4 *Que sustentar mais que acquirir* estima. Ms. de Luiz Franco.
Que sustentar mais que adquirir se estima. Ed. 1595.

SONETO 55

1 *Alli reina, alli mora*, alli namora. Ms. de L. Franco.
2 Alli vive das gentes *namorado. Ibid.*
3 Imagens são *nas quaes* amor se adora. *Ibid.*
Imagens são *nas quaes o* amor se adora. Ed. 1595.
4 Que *fios* crespos de ouro vão cercando. Ms. de L. F.
5 Raios de ouro verá que as *desejosas. Ibid.*

SONETO 56

1 *Mas foi fazer amor* experiencia. Ed. 1595.
2 Se podia soffrer tirar-me a vida. Ed. 1595.
3 A *não pôres á vida* resistencia. Ed. 1595.
4 *Ando-me costumando á* paciencia,
Porque temor *a morte* não impida. Ed. 1595.
5 Pois porque *comes logo* fogo ardente. Ed. 1595.
6 Se a ferro te costumas? *Porque* ordena. Ed. 1595.
7 E *eu não quero* a morte sem a pena. Ed. 1595.

SONETO 58

1 De tão divino accento *e* voz humana. Ms. Jur.
2 De *tão doces palavras* peregrinas. *Ibid.*
3 *Bem sei* que minhas obras não são dinas. Ed. 1595, e Ms. Jur.
4 *Mas de* vossos escriptos *corre* e mana. Ed. 1595 e Ms. Jur.

5 Ambas *posso chamar ao mundo* raras. Ed. 1595. Ms. Jur.

SONETO 59

1 *E da* inveja *da fama* tão cantado. Ed. 1595.
2 *Este pois só agora sepultado*
Está aqui já em terra convertido. Ed. 1595.
3 Por *este* Viriato que criaste. Ed. 1595.
4 E chora *o perdido* eternamente. Ed. 1595.

SONETO 60

1 Que escureçais a fama que ganhado
Tinham os que a ganharam a infieis. Ed. 1595.
2 *Que do tempo tenhais vencido* as leis. Ed. 1595.
3 *Que tudo emfim vençais com tempo* armado. Ed. 1595. Ms. Jur.
4 *E assi sobre* vencerdes tanto imigo. Ms. Jur.
E *assi com* vencerdes tanto imigo. Ed. 1595.
5 *Vosso nome* no mundo ouvido seja. Ed. 1595. Ms. Jur.
6 O que vos dá mais *nome* inda no mundo. Ed. 1595 e Ms. Jur.

SONETO 61

1 Vontade que *a* rasão leva vencida. Ed. 1595.
2 *Azinha darão* fim á triste vida. Ed. 1595.
3 *Verá* de mim partir vossa lembrança. Ed. 1595.
4 Por mais que *na tornada* haja tardança
Sempre me farão triste companhia. Ed. 1595.

SONETO 62

1 Co'o sol em *formosura* e claridade. Ed. 1595. Ms. Jur.
2 Meus sentidos *vencidos* se *somettem*. *Ibid. ib.*
3 Assi cegos a tanta *divindade*. Ed. 1595.
4 *Mas se nisto* me vedes por acerto. Ed. 1595. Ms. Jur.
5 *O* aspero desprezo com que olhais
Torna a espertar a alma enfraquecida. *Ibid. ib.*
6 Oh gentil cura *e* extranho desconcerto. Ms. Jur.
7 *Que fará o* favor que vós não dais
Quando *o vosso* desprezo *torna a* vida. Ed. 1595 e Ms. Jur.

SONETO 63

1 Que nenhum coração *deixais* isempto. Ed. 1595.
2 Sem *seres de nenhum* bem entendida. Ed. 1595 e Ms. Jur.

3 *Que* lingua pode haver tão atrevida. Ms. Jur.
Que lingua *haverá* tão atrevida. Ed. 1595.
4 Se teu valor contemplo a *melhor* parte. Ed. 1595 e Ms. Jur.
5 O engenho me falta, o espirito mingoa. *Ibid. ib.*
6 Mas o que mais me *tolhe* inda louvar-te. Ed. 1595. Ms. Jur.

SONETO 64

1 Tristezas *que não cansam* de cansar-me. Ed. 1595 e Ms. Jur.
2 *A parte donde não saiba* tornar-me. Ed. 1595 e Ms. Jur.
3 Em quanto *me a voz franca* não deixar. Ed. 1595.
4 E se *nos* montes, *rios*, em valles. Ms. Jur.
5 Piedade mora, *ou dentro mora* amor
Em feras, *aves*, *prantas*, pedras, aguas. Ed. 1594. Ms. Jur.

SONETO 65

1 *Que* a guarde sob pena de enojar-vos. Ed. 1595 e Ms. Jur.
2 *Que* a fé que me obriga a tanto amar-vos. *Ibid.*
3 Ao menos nunca chegue aborrecer-vos. *Ibid.*
4 Mas contente *porém* de minha sorte. *Ibid. ib.*

SONETO 67

1 *No tormento que o céo* me *permittiu.* Ed. 1598 e Ms. Jur.
2 Para mim *só mandou* que se inventasse. *Ibid.*

SONETO 68

1 Este soneto no Ms. Jur. andava junto com outros tres sonetos sob a rubrica: «*Trovas que fez um preso dizendo o mal que fizera, e lamentando a fortuna e tempo.*» Os sonetos são:
O tempo está vingado á custa minha.
Coitado que em um tempo choro e rio.
Tristezas com passar tristes gemidos.

SONETO 69

1 Aos quaes *com larga mão* o largo céo. Ed. 1616.
2 Ide para onde *a sorte* vos moveu. Ed. 1616.
3 Dai nova causa á côr do *arabio* Estreito. Ed. 1616.

SONETO 72

1 *Ao* apollineo Oraculo pedia. Ed. 1598 e Ms. Jur.
Ao phebeo Oraculo pedia. Ms. de Luiz Franco.

2 Respondeu, *que* tornasse a ser ferido. Ed. 1598. Ms. de Luiz Franco.
3 *De* quem *o já* ferira e sararia. Ms. de Luiz Franco.
4 Com *vos tornar* a vêr amor me cura. *Ibid. ib.*
5 Que fico como hydropico doente. *Ibid. ib.*
6 Que *com beber* lhe crece mór secura. *Ibid. ib.*

SONETO 73

1 O verde *prado* as cabras e buscavam. Ms. Jur.
2 Com a folha *da arvore* sombria. Ed. 1598.
3 Do raio ardente as aves *s'emparavam*. Ed. 1598.
Do raio ardente as aves *se paravam*. Ms. de Luiz Franco.
4 *O mudo silencio quebrantavam*
Das roucas *cicades e harmonia*. Ms. de Luiz Franco.
5 Natercia, *cruel* nympha, só buscava. Ms. de Luiz Franco.

SONETO 74

1 Já a *saudosa* aurora destoucava. Ed. 1598. Ms. de Luiz Franco.
2 E *as* flores *nos* campos esmaltados. *Ibid. ib.*
3 *Do* cristalino orvalho borrifava. Ed. 1598. Ms. Jur.
4 De Sylvio e de Laurente *pelos* prados. Ed. 1598.
5 De quem *se o coração* não apartava. Ms. de Luiz Franco.
De quem *o coração nunca* se apartava. Ms. Jur.
6 Porque não *morrerá* quem vive ausente. Ms. de Luiz Franco.

SONETO 75

1 Corro *par'* ella; e ella então parece. Ed. 1598 e Ms. Jur.
2 Torna a fugir, *e eu gritando:* Dina. Ed. 1598.
3 E antes que *acabe em* mene, acordo e vejo. Ed. Jur.

SONETO 76

1 Que ao passar do *Lethe* vos percais. Ed. 1598.
2 Escriptos para sempre *cá* ficais. Ms. Jur.
3 Em quem pois virdes *falsas* esperanças. Ed. 1598. Ms. de Luiz Franco.

SONETO 77

1 Sua *presuntuosa* tyrannia. Ed. 1598. Ms. Jur.

2 Fazei *d'isto no* mundo larga historia. *Ibid. ib.*
3 *Que* por mais que *me* veja *maltratar-me. Ibid. ib.*

SONETO 78

1 De poder algum tempo ser contente. Ms. Jur.
2 Trazem *o* coração atormentado. Ed. 1598 e Ms. Jur.

SONETO 79

1 Quem fosse *assi* apartando-se da gente. Ms. de Luiz Franco.
2 Eu a ella *o pezar que tanto* sente. Ed. 1598 e Ms. Jur.
E eu a ella etc. Ms. de Luiz Franco.

SONETO 80

1 No *tempo* donde toda a criatura. Ms. Jur.
No templo *aonde* toda a criatura. Ms. de Luiz Franco.
2 *Alli amor* que o tempo me aguardava. Ed. 1598 e Ms. Jur.
Alli amor que *tam a tempo* me aguardava. Ms. de Luiz Franco.
3 Onde *eu tinha a vontade* mais segura. Ms. de Luiz Franco.
4 *N'uma celeste* e angelica figura. Ed. 1598. Ms. Jur.
Com humana e angelica figura. Ms. de Luiz Franco.
5 *E* seu livre costume não sabendo. Ed. 1598. Ms. de Luiz Franco.
6 Deixei-me captivar; mas *já que entendo*. Ed. 1598. Ms. de Luiz Franco.

SONETO 81

1 Que *me faz ver na terra* o Paraiso. (Soneto 11.)
2 Falla de *quem a morte e vida* pende. Ed. 1598.
3 Repouso *n'ella alegre e* comedido. Ms. Jur.

SONETO 82

1 *No* teu *dourado* arco e eu te creio. Ed. 1598. Ms. Jur.
2 A mão tenho metida no *teu* seio. Ed. 1598. Ms. Luiz Franco.
3 *E tu comtudo tanto* m'asseguras. Ed. 1598. Ms. de Luiz Franco.
4 *Não consinto somente* n'este engano. Ms. de Luiz Franco.
5 Tudo o que *sinto e vejo* de meu dano. Ms. de L. F.

SONETO 83

1 O marinheiro *lapso,* trabalhado. Ed. 1598. Ms. Jur.

2 De um naufragio cruel *já salvo* a nado. *Ibid.*
3 Só ouvir falar n'elle *o faz* medroso. *Ibid.*
4 *E* jura *que em que veja* bonançoso
O violento mar e socegado,
Não entre n'elle mais; mas vai forçado
Pelo muito interesse cubiçoso. *Ibid.*
5 *Minha* alma, que de vós nunca se ausenta,
Dá por preço ver-vos, faz tornar-me
Donde fugi tão perto de perder-me. *Ibid.*

Soneto 84

1 He *um* andar solitario entre a gente. Ed. 1598 e Ms. Jur.
2 He *nunca* contentar-se de contente. *Ibid.*
3 He um *querer estar* preso por vontade. *Ibid.*
4 He ter com quem nos mata lealdade. *Ibid.*
5 Nos corações *humanos amizade.* Ed. 1598. Ms. Jur.
6 *Se tão* contrario asi *he o* mesmo amor? *Ibid.*

Soneto 85

1 Quem d'ella estará livre? *ou* quem isento. Ed. 1598. Ms. Jur.
2 *Em ver-vos se não rende e* obedece. *Ibid.*
3 *Que* mór gloria na vida já se offerece
Que occupar em vós o pensamento!
Toda a pena cruel, todo o tormento
Em ver-vos *se não sente,* mas esquece. Ed. 1598. Ms. Jur.
4 *Mas se merece pena* quem amando
Contino vos está, se vos offende. Ibid.
5 Que claro se *conhece* e bem se entende
Era amar-vos quanto devo e quanto posso. Ms. Jur.

Soneto 86

1 Que levas *crua* morte? hum claro dia. Ms. de L. F.
2 *Tal corpo onde ficou? Na* fria terra. Ms. de Luiz Franco.
3 Como *fica* sua luz? Anoitecendo. *Ibid.*
4 *Emfim não mereci Dona Maria.* Ed. 1598 e Ms. de Luiz Franco.
5 Que diz o *crú* amor? Fallar não ousa. *Ibid.* 1598.
6 *Mas fica que chorar sua beldade.* Ms. de Luiz Franco.
E fica que chorar? Sua beldade. Ms. Jur.

Soneto 87

1 Agora sobre as rosas *estendidos*. Ed. 1598. Ms. Jur.
2 Fazeis que sua *belleza* se acrecente. *Ibid.*
3 Em mil divinos raios *escondidos*. Ms. Jur.
4 Se de cá me levais alma e sentidos. Ed. 1598.
5 Que fôra se de vós não fora ausente. *Ibid.*
6 De perlas e coraes nasce e *parece. Ibid.*
7 *Se n'alma em* doces eccos *não o* ouvisse. *Ibid.*
8 De si *em* nova gloria alma se esquece. *Ibid.*

Soneto 88

1 Emquanto me *enganava* uma esperança. Ed. 1598. Ms. Jur.
2 Quem já se viu *contente* e prosperado. Ed. 1598. Ms. Jur.
3 Vendo-se *em breve tempo* em pena tanta. *Ibid.*
4 *Porém* quem tem o mundo experimentado. Ed. 1598. Ms. Jur.

Soneto 89

1 Dos *Illustres antigos* que deixaram. Ed. 1598. Ms. Jur.
2 *Tal* nome *qu'igualou fama á* memoria. *Ibid.*
Dos feitos em que mais se *assignalaram. Ibid.*
3 Se se com *cousas d'estes* cotejaram. *Ibid.*
4 Seguindo *cada hum* varios caminhos
Estatuas *levantando no seu* Templo. Ms. Jur.
5 *Illustre* Dom João com melhor nome. Ed. 1598. Ms. Jur.

Soneto 90

1 Ora em forma de *boa* e sã vontade. Ed. 1598. Ms. de Luiz Franco.
2 Sem *buscar* qualidade de pessoa. Ms. de Luiz Franco.

Soneto 91

1 E não em peito *tumido* encerrados. Ms. de Luiz Franco.
2 Obra por certo *rara da natura*. Ed. 1598. Ms. de Luiz Franco.
3 Estas virtudes *todas* e outras mais. Ms. de L. Franco.

Soneto 93

1 *De que* amor a ninguem quiz ter respeito. Ed. 1598. Ms. Jur.
2 *Por mais* que de Amor vos isentais. *Ibid.*

Soneto 94

1 *S'inda* d'amor domesticos venenos. *Ibid.* Ms. de Luiz Franco.
2 *E não cuide ninguem* que algum defeito. Ed. 1598.
E não cuide alguem que algum defeito. Ms. de Luiz Franco.
3 Pouco *e* pouco *a* desculpa o brando peito. Ms. de Luiz Franco.

Soneto 95

1 Pois *n'aquillo* em que puz tamanho amor. Ed. 1598. Ms. de Luiz Franco.
2 Não vi senão desgosto e *desamor*. Ms. de Luiz Franco.
Não vi senão desgosto e *pouco amor*. Ms. Jur.
3 Pois *vida me não farta* de viver. Ed. 1598. Ms. de Luiz Franco.
4 Se *cousa ha hi* que mágoa dê maior. *Ibid. Ibid.*
5 Eu *averei por bem* que pôde ser. Ms de Luiz Franco.

Soneto 96

1 De *terdes* quem vos tem tão descontente. Ms. de Luiz Franco.
2 *Cada dia* ante os olhos me mostrais. Ms. de Luiz Franco.
3 Com *sombras e com* sonhos *attentais*. Ed. 1598. Ms. de Luiz Franco.
4 Não me negueis se andais para *enganar-me*. Ms. de Luiz Franco.
5 *Que se andais contra mim* levantados. Ms. de Luiz Franco.
Que se contra mim estais *alevantados*. Ms. Jur.
6 Eu *mesmo* vos ajudarei a *tormentar-me*. Ms. de Luiz Franco.

Soneto 97

1 Se *tomar* a minha pena em penitencia. Ed. 1598. Ms. Jur.
2 Do *peccado* em que caiu o pensamento. Ms. de Luiz Franco.
3 Não *abranda*, mas *dobra* meu tormento. Ms. de Luiz Franco e Ed. 1598.
4 *A isso* e mais *se* obriga a paciencia. Ms. de L. Franco.
A isto e mais obriga a paciencia. Ed. 1598.

5 *E* se de qualquer aspera *esquivança.* Ms. L. Franco.
E se de qualquer aspera mudança. Ms. Jur.
6 Como *eu vi* bem no mal que me condemna. Ed. 1598. Ms. de Luiz Franco.
7 Será forçado, pois *á morte* me obriga. Ms. Jur.
8 Que eu só *de vossa culpa* pague a pena. Ed. 1598. Ms. de Luiz Franco.

Soneto 98

1 Ó estranha ousadia! estranho feito. Ms. Jur.
Estranha ousadia, estranho feito. Ed. 1598.
2 Que dando morte ao corpo humano. Ms. Jur.

Soneto 99

1 Que *lhe Eneas* deixara por memoria. Ed. 1598. Ms. de Luiz Franco.
2 Que *o* instrumento foi da triste historia. *Ibid. ib.*
3 Com ella *assi* fallando *lhe* dizia. Ms. Jur.
Fallando *assi* com ella *lhe* dizia. Ms. de Luiz Franco.
4 Fermosa e *crua* espada, se ficaste. *Ib.*
5 *Pera em mim executar os asperos* enganos. *Ibid.*
Só pera executares os enganos. Ed. 1598. Ms. Jur.

Soneto 100

1 *Onde* em ti odio e *vida* se converte. Ed. 1598. Ms. de Luiz Franco.
2 *Se agora vejo n'alma* accrescentar-te. Ms. L. Franco.

Soneto 101

1 Amor *pela ventura* consentisse. Ed. 1598. Ms. de Luiz Franco.
2 *Por mais alto que a sorte* me subisse. *Ibid., ib.*
3 *Não* tão sómente amor me não mostrou. *Ibid. ib.*

Soneto 102

1 O raio *de ouro fino* se estendia. Ms. de Luiz Franco.
2 Dos olhos com *que as alma accendia. Ibid.*
3 *Partindo toda* em lagrimas banhada. *Ibid.*
Levando a *vista* em lagrimas banhada. Ed. 1598.
4 Do céo, de si, e do tempo magoada. Ms. de L. Franco.
5 Nasce sereno sol, *alegre e ardente. Ibid.*
6 *Esclarece fermosa e roxa* aurora. *Ibid.*
Resplandece *fermosa e roxa* aurora. Ed. 1598. Ms. J.

Soneto 103

1 Mas aquillo qu'emfim não *quer* ventura. Ed. 1598 .Ms J.

2 Não o *alcançam* trabalhos arriscados. *Ibid.*
3 Que n'este meu terreno *peito* tinha. Ms. Jur.

SONETO 104

1 *Que* o tempo que se vae não torna mais. Ed. 1598.
2 Não m'as deixa a Fortuna e o tempo *errado. Ibid.*

SONETO 105

1 E não sabe a que *causas* se reporte. Ms. de Luiz Franco.
2 *Que* não *no* alcança humano entendimento. *Ibid.*
3 Doctos varões *deram* rasões subidas. *Ibid.*
4 Mas são as experiencias mais *prezadas. Ibid.*
5 *E por isso* é melhor ter muito visto. *Ibid.*

SONETO 107

1 *Por ter* de minha fé experiencia. Ed. 1598. Ms. de Luiz Franco.
2 Onde lembranças *matão a longa* ausencia. *Ibid., ibid.*
3 Alli a saudade *está* segura. *Ibid., ibid.*
4 Quando *mór risco* corre a paciencia. *Ibid., ibid.*
5 *Em nojo, morte,* dano *e* perdição. *Ibid., ibid.*

SONETO 108

1 *Pois ó Nymphas, cantai,* que claramente. Ed. 1698.

SONETO 109

1 Quando *passando* Silvio me dizia. Ed. 1616.
2 *Meris,* quando quizer o fado escuro. *Ibid.*
3 *E outro por meu dano* me matou. *Ibid.*

SONETO 110

1 De quem me queixarei *que* tudo mente. Ed. 1616.
Mas eu que culpa ponho ás esperanças. Ed. 1616.

SONETO 111

1 *Delgadas claras aguas* do Mondego. *Ibid.*
Claras e *doces* aguas do Mondego. Ms. de L. Franco.
2 Onde a comprida e *lubrica* esperança. Ed. 1616.
Adonde a falsa e perfida esperança. Ms. de L. Franco.
3 De vós me aparto, *e porém* não nego. Ed. 1616.
De vós me aparto, *mas porém* não nego. Ms. Jur.
4 Me não deixa *d'aqui* fazer mudança. Ms. de L. Franco.
5 Mas quanto mais me alongo *não me* achego. Ed. 1616.
6 *Não quero de meus males outra gloria*
Senão que lhe mostreis em vossas aguas
As dos olhos com que os seus se banhem.

Já póde ser que com minha memoria,
Vendo meus males, vendo minhas magoas,
As suas com as minhas acompanhem. Ms. de L. Franco.

SONETO 112

1 Elle que a bella *Pochris* tanto amava. Ed. 1616.
2 Mudado o trage, tece *o* duro engano. *Ibid.*
3 Oh *engenho sotil* para seu dano. *Ibid.*

SONETO 116

1 *Que as magoadas iras* me ensinaram
A não querer já nunca ser contente. Ed. 1616.

SONETO 117

1 Cuida que um nome vão a *desengana*. Ed. 1616 e 1685.

SONETO 118

1 Que *as do céo e as do monte as* enturbaram.
2 Os *campos florecidos* se seccaram. *Ibid.*
3 Passou *o* verão, *passou* o ardente estio. *Ibid.*
4 *Tem* o tempo *sua ordem* já sabida. *Ibid.*

SONETO 119

1 O regimento seu *está* encuberto. Ed. 1616.

SONETO 120

1 Convertido *chorou* seu grave dano. Ed. 1616.
2 E fazendo á sua dor illustre engano. *Ib.*

SONETO 121

1 *Que* posto que maior meu dano seja. *Ib.*

SONETO 124

1 Irei *por onde as sortes* ordenaram. *Ib.*
2 Pois por cima de quantas *me choraram*. *Ib.*
3 Com que a morte forçada *e* gloriosa. *Ib.*

SONETO 125

1 *O horrido Phiton brava serpente*
Matou, sendo das gentes tão temido. Ed. 1616.
2 *Polla* Nympha Penea andou perdido. *Ib.*
3 Não lhe póde valer *para* seu dano. *Ibid.*
4 *Sciencia*, diligencias, nem respeito
De ser alto, celeste e soberano. *Ib.*
5 *Se este nunca alcançou* nem um engano. *Ib.*

SONETO 126

1 Em christal *branco o preto* marchetado. Ed. 1616.

SONETO 127

1 E quer que cada huma hum só possua. Ed 1616.

2 *Assi* ornou de casto peito a lua. *Ib.*
3 *Ornamento do assento* cristalino. *Ib.*
4 Pallas de *discrição que imite* a tua. *Ib.*
5 *De valor Juno, só de* imperio digno. *Ib.*
6 Mas junto agora *o mesmo* céo derrama. *Ib.*
7 *Diana honestidade, e* graça Venus,
Pallas o aviso seu, Juno *a* nobreza. *Ib.*

SONETO 128

1 *Amor,* que da vida o nó desata. Ed. 1616.
2 *N'*ausencia que he *contr'*elle espada fera. *Ibid.*
3 Huma *he* razão contra a Fortuna austera. *Ibid.*
4 *Duas* n'um corpo o amor *ajunte* e una. *Ib.*
Porque assi leve triumphante a palma. *Ibid.*
Amor *da* morte, *apezar* da ausencia. *Ib.*

SONETO 129

1 Ornou *mui raro* esforço ao grande Atlante. Ed. 1616.
2 Honrou *seu alto* engenho *esse* que intenta. *Ib.*
3 Coroou *já o amor o firme amante*
Orpheo, *firme na paz* e na tormenta
Aspirou a ventura em tudo isenta. *Ib.*
4 *Tu exaltaste oh* fama a gloria alta
De *Ercoles, sobre* o monte em que resides. *Ib.*
5 Esforço, Engenho, Amor, *Ventura* e Fama. *Ib.*

SONETO 130

1 Coitado, que em *algum* tempo choro e rio,
Espero, temo, *o* quero e aborreço;
Juntamente me alegro e entristeço
De uma cousa confio e desconfio.
Avôo sem azas, estou cego e guio,
E no que valho mais menos mereço;
Calando dou vozes, calo e emmudeço
Nada me contradiz e eu aporfio.
Queria se ser podesse o impossivel,
Queria poder mudar-me e estar quedo,
Usar da liberdade e ser cativo;
Queria *que visto fosse, e* invisivel;
Queria desenredar-me, e mais me enredo,
Taes *são os extremos em que triste* vivo. Ed. 1616.

SONETO 131

1 E *dos tratos* humanos esquecido. Ed. 1616.

2 *Vão* revolvendo a terra, o mar e o vento
Buscam riquezas, *e honras*, a outra gente. *Ib.*
3 Que eu *só em humilde estado* me contento. Ed. 1616.

SONETO 132

1 *Que perde suas forças* a affeição. Ed. 1616.
Que perca suas forças a affeição. Ms. de Luiz Franco.
2 Porque não perca a pena o seu *rigor*. *Ib.*
3 *Pois* nunca houve *fraqueza* no querer. Ed. 1616. Ms. de Luiz Franco.
4 Mas a rasão que *altiva* vence emfim. Ms. de L. Franco.
Não creio que he razão, mas *hade* ser. 1616.

SONETO 133

1 Tal mostra *dá de si* vossa figura. Ed. 1616.
2 Quem *viu huma confiança* tão segura. *Ibid.*
3 Que não padeça *mais, se ter defeza*
Contra vossa gentil vista procura. *Ib.*
4 Eu pois por escusar *essa* esquivança. *Ib.*
5 *Que rendida* os sentidos lhe entregaram. *Ib.*
6 Nas reliquias da vida que *escaparam*. *Ib.*

SONETO 134

1 Mas esconder-se não pode aquella alteza. Ed. 1616.
2 Vendo-a, *ou* trazendo-a na memoria. *Ib.*

SONETO 135

1 *As forças lhe faltavam já e o alento,*
Amor lh'as refazia e renovava. Ed. 1616.
2 *Depois que viu que a alma* lhe faltava,
Não esmorece, mas no pensamento
(Que a lingoa já não pode) seu intento
Ao mar que lh'o cumprisse encommendava. Ed. 1616.
3 Que a d'Ero me *salves*, não me veja. Ed. 1616.
4 Este *meu* corpo *morto* lá o desvia. *Ib.*

SONETO 136

2 Te fez Deos, *santa* phenix, Virgem pura. Ms. de L. F.
3 No seu *santo* conceito te *gerou*. Ms. de Luiz Franco.
No seu *santo* conceito te formou. Ed. 1616.
4 Não sei se *direi n'isto* quanto baste. Ed. 1616.
Não sei se *direi muito* quanto baste. Ms. de L. Franco.
5 Para exprimir as *santas* qualidades. Ms. de Luiz Franco. Ed. 1616.
6 *Es madre, filha*, esposa, e se alcançaste. Ms. de L. F.

SONETO 137

1 Desce *dos altos ceos Deos uno e trino*
A encarnar na Virgem soberana;
Por que dece divino *em carne* humana?
Para subir humano a ser divino.
Pois como vem tão pobre e tão *benino*
Antre gente cruissima e tirana
A padecer crua morte e dor profana?
Por restaurar de Adam o desatino.
Pois como Adam e Eva o fruto comem
Que pelo proprio Deos lhe foi vedado?
Para que o proprio ser de deoses tomem.
E por *essa* razão foi *encarnado*
Na virgem pura? sy, porque *é forçado*
Que se humano quiz ser Deos, Deos seja homem. Ms. de Luiz Franco.
2 Porque desce divino *em* cousa humana? Ed. 1616.
3 *Que por seu proprio Deos lhe* foi vedado? Ed. 1616.

SONETO 138

1 Une-se *a carne nossa e fal·a* nobre. Ed. 1616.
2 Hoje subida fica a mór *alteza. Ib.*

SONETO 139

1 *Soffre-a* aquella immensa fortaleza. Ed. 1616.
2 Por *puro amor;* que a *humanal* fraqueza. Ms. de L. Franco. Ed. 1616.

SONETO 140

1 *Fortuna em mim guardando* o seu direito
2 Que culpa póde dar-me o *soffrimento.* Ed. 1668.

SONETO 141

1 *Passar o tempo que me descançastes*
E agora descançais *com* meus cuidados. Ed. 1668.
2 *Deixaste-me sentir os bens* passados
Para mór dor da dor que me ordenastes,
Então n'huma hora juntos m'os levastes. Ib.
3 *Ah quanto melhor fôra não vos vêr*
Gostos, que assi passais tão de corrida,
Que fico duvidoso se vos vi;
Sem vós já me não fica que perder,
Senão se for esta cançada vida,
Que por mór perda minha não perdi. Ed. 1668.

Soneto 142

1 E pois o quero ser, *como* não quero. Ed. 1668.
2 *Porque* me engano mais com desanganos. *Ibid.*
3 E se *ainda* espero mais *como* não vivo
Esperando algum bem de outros danos. Ed. 1668.

Soneto 143

1 *Engana-se quem busca ou* quem deseja
Em vão *a mór firmeza no contento,*
Que todo o seu prazer he nevoa ao vento,
Onde sempre o bem falta e o mal sobeja.
Anda minha alma cega, anda enganada,
A luz não busco nem me desangano,
Nem curo de razão, busco desejo,
Apoz hum não sei que, apoz hum nada,
Onde he certo o perigo, e certo o dano,
Que quanto mais me chego, menos vejo. Ed. 1668.

Soneto 151

1 Quem *presumir, Senhora,* de louvar-vos
Com *humano saber e não* divino,
Ficará de tamanha culpa dino
Quamanha ficais sendo em contemplar-vos.
Não pretenda ninguem de louvor dar-vos,
Por mais que *raro seja* e peregrino;
Que vossa formosura eu imagino,
Que Deos a elle só quiz comparar-vos.
Ditosa esta alma vossa, que quizeste
Em posse pôr de prenda tão subida.
Como, senhora, foi a que me destes.
Melhor a guardarei, que a propria vida;
Que por mercê tamanha me fizestes
De mi será jamais nunca esquecida. Ed. 1668.

Soneto 152

1 Que *com* tal fé podia assi perder-vos. *Ib.*
2 *E vir eu por amor* a aborrecer-vos
Que hei de fazer sem vós sómente hum'hora. *Ib.*
3 *Deixastes quem vos ama* e vos adora.
Tomastes quem quiça não sabe ver-vos,
Eu fui o que não soube merecer vos,
E tudo entendo, e choro triste agora. *Ibid..*

4 *Em mim viverá ella sempre* inteira,
E se para perder já a vida he tarde
A morte não fará que vos não queira. *Ibid.*

SONETO 153

1 Mil vezes desejando *A tal* ferida. Ed. 1668.
2 *Outra vez* renovar Seu perdimento. *Ib.*
3 Tão *extranha, tão doce,* Honrosa e alta. *Ib.*
4 Jurando não *seguir* Outra ventura *Ib.*
5 *Sem* ser no vosso amor Achado em falta. *Ib.*

SONETO 155

1 Que o sêr ao *claro* sol estão tirando. Ed. 1668.
2 Esse ar *tão peregrino em que cuidando. Ibid.*
3 Essa *fermosa* graça, em que fallando. *Ibid.*
4 *Essa beldade* em terra, tão subida. *Ib.*
5 *Amostre* piedade e não crueza. *Ibid.*
6 Em mim soffrimento, em vós dureza. *Ibid.*

SONETO 159

1 *Pues lagrimas tratais*, mis ojos tristes,
Y en lagrimas *pasais* la noche y dia,
Mirad si es *llanto este* que os envia
Aquella por quien vos tantas vertistes.
Sentid, mis ojos bien está que vistes;
Y si ella lo es, oh gran ventura mia!
Por muy bien empleadas *las habria*
Mil cuentos que por esta sola distes.
Mas *una* casa mucha deseada,
Aunque *se vea cierta, no* es creida,
Cuanto mas esta, que me es enviada.
Pero *digo, aunque sea* fingida,
Que basta *que* por lagrima *sea dada.*
Porque sea por lagrima tenida. Ed. 1668.

SONETO 160

1 Quado se vir com *a* agua o fogo arder,
E misturar co dia a noite escura,
E a terra *se vir n'aquella* altura
Em que se vêm os céos prevalecer;
O amor por rezão mandado ser,
E a todos *ser* igual *nossa* ventura,
Com tal mudança vossa fermosura
Então a poderei deixar de ver.

Porém não sendo vista esta mudança
No mundo (como claro está não ver-se)
Não se espere de mim deixar de ver-vos :
Que basta estar em vós minha esperança
O ganho de minha alma, *e o* perder-se,
Para não deixar nunca de querer-vos. Ed. 1668.

Soneto 162

1 *Quem do paterno* ninho vos desterra. Ed. 1668.
2 Ver brenhas de *agua e o mar feito* em serra *Ib.*
3 Que *seja mór que* aquella que esperardes. *Ib.*
4 E só *n'esta* verdade ide segura,
Que *ficam* mais saudades com *partirdes*
Do que *breves* desejos *de* chegardes. *Ib.*

Soneto 170

1 Olhos, *aonde o Ceo com luz mais pura*
Quiz dar de seu poder *claros* signais,
Se quizerdes ver bem quanto possais,
Vêde-me a mi que sou vossa feitura.
Em mi viva vereis vossa figura
Mais propria que em purissimos crystais
Porque n'esta alma he certo que vejais
Melhor que em hum crystal tal formosura.
De *meu* não quero mais que o meu desejo,
Se acaso por querer-vos mais mereço,
Porque o vosso *poder* em mi se asselle.
Do mundo outra memoria em mi não vejo:
Com lembrar-me de vós, d'elle me esqueço,
Com triumphardes de mi, triumpharei d'elle. Ed. 1685.

Soneto 172

1 Quem não *deixará nunca* de querer-te. Ed. 1668.
Hum que não *deixou nunca* de querer-te. Ms. de L. F.
2 *Ah Ninfa minha, já não posso* ver-te
Tão asinha esta vida desprezaste. Ed. 1668. Ms. de Luiz Franco.
3 *Como já para sempre* te apartaste. *Ib. Ib.*
4 Poderam estas *ondas* defender-te. *Ib. ib.*
5 Nem falar-te sómente a dura morte. *Ib. Ib.*
6 Me deixou *que tão cedo* o negro manto
Em teus olhos deitado consentiste. Ed. 1668.

Consentiu que tão cedo o negro manto
Em teus olhos deitado consentiste. Ms. de L. Franco.
7 *Que pena sentirei*, que valha tanto
Que inda tenha por pouco viver triste. Ed. 1668.

SONETO 173

1 Oh rigorosa ausencia *receada*. Ed. 1668.
2 Tendes vossa *aspereza* em minha vida. Ed. 1668.
3 *Tanto que temo já* que opprimida. Ed. 1668.
4 Sejais com ella *mui cedo* acabada. Ed. 1668.
5 As noites *em* cuidados as desconto. *Ibid.*

SONETO 174

1 *Senhora, se de vosso* lindo gesto. Ms. de Luiz Franco.
2 *Que* vossa formosura e vulto honesto. *Ib.*
3 Não vira em vós seu damno *e* mal funesto. *Ibid.*
4 Em mil *venci* diversas phantasias. *Ibid.*
5 Nas quaes eu sempre *cuido que* sempre sonho. *Ibid.*
6 E*m o qual* fundais vossas alegrias. *Ibid.*

SONETO 178

1 *Vida póde esperar esta cativa*. Ed. 1668.
2 *Vida que a vossos pés morta se deita. Ib.*
3 Mas quanto *de vós vê quanto suspeita*
Estorvos são para que mais não viva,
E para maior mal a sorte esquiva
Vendo que me engeitais tambem me engeita. Ed. 1668.
4 *A vida tão cercada de* tristeza. Ed. 1668.
5 Pois ella não *o faz por* piedade
Que tenha *do* meu mal, mas porque em mim
Vivendo farteis vós crueldade. Ib.

SONETO 182

1 *Não me deixes morrer* em tal estado. Ed. 1668.
2 *Mas se tambem de tudo está ordenado*
Viver (como se vê) tão descontente,
Venha, (*se vier*) o bem por accidente,
E dê a morte fim a meu cuidado.
Que muito melhor he perder a vida. *Ib.*
3 Pois tanto dano fazem ao pensamento.
Assi que nada perde quem perdida
A esperança *traz de sua* gloria
Se esta vida ha de ser sempre em tormento. *Ib.*

Soneto 183

1 Em que todo o meu bem *já* consistia. Ed. 1668.

Soneto 184

1 Em *huns tão longos dias* de tormento. Ed. 1668.
Em tão compridos *dias* de tormento. Bernardes, e Ms. Jur.
Em *vagarosos* annos de tormento. Glosa de Fernão Alvares d'Oriente.
2 *Aquellas* torres que fundei *no* vento. Bernardes e Fernão Alvares.
Os meus castellos que fundei no vento. Ms. Jur.
As minhas torres que fundei no vento. *Ibid.*
3 *O vento as levou* que as sostinha. Ed. 1668.
O vento as levou pois que as sostinha. Ms. Jur.
O vento as levou já que as sostinha.
O vento m'as levou, que m'as sostinha. Ms. Jur.
4 Amor com *falsas* mostras apparece. Ed. 1668.
5 *O grande engano e grande* desventura. F. Alvares.
Ó grande mal, estranha desventura. Ms. Jur.
Eu o quiz, pois o quiz minha ventura. Ed. 1668.
6 Por um *breve gosto que logo* falece. Ms. Jur.
Que *gemendo* e chorando conhece. Ed. 1668.
7 *Aventurar hum bem* que sempre dura. Fernão Alvares.
Quão fugitivo elle he, quão pouco dura. Ed. 1668.

Soneto 188

1 Si detener *viesse* solo un dia
Mi pecho librarian de tormento. Ed. 1668.
2 *Pues de* tan amoroso sentimiento. Ed. 1668.
3 *O assi el* accidente creceria
Que la vida acabasse en un momento. Ed. 1668.
4 O si tu esquivez *lo* permetiese
Que en presencia de tu semblante hermoso
A manos de tus ojos *me* muriese. Ed. 1668.
5 O si los *destruyese* quan dichoso. Ed. 1668.
6 *Cobrar ellos la vida y el* reposo. *Ibid.*

Soneto 191

1 *Sinó que desamor se* apresurase
Con un tan *deshumano* accidente. Ed. 1668.
2 *Mi alma no resiste ni consiente*
Que el *amoroso* curso se atajasse

Porque nunca *jamás* se exprimentase
Que muera a desamor quien amor siente. Ed. 1668.
3 *Como vuestra hermosura me* ordenaron
Impossible crueldad jamas oida. Ed. 1668.
4 Aquel *fiero* desden y la amorosa. *Ibid.*
5 Con dos *muertes contrarias* una vida. *Ibid.*

Soneto 194

1 Agora *estais* de amores inflamadas. Ed. 1668.

Soneto 199

1 Amor, Fortuna, Ar, Fogo e Agoa. Ed. 1668.

Soneto 213

1 Mas quando *o* Oceano *ao* carro *desce.* Ed. 1668.
2 Mostrando-lhe esse *rostro* que dá vida. Ed. 1668.

Soneto 217

1 Abrir *se deve* passos á ventura. Ed. 1616.

Soneto 219

1 Se grão gloria me vem de olhar-te. Ed. 1616.
2 *Grão pago de* engano he desejar-te. *Ib.*
3 *Se quero* porquem és *louvar-te. Ib.*
4 Sei certo porquem sou offender-te. *Ib.*
5 Porque amor tão raro *sempre fere. Ib.*
6 *Que quer mais a alma que te serve. Ib.*
7 Scrita estarás *em minha* memoria. *Ib.*
8 E *a* alma viverá *que* por ti morre. *Ib.*
9 *Que* ao fim da batalha he a victoria. *Ib.*
6 a 9 Extremos são de amor os que padeço,
Ó humano thesouro, ó doce gloria
E se cuido que acabo, então começo.
Assim te trago sempre na memoria;
Nem sei se vivo ou morro, mas conheço
Que ao fim da batalha he a victoria. Ed. 1616.

Soneto 236

1 N'ellas *envolvo* agora erros passados. Bernardes.

Soneto 253

1 Ayudame, Señora, *a ter* venganza. Ed. 1685.

Soneto 256

1 La beldad desposada deste *suelo.* Ed. 1685.
2 La madre es la soberba, el *nido* el zelo. *Ib.*

Soneto 265

1 E da *luna* que ante ella luz não tinha. Ed. 1685.

SONETO 266

1 Imagens *novas* imprime a phantasia,
Discursos *grandes* cria o *entendimento*,
Extremos diversos correm o pensamento
Cuidados de cem annos *e um* só dia.
Se tivessem fim, *grande* bem seria
Responder a esperança ao fundamento;
Mas *os fados* não *correm* tão a tento,
Que *guarde* a razão sua valia.
O caso e *a* fortuna podem *errar*
Sem ordem por accidente *da* victoria,
E o louvor da fama vã he falsa historia.
Excede ao *vencer o* determinar,
A constancia *da ventura se deve* gloria;
O animo livre he *dino* de memoria. Ms. de L. Franco.

SONETO 285

1 *Abrandar podem um coração* duro. Ms. de L. F.
2 Porque as minhas que nascem de *hum* amor puro. *Ib.*
3 *Vos não movem, Senhora, a* piedade. *Ibid.*
4 *Pois por vós perdi a* liberdade,
E *da vida não estou ainda* seguro,
Rompei *de desamor* o forte muro
Não useis de vossa crueldade.
A males nunca vistos dai já fim,
E não queirais ser, sendo formosa,
Havida por cruel e homicida.
Para vós, vos queria eu piedosa,
E de nunca serdes para mim,
A esperança tenho já perdida. Ms. de Luiz Franco.

INDICE

SONETOS

Bibliotheca da ACTUALIDADE

N.º 2

OBRAS COMPLETAS

DE

LUIZ DE CAMÕES

OBRAS COMPLETAS

DE

LUIZ DE CAMÕES

EDIÇÃO CRITICA

Com as mais notaveis variantes

TOMO I

PARNASO DE LUIZ DE CAMÕES

Volume 2.º — Canções, Sextinas e Odes

PORTO

IMPRENSA PORTUGUEZA — EDITORA

1874

Importa, antes de entrar na reproducção do texto de Camões, declarar qual é a lição que seguimos; sobre o conhecimento da lição preferida é que assenta o estudo das poesias. Faria e Sousa, tendo encontrado differentes manuscriptos de Camões tanto em Portugal como em Hespanha, corrigiu por elles o texto dos editores que o precederam, desprezando comtudo as variantes, que interessam sempre para a critica philologica. Desde Faria e Sousa até hoje,

as lições adoptadas por elle foram sempre seguidas nas trez edições criticas que se lhe seguiram, do Padre Thomaz José de Aquino, Barreto Feio e Visconde de Juromenha. Diz o Padre Thomaz de Aquino: «preferimos os exemplares da edição de Manoel de Faria e Sousa, *não só como mais certos, senão tambem como mais bem ordenados, e por elles regulámos esta nossa*». (p. LXXIV, de t. I.) Barreto Feio seguiu, ou antes reproduziu, a edição do Padre Thomaz de Aquino, mas sem o confessar. O snr. Visconde de Juromenha adoptou o texto de Faria e Sousa: «e assim preferimos dar-lhe a edição de Manoel de Faria e Sousa, reproduzida por Thomaz de Aquino e retocada aqui ou acolá pelos eruditos editores da edição de 1834...» Tal é a lição do texto camoniano hoje. Agora que se

começa a ligar interesse pelas *variantes* dos differentes collectores, e que se põem ao alcance do leitor os subsidios indispensaveis para fazer essa urgente critica, é de esperar que mais tarde se estabeleça um *texto definitivo.*

PARNASO

DE

LUIZ DE CAMÕES

CANÇÕES

COLLIGIDAS E REVISTAS PELO LICENCIADO FERNÃO RODRIGUES LOBO SOROPITA, EM 1595

CANÇÃO I

Formosa e gentil dama, quando vejo
A testa d'ouro e neve, o lindo aspeito,
A bocca graciosa, o riso honesto,
O collo de crystal, o branco peito, [1]
De meu não quero mais que meu desejo,
Nem mais de vós, que vêr tão lindo gesto.
Alli me manifesto
Por vosso a Deos e ao mundo; alli m'inflamo
Nas lagrimas que chóro;
E de mi, que vos amo,
Em vêr que soube amar-vos me namóro;
E fico por mi só perdido de arte, [2]
Qu'hei ciumes de mi por vossa parte.
  Se por ventura vivo descontente
Por fraqueza d'esprito, padecendo

A doce pena que entender não sei,
Fujo de mi, e acolho-me correndo
A' vossa vista; e fico tão contente,
Que zombo dos tormentos que passei.
De quem me queixarei,
Se vós me dais a vida d'este geito
Nos males que padeço,
Senão de meu sogeito,
Que não cabe com bem de tanto preço?
Mas inda isto de mi cuidar não posso, [3]
D'estar muito soberbo com ser vosso.
  Se por algum acêrto Amor vos erra
Por parte do desejo, commettendo [4]
Algum nefando e torpe desatino; [5]
E s'inda mais que vêr, emfim, pretendo;
Fraquezas são do corpo, qu'he de terra,
Mas não do pensamento, qu'he divino.
Se tão alto imagino
Que de vista me perco, ou pecco n'isto, [6]
Desculpa-me o que vejo.
Porém como resisto [7]
Contra um tão atrevido e vão desejo, [8]
Faço-me forte em vossa vista pura,
Armando-me da vossa formosura. [9]
  Das delicadas sobrancelhas pretas
Os arcos com que fere Amor tomou,
E fez a linda corda dos cabellos:
E porque de vós tudo lhe quadrou,
Dos raios d'esses olhos fez as settas
Com que fere quem alça os seus a vêl-os.
Olhos que são tão bellos
Dão armas de vantagem ao Amor,

Com que as almas destrue.
Porém se é grande a dor
Com a alteza do mal a restitue;
E as armas com que mata são de sorte,
Que ainda lhe ficais devendo a morte.
  Lagrimas e suspiros, pensamentos,
Quem d'elles se queixar, formosa dama,
Mimoso está do mal que por vós sente.
Qual bem maior deseja quem vos ama, [10]
Que estar desabafando seus tormentos,
Chorando, imaginando docemente?
Quem vive descontente
Não ha de dar allívio a seu desgôsto,
Porque se lhe agradeça;
Mas com alegre rôsto
Soffra seus males, para que os mereça:
Que quem do mal se queixa, que padece,
O faz porqu'esta gloria não conhece. [11]
  De modo que se cae o pensamento
Em alguma fraqueza, de contente, [12]
He porqu'este segredo não conheço.
Assi que com razões não tam sómente
Desculpo a o Amor de meu tormento,
Mas inda a culpa sua lh'agradeço.
Por esta fé mereço
A graça que esses olhos acompanha,
E o bem do doce riso. [13]
Mas ah! que não se ganha [14]
Com hum paraiso, outro paraiso.
E d'enleada assi minha esperança [15]
Se satizfaz co'o bem que não alcança.

Se com razões escuso meu remedio,
Sabe, Canção, que só porque o não vejo, [16]
Engano com palavras o desejo.

CANÇÃO II

A instabilidade da fortuna,
Os enganos suaves d'Amor cego,
(Suaves, se duraram longamente)
Direi, por dar á vida algum socêgo;
Que pois a grave pena m'importuna,
Importune meu canto a toda gente.
E se o passado bem co'o mal presente
M'endurecer a voz no peito frio; [1]
O grande desvario
Dará de minha pena sinal certo; [2]
Que um erro em tantos erros é concêrto. [3]
E pois n'esta verdade me confio,
(Se verdade se achar no mal que digo)
Saiba o mundo d'Amor o desengano, [4]
Que já com a razão se fez amigo,
Só por não deixar culpa sem castigo.
Já Amor fez leis, sem ter commigo alguma;
Já se tornou de cego razoado, [5]
Só por usar commigo semrazões.
E se em alguma cousa o tenho errado, [6]
Com siso grande dôr não vi nenhuma: [7]
Nem elle deu sem erros affeições.
Mas, por usar de suas isenções,
Buscou fingidas causas de matar-me: [8]

Que para derribar-me
A este abysmo infernal de meu tormento, [9]
Nunca soberbo foi meu pensamento, [10]
Nem pretendeu mais alto levantar-me
D'aquillo que elle quiz; e s'elle ordena
Qu'eu pague seu ousado atrevimento, [11]
Saibam que o mesmo Amor, que me condena,
Me fez cahir na culpa e mais na pena.
 Os olhos, que eu adoro, aquelle dia
Que desceram ao baixo pensamento,
N'alma os aposentei suavemente;
E pretendendo mais, como avarento,
O coração lhe dei por iguaria,
Que a meu mandado tinha obediente. [12]
Mas, como lhes esteve alli presente, [13]
E entenderam o fim do meu desejo, [14]
Ou por outro despejo,
Que a lingua descobriu por desvario,
Morto de sêde estou posto em um rio, [15]
Onde de meu servir o fructo vejo;
Mas logo se alça se a colhel-o venho, [16]
E foge-me a agua se em beber porfio. [17]
Assi que em fome e sêde me mantenho:
Não tem Tantalo a pena que eu sostenho.
 Despois que aquella, em quem minh'alma vive,
Quiz alcançar o baixo atrevimento,
Debaixo d'este engano a alcancei; [18]
A nuvem do contino pensamento
M'a figurou nos braços, e assi tive
Sonhando, o que acordado desejei.
E porque a meu desejo me gabei [19]
De conseguir um bem de tanto preço;

Além do que padeço,
Atado em uma roda estou penando,
Que em mil mudanças me anda rodeando;
Onde, se a algum bem subo, logo deço.
E assi ganho, e assi perco a confiança; [20]
E assi de mi fugindo 'traz mim ando;
E assi me tem atado uma vingança,
Como Ixião, tão firme na mudança.
  Quando a vista suave e inhumana
Meu humano desejo, de atrevido,
Commetteu, sem saber o que fazia,
(Que da sua belleza foi nascido
O cego moço, que com setta insana
O peccado vingou d'esta ousadia)
Afóra este penar, que eu merecia, [21]
Me deu outra maneira de tormento:
Que nunca o pensamento, [22]
Voando sempre d'uma a outra parte, [23]
D'estas entranhas tristes bem se farte,
Imaginando como o famulento,
Que come mais e a fome vae crescendo,
Porque de atormentar-me não se aparte.
Assi que para a pena estou vivendo:
Sou outro novo Ticio, e não m'entendo.
  De vontades alheias, qu'eu roubava, [24]
E que enganosamente recolhia
Em meu fingido peito, me mantinha.
O engano de maneira lhes fingia, [25]
Que despois que a meu mando as sobjugava, [26]
Com amor as matava, qu'eu não tinha.
Porém logo o castigo que convinha
O vingativo Amor me fez sentir,

Fazendo-me subir
Ao monte da aspereza que em vós vejo,
Co'o pezado penedo do desejo,
Que do cume do bem me vae cahir:
Torno a subil-o ao desejado assento; [27]
Torna a cahir-me: em vão, em fim pelejo. [28]
Sisypho, não te espantes d'este alento, [29]
Que ás costas o subi do soffrimento.
Dest'arte o summo bem se m'offerece
Ao faminto desejo, porque sinta
A perda de perdêl-o mais penosa.
Bem como o avaro, a quem o sonho pinta [30]
O achado d'hum thesouro, onde enriquece,
E farta a sua sêde cobiçosa; [31]
E acordando, com furia pressurosa [32]
Vae o sítio cavar com que sonhava;
Mas tudo o que buscava
Lhe converte em carvão a desventura;
Alli sua cobiça mais se apura,
Por lhe faltar aquillo que esperava:
O Amor assi me faz perder o siso. [33]
Porque aquelles que estão na noite escura
Não sentiriam tanto o triste abisso, [34]
Se ignorassem o bem do paraisso: [35]
Canção, não mais; que já não sei que diga: [36]
Mas, porque a dôr me seja menos forte,
Diga o pregão a causa d'esta morte.

CANÇÃO III

Já a rôxa manhã clara
As portas do Oriente vinha abrindo; [1]
Os montes descobrindo
A negra escuridão da luz avara.
O sol, que nunca pára,
Da sua alegre vista saudoso, [2]
'Traz ella pressuroso
Nos cavallos cansados do trabalho,
Que respiram nas hervas fresco orvalho,
S'estende claro, alegre e luminoso.
Os passaros voando,
De raminho em raminho vão saltando; [3]
E com suave e doce melodia
O claro dia estão manifestando.
  A manhã bella, amena,
Seu rosto descobrindo, a espessura
Se cobre de verdura
Clara, suave, angelica, serena. [4]
Oh deleitosa pena!
Oh effeito de Amor alto e potente! [5]
Pois permitte e consente
Que, ou d'onde quer qu'eu ande, ou dond'esteja,
O seraphico gesto sempre veja,
Por quem de viver triste sou contente.
Mas tu, Aurora pura,
De tanto bem dá graças á ventura,
Pois as foi pôr em ti tão excellentes, [6]
Que representes tanta formosura.
  A luz suave e leda
A meus olhos me mostra por quem mouro,

Com os cabellos d'ouro, [7]
Que nenhum ouro iguala, se os remeda. [8]
Esta a luz he que arreda
A negra escuridão do sentimento
Ao doce pensamento;
Os orvalhos das flôres delicadas
São nos meus olhos lagrimas cansadas,
Que eu chóro co'o prazer de meu tormento;
Os passaros que cantam,
Meus espiritos são, que a voz levantam, [9]
Manifestando o gesto peregrino
Com tão divino som, que o mundo espantam.
  Assi como acontece
A quem a cara vida está perdendo,
Que em quanto vae morrendo,
Alguma visão santa lhe apparece;
A mim em quem fallece
A vida, que sois vós, minha Senhora,
A est'alma, que'em vós mora
(Em quanto da prisão s'está apartando)
Vos estaes justamente apresentando
Em fórma de formosa e rôxa Aurora.
Oh ditosa partida!
Oh gloria soberana, alta e subida!
Se me não impedir o meu desejo;
Porque o que vejo, emfim, me torna a vida.
  Porém a natureza,
Que n'esta pura vista se mantinha,
Me falta tão asinha,
Como o sol faltar sóe á redondeza. [10]
Se houverdes que he fraqueza
Morrer em tão penoso e triste estado,

Amor será culpado,
Ou vós, onde elle vive tão isento,
Que causastes tão largo apartamento, [11]
Porque perdesse a vida co'o cuidado.
Que se viver não posso,
Homem formado só de carne e osso, [12]
Esta vida que perco, Amor m'a deu;
Que não sou meu: se morro, o dano é vosso. [13]
  Canção de cysne, feita em hora extrema, [14]
Na dura pedra fria
Da memoria te deixo em companhia
Do letreiro da minha sepultura;
Que a sombra escura já me impede o dia. [15]

CANÇÃO IV

Vão as serenas aguas
Do Mondego descendo,
E mansamente até o mar não param; [1]
Por onde as minhas magoas [2]
Pouco a pouco crescendo,
Para nunca acabar se começaram.
Alli se me mostraram [3]
N'este logar ameno,
Em que inda agora mouro,
Testa de neve e d'ouro, [4]
Riso brando e suave; olhar sereno;
Hum gesto delicado,
Que sempre n'alma m'estará pintado.

N'esta florida terra,
Leda, fresca e serena,
Ledo e contente para mi vivia;
Em paz com minha guerra,
Glorioso co'a pena [5]
Que de tão bellos olhos procedia.
D'hum dia em outro dia, [6]
O esperar m'enganava:
Tempo longo passei; [7]
Com a vida folguei,
Só porque em bem tamanho s'empregava. [8]
Mas que me presta já,
Que tão formosos olhos não os ha?
Oh quem me alli dissera
Que de Amor tão profundo
O fim pudesse vêr eu algum'hora! [9]
E quem cuidar pudera
Que houvesse ahi no mundo
Apartar-me eu de vós, minha Senhora!
Para que desde agora,
Já perdida a esperança, [10]
Visse o vão pensamento
Desfeito em hum momento,
Sem me poder ficar mais que a lembrança;
Que sempre estará firme
Até no derradeiro despedir-me. [11]
Mas a mór alegria
Que d'aqui levar posso,
E com que defender-me triste espero, [12]
E' que nunca sentia
No tempo que fui vosso,
Quererdes-me vós quanto vos eu quero.
*

Porque o tormento fero
De vosso apartamento,
Não vos dará tal pena
Como a que me condena;
Que mais sentirei vosso sentimento,
Que o que a minh'alma sente.
Morra eu, Senhora; e vós ficae contente.
  Tu, Canção, estarás [13]
Agora acompanhando
Por estes campos estas claras aguas;
E por mi ficarás
Com chôro suspirando; [14]
Porque, ao mundo dizendo tantas magoas,
Como huma larga historia
Minhas lagrimas fiquem por memoria.

CANÇÃO V

Se este meu pensamento,
Como é doce e suave,
D'alma pudesse vir gritando fóra; [1]
Mostrando seu tormento
Cruel, aspero e grave, [2]
Diante de vós só, minha Senhora;
Podera ser que agora
O vosso peito duro
Tornára manso e brando.
E então eu, que sempre ando [3]
Passaro solitario, humilde e escuro, [4]
Tornado hum cysne puro,

Brando e sonoro, por o ár voando, [5]
Com canto manifesto
Pintára a minha pena e o vosso gesto. [6]
  Pintára os olhos bellos [7]
Que trazem nas meninas
O menino que os seus n'elles cegou:
Os dourados cabellos [8]
Em tranças d'ouro finas,
A quem o sol os raios seus baixou; [9]
A testa que ordenou
Natura tão formosa;
O bem proporcionado
Nariz, lindo, afilado,
Que cada parte têm da fresca rosa; [10]
A bocca graciosa,
Que o querêl-a louvar he já 'scusado. [11]
Emfim, he hum thesouro;
Perolas dentes, e palavras ouro.
  Vira-se claramente,
(Oh dama delicada!)
Que em vós s'esmerou mais a natureza. [12]
Mas eu, de gente em gente, [13]
Trouxera trasladada
Em meu tormento vossa gentileza;
E sómente a aspereza [14]
De vossa condição,
Senhora, não dissera,
Porque se não soubera
Que em vós podia haver algum senão. [15]
E se alguem, com razão,
— Porque morres? dissesse, respondera:

Morro, porque é tão bella,
Que inda não sou para morrer por ella.
E quando, por ventura, [16]
Dama, vos offendesse,
Escrevendo de vós o que não sento,
E vossa formosura
Tanto á terra descesse, [17]
Que a alcançasse humano entendimento; [18]
Seria o fundamento
De tudo o que eu cantasse, [19]
Todo de puro amor;
Porque o vosso louvor
Em figura de magoas se mostrasse.
E aonde se julgasse
A causa por o effeito, a minha dôr [20]
Diria alli sem medo:
Quem me sentir verá de quem procedo.
Logo então mostraria [21]
Os olhos saudosos,
E o suspirar que traz a alma comsigo; [22]
A fingida alegria;
Os passos vagarosos;
O fallar e esquecer-me do que digo;
Hum pelejar commigo, [23]
E logo desculpar-me;
Hum recear ousando;
Andar meu bem buscando,
E de o poder achar acovardar-me; [24]
E, emfim, averiguar-me [25]
Que o fim de tudo quanto estou fallando,
São lagrimas e amores; [26]
São vossas isenções e minhas dores.

Mas quem terá, Senhora,
Palavras com qu'iguale [27]
Com vossa formosura a minha pena;
E em doce voz de fóra [28]
Aquella gloria falle
Que dentro na minh'alma Amor ordena?
Não póde tão pequena
Fôrça d'engenho humano
Com carga tão pesada,
Se não fôr ajudada
D'hum piedoso olhar, d'hum doce engano,
Que fazendo-me o dano [29]
Vão deleitoso e a dôr tão moderada, [30]
Emfim se convertesse
No gosto dos louvores qu'escrevesse.
Canção, não digas mais; e se teus versos [31]
A' pena vêm pequenos,
Não queiram de ti mais; que dirás menos.

CANÇÃO VI

Com força desusada
Aquenta o fogo eterno
Huma Ilha nas partes do Oriente, [1]
D'extranhos habitada,
Aonde o duro inverno
Os campos reverdece alegremente. [2]
A lusitana Gente
Por armas sanguinosas [3]
Têm d'ella o senhorio.

Cercada está d'hum rio
De maritimas aguas saudosas.
Das hervas que aqui nascem,
Os gados juntamente e os olhos pascem.
 Aqui minha ventura
Quiz que huma grande parte [4]
Da vida, que eu não tinha, se passasse;
Para que a sepultura
Nas mãos do fero Marte
De sangue e de lembranças matizasse.
Se Amor determinasse
Que a troco d'esta vida,
De mi qualquer memoria
Ficasse como historia,
Que d'huns formosos olhos fosse lida; [5]
A vida e a alegria
Por tão doce memoria trocaria.
 Mas este fingimento,
Por minha dura sorte,
Com falsas esperanças me convida.
Não cuide o pensamento
Que póde achar na morte
O que não pôde achar tão longa vida. [6]
Está já tão perdida
A minha confiança,
Que de desesperado,
Em vêr meu triste estado,
Tambem da morte perco a esperança.
Mas oh! que se algum dia
Desesperar pudesse, viveria.
 De quanto tenho visto
Já agora não m'espanto,

Que até desesperar se me defende.
Outrem foi causa d'isto,
Pois eu nunca fui tanto [7]
Que causasse este fogo que m'encende.
Se cuidam que m'offende
Temor d'esquecimento,
Oxalá meu perigo
Me fôra tão amigo,
Que algum temor deixára ao pensamento!
Quem viu tamanho enleio,
Que houvesse ahi 'sperança sem receio?
  Quem tem que perder possa,
Só póde recear; [8]
Mas triste quem não póde já perder!
Senhora, a culpa he vossa,
Que para me matar
Bastára hum'hora só de vos não vêr.
Puzestes-me em poder
De falsas esperanças:
E do que mais m'espanto,
Que nunca vali tanto,
Que visse tanto bem, como esquivanças.
Valia tão pequena
Não pode merecer tão doce pena.
  Houve-se Amor commigo
Tão brando, ou pouco irado, [9]
Quanto agora em meus males se conhece. [10]
Que não ha mór castigo
Para quem tem errado,
Que negar-lhe o castigo que merece.
Da sórte que acontece [11]
Ao misero doente, [12]

Da cura despedido,
Que o medico advertido [13]
Tudo quando deseja lhe consente;
O Amor me consentia [14]
Esperanças, desejos e ousadia.
  E agora venho a dar
Conta do bem passado
A esta triste vida e longa ausencia.
Quem póde imaginar [15]
Que houvesse em mi peccado
Digno d'huma tão grave penitencia?
Olhae que he consciencia
Por tão pequeno erro,
Senhora, tanta pena.
Não vêdes que he onzena?
Mas se tão longo e misero desterro
Vos dá contentamento,
Nunca m'acabe n'elle o meu tormento. [16]
  Rio formoso e claro,
E vós, oh arvoredos,
Que os justos vencedores coroaes,
E ao cultor avaro,
Continuamente ledos,
D'hum tronco só diversos fructos daes;
Assim nunca sintaes
Do tempo injuria alguma,
Qu'em vós achem abrigo
As magoas que aqui digo,
Em quanto der o sol virtude á lua;
Porque de gente em gente
Saibam que já não mata a vida ausente.

Canção, n'este desterro viverás,
Voz nua e descoberta,
Até que o tempo em ecco te converta.

CANÇÃO VII

Manda-me Amor que cante docemente
O qu'elle já em minh'alma tem impresso,
Com presupposto de desabafar-me;
E porque com meu mal seja contente,
Diz que o ser de tão lindos olhos preso,
Cantal-o bastaria a contentar-me.
Este excellente modo de enganar-me
Tomára eu só d'Amor por interesse, [1]
Se não s'arrependesse,
Com a pena o engenho escurecendo.
Porém a mais me atrevo,
Em virtude do gesto de que escrevo,
E se he mais o que canto que o que entendo,
Invoco o lindo aspeito,
Que póde mais que Amor, em meu defeito.
Sem conhecer a Amor viver sohia,
Seu arco e seus enganos desprezando,
Quando vivendo d'elles me mantinha.
Hum Amor enganoso, que fingia, [2]
Mil vontades alheias enganando,
Me fazia zombar de quem o tinha.
No Touro entrava Phebo, e Progne vinha;
O corno de Acheloo Flora entornava;
Quando o Amor soltava

Os fios d'ouro, as tranças encrespadas.
Ao doce vento esquivas;
Os olhos rutilando chammas vivas;
E as rosas entre a neve semeadas;
Co'o riso tão galante,
Que hum peito desfizera de diamante.
Hum não sei que suave respirando,
Causava hum admiravel, novo espanto, [3]
Que as cousas insensiveis o sentiam.
Alli as garrulas aves, levantando [4]
Vozes não ordinarias em seu canto,
Como eu no meu desejo, s'encendiam.
As fontes crystallinas não corriam,
De inflammadas na vista linda e pura; [5]
Florecia a verdura,
Que andando co'os divinos pés tocava;
Os ramos se baixavam, [6]
Ou d'inveja das hervas que pisavam,
Ou porque tudo ant'ella se baixava.
Não houve cousa, emfim,
Que não pasmasse d'ella, e eu de mim.
Porque quando vi dar entendimento
Ás cousas que o não tinham, o temor
Me fez cuidar que effeito em mi faria.
Conheci-me não ter conhecimento:
Porém só n'isto o tive, porque Amor [7]
M'o deixou para vêr o que podia.
Tanta vingança Amor de mi queria,
Que mudava a humana natureza
Nos montes, e a dureza
D'elles em mi por trôco traspassava. [8]
Oh que gentil partido,

Trocar o sêr do monte sem sentido,
Por o qu'em hum juizo humano estava! [9]
Olhae que doce engano!
Tirar commum proveito de meu dano.
  Assi que indo perdendo o sentimento
A parte racional, m'entristecia
Vêl-a a hum appetite submettida.
Mas dentro n'alma o fim do pensamento,
Por tão sublime causa, me dizia
Qu'era razão ser a razão vencida.
Assi que quando a via ser perdida,
A mesma perdição a restaurava:
E em mansa paz estava
Cada hum com seu contrario em hum sogeito.
Oh grão concêrto este!
Quem será que não julgue por celeste
A causa d'onde vem tamanho effeito,
Que faz n'hum coração
Que venha o appetite a ser razão?
  Aqui senti d'Amor a mór fineza,
Como foi vêr sentir o insensivel,
E o vêr a mi de mi proprio perder-me:
E, 'emfim, senti negar-se a natureza;
Por onde cri que tudo era possivel
Aos lindos olhos seus, senão querer-me.
Despois que já senti desfallecer-me,
Em logar do sentido que perdia,
Não sei quem m'escrevia
Dentro n'alma co'as letras da memoria
O mais d'este processo,
Co'o claro gesto juntamente impresso,
Que foi a causa de tão longa historia.

Se bem a declarei,
Eu não a escrevo, d'alma a trasladei.
  Canção, se quem te lêr
Não crêr dos olhos lindos o que dizes,
Por o que a si s'esconde; [11]
Os sentidos humanos (lhe responde)
Não podem dos divinos ser juizes, [12]
Senão hum pensamento
Que a falta suppra a fé do entendimento.

1.ª Variante, da edição de 1616

Manda-me Amor que cante o qu'a alma sente,
Caso que nunca em verso foi cantado,
Nem d'antes entre a gente acontecido.
Assi me paga em parte o meu cuidado;
Pois que quer que me louve e represente
Quão bem soube no mundo ser perdido.
Sou parte, e não serei da gente crido:
Mas he tamanho o gostó de louvar-me,
E de manifestar-me
Por captivo de gesto tão formoso,
Que todo o impedimento
Rompe e desfaz a gloria do tormento
Peregrino, suave e deleitoso;
Que bem sei que o que canto
Ha de achar menos credito que espanto.
  Eu vivia do cego Amor isento,
Porém tão inclinado a viver preso,
Que me dava desgôsto a liberdade.
Hum natural desejo tinha acceso
D'algum ditoso e doce pensamento,
Que m'illustrasse a insana mocidade.

Tornava do anno já a primeira idade;
A revestida terra s'alegrava,
Quando o Amor me mostrava
De fios d'ouro as tranças desatadas
Ao doce vento estivo;
Os olhos rutilando lume vivo,
As rosas entre a neve semeadas;
O gesto grave e ledo,
Que juntos move em mi desejo e medo.
  Hum não sei que suave respirando,
Causava hum desusado e novo espanto,
Que as cousas insensiveis o sentiam.
Porque as garrulas aves, entretanto
Vozes desordenadas levantando,
Como eu em meu desejo, s'encendiam.
As fontes crystallinas não corriam,
Inflammadas na vista clara e pura;
Florecia a verdura,
Que, andando co'os ditosos pés tocava;
As ramas se baixavam,
Ou d'inveja das hervas que pizavam,
Ou porque tudo ant'elles se baixava:
O ár, o vento, o dia,
D'espiritos continuos influia.
  E quando vi que dava entendimento
A cousas fóra d'elle, imaginei
Que milagres faria em mi que o tinha:
Vi que me desatou da minha lei,
Privando-me de todo sentimento,
E em outra transformando a vida minha.
Com tamanhos poderes d'Amor vinha,
Que o uso dos sentidos me tirava.
E não sei como o dava
Contra o poder e ordem da natura,
A's arvores, aos montes,
A' rudeza das hervas e das fontes,
Que conheceram logo a vista pura.
Fiquei eu só tornado
Quasi em hum rudo tronco de admirado.

Despois de ter perdido o sentimento,
D'humano hum só desejo me ficava,
Em que toda a razão se convertia.
Mas não sei quem no peito m'affirmava
Que por tão alto e doce pensamento,
Com razão, a razão se me perdia.
Assi que quando mais perdida a via,
Na sua mesma perda se ganhava.
Em doce paz estava
Com seu contrário proprio em um sugeito.
Oh caso estranho e novo!
Por alta e grande certamente approvo
A causa, d'onde vem tamanho effeito,
Que faz n'hum coração
Que um desejo, sem ser, seja razão.
Despois d'entregue já ao meu desejo,
Ou quasi n'elle todo convertido,
Solitario, sylvestre e inhumano,
Tão contente fiquei de ser perdido,
Que me parece tudo quanto vejo
Escusado, senão meu proprio dano.
Bebendo este suave e doce engano,
A trôco dos sentidos que perdia,
Vi que Amor m'esculpia
D'entro n'alma a figura illustre e bella,
A gravidade o siso,
A mansidão, a graça, o doce riso.
E porque não cabia d'entro n'ella
De bens tamanhos tanto,
Sahe por a boca convertido em canto.
Canção, se te não crerem
D'aquelle claro gesto quanto dizes,
Por o que se lhe esconde;
Os sentidos humanos (lhe responde)
Não podem dos divinos ser juizes,
Senão hum pensamento,
Que a falta suppra a fé do entendimento.

2.ª Variante, da edição de 1861

Manda-me Amor que cante docemente
O que elle já em minha alma tem impresso,
Com presuposto de desabafar-me.
E porque com meu mal seja contente,
Diz que ser de tão bellos olhos prêso
Cantal-o bastaria contentar-me.
Bem diz; mas eu não ouso tanto alçar-me
Porque vejo se a escrever o venho,
Ser tão baxo o engenho,
E tão alto o valor da vista bella,
Mais dino d'outro Orpheu;
Que se com o canto as arvores moveu,
Que poderei fazer cantando d'ella?
Porém verei se posso,
Dae vós, Senhor, ajuda a este vosso.
  Era no tempo que a fresca verdura
Torna aos campos, quando suspirando
Zephyro vem com a primavera bella;
Manam as fontes agua clara e pura,
Antre a flôr da semente anda chorando
Seu dano antigo Progne e Philomella;
Minha ventura, que então em vel-a,
Por me mostrar do bem a maior parte,
Soltava por linda arte
Os cabellos em que fui enredado
Ao doce vento esquivo;
Os olhos rutilando em lume vivo,
O rosto airoso, e o gesto delicado
Que Deos só fez na terra,
Por dar paz aos nascidos, a mim guerra.
  Do apetite suave e excellente
Uns espiritos divinos sahiam,
Que o ár enchiam de piedade;
Os passarinhos com a luz presente
Pasmados, huns aos outros se diziam:
—Que luz he esta? que nova claridade?
As fontes, inflammadas de beldade,

Detinham a sua agua dôce e pura;
Florecia a verdura
Que andando com os divinos pés pizava;
Todo o ramo abaxar-se
Senti no bosque, e mais verde tornar-se,
De seu lugar somente se abalava.
Amansavam-se os ventos
Ao som dos suaves seus accentos.
  Quando ao insensivel, sentimento
Vi que o dava, cuidae o que em mim faria,
Homem feito de carne e de sentidos;
Conheci-me não ter conhecimento,
E n'isto só o tive, porque via
Meus espiritos serem de mi sahidos;
Tal força era dos seus esclarecidos
Que mudava a humana natureza,
Nos montes, e a rudeza
D'elles em mim por troca traspassava;
O' que gentil partido
Trocar por dura aspereza o sentido
Que em mim quietamente repousava:
Olhae que doce engano,
Tirae commum proveito de meu dano.
  O sêr humano, sendo já perdido,
A parte racional tambem perdia,
Ao apetito dando o mais da vida;
Mas o mudado atonito sentido
Por tão divina causa me dizia,
Que era razão, ser a razão vencida;
A mesma perdição a restaurava:
Em branda paz estava
Cada hum com seu contrario em hum sugeito;
O' grão concerto este!
Quem será que não julgue por celeste
A causa donde vem tamanho effeito,
Que fez n'hum coração,
O proprio apetito ser razão.
  Aqui senti d'amor a mór fineza,
Como foi ver sentir o insensivel,
E ver a mim, de mim mesmo perder-me:

Emfim senti negar-se a natureza,
Por onde vi, que tudo era possivel
Aos bellos olhos seus, senão querer-me;
Depois que já senti desfalecer-me,
Em logar do sentido que perdia,
Não sei quem me escrevia
Dentro d'alma com letras de memoria
O mais d'este processo,
Com o lindo gesto juntamente impresso,
Que foi a causa de tão longa historia.
Se bem a declarei
Eu não escrevo, d'alma a trasladei.
Canção, se duvidarem poder tanto
Sómente uma vista bella,
Dizei, que olhem a mim, crerão a ella.

CANÇÃO VIII (*)

Tomei a triste penna
Já de desesperado
De vos lembrar as muitas que padeço;
Vendo que me condena [1]
A ficar eu culpado
O mal que me trataes, e o que mereço.
Confesso que conheço
Qu'em parte a causa dei [2]
Ao mal em que me vejo,
Pois sempre o meu desejo
A tão largas promessas entreguei; [3]
Mas não tive suspeita
Que seguisseis tenção tão imperfeita.

(*) Northon possuiu um exemplar das Rimas, aonde vinha esta nota ms.: — *Nunqua o Camões fez esta Canção.*

S'em vosso esquecimento
Tão condemnado estou, [4]
Como os sinaes demostram, que mostraes;
N'este vivo tormento,
Lembranças mais não dou
Que as que d'esta razão tomar queiraes: [5]
Olhae que me trataes
Assi de dia em dia
Com vossas esquivanças;
E as vossas esperanças,
De que vãmente já m'enriquecia, [6]
Renovam a memoria;
Pois com a ter de vós só tenho gloria. [7]
E s'isto conhecesseis
Ser verdade mais pura [8]
Do que d'Arabia o ouro reluzente;
Inda que não quizesseis,
Essa condição dura [9]
Em branda se mudára facilmente.
Eu, vendo-me innocente, [10]
Senhora n'este caso,
Bem no arbitrio o puzera
De quem sentença dera,
Com que o que he justo se mostrasse raso; [11]
Se, emfim, não receára [12]
Que a vós por mi, e a mi por vós matára.
Em vós escrita vi
Vossa grande dureza,
E n'alma escrita está, que de vós vive:
Não que acabasse alli
Sua grande firmeza
O triste desengano qu'então tive;

Porque antes que me prive [13]
A dôr de meu sentidos,
Ao penoso tormento
Acode o entendimento
Com dous fortes soldados guarnecidos
De rica pedraria,
Que ficam sendo minha luz e guia.
  D'estes acompanhado
Estou pôsto sem medo
A tudo o que o fatal destino ordene:
Póde ser que cansado,
Ou seja tarde ou cedo,
Com pena de penar-me, me despene.
E quando me condene
(Que he o que mais espero) [14]
Inda a penas maiores;
Perdidos os temores,
Por mais que venham, não direi, não quero. [15]
Estou, emfim, tão forte,
Que não póde mudar-me a propria morte. [16]
  Canção, se já não queres
Crêr tanta crueldade, [17]
Lá vae onde verás minha verdade.

CANÇÃO IX

Junto d'hum sêcco, duro, esteril monte,
Inutil e despido, calvo e informe,
Da natureza em tudo aborrecido;
Onde nem ave vôa, ou fera dorme,

Nem corre claro rio, ou ferve fonte, [1]
Nem verdé ramo faz doce ruido;
Cujo nome, do vulgo introduzido,
He Feliz, por antiphrasi infelice; [2]
O qual a natureza
Situou junto á parte,
Aonde hum braço d'alto mar reparte
A Abassia da Arabica aspereza,
Em que fundada já foi Berenice, [3]
Ficando á parte, d'onde
O sol, que n'ella ferve, se lh'esconde; [4]
  O cabo se descobre, com que a costa [5]
Africana, que do Austro vem correndo,
Limite faz, Arómata chamado;
Arómata outro tempo; que volvendo
A roda, a rude lingua mal composta [6]
Dos proprios outro nome lhe têm dado.
Aqui, no mar, que quer apressurado
Entrar por a garganta d'este braço, [7]
Me trouxe hum tempo e teve
Minha fera ventura.
Aqui n'esta remota, áspera e dura
Parte do mundo, quiz que a vida breve
Tambem de si deixasse hum breve espaço;
Porque ficasse a vida
Por o mundo em pedaços repartida.
  Aqui me achei gastando huns tristes dias,
Tristes, forçados, máos e solitarios,
De trabalho, de dôr, e d'ira cheios: [8]
Não tendo tamsómente por contrarios
A vida, o sol ardente, as aguas frias, [9]
Os áres grossos, férvidos e feios,

Mas os meus pensamentos, que são meios
Para enganar a propria natureza,
Tambem vi contra mi:
Trazendo-me á memoria
Alguma já passada e breve gloria,
Qu'eu já no mundo vi, quando vivi,
Por me dobrar dos males a aspereza,
Por mostrar-me que havia
No mundo muitas horas d'alegria.
Aqui 'stive eu com estes pensamentos [10]
Gastando tempo e vida; os quaes tão alto
Me subiam nas azas, que cahia
(Oh vêde se seria leve o salto!) [11]
De sonhados e vãos contentamentos
Em desesperação de vêr hum dia.
O imaginar aqui se convertia [12]
Em improvisos choros e em suspiros,
Que rompiam os ares.
Aqui a alma captiva,
Chagada toda, estava em carne viva,
De dôres rodeada e de pezares,
Desamparada e descoberta aos tiros
Da soberba Fortuna,
Soberba, inexoravel e importuna.
Não tinha parte d'onde se deitasse,
Nem esperança alguma, onde a cabeça
Hum pouco reclinasse, por descanso:
Tudo dôr lhe era e causa que padeça, [13]
Mas que pereça não, porque passasse
O que quiz o destino nunca manso.
Oh qu'este irado mar gemendo amanso! [14]
Estes ventos, da voz importunados,

Parece que se enfreiam:
Sómente o Céo severo,
As estrellas e o fado sempre fero,
Com meu perpétuo damno se recreiam;
Mostrando-se potentes e indignados
Contra hum corpo terreno,
Bicho da terra vil e tão pequeno.
Se de tantos trabalhos só tirasse
Saber inda por certo que alguma hora
Lembrava a huns claros olhos que ja vi;
E se esta triste voz, rompendo fora,
As orelhas angelicas tocasse
D'aquella em cuja vista ja vivi; [15]
A qual, tornando hum pouco sôbre si,
Revolvendo na mente pressurosa
Os tempos ja passados
De meus doces errores,
De meus suaves males e furores
Por ella padecidos e buscados,
E (pôsto que ja tarde) piedosa, [16]
Hum pouco lhe pezasse,
E lá entre si por dura se julgasse! [17]
Isto só que soubesse me seria
Descanso para a vida que me fica;
Com isto affagaria o soffrimento.
Ah senhora! Ah senhora! E que tão rica [18]
Estaes, que cá tão longe d'alegria
Me sustentaes com doce fingimento!
Logo que vos figura o pensamento, [19]
Foge todo o trabalho e toda a pena.
Só com vossas lembranças

Me acho seguro e forte
Contra o rosto feroz da fera morte;
E logo se me juntam esperanças [20]
Com que, a fronte tornada mais serena,
Torna os tormentos graves
Em saudades brandas e suaves.
  Aqui com ellas fico perguntando
Aos ventos amorosos, que respiram
Da parte d'onde estaes, por vós Senhora;
A's aves qu'alli voão, se vos viram?
Que fazieis? qu'estaveis praticando?
Onde? como? com quem? que dia e que hora?
Alli a vida cansada se melhora, [21]
Toma espiritos novos, com que vença
A fortuna e trabalho,
Só por tornar a vêr-vos,
Só por ir a servir-vos e querer-vos.
Diz-me o tempo que a tudo dará talho:
Mas o desejo ardente, que detença
Nunca soffreu, sem tento
Me abre as chagas de novo ao soffrimento.
  Aqui vivo; e s'alguem te perguntasse,
Canção, porque não mouro; [22]
Podes-lhe responder: que porque mouro.

CANÇÃO X

Vinde cá meu tão certo secretario
Dos queixumes que sempre ando fazendo,
Papel, com quem a pena desaffogo.

As semrazões digamos, que vivendo
Me faz o inexoravel e contrário
Destino, surdo a lagrimas e a rôgo.
Lancemos água pouca em muito fogo, [1]
Accenda-se com gritos hum tormento,
Que a todas as memorias seja estranho.
Digamos mal tamanho
A Deos, ao mundo, á gente e, emfim, ao vento,
A quem já muitas vezes o contei,
Tanto debalde como o conto agora.
Mas já que para errores fui nascido,
Vir este a ser hum d'elles não duvido.
E, pois já d'acertar estou tão fóra, [2]
Não me culpem tambem se n'isto errei.
Se quer este refugio só terei,
Fallar e errar, sem culpa, livremente.
Triste quem de tão pouco está contente!
Já me desenganei que de queixar-me
Não se alcança remedio; mas quem pena,
Forçado lhe he gritar, se a dôr he grande. [3]
Gritarei; mas é debil e pequena
A voz para poder desabafar-me;
Porque nem com gritar a dôr se abrande.
Quem me dará se quer que fóra mande [4]
Lagrimas e suspiros infinitos,
Iguaes ao mal que dentro na alma mora?
Mas quem pôde algum'hora
Medir o mal com lagrimas, ou gritos?
Direi, emfim, aquillo que m'ensinam [5]
A ira, a mágoa, e d'ellas a lembrança,
Que outra dôr he por si mais dura e firme. [6]
Chegae, desesperados, para ouvir-me;

E fujam os que vivem d'esperança,
Ou aquelles que n'ella se imaginam; [7]
Porque Amor e Fortuna determinam
De lhes deixar poder para entenderem [8]
Á medida dos males que tiverem.
   Quando vim da materna sepultura [9]
De novo ao mundo, logo me fizeram
Estrellas infelices obrigado: [10]
Com ter livre alvedrio, m'o não deram; [11]
Qu'eu conheci mil vezes na ventura
O melhor, e o peor segui forçado. [12]
E para que o tormento conformado
Me dessem com a idade, quando abrisse
Inda menino os olhos brandamente,
Mandam que diligente
Hum menino sem olhos me ferisse.
As lagrimas da infancia já manavam
Com huma saudade namorada;
O som dos gritos, que no berço dava, [13]
Já como de suspiros me soava.
Co'a idade e fado estava concertado: [14]
Porque quando por 'caso m'embalavam,
Se d'Amor tristes versos me cantavam,
Logo me adormecia a natureza;
Que tão conforme estava co'a tristeza!
   Foi minh'ama huma fera; que o destino [15]
Não quiz que mulher fosse a que tivesse
Tal nome para mi; nem a haveria.
Assi criado fui, porque bebesse
O veneno amoroso de menino,
Que na maior idade beberia,
E por costume não me mataria.

Logo então vi a image e semelhança
D'aquella humana fera tão formosa,
Suave e venenosa,
Que me criou aos peitos da esperança;
De quem eu vi despois o original,
Que de todos os grandes desatinos
Faz a culpa soberba e soberana.
Parece-me que tinha fórma humana,
Mas scintilava espiritos divinos.
Hum meneio, e presença tinha tal,
Que se vangloriava todo o mal [16]
Na vista d'ella: a sombra co'a viveza
Excedia o poder da natureza.

Que genero tão novo de tormento [17]
Teve Amor, sem que fosse não sómente
Provado em mi, mas todo executado?
Implacaveis durezas, que ao fervente [18]
Desejo, que dá fôrça ao pensamento,
Tinham de seu proposito abalado,
E corrido de vêr-se e injuriado: [19]
Aqui sombras phantasticas, trazidas
D'algumas temerarias esperanças;
As bemaventuranças
Tambem n'ellas pintadas e fingidas. [20]
Mas a dôr do desprêzo recebido,
Que todo o phantasiar desatinava, [21]
Estes enganos punha em desconcêrto.
Aqui o adivinhar, e o ter por certo
Qu'era verdade quanto adivinhava,
E logo o desdizer-me de corrido;
Dar ás cousas que via outro sentido;

E para tudo, emfim, buscar razões:
Mas eram muitas mais as semrazões.
  Não sei como sabía estar roubando
Co'os raios as entranhas, que fugiam
Para ella por os olhos subtilmente! [22]
Pouco a pouco invisiveis me sahiam;
Bem como do véo humido exhalando
Está o subtil humor o sol ardente.
O gesto puro, emfim, e transparente, [23]
Para quem fica baixo e sem valia
Este nome de bello e de formoso;
O doce e piedoso
Mover d'olhos, que as almas suspendia,
Foram as hervas magicas, que o Céo
Me fez beber: as quaes por longos annos
N'outro ser me tiveram transformado,
E tão contente de me vêr trocado,
Que as mágoas enganava co'os enganos; [24]
E diante dos olhos punha o véo,
Que m'encobrisse o mal que assi cresceu:
Como quem com affagos se criava
D'aquella para quem crescido estava. [25]
  Pois quem póde pintar a vida ausente,
Com um descontentar-me quanto via,
E aquell'estar tão longe d'onde estava;
O fallar sem saber o que dizia;
Andar sem vêr por onde, e juntamente
Suspirar sem saber que suspirava? [26]
Pois quando aquelle mal m'atormentava,
E aquella dôr, que das Tartareas ágoas [27]
Sahiu ao mundo, e mais que todas doe,
Que tantas vezes sóe

Duras íras tornar em brandas mágoas?
Agora co'o furor da mágoa irado,
Querer, e não querer deixar de amar;
E mudar n'outra parte, por vingança,
O desejo privado d'esperança,
Que tão mal se podia já mudar? [28]
Agora a saudade do passado,
Tormento puro, doce e magoado,
Que converter fazia estes furores [29]
Em magoadas lagrimas d'amores?
  Que desculpas commigo só buscava, [30]
Quando o suave Amor me não soffria
Culpa na cousa amada, e tão amada?
Eram, emfim, remedios que fingia [31]
O medo do tormento, qu'ensinava
A vida a sustentar-se d'enganada.
N'isto huma parte d'ella foi passada;
Na qual se tive algum contentamento
Breve, imperfeito, tímido, indecente,
Não foi senão semente
D'hum cumprido, amarissimo tormento. [32]
Este curso contino de tristeza,
Estes passos vãamente derramados, [33]
Me foram apagando o ardente gôsto
Que tão de siso n'alma tinha pôsto, [34]
D'aquelles pensamentos namorados
Com que criei a tenra natureza, [35]
Que do longo costume da aspereza,
Contra quem fôrça humana não resiste,
Se converteu ao gôsto de ser triste.
  D'est'arte a vida em outra fui trocando;
Eu não, mas o destino fero, irado;

Qu'eu, inda assi, por outra a não trocára.
Fez-me deixar o patrio ninho amado,
Passando o longo mar, que ameaçando
Tantas vezes m'esteve a vida cara.
Agora experimentando a furia rara
De Marte, que nos olhos quiz que logo 36
Visse e tocasse o acerbo fructo seu.
E n'este escudo meu
A pintura verão do infesto fogo.
Agora, peregrino, vago errante,
Vendo nações, linguagens e costumes,
Céos varios, qualidades differentes,
Só por seguir com passos diligentes
A ti, Fortuna injusta, que consummes
As idades, levando-lhes diante
Huma esperança em vista de diamante:
Mas quando das mãos cahe se conhece
Que he fragil vidro aquillo que apparece.
A piedade humana me faltava,
A gente amiga já contrária via,
No perigo primeiro; e no segúndo,
Terra em que pôr os pés me fallecia,
Ar para respirar se me negava,
E faltava-me, emfim, o tempo e o mundo. 37
Que segredo tão arduo e tão profundo,
Nascer para viver, e para a vida
Faltar-me quanto o mundo tem para ella!
E não poder perdel-a,
Estando tantas vezes já perdida!
Emfim, não houve transe de fortuna,
Nem perigos, nem casos duvidosos,

Injustiças (d'aquelles que o confuso
Regimento do mundo, antigo abuso,
Faz sôbre os outros homens poderosos),
Qu'eu não passasse, atado á fiel coluna 38
Do soffrimento meu, que a importuna
Perseguição de males em pedaços
Mil vezes fez á fôrça de seus braços.
Não conto tantos males, como aquelle
Que despois da tormenta procellosa,
Os casos d'ella conta em porto ledo;
Qu'inda agora a fortuna fluctuosa
A tamanhas miserias me compelle,
Que de dar hum só passo tenho medo.
Já de mal que me venha não m'arredo,
Nem bem que me falleça já pretendo;
Que para mi não val astucia humana.
De fôrça soberana,
Da Providencia, emfim, divina pendo.
Isto que cuido e vejo, ás vezes tomo
Para consolação de tantos danos.
Mas a fraqueza humana quando lança
Os olhos no que corre, e não alcança
Senão memoria dos passados annos;
As águas qu'então bebo, e o pão que como,
Lagrimas tristes são, qu'eu nunca domo,
Senão com fabricar na phantasia
Phantasticas pinturas d'alegria.
Que se possivel fosse que tornasse
O tempo para traz, como a memoria
Por os vestigios da primeira idade;
E de novo tecendo a antigua historia
De meus doces errores, me levasse

Por as flôres que vi da mocidade;
E a lembrança da longa saudade
Então fosse maior contentamento,
Vendo a conversação leda e suave,
Onde huma e outra chave
Esteve de meu novo pensamento,
Os campos, as passadas, os sinaes,
A vista, a neve, a rosa, a formosura, [39]
A graça, a mansidão, a cortezia,
A singela amizade, que desvia, [40]
Toda a baixa tenção, terrena, impura,
Como a qual outra alguma não vi mais...
Ah vãs memorias! onde me levaes
O debil coração, qu'inda não posso [41]
Domar bem este vão desejo vosso?
  Não mais, Canção, não mais; qu'irei fallando,
Sem o sentir, mil annos; e se acaso
Te culparem de larga e de pezada;
Não póde ser (lhe dize) limitada
A ágoa do mar em tão pequeno vaso.
Nem eu delicadezas vou cantando
Co'o gôsto do louvor, mas explicando
Puras verdades já por mi passadas.
Oxalá foram fábulas sonhadas!

CANÇÃO XI

RECOLHIDA POR DOMINGOS FERNANDES NA EDIÇÃO DAS RIMAS DE 1616

Nem rôxa flôr de Abril, [1]
Pintor do campo ameno e da verdura,
Colhida entre outras mil,
Foi nunca assi agradavel á donzella
Cortez, alegre e bella,
De sua mãe cuidado e glória pura,
Como a mi foi a inculta formosura
Natural, que pudera
A Saturno render na sua Esphera.
  Natural fonte agreste,
Não lavrada d'artifice excellente,
Mas por arte celeste
Derivada de rustico penedo,
Não fez já mais ledo [2]
Cansado caçador por sésta ardente,
Quanto o cuidado a mi me fez contente
Do vêr tão descuidado, [3]
Que faz sereno a Jupiter irado. [4]
  Fructa, que sem concêrto
Naturalmente em ramos se pendura, [5]
Achada por acêrto;
A quem pintada a vê de sangue e leite,
Não lhe dará o deleite, [6]
Qu'essa graça me dá sem compostura,
Ornamento da mesma formosura,
E o toucado sem arte,
Que tornára pastor ao bravo Marte.

A manhã graciosa,
Que derramando sahe d'entre os cabellos
A flôr, o lirio, a rosa,
Sem ajuda d'ornato, ou d'artificio,
Não faz o beneficio,
Que faz a luz dos vossos olhos bellos
A quem os vê tão puros e singellos;
E esse innocente riso,
Por quem Apollo o Tejo torna Amphriso. [7]
Outeiros coroados
Das árvores que fazem a espessura
Com os ramos copados
Alegre, que mão destra os não cultiva,
Graça tão excessiva
Não tem na sua natural verdura,
Quanta na d'esses olhos, clara e pura,
Deposita a esperança,
Com que Amor gôsto, a mãe tormento alcança.
Dos simples passarinhos
A musica sem arte concertada,
D'entre os verdes raminhos,
Tão suave não he, tão deleitosa
A quem na selva umbrosa [8]
Com mente ouvindo-a está toda enlevada,
Quanto a mi essa falla doce agrada,
E o natural aviso,
Que roubam a Mercurio sceptro e siso.
De frescos rios ágoa, [9]
Que clara entre arvoredos se deriva,
Cahindo d'alta fragoa,
Esmaltando de perolas no prado
O verde delicado,

Com brando som aos olhos fugitiva,
Não nos alegra quanto a graça esquiva
D'essa luz soberana,
Que faz cortez a rustica Diana.
A tal luz (ó Canção, que ousaste vêl-a!)
Vendo estás já prostrado
Saturno triste, Jupiter irado,
Bravo Marte, aureo Apollo, Venus bella,
E Mercurio, e Diana, e toda estrella.

CANÇÃO XII

RECOLHIDAS POR D. ANTONIO ALVARES DA CUNHA NA EDIÇÃO DE 1668

Oh Pomar venturoso,
Onde co'a natureza
A subtil arte tem demanda incerta;
Qu'em sitio tão formoso
A maior subtileza
D'engenho em ti nos mostras descoberta!
Nenhum juizo acerta,
De cego e d'enlevado,
Se tem em ti mais parte
A natureza, ou arte;
Se terra ou céo de ti têm mais cuidado,
Pois em feliz terreno
Gozas d'hum ar mais puro e mais sereno.
De teu formoso pêzo
Se mostra o monte ledo,

E o caudaloso Zézere t'extranha,
Porque ólhas com desprêzo
Seu crystal puro e quedo,
Que com Pera os teus pés rodeia e banha.
Em ti pintura estranha,
A que Apelles cedêra,
Enigmas intrincados,
E myrtos animados
Vemos, que o proprio Escopas não fizera;
Em ti, co'a paz interna,
Tem o santo prazer morada eterna.
  Os jardins da famosa
Babel tão nomeados,
Por maravilha o mundo não levante,
Inda que com gloriosa
Voz, qu'estão pendurados
Do instavel ar, a fama antigua cante:
Nem haja quem s'espante
Dos famosos d'Alcino;
Nem as mais doutas pennas
Cantem os de Mecenas,
Cultor de todo o engenho peregrino;
Mas onde quer que vôe,
De ti só falle a Fama, e te pregôe.
  Que se era antiguamente
De pomos d'ouro bellos
O jardim das Hespéridas ornado;
E, a pezar da serpente
Que os guardou, só colhel-os
Pôde o famoso Alcides, d'esforçado;
Tu, mais avantajado,
Mostras a hum'alma casta

Seguir o que deseja,
Fugir da torpe inveja
(Pômos d'ouro que o tempo não contrasta):
Emfim, co'a caridade
Vencer o inferno, abrir a eternidade.
  Por tanto da ventura,
Para ti reservada,
Te deixe o céo gozar perpetuamente;
Porque sejas figura
Da gloria avantajada
D'elle mesmo, e qu'em ti se represente; [1]
Porqu'em quanto sustente
O céo, o mar e a terra,
Seus feitos milagrosos,
Mysterios mais gloriosos,
Com que a morte das almas nos desterra,
Por onde em nossas almas
Com mais pompas triumpha e com mais palmas,

. . . .

  Goza, pois, longamente
Teu venturoso fado,
Da mãe do teu autor bem possuido:
Qu'em ti, sempre contente
De seu sublime estado,
A alma dos seus alegra e o sentido.
Cada qual preferido
Nas grandes qualidades
Ao sabio Nestor seja,
Para que o mundo os veja
Exceder as longuissimas idades;
E com a longa vida
Seja sua memoria ennobrecida.

Canção, pois mais famosas
Por ti não podem ser
D'este monte as estancias deleitosas;
Bem póde succeder
Que aquelle que os teus numeros governa,
Por querêl-as cantar te faça eterna.

CANÇÃO XIII

Quem com sólido intento
Os segredos buscar da natureza,
Quanto d'Athenas préza,
Entregue ao mar irado, ao leve vento:
Em forjar meu tormento,
Nova Philosophia,
D'experiencias feita, Amor m'ensina.
Das Leis do antigo tempo bem declina;
Que Amor a natureza em mi varía;
D'onde escola de Sabios nunca viu
Em natural sogeito
Quanto Amor em meu peito descobriu.
As aves no ar sereno,
O gado de Proteo nas águas pasce;
Vive o homem e nasce
Neste mundo, qual mundo mais pequeno:
Eu tudo desordeno,
Em todos dividido;
A boca no ar, na terra o entendimento:
Dá-me esse Amor, dá-me esta o pensamento;
O coração no fogo he consummido:

Mas a água, que dos olhos sempre desce,
Tem effeito tão vário,
Qu'em hum humor contrário o fogo cresce.
  Da vista Amor sohia
Abrir ao coração segura entrada:
Lei he ja profanada;
Que quando a luz d'huns olhos me fería,
Amando o que não via,
Qual d'escopeta o lume,
Primeiro o querer vi, que a causa visse.
Quem o desejo co'a esperança unisse,
Cego iria apoz cego e vil costume;
Qu'eu d'est'alma, das leis do mundo isenta,
Morta a esperança vejo,
Onde sempre o desejo se sustenta.
  Em vão se considera
Que hum semelhante a outro busca e ama,
E que foge e desama
Todo mortal a morte esquiva e fera:
Sigo uma linda fera,
Qu'esconde em vista humana
Coração de diamante e peito d'aço,
De meu sangue faminta; e satisfaço
Com cruel morte a sêde deshumana.
Assi que, sendo em tudo differente,
Corro apoz minha sorte,
E se m'entrego á morte, estou contente.
  Cahe em maior defeito
Quem cuida ser sciencia clara e certa,
Que a causa descoberta
Sempre produz a si conforme o effeito:
Rendeu-me hum lindo objeito,

Que, sendo neve pura,
Vivo me abraza, e o fogo interno aviva;
Qu'esta formosa fera fugitiva,
Com ser neve, do fogo s'assegura:
D'onde infiro por certo (e cesse a fama
Vã, mentirosa e leve)
Que não desfaz a neve ardente chamma.
  Bem no effeito se sente
Cessar, cessando a causa d'onde pende;
Que o fogo mais se accende,
Estando á vista, d'onde mais ausente;
Mas n'alma vivamente
A trazem debuxada,
De noite Amor, de dia o pensamento:
E quando Apollo deixa o claro assento,
Por entre sombras vejo a Nympha amada.
Pois se sem luz Amor os olhos ceva,
Cego, se não concede
Qu'em nada a Amor impede a escura treva.
  Erra quem atrevido
Pregôa ser maior que a parte o todo:
Amor me tem de modo,
Qu'estou n'hum'alma minha convertido:
D'esta gloria ha nascido
O temor de perdêl-a:
E, postoque o receio a muitos finge
Lá na imaginação Chimera e Sphinge
De mal futuro, que urde imiga estrella,
Vejo em mi, por incognito segredo,
Quando estou mais contente,
Que só do bem presente nasce o medo.

Tem-se por manifesto
Parecer-se ao sogeito o accidente;
Mas inda em mi se sente
O pensamento, a côr, o riso, o gesto;
E, tendo todo o resto
Da vida ja perdido
N'este tormento meu tão duro e esquivo,
A gostos morto estou, a penas vivo.
E sendo morto já, vive o sentido,
Porque sinta que n'alma despedida
Póde em meu mal unir-se
O ficar e o partir-se, a morte e a vida.
D'estas razões, Canção, infiro e creio,
Que ou se mudou em tudo a fórma usada
Da natural firmeza,
Ou tenho a natureza em mi mudada.

CANÇÃO XIV

Qu'he isto? Sonho? ou vejo a Nympha pura,
Que sempre na alma vejo?
Ou me pinta o desejo
O bem qu'em vão cada hora me assegura?
Mal póde a noite escura,
Amando a sombra fria,
Mandar-me em sonho a luz formosa e bella,
Que se não torne em dia,
De seus luzentos raíos inflammada.
Oh vista desejada
De graciosa Nympha e viva estrella!

Que ha tanto que por este mar navego
(Sem ver meu claro Polo) escuro e cego.
N'esses formosos olhos, d'enlevada,
Minh'alma se escondeu,
Quando ordenava o Céo
Que vivesse commigo desterrada.
Vós a mais certa estrada
De vêr a summa alteza,
Do effeito a causa abrís a est'alma minha.
Assi mortal belleza
Só d'ella nasce e n'ella se resume;
Assi celeste lume
Lá dos céos se deriva, e lá caminha.
Pois, como a Deos unir-me a vista possa,
Porque a negaes, meu sol, a est'alma vossa?
Se me quereis prender a parte a parte,
Cabello ondado e louro,
Tecei-me a rêde de ouro
Em que prendeu Vulcano a Cypria e Marte.
Des que com gentil arte
Vestís de flôres bellas
A terra em que tocaes co'a bella planta,
Quantas vezes com vel-as
Quiz n'huma d'essas flôres transformar-me?
Porque, vendo pizar-me
D'esse candido pé que a neve espanta,
Póde ser que na flôr mudado fôra
Que deu a Juno irada a linda Flora.
Mas onde te acolheste (ó doce vida!)
Mais leve e pressurosa,
Do que na selva umbrosa
Cerva d'aguda setta vai ferida?

Se para tal partida,
Meus olhos, vos abristes,
Cerrára-vos o somno eternamente,
Antes que ver-vos tristes,
Perdendo tão suave e doce engano!
Agora, com meu dano,
Vêdes, para mór mágoa, claramente,
N'este bem fugitivo e somno leve,
Que mal não ha mais longo, que um bem breve.
  Ditoso Endimião que a deosa cara,
Que a noite vai guiando,
Teve em braços sonhando!
Ah quem de sonho tal nunca acordára!
Tu só, Aurora avara,
Quando os olhos feriste,
Me mataste cruel d'inveja pura.
Mas se d'esta alma triste
A negra escuridão vencer quizeste,
Sabe qu'em vão nasceste;
Que para desfazer-se a nevoa escura
De meus olhos importa estar presente
Outro sol, outra aurora, outro oriente.
  Se a luz de meu planeta,
Não m'aviva, Canção branda e quieta,
Qual flôr de chuva em breve consummida,
Verás desfeita em lagrimas a vida.

CANÇÃO XV

Por meio d'humas serras mui fragosas,
Cercadas de sylvestres arvoredos,
Retumbando por asperos penedos,
Correm perennes águas deleitosas.
Na ribeira de Buina, assi chamada,
Celebrada,
Porqu'en prados
Esmaltados
Com frescura
De verdura,
Assi se mostra amena, assi graciosa,
Qu'excede a qualquer outra mais formosa;
  As correntes se vêm, que aceleradas;
As hervas regalando e as boninas,
Se vão a entrar nas águas neptuninas,
Por diversas ribeiras derivadas.
Com mil brancas conchinhas a aurea areia
Bem se arreia;
Voam aves;
Mil suaves
Passarinhos
Nos raminhos
Acordemente estão sempre cantando,
Com doce accento os ares abrandando.
  O doce rouxinol n'hum ramo canta,
E d'outro o pintasirgo lhe responde;
A perdiz d'entre a mata, em que s'esconde,
O caçador sentindo se levanta:
Voando vai ligeira mais que o vento;

Outro assento
Vai buscando;
Porem quando
Vai fugindo;
Retinindo,
Traz ella mais veloz a setta corre,
De que ferida logo cahe e morre.
  Aqui Progne d'hum ramo em outro ramo,
Co'o peito ensanguentado anda voando,
Cibato para o ninho indo buscando;
A leda codorniz vem ao reclamo
Do sagaz caçador, que a rede estende,
E pretende
Com engano
Fazer dano
Á coitada,
Qu'enganada
D'huns esparzidos grãos de louro trigo,
Nas mãos vai a cahir de seu imigo.
  Aqui sôa a calhandra na parreira;
A rôla geme; palra o estorninho;
Sahe a candida pomba do seu ninho;
O tôrdo pousa em cima da oliveira:
Vão as doces abelhas susurrando,
E apanhando
O rocio
Fresco e frio
Por o prado
D'herva ornado,
Com que o aureo licôr fazem, que deu
Á humana gente a indústria d'Aristeo.

Aqui as uvas luzidas, penduradas
Das pampinosas vides, resplandecem;
As frondiferas arvores se offrecem
Com differentes fructos carregadas:
Os peixes n'água clara andam saltando,
Levantando
As pedrinhas,
E as conchinhas
Rubicundas,
Que as jucundas
Ondas comsigo trazem, crepitando
Por a praia alva com ruido brando.
Aqui por entre as serras se levantam
Animaes calidoneos, e os veados
Na fugida inda mal assegurados,
Porque do som dos proprios pés s'espantam.
Sahe o coelho, e lebre sae manhosa
Da frondosa
Breve mata,
D'onde a cata
Cão ligeiro;
Mas primeiro
Qu'ella ao contrario férvido s'entregue,
Ás vezes deixa em branco a quem a segue.
Luzem as brancas e purpúreas flores,
Com que o brando Favonio a terra esmalta;
O formoso Jacintho alli não falta,
Lembrado dos antiguos seus amores.
Inda na flôr se mostram esculpidos
Os gemidos:
Aqui Flora
Sempre móra;

E com rosas
Mais formosas,
Com lirios e boninas mil fragrantes,
Alegra os seus amores circumstantes.
  Aqui Narciso em liquido crystal
Se namora de sua formosura:
N'elle as pendentes ramas da 'spessura
Debuxando-se estão ao natural.
Adonis, com que a linda Cytherêa
Se recrêa,
Bem florido,
Convertido
Na bonina,
Qu'Erycina
Por imagem deixou de qual sería
Aquelle por quem ella se perdia.
  Logar alegre, fresco, accommodado
Para se deleitar qualquer amante,
A quem com sua ponta penetrante
O cego Amor tivesse derribado;
E para memorar ao som das ágoas
Suas mágoas
Amorosas,
As cheirosas
Flôres vendo,
Escolhendo,
Para fazer preciosas mil capellas,
E dar por gram penhor a Nymphas bellas.
  Eu d'ellas, por penhor de meus amores,
Huma capella á minha deosa dava:
Que lhe queria bem, bem lhe mostrava
O bem-mequeres entre tantas flôres:

Porém, como se fôra mal-me-queres,
Os podêres
Da crueldade
Na beldade
Bem mostrou:
Desprezou
A dadiva de flôres; não por minha,
Mas porque muitas mais ella em si tinha.

CANÇÃO XVI

RECOLHIDA POR FARIA E SOUSA NA EDIÇÃO DAS RIMAS,
DE 1685

A vida já passei assaz contente,
Livre tinha a vontade e o pensamento,
Sem receios d'Amor, nem da ventura:
Mas isto foi hum bem d'hum só momento;
E á minha custa vejo claramente,
Que a vida não dá algum de muita dura.
No tempo em qu'eu vivia mais segura
D'Amor e seu cuidado,
Por me vêr n'hum estado
Em qu'eu cuidei que Amor não tinha parte;
Não sinto por qual arte
Me vejo entregue a elle de tal sorte,
Qu'em quanto tarda a morte,
A esperança do bem tenho perdida.
Ai quão devagar passa a triste vida!

Quantas vezes eu triste aqui ouvia
O meu Felicio, e outros mil pastores,
Queixar-se em vão de minha crueldade!
E mais surda então eu a seus clamores,
Que áspide surda, ou surda penedia,
Julgava os seus amores por vaidade.
Agora em pago d'isto a liberdade,
A vontade e o desejo
De todo entregue vejo
A quem, inda que brade, não responde;
Pois vejo que s'esconde
Já debaixo da terra este qu'eu chamo,
Que he aquelle a quem amo,
Aquelle a quem agora estou rendida.
Ai quão devagar passa a triste vida!
Que gloria, Amor cruel, com meu tormento,
Que louvor a teu nome accrescentaste?
Ou que te constrangeu a tal crueza,
Que com tal pressa esta alma sujeitaste
A hum mal, onde não basta o soffrimento?
Mas se, Amor, és cruel de natureza,
Bastava usar commigo da aspereza
Que usas com outra gente:
Mas tu como sómente
De vêr-me estar morrendo te contentas,
Quando mais me atormentas,
Então desejas mais d'atormentar-me;
E não queres matar-me
Porque este mal de mi se não despida.
Ai quão devagar passa a triste vida!
Onde cousa acharei que alegre veja?
A quem chamarei já que me responda?

Quem me dará remedio á dôr presente?
Não ha bem, que de mi já não s'esconda;
Nem algum verei já, que a mi o seja,
Porqu'está quem o foi da vida ausente.
Eu alguma não vi tão descontente,
Que Amor tão mal tratasse,
Qu'inda não esperasse
A seus males remedio achar vivendo:
Eu só vivo soffrendo
Hum mal tão grave e tão desesperado,
Que tanto he mais pezado,
Quanto a vida com elle he mais comprida.
Ai quão devagar passa a triste vida!
  Suaves ágoas, dura penedia,
Arvoredo sombrio, verde prado,
Donde eu já tive livre o pensamento;
Frescas flôres; e vós, meu manso gado,
Que já m'acompanhastes na alegria,
Não me deixeis agora no tormento.
Se do mal meu vos toca sentimento,
Dae-me par'elle ajuda,
Qu'eu tenho a lingua muda,
O alento me vae já desamparando.
Mas quando (ai triste!) quando
D'hum dia hum'hora me virá contente,
Qu'eu te veja presente,
Pastor meu, e comtigo est'alma unida?
Ai quão devagar passa a triste vida!
  Mas não sei se he sobrado atrevimento
Querer-se est'alma minha unir comtigo,
Pois d'ella foste já tão desprezado.
Amor me livrará d'este perigo;

Que despois que lá vires meu tormento,
Creio que t'haverás por bem vingado.
E s'inda em ti durar o amor passado,
E aquella fé tão pura,
Eu estou bem segura
Que has lá de receber-me brandamente.
Aprenda em mi a gente
Quão cara huma isenção com Amor custa:
A pena dá bem justa
A hum'alma que lhe he pouco agradecida.
Ai quão devagar passa a triste vida!

CANÇÃO XVII

RECOLHIDA POR LUIZ FRANCO CORRÊA, NO CANCIONEIRO MS. FL. 132 V., E PUBLICADA NA EDIÇÃO JUROMENHA

Crecendo vae meu mal d'hora em hora.
Creio, que quer fortuna que pereça
Segundo contra mim sua roda guia,
Pois, se a vida faltar, a pena creça
Que por muito que creça, cruel Senhora,
Por fim, fim hade ter sua porfia.
Que ganhas em perder-me?
Que perdes em valer-me,
Se á custa de me olhares brandamente
Me podes ter contente?
E com me dares remedio, e bemfazeres
Não deixarás por isso ser quem eres?

Se minha pena esquiva e meu tormento,
Te desse de alegria alguma parte,
Contente viveria assi penando,
Porque, como pertendo contentar-te,
Me estaria suavemente deleitando,
Mas, claramente estou de ti notando,
N'esses teus olhos bellos
Se acerto huma hora vel-os
Quão pouca conta tens com que padeço.
Ai que mui bem conheço,
Senhora, que por meu destino e sorte
Tens essa condição tão dura e forte.

Um tigre, qualquer fera irracional,
Com sua asperidade tem amor,
E por elle vive em paz silvestremente:
As aves, a maior e a menor,
Todas com um instincto natural
Possuem amor e o tem naturalmente;
E tu, de perfeição tão excellente,
De tanta honestidade,
De tanta divindade,
De tanta galhardia e gentileza,
Somente tens crueza!
Creo que com razão a ti compete
O nome de cruel Anaxarete.

Se cuidas, que servir-te não mereço
Por minha indinidade e tua valia,
Engana-te, Senhora, o pensamento;
Que, se tens gentileza e galhardia,
Eu tenho fiel amor, de tanto preço,
Que me iguala com teu merecimento.
Mas pouco presta ter tal fundamento,

Quem tem contrario o fado;
Amar-te, me he forçado;
Teu merecer altivo me faz força;
Mas quanto mais me esforça
A fé de meu amor e confiança,
Mais me desdenhas tu com esquivança.
Que vale tua gentileza e alegre vista?
Que vale que sejas tão formosa dama,
Se tudo tens em ti tão submergido?
A fresca flôr, que cuberta a rama,
A quem o tempo gasta sem ser vista,
Nenhuma cousa presta haver nacido;
O ouro nada vale, se está escondido
Em sua propria mina,
E não se tira e afina;
Nem a pérola em sua concha fea
Escondida na areia;
Porque, sem a humana companhia
Nenhuma cousa tem sua valia.
Assim, sua graça summa sobrehumana,
Angelica figura grave e honesta,
O preço perde estando em ti escondida;
Pois, teu cabello d'ouro e branca testa,
Rostro bello, florída edade ufana,
Gastas sem companhia em deserta vida.
Ó ingrata, cruel desconhecida!
O campo que merece,
Ou que te agradece,
Gastares n'elle edade tão sublime?
Dás-lhe o que não estima,
Dás-lhe, com larga mão o que me negas,
Em fim, a luz lhe dás, a mim as trevas.

Olha, que com pressa o tempo vôa,
E como, com corrida pressurosa
Calladamente a fim tudo caminha;
Procura de gosar de tua pessoa;
Porque depois de seca a fresca rosa,
Sem preço e sem valia fica a espinha;
Confeço-te, que a graça que ella tinha,
Se o tempo quiz tirar-lh'a
O mesmo torna a dar-lh'a;
E se perde a sazão que a ennobrece,
Ao outro anno reverdece;
Mas, tua sazão fresca se se perde,
Não cuides que jamais se torna verde.
Se te fez natureza tão preclara,
Se te dotou de graça e perfeição,
Com ella não assanhes a ventura;
Olha que estás agora em tua sazão,
Não sejas para ti mesma avara;
Vê, que a fruta hade colher-se se he madura;
Se deixares murchar tua formosura,
Que agora mal despendes,
Depois, se te arrependes,
O tempo, como corre á redea solta,
Não torna mais a dar volta,
Nem nosso estado humano é tão felice
Que se renove assim como a Fenice.
Como posso esperar de ti piedade,
Se tu, com teu intento deshumano,
Comtigo mesmo usando estás crueza?
Claro está de meu mal o desengano;
Quem não terá para si liberdade
Mal poderá para outrem ter largueza.

Mas comtudo, essa roda de aspereza
Espero que desande
E alguma hora abrande;
Porque, por tempo as feras das montanhas
Abrandam suas sanhas,
E o feroz cavallo, altivo, ufano,
Por tempo se sobmette ao uso humano.
  Se para atormentar-me estás contente,
Se para crueldade tens tal posse,
A esperança em mim vive segura;
Porque, por tempo a romãa se faz doce,
E se quebra o forte diamante,
A agua branda cava a pedra dura:
Quiçais permittirá minha ventura,
Que algum tempo veja
O bem que a alma deseja;
E no tempo brumal o céo espelhado
Não está sempre offuscado;
E ás vezes o mar manso tem tormenta,
Mas escassa-se o vento, a furia assenta.
  Se de qualquer trabalho, pouco ou muito,
Senhora, galardão igual se espera,
E dar-se a quem o merece se costuma,
De meu amor constante e fé sincera,
Bem posso com razão esperar fructo;
Se te offendo com isto em cousa alguma,
A vida pois se gaste e se consumma
Em tão gentil demanda,
Pois que amor o manda;
E se n'ella quizer fortuna ou fado,
Que seja de ti amado,

Não quero d'elle gloria mais cumprida
E quando não, morrer por ti he vida.
  Canção, perdida vás, mas mais perdido
Está quem te offerece ao seco vento;
Pois, para sentir males tem sentido,
E para mais lhe falta o sentimento:
Sei, que queixas ao doente he concedido,
Queixar-se de seu mal, de seu tormento,
Por tanto deixa-te ir, e d'onde fôres
Publíca meu tormento e mal de amores.

CANÇÃO XVIII

RECOLHIDAS PELO SNR. VISCONDE DE JUROMENHA DE UM MS.
DO SECULO XVII, E PUBLICADA NA EDIÇÃO DE 1861

Bem aventurado aquelle que ausente
Do reboliço, tráfego e tumulto,
Vê de longe as perdas e insultos,
Que faz o mundo vil da necia gente.
Aos cuidados têm posto freio
Mui alheio
Do perigo
Que comsigo
Traz a vida,
Que embebida
No peçonhento gosto da cubiça
O fogo com que arde assim atiça.

Não se mantem no gosto dos favores,
Enlevado nas falsas esperanças,
Vis, lhe parecem, e baixas as privanças
Dos princepes, dos reis e dos senhores;
Por abundancia tem e por riqueza
A pobreza,
Que imiga
Da fadiga
Não consente
Descontente,
Por vêr o coração, que por viver
Sem cuidado e temor quiz pobre ser.
Piza com peito forte e animoso
As ambições que os olhos d'alma cegam,
Despreza as vãs promessas que enlevam
Ao vão pensamento cuidadoso;
Este por máo e por perverso tive,
E assim vive,
Porque a vida
Consummida
Com cuidados
Escusados
E sugeita a desconcertos da ventura
Não é vida vital, mas morte pura.
Não tiram o doce somno as lembranças
Importunas do bem ou mal futuro;
Os varios successos vê seguro,
Livre de medo, isempto de mudanças;
E posto que a vida breve seja,
Não deseja
Estendel-a;

Gosa d'ella
Que parece
Que enriquece:
Porque a vida occupada em buscar vida,
Acha-se mal gastada e não crescida.
  Não anda entre amigos incubertos,
A perigos immensos avisado,
Mas co'animo constante e socegado,
Gosa dos corações leaes e certos;
Quando o bravo mar furioso
Bellicoso
Fogo accende,
E pertende
Com estranha
Ira e sanha
Roubar a cara paz, cá na terra,
Com socego está-se rindo da guerra.
  Não ouve da trombeta temerosa
O rouco som que assombra o esforçado;
Não teme do cruel e vão soldado
A espada de sangue cubiçosa;
Nem o pelouro da espingarda saindo,
Retinindo
Pelo ár vôa
Ledo, e sôa;
Mas descendo,
Não se vendo,
Vae ferir entre muitos o coitado,
Que tal caso está bem descuidado.
  E posto que o livre entendimento
Captiva a vista, e regra a lei que segue,
E a outra vontade a sua entregue,

Refreando o errado pensamento;
Comtudo, tem mais certa liberdade
A vontade
Que acceita
Ser sugeita,
Porque os danos
E enganos
Que procedem do proprio parecer,
Senhor de si a hum não deixa ser.
  Ora da baxa terra alevanta
O experto pensamento ao céo formoso,
E da vida e de si mesmo queixoso,
Morre por possuir riqueza tanta;
Ora com doces ais o céo rompendo
E gemendo
Diz á morte:
Dura sorte!
Se vieras
E me deras
Hum golpe tão esquivo que morrera,
Por verdadeira vida te tivera.

(Ed. Jur., t. I., pag. 244.)

CANÇÃO XIX

Porque a vossa belleza a si se vença,
Taes extremos mostrastes,
Que mais bella ficastes
C'o passado rigor d'esta doença;

Assi depois, a discorada rosa
Se reverdece fica mais formosa;
Assim depois, do inverno e seus rigores,
Se mostra a primavera com mais flores;
Assim depois, que eclipse o sol padece,
Com mais formosos raios resplandece.
Já de vossa saude o sol se alegra,
E se negro vestia
Se veste de alegria,
E se mostra mais clara a noute negra,
Os campos secos floreceis, Senhora,
Sem flores já enferma a sua Flora;
Tambem os elementos se alegraram,
Que o vosso mal sentiram e choraram;
Alegre canta o passaro mais rudo,
Tudo se alegra, ou vós alegraes tudo.
Alegraes terra e céo com as luzes bellas
D'esses olhos formosos,
Que são tão milagrosos,
Que dão flores á terra, ao céo estrellas;
Ao Tejo, que ainda tem maior ventura
Daes o retrato d'essa formosura,
Que he de riquezas bem maior thesouro,
Que o levar as areias do fino ouro:
Pois tudo enriqueceis, Senhora, vêmos,
Que sois mais rica, e tendes mais extremos.
Festeja o mesmo amor vossa ventura
E a saude, de soberba n'ella,
Se mostra já mais bella,
E se enriquece em vossa formosura:
As graças, coroadas de mil flores,
Vos corôam por deosa dos amores,

E vos dão, o que vosso abril vos dera,
Que, tambem sois das Graças primavera:
Já que alegraes a tudo com saude,
Tudo se alegre, e ella não se mude.

(Ed. Jur., t. I., pag. 247.)

SEXTINAS

SEXTINA I

RECOLHIDA PELO LICENCIADO SOROPITA, NA EDIÇÃO DAS RIMAS DE 1595

Foge-me pouco a pouco a curta vida,
Se por caso he verdade qu'inda vivo;
Vae-se-me o breve tempo d'ante os olhos;
Chóro por o passado; e em quanto fallo,
Se me passam os dias passo a passo.
Vae-se-me, emfim, a idade, e fica a pena.
  Que maneira tão áspera de pena!
Pois nunca hum'hora viu tão longa vida
Em que do mal mover se visse um passo.
Que mais me monta ser morto que vivo?
Para que chóro, emfim? para que fallo,
Se lograr-me não pude de meus olhos?
  Oh formosos, gentís e claros olhos,
Cuja ausencia me move a tanta pena,
Quanta se não comprende em quanto fallo!

Se no fim de tão longa e curta vida
De vós m'inflammasse inda o raio vivo,
Por bem teria todo o mal que passo.
Mas bem sei que primeiro o extremo passo
Me ha de vir a cerrar os tristes olhos,
Que Amor me mostre aquelles por quem vivo.
Testimunhas serão a tinta e penna,
Qu'escreveram de tão molesta vida
O menos que passei, e o mais que fallo.
Oh que não sei qu'escrevo, nem que fallo!
Pois se d'hum pensamento em outro passo,
Vejo tão triste genero de vida,
Que se lhe não valerem tanto os olhos,
Não posso imaginar qual seja a penna
Qu'esta pena traslade com que vivo.
N'alma tenho contino hum fogo vivo,
Que se não respirasse no que fallo,
Estaria já feita cinza a pena;
Mas sobre a maior dôr que soffro e passo,
O temperam com lagrimas os olhos:
Com que, se foge, não se acaba a vida.
Morrendo estou na vida e em morte vivo;
Vejo sem olhos, e sem lingua fallo;
E juntamente passo gloria e pena.

1.ª Variante da sextina I, da edição de 1616 (*)

Foge-me pouco e pouco a curta vida,
Vay-se o breve tempo d'ante os olhos,
E do viver me vay levando o gosto:

(*) Traz a seguinte declaração: «Esta está impressa tão errada, que não parece do Autor, e foi emendada por elle por esta fórma.»

Choro pelo passado, mas os dias
Não se detem por isso do seu curso,
Passa-se emfim a edade e fica a pena.
  Que maneira tão aspera de pena
Que nunca um passo deu tão longa vida
Fóra de trabalhoso e triste curso,
Se no processo meu estendo os olhos
Tão cheios de trabalhos vejo os dias,
Que já não gósto nem do mesmo gosto.
  Os prazeres, o canto, o riso e o gosto,
A continuação da grave pena,
Me levou, que não ponho culpa aos dias,
A culpa he do destino, porque a vida
Sempre celebrará os bellos olhos,
Por mais que do viver se alongue o curso.
  Sigam os céos o seu natural curso,
A toda a gente dêm tristeza ou gosto;
Façam emfim mudanças, que meus olhos
Nunca verão no mundo senão pena,
Nem descanso terei já n'esta vida (*)
Para poder em paz passar os dias.
  Vão succedendo uns dias a outros dias,
Não perde o tempo nada do seu curso,
Perde sómente a curta e breve vida.
Foge-lhe como sombra a idade e o gosto,
Vay-se-lhe acrecentando magoa e pena,
De que são testemunhas os meus olhos.
  Mas nunca da minha alma os claros olhos,
Vos poderão tirar os longos dias,
Cresça quanto quizer trabalho e pena,
Que pois para detraz não torna o curso
Dos annos; este só terei por gosto,
Para poder passar o mais da vida.
  Canção já tive vida, já meus olhos
Me deram algum gosto, mas os dias
Com seu ligeiro curso magoa e pena.

(*) Este verso, que faltava nos Mss. de Domingos Fernandes, achava-se assim nos Mss. de D. Antonio Alvares da Cunha.

2.ª Variante da sextina I, da edição de 1861

Quanto tempo ter posso amor de vida
Sem vêr aquella luz alegre e bella
D'aquelles graciosos lindos olhos?
Se hade ser muito venha a morte
E para sempre aparte d'este corpo
A triste namorada, infelice alma.
Quando fizeste os olhos seus d'esta alma
A luz, a guia, a gloria, a fama, a vida,
Ordenaste que nao vivesse o corpo
Não vendo a vista amada, linda, bella;
Pois como já me tarda tanto a morte
Se tanto ha que não vejo os olhos bellos?
Claros raios do sol, formosos olhos,
Que as chaves ambas tendes de minha alma,
Se não vos heide vêr, leve-me a morte,
Que morte he sem vos vêr a propria vida;
E pois que não vos vendo a morte he bella,
Nao tenha uma hora mais de vida o corpo.
Vae-se sostendo na esperança o corpo,
De tornar inda a vêr-vos, doces olhos,
Que se nao fôra esta esperança bella
A alma já o deixára, e elle a alma:
Pois se vós d'elle e d'ella sois a vida
Que podem sem vós ter mais do que morte.
Varios modos soffrendo está de morte
Em tanto este mortal e triste corpo,
E se temo perder de todo a vida
He por temer perder-vos, lindos olhos;
Isto faz com que já de todo a alma
Nao se parta a buscar vida mais bella.
Serena luz, formosa, clara e bella
Que me dás juntamente vida e morte,
E pintaste com teus raios n'esta alma
As raras perfeições do bello corpo,
Té que te torne a vêr meus tristes olhos
Não haverá em mim gosto da vida.

Morte sem vós he vida, e morte a vida,
Bella a tristeza n'estes tristes olhos,
A alma carga pesada ao mortal corpo.
(Ed. Jur., t. I, p. 255.)

SEXTINA II

RECOLHIDA POR D. ANTONIO ALVARES DA CUNHA NA III PARTE DAS RIMAS DE 1668

A culpa de meu mal só têm meus olhos,
Pois que deram a Amor entrada n'alma,
Para que perdesse eu a liberdade.
Mas quem póde fugir a uma brandura,
Que despois de vos pôr em tantos males,
Dá por bens o perder por ella a vida?
Assaz de pouco faz quem perde a vida
Por condição tão dura e brandos olhos;
Pois de tal qualidade são meus males,
Que o mais pequeno d'elles toca n'alma.
Não s'engane com mostras de brandura
Quem quizer conservar a liberdade.
Roubadora he de toda liberdade
(E oxalá perdoasse á triste vida!)
Esta que o falso Amor chama brandura,
Ai meus, antes imigos, que meus olhos!
Que mal vos tinha feito esta vossa alma,
Para vós lhe fazerdes tantos males?
Cresçam de dia em dia embora os males;
Perca-se embora a antiga liberdade;

Transforme-se em amor esta triste alma;
Padeça embora esta innocente vida;
Que bem me pagam tudo estes meus olhos,
Quando de outros, se os vêm, vem a brandura.
  Mas como n'elles póde haver brandura,
Se causadores são de tantos males?
Engano foi d'Amor, porque meus olhos
Dessem por bem perdida a liberdade.
Já não tenho que dar senão a vida,
Se a vida já não deu, quem já deu a alma.
  Que póde já 'sperar quem a sua alma
Captiva eterna fez d'huma brandura,
Que quando vos dá morte, diz qu'he vida?
Forçado me he gritar n'estes meus males,
Olhos meus: pois por vós a liberdade
Perdi, de vós me queixarei, meus olhos.
  Chorae, meus olhos, sempre os damnos d'alma,
Pois daes a liberdade a tal brandura,
Que para dar mais males, dá mais vida.

SEXTINA III

Oh triste, oh tenebroso, oh cruel dia,
Amanhecido só para meu damno!
Pudeste-me apartar d'aquella vista
Por quem vivia com meu mal contente?
Ah se o supremo fôras d'esta vida,
Qu'em ti se começára a minha glória!
  Mas como eu não nasci para ter glória,
Senão pena que cresça cada dia,

O Ceo m'está negando o fim da vida,
Porque não tenha fim com ella o damno:
Para que nunca possa ser contente,
Da vista me tirou aquella vista.
  Suave, deleitosa, alegre vista,
D'onde pendia toda a minha glória,
Por quem na mór tristeza fui contente;
Quando será que veja aquelle dia
Em que deixe de vér tão grave damno,
E em que me deixe tão penosa vida?
  Como desejarei humana vida,
Ausente d'huma mais que humana vista,
Que tão glorioso me fazia o damno!
Vejo o meu damno sem a sua glória;
Á minha noite falta já seu dia:
Triste tudo se vê, nada contente.
  Pois sem ti já não posso ser contente,
Mal posso desejar sem ti a vida;
Sem ti já vêr não posso claro dia,
Não posso sem te vêr desejar vista;
Na tua vista só se via a glória,
Não vêr a glória tua he vêr meu damno.
  Não via maior glória que meu damno,
Quando do damno meu eras contente:
Agora me he tormento a maior glória,
Que póde prometter-me Amor na vida,
Pois tornar-te não póde á minha vista,
Que só na tua achava a luz do dia.
  E pois de dia em dia cresce o damno,
Nem posso sem tal vista ser contente,
Só com perder a vida acharei glória.

SEXTINA IV

Sempre me queixarei d'esta crueza
Que Amor usou commigo quando o tempo,
A pezar de meu duro e triste fado,
A meus males queria dar remedio,
Em apartar de mi aquella vista,
Por quem me contentava a triste vida.
Levára-me, oxalá, traz ella a vida,
Para que não sentíra esta crueza
De me vêr apartado de tal vista!
E praza a Deos não veja o proprio tempo
Em mi, sem esperança de remedio,
A desesperação d'um triste fado!
Porém já acabe o triste e duro fado!
Acabe o tempo já tão triste vida,
Qu'em sua morte só tem seu remedio.
O deixar-me viver he mór crueza,
Pois desespéro já d'em algum tempo
Tornar a vêr aquella doce vista.
Duro Amor! se pagava só tal vista
Todo o mal que por ti me fez meu fado,
Porque quizeste que a levasse o tempo?
E se o assi quizeste, porque a vida
Me deixas para vêr tanta crueza,
Quando em não vêl-a só vejo o remedio?
Tu só de minha dôr eras remedio,
Suave, deleitosa e bella vista.
Sem ti, que posso eu vêr senão crueza?
Sem ti, qual bem me póde dar o fado,
Se não he consentir que acabe a vida?
Mas elle d'ella me dilata o tempo.

Azas para voar vejo no tempo,
Que com voar a muitos foi remedio;
E só não vôa para á minha vida.
Para que a quero eu sem tua vista?
Para que quer tambem o triste fado
Que não acabe o tempo tal crueza?
Não poderão fazer crueza, ou tempo,
Fôrça de fado, ou falta de remedio,
Qu'essa vista m'esqueça em toda a vida.

SEXTINA V *(differente)*

DO CANCIONEIRO MS. DE LUIZ FRANCO FL. 47 (*)

Tão crua nympha, nem tão fugitiva
Com lindo pé pizou
A verde herva, nem colheu brancas flôres,
Soltando seus cabellos d'ouro fino
Ao vento que em doces nós os olhos ata,
Nem tão linda, discreta e tão formosa
Como esta minha inimiga.

Aquillo que em pessoa que hoje viva
No mundo não se achou,
Quiz n'ella a natureza seus primores
Mostrando que se achasse de contino,
Castidade e belleza; huma me mata,

(*) O snr. visconde de Juromenha reproduziu como Ode esta peça, que segundo o artificio da poetica do seculo XVI, é propriamente Sextina, porque não tem rima, e porque os dois hemistichios se contam como um só verso.

A outra de suave e deleitosa
Me faz doce fadiga.

Mas esta bella fera tão esquiva
Que o prazer me roubou,
Quiz-me pagar seus unicos louvores
Cantando eu n'um estylo d'ella indino;
Porque se de louvor tão alto trata
Não sei eu tão baxo verso e prosa
Que escreva, nem que diga.

Aquella luz que a do sol claro priva,
E a minha me cegou,
Aquelle mover d'olhos minhas dôres
Causando no olhar manso e divino,
O doce rir que esta alma desbarata,
Faz a sua pena desejosa
E de seu mal amiga.

Dos bellos olhos veiu a chamma viva,
Que n'alma se ateou
Com lenha de vossos desfavores,
Queimando dentro o coração mofino,
Cujo fim por mór damno se dilata
Com a esperança falsa e duvidosa
Que forçado é que siga.

Minha ou vossa, vendo-se cativa
Que Deos livre creou,
Se a queixa d'esses olhos roubadores
Culpando ao claro raio peregrino;
Mas logo a luz suave que a resgata

De vossa linda vista graciosa
A faz que se desdiga.

Nenhuma que no mundo humana viva
Que o creador formou
Por milagre maior entre os maiores,
Formando um feito de tal feitor dino:
Deos não quer que sejaes, Senhora, ingrata,
Mas que ajudeis huma alma desditosa
Que em vos servir periga:
A soffrer esta pena rigorosa
Vosso valor me obriga.

ODES

RECOLHIDAS PELO LICENCIADO FERNÃO RODRIGUES LOBO
SOROPITA, NA EDIÇÃO DAS RIMAS DE 1595

—

ODE I

Á Lua

Detem um pouco, Musa, o largo pranto
Que Amor te abre do peito;
E vestida de rico e ledo manto,
Demos honra e respeito,
Áquella, cujo objeito
Todo o mundo allumia,
Trocando a noite escura em claro dia. [1]
Ó Delia, que a pezar da nevoa grossa,
Co'os teus raios de prata
A noite escura fazes que não possa [2]
Encontrar o que trata,
E o que n'alma retrata
Amor por teu divino
Rosto, por qu'endoudeço e desatino:

Tu, que de formosissimas estrellas
Corôas e rodeias
Tua candida fronte e faces bellas; [3]
E os campos formoseias
Co'as rosas que semeias,
Co'as boninas que gera
O teu celeste humor na primavera: [4]
Para ti guarda o sítio fresco d'Ilio [5]
Suas sombras formosas;
Para ti o Erymantho e o lindo Pylio [6]
As mais purpureas rosas;
E as drogas mais cheirosas [7]
D'esse nosso Oriente
Guarda a felice Arabia mais contente. [8]
De qual panthera ou tigre, ou leopardo [9]
As asperas entranhas
Não temeram teu fero e agudo dardo, [10]
Quando por as montanhas
Mais remotas e extranhas
Ligeira atravessavas,
Tão formosa, que a Amor d'amor matavas?
Pois, Delia, do teu céo vendo estás quantos [11]
Furtos de puridades,
Suspiros, maguas, ais, musicas, prantos,
As conformes vontades, [12]
Humas por saudades,
Outras por crus indicios
Fazem das proprias vidas sacrificios:
Já veiu Endymião por estes montes [13]
O céo suspenso, olhando,
E teu nome, co'os olhos feitos fontes,
Em vão sempre chamando, [14]

Pedindo (suspirando)
Mercês á tua beldade,
Sem que ache em ti hum'hora piedade.
  Por ti feito pastor de branco gado [15]
Nas selvas solitarias,
Só de seu pensamento acompanhado,
Conversa as alimarias,
De todo Amor contrárias,
Mas não, como ti, duras,
Onde lamenta e chora desventuras.
  Das castas virgens sempre os altos gritos,
Clara Lucina, ouviste,
Renovando lhe as forças e os espritos:
Mas os d'aquelle triste,
Já nunca consentiste
Ouvil-os hum momento,
Para ser menos grave o seu tormento. [16]
  Não fujas, não de mim! Ah não t'escondas
D'hum tão fiel amante!
Olha como suspiram estas ondas,
E como o velho Atlante
O seu collo arrogante
Move piedosamente,
Ouvindo a minha voz fraca e doente.
  Triste de mi! Qu'alcanço por queixar-me, [17]
Pois minhas queixas digo
A quem já ergueu a mão para matar-me [18]
Como a cruel imigo?
Mas eu meu fado sigo,
Que a isto me destina,
E que isto só pretende e só m'ensina. [19]

Oh quanto ha já que o céo me desengana!
Mas eu sempre porfio
Cada vez mais na minha teima insana.
Tendo livre alvedrio,
Não fujo o desvario;
Porque este em que me vejo [20]
Engana co'a esperança o meu desejo.
Oh quanto melhor fôra que dormissem
Hum somno perennal
Estes meus olhos tristes, e não vissem
A causa de seu mal
Fugir, a hum tempo tal, [21]
Mais que d'antes proterva,
Mais cruel que ursa, mas fugaz que cerva!
Ai de mi, que me abrazo em fogo vivo,
Com mil mortes ao lado;
E quando morro mais, então mais vivo!
Porque tem ordenado [22]
Meu infelice fado,
Que quando me convida
A morte, para a morte tenha vida.
Secreta noite amiga, a quem obedeço, [23]
Estas rosas (por quanto
Meus queixumes me ouviste) te offereço, [24]
E este fresco amaranto,
Humido já do pranto,
E lagrimas da esposa
Do cioso Titão, branca e formosa.

ODE II

Tão suave, tão fresca e tão formosa,
Nunca no céo sahiu
A Aurora no principio do verão,
A's flores dando a graça costumada,
Como a formosa mansa fera, quando
Hum pensamento vivo m'inspirou,
Por quem me desconheço.
 Bonina pudibunda, ou fresca rosa,
Nunca no campo abriu,
Quando os raios do sol no Touro estão,
De côres differentes esmaltada,
Como esta flôr, que os olhos inclinando,
O soffrimento triste costumou
A' pena que padeço.
 Ligeira, bella Nympha, linda, irosa,
Não creio que seguiu
Satyro, cujo brando coração
D'amores commovesse fera irada,
Que assi fosse fugindo e despresando
Este tormento, d'onde Amor mostrou [1]
Tão prospero começo.
 Nunca, emfim, cousa bella e rigorosa
Natura produziu,
Que iguale aquella fórma e condição,
Que as dores em que vivo estima em nada.
Mas com tão doce gesto irado e brando,
O sentimento, e a vida me enlevou,
Que a pena lhe agradeço.

Bem cudei d'exaltar em verso, ou prosa,
Aquillo que a alma viu
Entre a doce dureza e mansidão, [2]
Primores de belleza desusada;
Mas quando quiz voar ao céo cantando;
Entendimento e engenho me cegou
Luz de tão alto preço.
N'aquella alta pureza deleitosa
Que ao mundo s'encobriu;
E nos olhos angelicos, que são
Senhores d'esta vida destinada;
E n'aquelles cabellos, que soltando
Ao manso vento, a vida me enredou,
Me alegro e me entristeço.
Saudade e suspeita perigosa,
Que Amor constituiu
Por castigo d'aquelles que se vão;
Temores, penas d'alma despresada,
Fera esquivança, que me vae tirando
O mantimento que me sustentou,
A tudo me offereço.
Amor isento a huns olhos me entregou,
Nos quaes a Deos conheço.

ODE III

Se de meu pensamento
Tanta razão tivera d'alegrar-me, [1]
Quanto de meu tormento
A tenho de queixar-me,
Puderas, triste lyra, consolar-me.

E minha voz cansada,
Que em outro tempo foi alegre e pura, [2]
Não fôra assi tornada,
Com tanta desventura,
Tão rouca, tão pesada, nem tão dura.
A ser como sohia,
Pudera levantar vossos louvores;
Vós, minha Hierarchia,
Ouvíreis meus amores,
Qu'exemplo são ao mundo ja de dôres.
Alegres meus cuidados,
Contentes dias, horas e momentos,
Oh quanto bem lembrados [3]
Sois de meus pensamentos,
Reinando agora em mi duros tormentos!
Ai gostos fugitivos!
Ai gloria ja acabada e consummida!
Ai males tão esquivos! [4]
Qual me deixaes a vida!
Quão cheia de pezar! quão destruida!
Mas como não he morta
Ja esta vida? como tanto dura? [5]
Como não abre a porta
A tanta desventura,
Qu'em vão com seu poder o tempo cura?
Mas para padecêl-a
S'esforça o meu sogeito e convalece; [6]
Que só para dizêl-a,
A fôrça me fallece,
E de todo me cansa e m'enfraquece.
Oh bem affortunado
Tu, que alcançaste com lyra toante,

Orphéo, ser escutado
Do fero Rhadamante,
E co'os teus olhos vêr a doce amante!
  As infernaes figuras
Moveste com teu canto docemente;
As tres Furias escuras,
Implacaveis á gente,
Applacadas se viram de repente. [7]
  Ficou como pasmado
Todo o estygio reino co'o teu canto;
E quasi descansado
De seu eterno pranto.
Cessou de alçar Sisypho o grave canto.
  A ordem se mudava
Das penas que regendo está Plutão; [8]
Em descanso se achava
A roda de Ixião,
E em glória quantas penas alli são.
  De todo já admirada [9]
A Rainha infernal e commovida,
Te deu a desejada
Esposa, que perdida [10]
De tantos dias já tivera a vida.
  Pois minha desventura,
Como já não abranda hum'alma humana,
Qu'he contra mi mais dura,
E inda mais deshumana, [11]
Que o furor de Callirrhoë profana?
  Oh crua, esquiva e fera,
Duro peito, cruel e empedernido, [12]
D'alguma tigre fera

Lá na Hircania nascido, [13]
Ou d'entre as duras rochas produzido!
Mas que digo, coitado!
E de quem fio em vão minhas querellas?
Só vós, oh do salgado,
Humido Reino bellas
E claras Nymphas, condoei-vos d'ellas.
E d'ouro guarnecidas
Vossas louras cabeças levantando
Sobre as ondas erguidas, [14]
As tranças gottejando,
Sahindo todas, vinde a vêr qual ando. [15]
Sahi em companhia,
E cantando e colhendo as lindas flores; [16]
Vereis minha agonia,
Ouvireis meus amores,
E sentireis meus prantos, meus clamores. [17]
Vereis o mais perdido
E mais infeliz corpo qu'he gerado; [18]
Qu'está ja convertido
Em chôro, e n'este estado
Sómente vive n'elle o seu cuidado.

ODE IV

Formosa fera humana,
Em cujo coração soberbo e rudo
A força soberana
Do vingativo Amor, que vence tudo,

As pontas amoladas
De quantas settas tinha tem quebradas:
  Amada Circe minha,
Postoque minha não, comtudo amada;
A quem hum bem que tinha
Da doce liberdade desejada,
Pouco a pouco entreguei,
E se mais tenho, mais entregarei; [1]
  Pois natureza irosa
Da razão te deu partes tão contrárias,
Que sendo tão formosa,
Folgues de te queimar em flammas várias, [2]
Sem arder em nenhuma
Mais qu'em quanto allumia o mundo a lua;
  Pois triumphando vás
Com diversos despojos de perdidos,
Que tu privando estás
De razão, de juizo e de sentidos,
E quasi a todos dando
Aquelle bem que a todos vás negando;
  Pois tanto te contenta
Vêr o nocturno moço, em ferro envolto,
Debaixo da tormenta
De Jupiter em agua e vento sôlto,
Á porta, que impedido
Lhe tem seu bem, de mágoa adormecido;
  Porque não tens receio
Que tantas insolencias e esquivanças [3]
A deosa, que põe freio
A soberbas e doudas esperanças,
Castigue com rigor,
E contra ti se accenda o fero Amor?

Olha a formosa Flora;
De despojos de mil suspiros rica, [4]
Por o Capitão chora, [5]
Que lá em Thessalia, emfim, vencido fica,
E foi sublime tanto,
Que altares lhe deu Roma e nome santo.
Olha em Lesbos aquella [6]
No seu salteiro insigne conhecida;
Dos muitos que por ella
Se perderam, perdeu a cara vida
Na rocha que se infama
Com ser remedio extremo de quem ama.
Por o moço escolhido, [7]
Onde mais se mostraram as tres Graças;
Que Venus escondido
Para si teve um tempo entre as alfaças,
Pagou co'a morte fria
A má vida que a muitos já daria.
E, vendo-se deixada
D'aquella por quem tantos já deixára,
Se foi desesperada,
Precipitar da infame rocha cara:
Que o mal de mal querida
Sabe que vida lhe he perder a vida.
Tomae-me, bravos mares;
Vós me tomae, pois outrem me deixou. [8]
Disse: e dos altos ares
Pendendo com furor s'arremessou.
Acude tu, suave,
Acude, poderosa e divina ave.
Toma-a nas azas tuas,
Menino pio, illesa e sem perigo, [9]

Antes que n'estas cruas
Aguas cahindo apague o fogo antigo. [10]
He digno amor tamanho
De viver, e ser tido por estranho.
  Não: qu'he razão que seja
Para as lobas isentas, que amor vendem,
Exemplo onde se veja
Que tambem ficam presas as que prendem.
Assi o deu por sentença
Némesis, que Amor quiz que tudo vença.

ODE V

Nunca manhã suave
Estendendo seus raios por o mundo, [1]
Despois de noite grave,
Tempestuosa, negra, em mar profundo
Alegrou tanto náo, que já no fundo
Se viu em mares grossos,
Como a luz clara a mi dos olhos vossos.
  Aquella formosura,
Que só no virar d'elles resplandece;
E com que a sombra escura [2]
Clara se faz, e o campo reverdece;
Quando o meu pensamento se entristece,
Ella e sua viveza
Me desfazem a nuvem da tristeza.
  O meu peito, onde estaes,
He para tanto bem pequeno vaso;
Quando acaso viraes

Os olhos, que de mi não fazem caso,
Todo, gentil Senhora, então me abraso
Na luz que me consumme,
Bem como a borboleta faz no lume.
  Se mil almas tivera
Que a tão formosos olhos entregára,
Todas quantas pudera [3]
Por as pestanas d'elles pendurára;
E, enlevadas na vista pura e clara,
(Postoque d'isso indinas)
Se andaram sempre vendo nas meninas.
  E vós, que descuidada
Agora vivereis de taes querellas,
D'almas minhas cercada,
Não pudesseis tirar os olhos d'ellas;
Não póde ser que, vendo a vossa entr'ellas [4]
A dôr que lhe mostrassem,
Tantas huma alma só não abrandassem.
  Mas, pois o peito ardente
Huma só póde ter, formosa Dama,
Basta que esta sómente,
Como se fossem mil e mil, vos ama, [5]
Para que a dôr de sua ardente flamma
Comvosco tanto possa,
Que não queiraes vêr cinza hum'alma vossa.

ODE VI

RECOLHIDA POR ESTEVAM LOPES, NA EDIÇÃO DAS RIMAS DE 1598

A D. Francisca de Aragão (*)

Póde hum desejo immenso [1]
Arder no peito tanto,
Que á branda e á viva alma o fogo intenso [2]
Lhe gaste as nodoas do terreno manto;
E purifique em tanta alteza o esprito
Com olhos immortaes, [3]
Que faz que leia mais do que vê 'scrito.
  Que a flamma, que se accende
Alto, tanto allumia,
Que se o nobre desejo ao bem s'estende
Que nunca viu, o sente claro dia;
E lá vê do que busca o natural,
A graça, a viva côr,
N'outra especie melhor que a corporal.
  Pois vós, ó claro exemplo
De viva formosura,
Que de tão longe cá noto e contemplo [4]
N'alma, que este desejo sobe e apura;
Não creaes que não vejo aquella imagem
Que as gentes nunca vêm,
Se de humanos não tem muita vantagem. [5]

(*) Rubrica do Ms. que anda junto como appenso á edição das Rimas de 1595, da Bibl. nac.

Que se os olhos ausentes
Não vêm a compassada
Proporção, que das côres excellentes
De pureza e vergonha é variada;
Da qual a Poesia que cantou
Atéqui só pinturas
Com mortaes formosuras igualou;
Se não vêm os cabellos
Que o vulgo chama de ouro;
E se não vêm os claros olhos bellos,
De quem cantam que são de sol thesouro;
E se não vêm do rosto as excellencias,
A quem dirão que deve
Rosa, e crystal, e neve as apparencias;
Vêm logo a graça pura,
A luz alta e severa,
Que he raio da divina formosura,
Que n'alma imprime e fóra reverbera;
Assi como crystal do sol ferido,
Que por fóra derrama
A recebida flamma esclarecido.
E vêm a gravidade,
Com a viva alegria
Que misturada tem de qualidade, [6]
Que huma da outra nunca se desvia;
Nem deixa de ser huma receada [7]
Por leda e por suave,
Nem outra, por ser grave, muito amada.
E vêm do honesto siso
Os altos resplandores
Temperados co'o doce e ledo riso, [8]
A cujo abrir abrem no campo as flôres;

As palavras discretas e suaves,
Das quaes o movimento
Fará deter o vento e as altas aves:
  Dos olhos o virar
Que torna tudo raso,
Do qual não sabe o engenho divisar
Se foi por artificio, ou feito acaso;
Da presença os meneios e a postura,
O andar e o mover-se,
D'onde póde aprender-se formosura.
  Aquelle não sei que,
Que aspira não sei como,
Qu'invisivel sahindo, a vista o vê,
Mas para o comprender não lhe acha tomo;
E que toda a toscana Poesia,
Que mais Phebo restaura,
Em Beatriz, nem Laura nunca via:
  Em vós a nossa idade,
Senhora, o póde vêr,
S'engenho, se sciencia e habilidade,
Iguaes á vossa formosura der, [9]
Qual a vi no meu longo apartamento, [10]
Qual em ausencia a vejo.
Taes azas dá o desejo ao pensamento!
  Pois se o desejo afina
Hum'alma accesa tanto, [11]
Que por vós use as partes de divina;
Por vós levantarei não visto canto,
Que o Betis me ouça, e o Tibre me levante:
Que o nosso claro Tejo, [12]
Envolto um pouco o vejo e dissonante.

O campo não o esmaltam
Flôres, mas só abrolhos
O fazem feio; e cuido que lhe faltam
Ouvidos para mi, para vós olhos.
Mas faça o que quizer o vil costume;
Que o sol, qu'em vós está,
Na escuridão dará mais claro lume,

ODE VII

A Dom Manoel de Portugal (*)

A quem darão de Pindo as moradoras,
Tão doctas como bellas,
Florecentes capellas
De triumphante louro, ou myrto verde;
Da gloriosa palma, que não perde
A presumpção sublime,
Nem por força de pêzo algum se opprime?
A quem trarão nas faldas delicadas,
Rosas, a rôxa Cloris,
Conchas a branca Doris;
Estas, flôres do mar; da terra aquellas,
Argenteas, ruivas; brancas e amarellas,
Com danças e corêas
De formosas Nereidas e Napêas?
A quem farão os Hymnos, Odes, Cantos,
Em Thebas Amphion,
Em Lesbos Arion,

(*) Rubrica do Ms. supra citado.

Senão a vós, por quem restituida
Se vê da Poesia já perdida
A honra e gloria igual,
Senhor Dom Manoel de Portugal?
  Imitando os espritos já passados,
Gentis, altos, reaes,
Honra benigna daes
A meu tão baixo quão zeloso engenho.
Por Mecenas a vós celebro e tenho;
E sacro o nome vosso
Farei, se alguma cousa em verso posso.
  O rudo Canto meu, que resuscita
As honras sepultadas,
As palmas já passadas
Dos bellicosos nossos Lusitanos
Para thesouro dos futuros annos,
Comvosco se defende
Da lei lethêa, á qual tudo se rende.
  Na vossa arvore ornada d'honra e glória
Achou tronco excellente
A hera florecente
Para a minha atéqui de baixa estima:
N'elle, para trepar, s'encosta e arrima; [1]
E n'ella subireis
Tão alto, quanto os ramos estendeis.
  Sempre foram engenhos peregrinos
Da Fortuna invejados;
Que quanto levantados
Por um braço nas azas são da Fama,
Tanto por outro aquella, que os desama,
Co'o pêzo e gravidade
Os opprime da vil necessidade.

Mas altos corações dignos d'Imperio,
Que vencem a Fortuna,
Foram sempre coluna
Da sciencia gentil: Octaviano,
Scipião, Alexandre e Graciano,
Que vemos immortaes;
E vós, que o nosso seculo douraes.
Pois, logo, em quanto a cithara sonora
S'estimar por o mundo,
Com som docto e jucundo;
E em quanto produzir o Tejo e o Douro
Peitos de Marte e Phebo crespo e louro,
Tereis gloria immortal,
Senhor Dom Manoel de Portugal.

ODE VIII

A Dom Francisco Coutinho sobre o livro que compôz o doutor Orta, «De Simplicibus» (*)

Aquelle unico exemplo
De fortaleza heroica e ousadia,
Que mereceu no templo
Da Fama eterna ter perpétuo dia;
O grão filho de Thetis, que dez annos
Flagello foi dos miseros Troianos;
Não menos ensinado
Foi nas hervas e Medica polícia,
Que destro e costumado
No soberbo exercicio da Milicia:

(*) **Rubrica do supra citado Ms.**

Assi que as mãos que à tantos morte deram,
Tambem a muitos vida dar puderam.
  E não se desprezou
Aquelle fero e indómito mancebo
Das Artes qu'ensinou
Para o languido corpo o intonso Phebo;
Que se o temido Heitor matar podia,
Tambem chagas mortaes curar sabía.
  Taes Artes aprendeu
Do semivíro Mestre e docto velho,
Onde tanto cresceu
Em virtude, e em sciencia e em conselho, [1]
Que Télepho, por elle vulnerado,
Só d'elle pôde ser despois curado.
  Pois, vós, ó excellente
E illustrissimo Conde, do céo dado
Para fazer presente
D'altos Heroes o seculo passado;
E em quem bem trasladada está a memoria
De vossos ascendentes, a honra e glória: [2]
  Postoque o pensamento
Occupado tenhaes na guerra infesta,
Ou co'o sanguinolento
Taprobano, ou Achem, que o mar molesta,
Ou co'o Cambaico, occulto imigo nosso,
Que qualquer d'elles teme o nome vosso:
  Favorecei a antiga
Sciencia que já Achilles estimou;
Olhae que vos obriga
O vêr qu'em vosso tempo rebentou
O fructo d'aquell'Orta onde florecem
Plantas novas, que os doctos não conhecem.

Olhae qu'em vossos annos
Huma Orta produze várias hervas
Nos campos Indianos,
As quaes aquellas doctas e protervas,
Medêa e Circe, nunca conheceram,
Postoque a lei da Magica excederam.
E vêde carregado
D'annos e traz a vária experiencia [3]
Hum velho, qu'ensinado
Das gangeticas Musas na sciencia
Podaliria subtil, e arte sylvestre,
Vence ao velho Chiron, d'Achilles mestre.
O qual está pedindo
Vosso favor e amparo ao grão volume, [4]
Qu'impresso á luz sahindo,
Dará da Medicina um vivo lume;
E descobrir-nos-ha segredos certos,
A todos os Antiguos encobertos.
Assi que não podeis
Negar a que vos pede benigna aura:
Que se muito valeis
Na sanguinosa guerra Turca e Maura,
Ajudae quem ajuda contra a morte;
E sereis semelhante ao Grego forte.

ODE IX

Da brevidade da vida (*)

Fogem as neves frias
Dos altos montes quando reverdecem
As arvores sombrias;
As verdes hervas crecem,
E o prado ameno de mil côres tecem.
Zephyro brando espira;
Suas settas Amor afia agora;
Progne triste suspira,
E Philomela chora:
O céo da fresca terra se namora.
Já a linda Cytherêa [1]
Vem, do côro das Nymphas rodeada;
A branca Pasitêa
Despida e delicada,
Com as duas irmãs acompanhada. [2]
Em quanto as officinas
Dos Cyclopas Vulcano está queimando,
Vão colhendo boninas
As Nymphas, e cantando,
A terra co'o ligeiro pé tocando.
Desce do aspero monte [3]
Diana, já cansada da espessura,
Buscando a clara fonte, [4]
Onde por sorte dura
Perdeu Actêo a natural figura.

(*) **Rubrica do citado Ms.**

Assi se vae passando
A verde Primavera e o sêcco Estio;
O Outono vem entrando; [5]
E logo o Inverno frio,
Que tambem passará por certo fio.
Ir-se-ha embranquecendo
Com a frigida neve o sêcco monte;
E Jupiter chovendo
Turbará a clara fonte:
Temerá o marinheiro a Orionte. [6]
Porque, emfim, tudo passa;
Não sabe o tempo ter firmeza em nada;
E a nossa vida escassa
Foge tão apressada,
Que quando se começà he acabada.
Que se fez dos Troianos [7]
Heitor temido, Enêas piedoso?
Consumiram-te os annos,
Ó Cresso tão famoso, [8]
Sem te valer teu ouro precioso.
Todo o contentamento
Crias qu'estava em ter thesouro ufano!
Oh falso pensamento!
Que á custa de teu dano
Do sabio Solon crêste o desengano.
O bem que aqui se alcança,
Não dura por possante, nem por forte: [9]
Que a bem-aventurança
Duravel, de outra sorte
Se ha de alcançar na vida para a morte.

Porque, emfim, nada basta
Contra o terrivel fim da noite eterna; [10]
Nem póde a deosa casta
Tornar á luz superna
Hippolyto da escura sombra averna. [11]
Nem Theseo esforçado,
Ou com manha, ou com força valerosa, [12]
Livrar póde o ousado
Perithoo da espantosa
Prisão lethêa escura e tenebrosa.

ODE X

Aquelle moço fero
Nas Pelethrónias covas doctrinado [1]
Do Centauro severo:
Cujo peito esforçado
Com tutanos de tigres foi criado,
N'agua fatal, menino,
O lava a mãe, presaga do futuro,
Para que ferro fino
Não passe o peito duro
Que de si mesmo a si se tem por muro.
A carne lh'endurece,
Porque não seja d'armas offendida. [2]
Cega! pois não conhece
Que póde haver ferida
N'alma, e que menos doe perder a vida.
Que donde o braço irado [3]
Dos Troianos passava arnez e escudo,
Alli se viu passado

D'aquelle ferro agudo
Do menino que em todos póde tudo.
Alli se viu captivo
Da captiva gentil que serve e adora;
Alli se viu que vivo
Em vivo fogo móra,
Porque de seu senhor a vê senhora.
Já toma a branda lyra
Na mão que a dura Pelias meneára;
Alli canta e suspira,
Não como lh'ensinára
O velho, mas o moço que o cegára.
Pois, logo, quem culpado
Será, se de pequeno offerecido
Foi todo a seu cuidado;
No berço instituido
A não poder deixar de ser ferido?
Quem logo fraco infante
D'outro mais poderoso foi sujeito,
E para cego amante [1]
Desde o principio feito,
Com lagrimas banhando o tenro peito?
Se agora foi ferido
Da penetrante ponta e fôrça d'herva;
E se Amor he servido
Que sirva á linda serva,
Para quem minha estrella me reserva?
O gesto bem talhado;
O airoso meneio e a postura;
O rosto delicado,
Que na vista figura
Que se ensina por arte a formosura,

Como póde deixar
De render a quem tenha entendimento? [5]
Que quem não penetrar
Hum doce gesto, attento,
Não lhe he nenhum louvor viver isento.
Aquelles, cujos peitos [6]
Ornou d'altas sciencias o destino,
Se viram mais sujeitos [7]
Ao cego e vão menino,
Arrebatados do furor divino.
O Rei famoso hebreio,
Que mais que todos soube, mais amou;
Tanto, que a deos alheio
Falso sacrificou,
Se muito soube e teve, muito errou.
E o grão Sabio que ensina,
Passeando, os segredos da Sophia,
A' baixa concubina
Do vil eunuco Hermia
Aras ergueu, que aos deoses só devia.
Aras ergue a quem ama
O Philosopho insigne namorado;
Doe-se a perpetua fama,
E grita que he culpado:
Da lesa divindade he accusado.
Ja foge donde habita;
Ja paga a culpa enorme com desterro.
Mas oh grande desdita!
Bem mostra tamanho êrro
Que doctos corações não são de ferro.
Antes na altiva mente,
No subtil sangue e engenho mais perfeito [8]

Ha mais conveniente
E conforme sogeito,
Onde s'imprima o brando e doce affeito.

ODE XI

RECOLHIDAS POR DOMINGOS FERNANDES, NA EDIÇÃO DAS RIMAS DE 1616

N'aquelle tempo brando
Em que se vê do mundo a formosura,
Que Thetis descansando
De seu trabalho está, formosa e pura,
Cansava Amor o peito
Do mancebo Peleo d'hum duro affeito.
  Com impeto forçoso
Lhe havia ja fugido a bella Nympha,
Quando no tempo aquoso
Nóto irado revolve a clara lympha,
Serras no mar erguendo,
Que os cumes das da terra vão lambendo. [1]
  Esperava o mancebo,
Com a profunda dôr que n'alma sente,
Hum dia em que ja Phebo [2]
Começava a mostrar-se ao mundo ardente,
Soltando as tranças d'ouro,
Em que Clicie d'amor faz seu thesouro.
  Era no mez que Apollo
Entre os irmãos celestes passa o tempo;
O vento enfreia Eólo,
Para que o deleitoso passatempo

Seja quieto e mudo;
Que a tudo Amor obriga, e vence tudo.
  O luminoso dia
Os amorosos corpos despertava
A' cega idolatria, [3]
Que ao peito mais contenta e mais aggrava;
Onde o cego menino
Faz que os humanos crêam que he divino: [4]
  Quando a formosa Nympha,
Com todo o ajuntamento venerando,
Na crystallina lympha [5]
O corpo crystallino está lavando;
O qual nas aguas vendo,
N'elle, alegre de o vêr, s'está revendo:
  O peito diamantino,
Em cuja branca teta Amor se cria;
O gesto peregrino,
Cuja presença torna a noite em dia;
A graciosa bocca
Que a Amor com seus amores mais provoca;
  Os rubins graciosos;
As perolas que escondem vivas rosas [6]
Dos jardins deleitosos,
Que o céo plantou em faces tão formosas:
O transparente collo,
Que ciumes a Daphne faz d'Apollo;
  O subtil mantimento [7]
Dos olhos, cuja vista a Amor cegou;
A Amor que, com tormento
Glorioso, nunca d'elles se apartou,
Pois elles de contino
Nas meninas o trazem por menino;

Os fios derramados [8]
D'aquelle ouro que o peito mais cobiça,
D'onde Amor enredados
Os corações humanos traz e atiça,
E d'onde com desejo [9]
Mais ardente começa a ser sobejo.
O mancebo Peleo,
Que de Neptuno estava aconselhado,
Vendo na terra o céo
Em tão bella figura trasladado,
Mudo hum pouco ficou,
Porque Amor logo a falla-lhe tirou.
Emfim, querendo vêr
Quem tanto mal de longe lhe fazia,
A vista foi perder,
Porque de puro amor, Amor não via:
Viu-se assi cego e mudo [10]
Por a força d'Amor que póde tudo.
Agora s'apparelha
Para a batalha; agora remettendo;
Agora s'aconselha;
Agora vae; agora está tremendo;
Quando ja de Cupido
Com nova setta o peito viu ferido.
Remette o moço logo
Para onde estava a chamma sem socêgo;
E com o sobejo fogo
Quanto mais perto estava, então mais cego:
E cego, e com hum suspiro, [11]
Na formosa donzella emprega o tiro.

Vingado assi Peleo,
Nasceu d'este amoroso ajuntamento
O forte Larisseo,
Destruição do Phrygio pensamento;
Que, por não ser ferido,
Foi nas aguas estygias submergido.

ODE XII

Já a calma nos deixou
Sem flôres as ribeiras deleitosas; [1]
Ja de todo seccou
Candidos lirios, rubicundas rosas: [2]
Fogem do grave ardor os passarinhos
Para o sombrio amparo de seus ninhos.
Meneia os altos freixos
A branda viração de quando em quando;
E d'entre varios seixos
O liquido crystal sae murmurando:
As gottas, que das alvas pedras saltam,
O prado, como perolas, esmaltam.
Da caça ja cansada
Busca a casta Titanica a espessura, [3]
Onde á sombra inclinada
Logre o doce repouso da verdura,
E sobre o seu cabello ondado e louro [4]
Deixe cahir o bosque o seu thesouro.
O céo desimpedido
Mostrava o lume eterno das estrellas, [5]
E de flôres vestido
O campo, brancas, rôxas e amarellas, [6]

Alegre o bosque tinha, alegre o monte,
O prado, o arvoredo, o rio, a fonte.
  Porém como o menino, [7]
Que a Jupiter por a aguia foi levado,
No cêrco crystallino
Fôr do amante de Clicie visitado; [8]
O bosque chorará, chorará a fonte,
O rio, o arvoredo, o prado, o monte.
  O mar, que agora brando
He das Nereidas candidas cortado, [9]
Logo se irá mostrando
Todo em crespas escumas empolado:
O soberbo furor de negro vento
Fará por toda parte movimento.
  Lei he da natureza
Mudar-se d'esta sorte o tempo leve:
Succeder á belleza [10]
Da Primavera o fructo; a elle a neve;
E tornar outra vez por certo fio
Outono, Inverno, Primavera, Estio.
  Tudo, emfim, faz mudança
Quanto o claro sol vê, quanto allumia;
Não se acha segurança [11]
Em tudo quanto alegra o bello dia:
Mudam-se as condições, muda-se a idade,
A bonança, os estados e a vontade.
  Sómente a minha imiga [12]
A dura condição nunca mudou;
Para que o mundo diga
Que n'ella lei tão certa se quebrou:
Em não vêr-me ella só sempre está firme, [13]
Ou por fugir d'Amor, ou por fugir-me.

Mas já soffrivel fôra
Qu'em matar-me ella só mostre firmeza,
Se não achára agora
Tambem em mi mudada a natureza;
Pois sempre o coração tenho turbado,
Sempre d'escuras nuvens rodeado.
Sempre exprimento os fios
Qu'em contino receio Amor me manda;
Sempre os dous caudaes rios,
Qu'em meus olhos abriu que nos seus anda,
Correm, sem chegar nunca o Verão brando,
Que tamanha aspereza vá mudando.
O sol sereno e puro,
Que no formoso rosto resplandece,
Envolto em manto escuro
Do triste esquecimento, não parece;
Deixando em triste noite a triste vida
Que nunca de luz nova he soccorrida. [14]
Porém seja o que fôr,
Mude-se por meu damno a natureza;
Perca a inconstancia Amor; [15]
A Fortuna inconstante ache firmeza;
Tudo mudavel seja contra mi, [16]
Mas eu firme estarei no que emprendi.

ODE XIII

(A um Amigo)

RECOLHIDA NO CANCIONEIRO DE LUIZ FRANCO, FL. 89

Fôra conveniente
Ser eu outro Petrarcha ou Garcilasso,
Ou ir ousadamente
Buscar em largo passo
O sagrado Helicon ou o Parnasso;
Ou que em mim inspirára,
Apollo sua graça peregrina,
Ou que até o céo buscára
A fonte Cabalina
E bebera a sua agua tão divina.

Ou ao menos pudera
Entre aquelles contar-me, que alcançado
Na luzitana esphera
Tem o louro sagrado
D'aquelle de quem o sol he governado;
Pera que ousadamente
De minha Musa vos dera essa parte,
A' vossa, que sómente
As nove Irmãs de Marte
Concederam perfeita esta sua arte.

A vós, por quem já cresce
O luzitano nome a tanta gloria
Que a seu pezar esquece
De Virgilio a memoria
Mantua, e de suas obras a alta Hesperia;

A vós, que enrouquecestes
A cithara sonora do Treício,
E que tomar pudestes
A Delphos o exercicio,
E tambem a Minerva o seu officio.
  A vós, a cuja gloria
No mais antigo tempo e presente
O louro da victoria
Concede facilmente
Qualquer que de Thalía as obras sente;
A vós, cuja alta fama
Vi entre os Garamatas conhecida,
A' luz que o sol derrama
Na terra enobrecida
Por vós, já tão de todo escurecida.
  Aquella primeira aurora
Virá depois do sol um só momento,
Elle esqueça alguma hora,
Ou possa o esquecimento
Tolher-lhe seu continuo crescimento.
Não he de confiado
Mostrar-vos minhas cousas, pois conheço
Que tendes alcançado
N'isto o mais alto preço
E quanto em mostral-as desmereço.
  Mas he de desejoso
De vos obedecer, porque estou vendo
Que a nome tão honroso
Mais ganho obedecendo,
Que pecco em demonstrar quam pouco intendo.

(Ed. Jur. t. I, p. 289).

OUTAVAS

COLLIGIDAS E REVISTAS PELO LICENCIADO SOROPITA NA EDIÇÃO DAS RIMAS DE 1595.

I

A Dom Antonio de Noronha, sobre o desconcerto do mundo

Quem póde ser no mundo tão quieto,
Ou quem terá tão livre o pensamento,
Quem tão exprimentado, ou tão discreto, [1]
Tão fóra, emfim, de humano entendimento,
Que ou com público effeito, ou com secreto,
Lhe não revolva e espante o sentimento,
Deixando-lhe o juizo quasi incerto,
Vêr e notar do mundo o desconcêrto?
Quem ha que veja aquelle que vivia
De latrocinios, mortes e adulterios,
Que ao juizo das gentes merecia
Perpétua pena, immensos vituperios,
Se a Fortuna em contrário o leva e guia,
Mostrando, emfim, que tudo são mysterios,
Em alteza d'estados triumphante,
Que por livre que seja não s'espante?

Quem ha que veja aquelle, que tão clara
Teve a vida, qu'em tudo por perfeito
O proprio Mômo ás gentes o julgára,
Inda quando lhe visse aberto o peito, [2]
Se a má Fortuna, ao bom sómente avara,
O reprime, e lhe nega seu direito,
Que lhe não fique o peito congelado,
Por mais e mais que seja exprimentado?
Democrito dos deoses proferia
Que eram sós dous: a Pena e o Beneficio.
Segredo algum será da phantasia,
De qu'eu achar não posso claro indicio.
Que se ambos vem por não cuidada via [3]
A quem os não merece, he grande vicio
Em deoses sem-justiça e sem-razão.
Mas Democrito o disse, e Paulo não.
Dir-me-heis, que s'este estranho desconcêrto
Novamente no mundo se mostrasse,
Que por livre que fosse e mui experto,
Não era d'espantar se m'espantasse.
Mas que se ja de Socrates foi certo
Que nenhum grande caso lhe mudasse
O vulto, ou de prudente, ou de constante,
Exemplo tome d'elle, e não m'espante. [4]
Parece a razão boa; mas eu digo
D'este uso da Fortuna tão damnado [5]
Que quanto he mais usado e mais antigo,
Tanto he mais estranhado e blasphemado.
Porque, se o Céo, das gentes tão amigo, [6]
Não dá á Fortuna tempo limitado,
Não he para causar muí grande espanto, [7]
Que mal tão mal olhado dure tanto?

Outro espanto maior aqui m'enleia,
Que com quanto Fortuna tão profana
Com estes desconcêrtos senhoreia,
A nenhuma pessoa desengana.
Não ha ninguem, que assente, nem que creia
Este discurso vão da vida humana,
Por mais que philosophe, nem qu'entenda,
Que algum pouco do mundo não pretenda.
Diogenes pisava de Platão
Com seus sordidos pés o rico estrado,
Mostrando outra mais alta presumpção
Em desprezar o fausto tão prezado.
Diogenes, não vês que extremos são
Esses que segues, de mais alto estado?
Pois se de desprezar te prezas muito, [8]
Ja pretendes do mundo fama e fruito.
Deixo agora reis grandes, cujo estudo
He fartar esta sêde cubiçosa
De querer dominar e mandar tudo,
Com fama larga e pompa sumptuosa.
Deixo aquelles que tomam por escudo
De seus vicios e vida vergonhosa
A nobreza de seus antecessores,
E não cuidam de si que são peores.
Aquelle deixo, a quem do somno esperta [9]
O gram favor do rei que serve e adora,
E se mantem d'est'aura falsa e incerta, [10]
Que de corações tantos he senhora.
Deixo aquelles qu'estão co'a boca aberta [11]
Por s'encher de thesouros de hora em hora,
Doentes d'esta falsa hydropesia, [12]
Que quanto mais alcança, mais queria.

Deixo outras obras vãs do vulgo errado,
A quem não ha ninguem que contradiga,
Nem de outra cousa alguma he governado, [13]
Que d'uma opinião e usança antiga.
Mas pergunto ora a Cesar esforçado,
Ora a Platão divino, que me diga, [14]
Este das muitas terras em que andou,
Aquelle de vencêl-as, que alcançou?
Cesar dirá: Sou digno de memoria.
Vencendo povos varios e esforçados, [15]
Fui Monarcha do mundo; e larga historia
Ficará de meus feitos sublimados. [16]
He verdade; mas esse mando e glória,
Lograste-o muito tempo? Os conjurados [17]
Bruto e Cassio dirão que, se venceste,
Emfim, emfim, ás mãos dos teus morreste.
Dirá Platão: Por vêr o Etna e o Nilo
Fui a Sicilia, a Egypto e outras partes, [18]
Só por vêr e escrever em alto estilo
Da natural sciencia e muitas artes. [19]
O tempo he breve, e queres consummil-o,
Platão, todo em trabalhos? e repartes
Tão mal de teu estudo as breves horas,
Que, emfim, do falso Phebo o filho adoras? [20]
Pois quanto des que vive ja apartada [21]
A alma d'esta prisão terreste e escura,
Está em tamanhas cousas occupada,
Que da fama, que fica, nada cura. [22]
E se o corpo terreno sinta nada,
O Cynico dirá se por ventura
No campo, onde lançado morto estava, [23]
De si os cães, ou as aves enxotava.

Quem tão baixa tivesse a phantasia,
Que nunca em móres cousas a metesse,
Qu'em só levar seu gado á fonte fria,
E mumgir-lhe do leite que bebesse! [24]
Quão bem-aventurado que sería,
Que por mais que a Fortuna revolvesse,
Nunca em si sentiria máior pena,
Que pezar-lhe de a vida ser pequena.
Veria erguer do sol a rôxa face,
Veria correr sempre a clara fonte,
Sem imaginar a agua donde nace,
Nem quem a luz occulta no horisonte, [25]
Tangendo a frauta donde o gado pace,
Conheceria as hervas do alto monte:
Em Deos creria simples e quieto,
Sem mais especular algum secreto. [26]
D'hum certo Trasiláo se lê e escreve [27]
Entre as cousas da velha antiguidade,
Que perdido grão tempo o siso teve
Por causa d'huma grave enfermidade;
E em quanto, de si fóra, donde esteve, [28]
Tinha por teima, e cria por verdade,
Qu'eram suas, das náos que navegavam, [29]
Quantas no porto Píreo ancoravam.
Por hum senhor mui grande se teria, [30]
(Além da vida alegre que passava)
Pois nas que se perdiam não perdia,
E das que vinham salvas se alegrava.
Não tardou muito tempo, quando hum dia [31]
Huncrito, seu irmão, que ausente estava,
A' terra chega; e vendo o irmão perdido,
Do fraternal amor foi commovido.

Aos medicos o entrega, e com aviso
O faz estar á cura refusada.
Triste! que por tornar-lhe o antigo siso [32]
Lhe tira a doce vida descansada.
As hervas apollineas d'improviso
O tornam á saude ja passada. [33]
Sisudo Trasiláo, ao caro irmão
Agradece a vontade, a obra não.

Porque despois de ver-se no perigo
Do trabalho a que o siso o obrigava, [34]
E despois de não vêr o estado antigo,
Que a louca presumpção lhe apresentava: [35]
Oh inimigo irmão, com côr de amigo! [36]
Para que me tiraste (suspirava)
Da mais quieta vida e livre em tudo,
Que nunca póde ter nenhum sisudo?

Por qual senhor algum eu me trocára, [37]
Ou por qual algum rei de mais grandeza?
Que me dava que o mundo se acabára,
Ou que a ordem mudasse a natureza? [38]
Agora me he penosa a vida cara:
Sei que cousa he trabalho, e que he tristeza.
Torna-me a meu estado; que eu te aviso
Que na doudice só consiste o siso.

Vêdes aqui, Senhor, bem claramente [39]
Como a Fortuna em todos tem poder,
Senão só no que menos sabe e sente;
Em quem nenhum desejo póde haver.
Este se póde rir da cega gente:
N'este não póde nada acontecer;
Nem estará suspenso na balança
Do temor máo, da perfida esperança.

Mas se o sereno céo me concedêra
Qualquer quieto, humilde e doce estado, [40]
Onde com minhas Musas só vivêra,
Sem vêr-me em terra alheia degradado; [41]
E alli outrem ninguem me conhecêra,
Nem eu conhecêra outro mais honrado,
Senão a vós, tambem como eu contente; [42]
Que bem sei que o serieis facilmente:
E ao longo d'huma clara e pura fonte, [43]
Qu'em borbulhas nascendo, convidasse
Ao doce passarinho, que nos conte [44]
Quem da cara consorte o apartasse;
Despois, cobrindo a neve o verde monte,
Ao gasalhado o frio nos levasse,
Avivando o juizo ao doce estudo,
Mais certo manjar d'alma, emfim, que tudo.
Cantára-nos aquelle, que tão claro
O fez o fogo da arvore phebêa,
A qual elle em estylo grande e raro
Louvando, o crystallino Sorga enfrêa: [45]
Tangêra-nos na frauta Sanazaro,
Ora nos montes, ora por a arêa; [46]
Passára celebrando o Tejo ufano [47]
O brando e doce Lasso castelhano.
E comnosco tambem se achára aquella, [48]
Cuja lembrança, e cujo claro gesto
N'alma sómente vejo, porque n'ella
Está em essencia puro e manifesto;
Por alta influição de minha estrella
Mitigando o rigor do peito honesto, [49]
Entretecendo rosas nos cabellos,
De que tomasse a luz o sol em vel-os;

E em quanto por verão flôres colhesse, [50]
Ou por inverno ao fogo accommodado, [51]
O que de mi sentíra nos dissesse,
De puro amor o peito salteado;
Não pedíra então eu, que Amor me désse
Do insano Trasilao o doudo estado; [52]
Mas que alli me dobrasse o entendimento, [53]
Por ter de tanto bem conhecimento.

Mas por onde me leva a phantasia? [54]
Porqu'imagino em bem-aventuranças,
Se tão longe a Fortuna me desvia,
Qu'inda me não consente as esperanças?
Se hum novo pensamento Amor me cria [55]
Onde o logar, o tempo, as esquivanças
Do bem me fazem tão desamparado,
Que não póde ser mais qu'imaginado?

Fortuna, emfim, co'o Amor se conjurou
Contra mi, porque mais me magoasse:
Amor a hum vão desejo me obrigou,
Só para que a Fortuna m'o negasse.
O tempo a tal estado me chegou; [56]
E n'elle quiz que a vida se acabasse; [57]
Se ha em mi acabar-se, o qu'eu não creio; [58]
Que até da muita vida me receio.

———

II

A D. Constantino, Viso-Rei na India

Como nos vossos hombros tão constantes
(Principe illustre e raro) sustenteis
Tantos negocios arduos e importantes,
Dignos do largo imperio, que regeis;
Como sempre nas armas rutilantes
Vestido, o mar e a terra segureis
Do pirata insolente, e do tyrano
Jugo do potentissimo Othomano;
E como com virtude necessaria,
Mal entendida do juizo alheio,
Á desordem do vulgo temeraria
Na santa paz ponhaes o duro freio;
Se com minha escriptura longa e vária
Vos occupasse o tempo, certo creio
Que com vagante e ociosa phantasia [1]
Contra o commum proveito peccaria.
E não menos sería reputado
Por doce adulador, sagaz e agudo,
Que contra meu tão baixo e triste estado
Busco favor em vós que podeis tudo;
Se contra a opinião do vulgo errado
Vos celebrasse em verso humilde e rudo,
Dirão, que com lisonja ajuda peço
Contra a miseria injusta que padeço.

Porém, porque a verdade póde tanto [2]
No livre arbitrio, (como disse bem
Ao rei Dario o moço sabio e santo, [3]
Que foi reedificar Hierusalem)
Esta m'obriga a qu'em humilde canto,
Contra a tenção que a plebe ignara tem,
Vos faça claro a quem vos não alcança; [4]
E não de premio algum vil esperança.
Romulo, Baccho e outros que alcançaram
Nomes de semideoses soberanos,
Em quanto por o mundo exercitaram
Altos feitos, e quasi mais que humanos,
Com justissima causa se queixaram
Que não lhes responderam os mundanos
Favores do rumor justos e iguaes
A seus merecimentos immortaes.
Aquelle, que nos braços poderosos
Tirou a vida ao tingitano Anteo,
E a quem os seus trabalhos tão famosos
Fizeram cidadão do claro céo; [5]
Achou que a má tenção dos invejosos
Não se doma, senão despois que o véo
Se rompe corporal: porque na vida
Ninguem alcança a glória merecida.
Pois logo, se Barões tão excellentes [6]
Foram do baixo vulgo molestados,
O vituperio vil das rudes gentes,
He louvor dos reaes, e sublimados.
Quem no lume dos vossos Ascendentes
Poderá pôr os olhos, que abalados
Lhes não fiquem da luz, vendo os maiores
Vossos passados, reis e imperadores?

Quem verá aquelle Pae da Patria sua,
Açoute do soberbo Castelhano,
Que o duro jugo só, co'a espada nua,
Removeu do pescoço Lusitano,
Que não diga: O' grão Nuno, a eterna tua
Memoria causará, se não m'engano,
Que qualquer teu menor tanto s'estime,
Que nunca possa ser senão sublime? [7]
N'isto não fallo mais, porque conheço
Que da materia se me baixa o engenho.
Mas, pois a dizer tudo m'offereço, [8]
E dias ha que no desejo o tenho,
Sendo vós de tão alto e illustre preço,
A vida fostes pôr n'hum fraco lenho,
Por largo mar e undosa tempestade,
Só por servir á regia magestade.
E despois de tomar a redea dura
Na mão, do povo indomito qu'estava
Costumado a larguezas, e á soltura
Do pezado governo que acabava;
Quem não terá por santa e justa cura,
Qual do nosso conceito s'esperava,
A tão desenfreada enfermidade
Applicar-lhe contrária qualidade?
Não he muito, Senhor, se o moderado
Governo se blasphema e se desama;
Porque o povo á largueza costumado,
Á lei serena e justa, dura chama.
Pois o zelo em virtude só fundado
De salvar almas da tartarea flamma
Com a agua salutifera de Christo,
Poderá por ventura ser malquisto?

Quem quizesse negar tão grã verdade,
Qual he o seu effeito santo e pio;
Negue tambem ao sol a claridade,
E certifique mais que o fogo he frio.
Se o successo he contrário da vontade [9]
Nas obras que são boas, e ha desvio;
Está nas mãos dos homens commettel-as,
E nas de Deos está o successo d'ellas.
Sei eu, e sabem todos que os futuros [10]
Verão por vós o Estado accrescentado,
Serão memoria vossa os fortes muros
Do Cambaico Damão bem sustentado:
Da ruina mortal serão seguros,
Tendo todo o alicerce seu fundado
Sôbre orfãs amparadas com maridos,
E pagos os serviços bem devidos.
Quãmanha infamia ao Principe he perder-se [11]
Pouco do Estado seu, que inteiro herdou,
Tanto por glória grande deve ter-se
Se accrescentado e próspero o deixou.
Nunca consentiu Roma ennobrecer-se
Com triumphos alguem, se não ganhou [12]
Provincia com que o Imperio s'augmentasse,
Por maiores victorias qu'alcançasse.
Póde tomar o vosso nome dino
Damão, por honra sua clara e pura,
Como já do primeiro Constantino
Tomou Byzancio aquelle qu'inda dura.
E tu, Rei, que no reino neptunino,
Lá no seio gangetico a Natura
Te aposentou, de ser tão inimigo [13]
D'este Estado não ficas sem castigo.

Bem viste contra ti nadantes aves
Cortar a espumosa agua navegando;
Ouviste o som das tubas, não suaves,
Mas com temor horrifero soando;
Sentiste os golpes asperos e graves
Do Lusitano braço nunca brando.
Não soffreste o grão brado penetrante,
Que os trovões imitava do Tonante. [14]

Mas antes dando as costas e a victoria
Á bragancez ventura não corrido,
Déste bem a entender quão grande glória [15]
He de tal vencedor o ser vencido.
Quem faz obras tão dignas de memoria
Sempre será famoso e conhecido,
Onde os altos juizos o estimarem, [16]
Qu'estes sós têm poder de fama darem.

Não vos temaes, Senhor, do povo ignaro,
Tão ingrato a quem tanto faz por elle; [17]
Mas sabei qu'he signal de serdes claro
O ser agora tão malquisto d'elle.
Themistocles, da patria sua amparo,
O forte e liberal Cimon, e aquelle
Que Leis ao povo deu d'Esparta antigo,
Testimunhas serão de quanto digo. [18]

Pois ao justo Aristídes hum robusto,
Votando no ostracismo costumado,
Lhe disse claro assi: Porque era justo
Desejava que fosse desterrado.
Pachitas por fugir do povo injusto
Calumnioso, dando no Senado
Conta de Lesbos, qu'elle já mandára,
Se tirou co'o seu ferro a vida cara. [19]

Demosthenes, lançado das tormentas [20]
Populares: Ó Pallas! foi dizendo,
Que de tres monstros grandes te contentas, [21]
Do drago e moucho, e do vil povo horrendo!
Que glórias immortaes houve, qu'isentas
Do veneno vulgar fossem, vivendo? [22]
Pois mil exemplos deixo de Romanos,
E vós tambem sois hum dos Lusitanos.

III

Sobre a setta que o Santo Padre mandou a El-Rey
Dom Sebatião, no anno do Senhor de 1575

Muito alto Rei, a quem os céos em sorte
Deram o nome augusto e sublimado
D'aquelle cavalleiro que na morte,
Por Christo, foi de settas mil passado;
Pois d'elle o fiel peito, casto e forte,
Co'o nome imperial tendes tomado,
Tomae tambem a setta veneranda
Que a vós o Successor de Pedro manda.
Já por ordem do céo, que o consentiu, [1]
Tendes o braço seu, reliquia cara,
Defensor contra o gladio que feriu
O povo que David contar mandára.
No qual, pois tudo em vós se permittiu,
Presagio temos, e em esperança clara,
Que sereis braço forte e soberano
Contra o soberbo gladio mauritano.

E o que hum presagio tal agora encerra, [2]
Nos faz ter por mais certo e verdadeiro
A setta, que vos dá quem he na terra
Dos celestes thesouros dispenseiro: [3]
Que as vossas settas são na justa guerra
Agudas, e entrarão por derradeiro
(Cahindo a vossos pés povo sem lei)
Nos peitos que inimigos são do rei. [4]
Quando vossas bandeiras despregava
Albuquerque fortissimo com gloria
Por as praias de Persia, e alcançava [5]
De nações tão remotas a victoria;
As settas embebidas, que tirava
O arco armusiano (he larga historia)
Nos ares, Deos querendo, se viravam, [6]
Pregando-se nos peitos que as tiravam.
O querido de Deos, por quem peleja,
O ar tambem e o vento conjurado
Ao atambor lhe acodem, porque veja
Que o que a Deos ama, he de Deos amado:
Os contrarios revéis á Madre Igreja
Atroaram co'o tom do céo irado,
Que assi deu já favor maior que humano
A Josué hebreo, Theodosio hispano.
Pois se as settas tiradas da inimiga
Corda, contra si só nocivas são,
Que farão, Rei, as vossas que têm liga
Com a que já tocou Sebastião?
Tinta vem do seu sangue, com que obriga
A levantar a Deos o coração,
Crendo bem que as que vós despedireis, [7]
No sangue Sarraceno as tingireis.

Ascanio, (se trazer me he concedido
Entre santos exemplos hum profano)
Rei do imperio, despois tão conhecido, [8]
De Roma, e só reliquia do Troiano,
Vingou com setta e animo atrevido
As soberbas palavras de Numano;
E logo foi d'alli remunerado
Com louvores de Apollo, e celebrado.

Assi vós, Rei, que fostes segurança
De nossa liberdade, e que nos daes
De grandes bens certissima esperança;
Nos costumes, e aspecto que mostraes,
Concebemos segura confiança
Que Deos, a quem servis e veneraes,
Vos fará vingador dos seus revéis,
E os premios vos dará que mereceis.

Estes humildes versos, que pregão
São d'estes vossos reinos com verdade,
Recebei com benigna e real mão, [9]
Pois he devida a reis benignidade.
Tenham (se não merecem galardão)
Favor sequer da regia magestade:
Assi tenhaes de quem já tendes tanto,
Com o nome e reliquia, favor santo.

IV

RECOLHIDA POR DOMINGOS FERNANDES NA EDIÇÃO DAS RIMAS DE 1616

Petição feita ao Regedor, de huma nobre moça, presa no Limoeiro da cidade de Lisboa, por se dizer, que fizera adulterio a seu marido, que era na India.

'Sprito valeroso, cujo estado
O alto Deos prospere e accrescente,
Regendo o fiel reino descansado,
Com vida felicissima, e contente:
A vós, em quem o humil necessitado,
Acha sempre favor e amor ardente,
Peço queiraes ouvir, que na verdade,
Zelo, e amor de Deos me persuade.
Não vos seja pesado o atrever-me
A querer emprender sujeito alheio,
Porque fizeram lagrimas mover-me
Vir ante vós ousado e sem receio.
E se por tal quizerdes conhecer-me,
Servindo-vos de mim, por algum meio,
O nome, o braço, a Musa, e quanto posso,
Ha já muito, Senhor, que tudo he vosso.
Quem vos isto offerece dirá quanto
Desejo muito ha já ser-vos acceito,
Porque com vosso zelo, o favor santo,
Faça meu rude verso algum proveito:
Que cobrindo-me vós com vosso manto,
A eu ser nobre tendo algum respeito,
Sei que posso ganhar, o que não tenho,
Pois me não faltam forças, nem engenho.

Porém isto, Senhor, deixando á parte,
Que razão he devida, a que me guia,
A vós venho com força, engenho e arte,
Por influxo do céo, que a vós me envia:
A vós, a quem têm dado Apollo e Marte
De seus thesouros parte e melhoria,
Venho cantar com voz rouca e chorosa,
Por huma encarcerada desditosa.

A vós venho, Senhor, na confiança
Do vosso nome pondo meu sentido,
Que quem em vós confia, tudo alcança,
Sendo cousa, de que Deos he servido;
E pois elle vos deu justa balança,
Para pesar justiça, e dar ouvido,
Ouvi a petição da miseravel,
Com quem Fortuna foi tão pouco affavel.

Ouvi da pobre Dona Catharina
O grande desamparo inopinado,
A quem nenhum remedio determina,
Ou permitte seu duro e cruel fado;
Que se na tenra idade foi mofina,
Sua vida entregando ao vão cuidado,
Haja n'isso castigo com brandura,
Porque o medo a fará viver segura.

Haja, Senhor, cuidar, que he moça pobre,
Que pobreza não têm nenhum respeito,
E mais não tendo idade, que lhe sobre,
Para saber fugir do que he mal feito:
Haja tambem cuidar, que he sangue nobre,
E ao jugo da igreja inda sugeito,
E que póde nascer de tal processo
Hum grande e cruelissimo successo.

Certo que com razão urgente e clara
Têm alguma razão a infelice,
Que se ninguem recolhe, nem ampara
A triste orfã na flôr da meninice,
A Fortuna cruel, em tudo avara,
Para lhe acarretar triste velhice,
Lhe entrega a honra, e pura castidade
Nas mãos de huma vital necessidade.
Bem sei, que de ter culpa não carece,
Só por não ser do sangue seu lembrada,
Mas dê-se-lhe o castigo que merece,
E não para tão longe desterrada:
Que se para lá fôr, bem se conhece,
Quão vilmente será vituperada,
Dando motivo ao rude marinheiro,
Que seja incontinente carniceiro.
Vêde, Senhor, o risco, a que se obriga
A desditosa e fragil mocidade,
Se honra não vae buscar, ou parte amiga,
Que lhe defenda sua honestidade.
Não queiraes não, Senhor, que o mundo diga:
Ah, que grande rigor e crueldade!
Como já vae dizendo e murmurando,
Sua grande ignorancia desculpando.
Eu certo não duvido, que o Piloto,
O Mestre, o Marinheiro, o Capitão,
Usem do costumado vicio roto
Com todas, as que em seus poderes vão:
Dae-me vós, Senhor, hum, que estê remoto
De tal delicia, n'esta occasião;
E eu direi ser falso o que vos digo,
Tomando sobre mim todo o castigo.

Já não ha hi João posto em deserto,
Que seja ao céo, por casto, tão acceito,
Nem ha quem não commetta desconcerto,
N'essa torpeza bruta, e vil sujeito:
Já não ha hi Hieronymo tão certo,
Que, com pedra na mão, ferindo o peito,
Da carne 'stimulado, assi lhe diga:
Não te chegues a mim, carne inimiga.

A culpa he dos parentes descuidados,
Que, vendo-a sem amparo e sem abrigo,
Em tempo, que os mais ricos e esforçados,
Temendo a Deos, fugiam seu castigo:
Huns para seus jardins determinados,
Outros por onde o céo lhes fosse amigo,
A deixaram tão só n'esta cidade,
Batalhando co'a vil necessidade.

Pois, quem houvera ahi que não cahira,
Vendo-se em tal estremo, em tal miseria,
Qual Artheinisa aqui não consentira,
Qual romana Sofronia, ou qual Valeria?
E qual Lucrecia fôra que isto vira,
Que não rendera o jugo á vil materia?
Qual thebana Thimochia, ou linda Sara,
Ou qual mulher de Ulisses se negara?

Qual fôra, a que se vira em tão infesta
Batalha, turbulenta e espantosa,
Exercitando a morte rija e mesta,
Seu duro officio, brava e rigorosa.
Que Nympha houvera ahi, que deosa Vesta,
Em virginal estado poderosa,
Que não rendêra a tudo o casto nome,
Por não morrer nas mãos da dura fome?

Ah, valeroso 'sprito, caso he isto
Para se dar perdão á fraca ovelha,
Não seja o perdão seu, seja de Christo,
Pois elle a perdoar nos aconselha:
Assi nos altos céos sejaes bemquisto,
E vos incline Deos attenta orelha,
Que vos lembre, Senhor, seu desamparo,
Pois sois dos pobres pae e amigo claro.
Por isso olhae, Senhor, o quanto importa
Cortar occasiões com fio agudo,
Porque não se cortando, abre-se porta,
Do lascivo desejo ao nauta rudo.
E se, como vos digo, esta se corta,
Olhando bem as leis do claro estudo,
Será grandeza vossa mui subida,
D'essa real prosapia produzida.
Olhae que têm, Senhor, huma menina
Do ausente consorte, e filha sua,
Muito desamparada e pequenina,
Fóra do natural, despida e nua.
Sêde vós, Senhor, agua da Piscina,
A vosso zelo tudo se attribua,
Que, movendo-vos elle, não duvido
Que tudo a ella seja concedido.

V

RECOLHIDAS POR MANOEL DE FARIA E SOUSA, NA EDIÇÃO DAS RIMAS DE 1685.

Despois que a clara Aurora a noite escura
Com novo resplandor foi desfazendo,
E Phebo por os montes e espessura
Os seus dourados raios estendendo;
Se buscava nos valles a verdura
O manso gado a luz serena vendo,
Quanto a férvida sésta já abrazava,
Todo animal da calma repousava. (*)
Já por fugir do sol o fogo ardente,
As sombras os rebanhos vão buscando;
Os tenros cabritinhos juntamente
Apoz as mansas mães hiam saltando;
Tangendo as suas frautas docemente
Os pastores, estavam enganando
A grã chamma solar qu'então ardia;
Só Liso o ardor d'ella não sentia.
Tristes lembranças tanto o traspassavam,
Que a dura sésta n'elles só passava;
O tempo qu'em prazer outros gastavam,
Em celebrar seu mal elle o gastava;
As festas que com jogos celebravam,
Elle com suspirar as celebrava:
Nada buscava mais, mais não queria
Que o repouso do fogo em qu'elle ardia.

(*) Glosa o Soneto n.º 8.

Os repetidos jogos dos pastores,
As lutas entre a rama repetidas,
Em nada lhe divertem suas dores;
Mas antes n'alegria as vê crescidas.
Como o repouso roubam os amores
Ás almas que para elles são nascidas,
Elle, todo o repouso qu'esperava,
Consistia na Nympha que buscava.

Com o chôro, que já corria em fio
Por o pallido rosto, augmenta as fontes,
Que levam agua estranha ao claro rio
Que os valles vae regando entre altos montes.
Com suspiros a quem o ecco pio
Responde de apartados horizontes,
Os ventos parecia qu'enfreava,
Os montes parecia que abalara.

Que ás queixas de seus doces pensamentos
Se movessem os montes mais constantes,
Se parassem os mais veloces ventos,
Qu'estavam, que corriam circumstantes,
Bem se devia á dôr de seus tormentos,
E inda que fosse em peitos de diamantes;
Que hum peito de diamante abrandaria
O triste som das mágoas que dizia.

Porém elle as dizia a outro peito,
Mais, que diamante, inexpugnavel, duro:
A fé lh'encarecia, a que sujeito
O tinha em pena eterna o amor puro;
Mostrava-lhe este n'alma mais perfeito,
Quanto mais offendido, mais seguro:
A Nympha mais segura tudo ouvia,
Mas nada o duro peito commovia.

As lástimas aqui tanto crescêram,
Que s'em montes de Hircania s'escuitaram,
Tigres nos seios seus mover puderam,
E pedras nos seus cumes abrandaram.
Mas se no peito as tristes vozes deram
D'aquella fera humana que buscaram,
Elle d'as admittir se retirava;
Que na vontade de outro pôsto estava.

Desenganado já da triste sorte,
De que mal fino amor se desengana,
Com a desperança só de sua morte
Aquellas penas últimas engana.
Deixando na espessura o claro Norte,
Para elle de outra luz mais soberana,
A hum valle aberto então sahir procura,
Cansado já de andar por a espessura.

Deixando as suas cabras que pascessem
N'aquelle verde prado as frescas flores;
Porque os Satyros leves o soubessem,
E os sylvestres Faunes amadores;
Tambem porque os pastores o entendessem,
Todo o processo e fim de seus amores
Escreveu (sem em nada haver mudança)
No tronco d'huma faia por lembrança.

Por lembrança no tronco d'huma faia,
Que vae sahindo ao céo de puro altiva
Na verde, pratcada e aurea praia,
Por onde o claro Tejo se deriva;
Porque tambem ao céo sua dôr saia
Sôbre aquella corrente fugitiva,
Escrita no papel da natureza;
Escreve estas palavras de tristeza:

Natercia, Nympha bella, por quem vivo
Em tal tormento, tempo algum me olhou;
Mas des qu'em mi sentiu qu'era captivo
D'aquelle brando olhar que m'enganou,
O amor tornava em desamor esquivo;
E d'hum tormento tal a outro passou,
Em cousas tão sujeitas a mudança
Nunca ponha ninguem sua esperança.

Para dar proveitosos desenganos
Dos enganos que são de Amor effeitos,
E dos dous sexos publicar, humanos,
A origem das mudanças de seus peitos;
Estas letras aqui por longos annos
Digam a corações a amar sujeitos
Em peito varonil, que de ventura,
Em peito femenil, que de natura . . .

Faltou-lhe aqui o alento, e já cansado
Cahio ao pé da faia em qu'escrevia,
Não podendo seguir o começado,
Porque a alma já do corpo lhe sahia.
Tres vezes, com accento mal formado,
Para exemplo futuro repetia:
Amantes, entendei que a mór belleza
Sómente em ser mudavel tem firmeza.

VI

Cá n'esta Babylonia adonde mana
Hypocrisia, engano e falsidade;
Cá d'onde ousada toda carne humana
A todo arbitrio vive da vontade;
Cá d'onde enrouqueceu da Lusitana
Musa o furor heroico e suavidade;
Cá d'onde se produz por cega via
Materia a quanto mal o mundo cria;
Cá d'onde o puro Amor não tem valia,
Porque Baccho o tem hoje desterrado;
Cá d'onde a frecha d'ouro não feria,
Senão cabello preto e alfenado;
Cá d'onde a loura trança não se via,
Nem o rosto de sangue matizado;
Cá d'onde nada val a gloria humana,
Que a Mãe, que manda mais, tudo profana;
Cá d'onde o mal se affina, o bem se dana,
Se algum a terra em si quer produzir;
Cá d'onde a falsa gente mahometana
A gloria toda funda em adquirir;
Cá d'onde multiplica a mão tyranna,
Professa em mais crescer, matar, mentir;
Cá d'onde o fazer bem he vilania,
E póde mais que a honra a tyrannia;

Cá d'onde a errada e cega Monarchia
De fabulosas leis está vivendo,
E á fôrça d'hum amor engrandecia
O nefando Alcorão em qu'está crendo;
Cá d'onde nada val a Poesia,
E s'está da lei d'ella escarnecendo;
Cá d'onde a fidalguia mahometana
Cuida qu'hum nome vão a Deos engana.

Cá n'esta Babylonia, onde a Nobreza
Da Lusitana gente se perdeu;
E do grão Sebastião toda a grandeza
Irreparavelmente se abateu;
Cá d'onde algum mentir não he baixeza,
E os meritos esmola (assi cresceu
Da cobiça mortal a semrazão)
Co'o esfôrço e saber, pedindo vão.

Ás portas da cobiça e da vileza
Estes netos de Agar estão sentados
Em bancos de torpissima riqueza,
Todos de tyrannia marchetados.
He de feio Alcorão summa a largueza
Que tem para que sejam perdoados
De quantos erros commettendo estão
Cá n'este escuro cáos de confusão.

Cumprindo o curso estou da natureza,
Illustre Dama, n'este labyrintho;
Mas quem usa commigo mais crueza,
He tua condição, que n'alma sinto.
Acabe-se algum dia tal tristeza,
E este sentido mal qu'em versos pinto:
E pois n'alma he sentido e coração,
Vê se m'esquecerei de ti, Sião.

———

VII

Senhora s'encobrir por alguma arte
Pudera esta occasião do meu tormento,
Não creias que chegara a declarar-te
Este meu perigoso pensamento.
Mas por mais que te offenda, não sou parte
No crime de tamanho atrevimento:
Elle he d'amor; e d'elle fui forçado
A que te declarasse o meu cuidado.

Se merece castigo a confiança
Com que descubro agora o que padeço,
Aqui prompto me tens; toma a vingança
Que por tão grave culpa te mereço.
Bem me pódes negar toda esperança,
Mas eu não desistir d'este começo;
Porque tempo e Fortuna não são parte
Para deixar hum'hora só de amar-te.

Já que vêr-te os meus olhos alcançaram,
Descansem n'este bem com alegria,
Pois ja com vêr os teus tanto ganharam,
Quanto, estando sem vêl-os, se perdia.
Que glória querem mais, se a vêr chegaram
Aquella pura luz que vence ao dia?
Qual mór bem ha no mundo que querer-te,
Se não ha mais que vêr despois de vêr-te?

Minhas dôres mortaes, bella Senhora,
Tiraram a virtude ao soffrimento;
E fazendo-se mais em qualquer hora,
Levando vão traz ti meu pensamento:
Porém soberbos vejo desde agora,
Por a causa gentil de seu tormento,
Minha alma, meu desejo, meu sentido,
Porque á tua belleza se hão rendido.
A par de tua rara formosura
Se desconhece o mór merecimento;
A tua claridade torna escura
Do sol a clara luz em hum momento.
Se Zeuxis ao formar bella figura,
A vista em ti pudera pôr attento,
Mais alto original houvera achado
Para admirar o mundo co'o traslado.
Aquelles qu'escrevèram mil louvores
De formosura, graça e gentileza,
Todos foram, Senhora, huns borradores
De tua perfeitissima belleza.
Agora se vê claro em teus primores
Qu'em ti s'esmerou mais a natureza;
E qu'eram os seus cantos prophecias
Do que havias de ser em nossos dias.
Vê, pois, se vinha a ser culpavel falta
Em mi o não render-te amante a vida,
E se deixar d'amar glória tão alta
Era digno de pena mais crescida.
Emfim, eu te amarei; que Amor m'exalta
Co'o castigo de culpa assi atrevida:
E quando d'ella caia, maior glória
Terá o Tejo, que o Pó, com sua historia.

VIII

A Santa Ursula

D'huma formosa Virgem desposada, [1]
Que d'outras onze mil, tambem formosas,
Entrou no claro Olympo acompanhada, [2]
Com corôas de lyrios e de rosas; [3]
De Christo esposo seu tão namorada,
Que d'elle as quiz fazer todas esposas; [4]
Amor, vida e martyrio cantar quero,
Fiado no favor que d'ella espero. [5]
  Alcança, Ursula bella, (que diante
De tão bello esquadrão foste por guia)
De teu suave Amor, que de ti canto,
O seu amor que no teu peito ardia.
Meu verso para ti mais se levante, [6]
Ó Christifera, ó heroica companhia;
Tanto se mostre aqui mais soberano,
Quanto o divino Amor excede o humano.
  E vós, unica mãe e Virgem pura,
Pois sois das que tal ordem escolheram,
Que fostes, sois, sereis guarda segura
Da pureza que a Deos offereceram;
N'este canto me dae melhor ventura
Do que atégora as Musas vãs me deram:
Vossas servas serão de mi servidas,
Cantadas suas mortes, suas vidas.

Serenissima Infante, produzida
Do grão tronco real, sublime planta;
No titulo, nas obras e na vida,
Retrato natural de Ursula Santa,
D'esta Virgem, tambem de reis nascida,
Ouvi com ledo rosto o que se canta;
Dae o sentido hum pouco a tal sogeito:
Não lhe tire seu preço o meu defeito.

No tempo que Ciriáco se sentava
Na Cadeira de Pedro pescador,
De que com sã doutrina apascentava
As Ovelhas de Christo, Bom Pastor;
Teve Bretanha hum Rei, que professava
A Lei que deu no mundo o Redemptor,
Justa e temente ao céo, pio e devoto,
Chamado Mauro d'huns, e d'outros Noto.

De virtudes um novo exemplo e raro,
Em idade e belleza florecia
Ursula, por quem Noto era mais claro,
Que por todo o poder que possuia;
Com quem em nada o céo quiz ser avaro,
Com quem todas as graças repartia;
Prudente, honesta e docta a maravilha,
De tão ditoso pae ditosa filha.

Aquella que por o ár com ligeireza
As pennas de mil azas abre e cerra,
E que com velocissima presteza
Com outros tantos pés corre por terra;
Aquella, que de sua natureza
Não cuida em quanto diz se acerta ou erra,
E d'huma em outra boca se derrama:
Aquella, emfim, a quem chamamos Fama;

Hia por todo o mundo divulgando
Extremos d'esta virgem soberana,
Aquella formosura celebrando
Com que Amor cego a tanta vista engana:
Mais hia d'alma sua publicando,
Porqu'era mais divina do que humana:
Já d'uma, e d'outra já dizia tanto,
Qu'em huns criava amor, n'outros espanto.

Ouvidos seus louvores, muitas vezes
Desejou d'esta virgem fazer nora
Hum Rei que o sceptro tinha dos Inglezes,
Idolatras então, cegos agora.
Ó povo cego e leve! as torpes fezes
Aparta do ouro puro e lança fóra,
Torna-te ao teu pastor, perdido gado!
Olha que vás sem elle mal guiado.

Hum filho d'este Rei (de quem dizia
Que ser de Ursula sogro desejava)
Movido do rumor que d'ella ouvia,
Já dentro no seu peito a namorava.
Alli seu amor, d'elle, lhe offerecia;
Alli por o amor d'ella suspirava.
Suspira elle por ella; ella suspira
Tambem por outro amor que nunca víra.

Mandou o rei inglez embaixadores
Com pompa regia e lustre sumptuoso,
(Do grande reino seus grandes senhores)
A Noto, rei não tanto poderoso.
Pediu-lhe a bella filha (qu'em amores
Ardia toda do celeste Esposo)
Para esposa do filho, que sabía
Que já d'amores d'ella todo ardia.

O rei bretão se achava descontente
Com a nova embaixada de Inglaterra:
Receia que se n'ella não consente,
O gentio lhe mova cruel guerra:
Porque sendo mais rico e mais potente,
Assi no largo mar, como na terra,
Quando desprezos visse de seu rôgo,
Podia pôr Bretanha a ferro e fogo.

Sôbre este não errado pensamento
Do medo de perder seu senhorio,
Novo discurso tinha e novo intento,
Com que se achava mais medroso e frio.
Extranhava o fazer ajuntamento
Da catholica filha co'hum gentio;
Pois nem a lei de Christo o permittia,
Nem Ursula fiel o admittiria.

Estando o pae em tal angústia pôsto,
Divinamente a filha já inspirada,
Lhe assegurava com sereno rosto
Que consentir podia na embaixada;
Dizendo que se o Inglez levava gôsto
D'ella com seu herdeiro ser casada,
Primeiro lhe mandasse dez donzellas,
Do reino as mais illustres, as mais bellas.

Que mil daria a cada virgem d'estas,
E que a ella outras mil tambem daria,
Todas de claro sangue, e em vista honestas.
(Dest'arte a conta de onze mil fazia)
Que por tres annos dilação nas festas,
Além do já pedido, lhe pedia;
E náos e mantimentos, porque todas
Fossem com ella a Roma antes das bodas.

Alli sua pureza e virgindade
Queria com solemne e sacro voto
Consagrar á divina Potestade,
Que o céo e a terra fez de proprio moto.
E que deixasse a vã gentilidade
Seu filho, para genro ser de Noto,
Para que n'este espaço doutrinado
Fosse na fé de Christo, e baptisado.

Com estas condições Ursula disse
Ao caro pae, que, a ser d'ellas contente,
Podia responder; e despedisse
A proposta d'aquelle rei potente:
Ou porque ouvindo-as elle desistisse,
Podendo-se acceitar difficilmente;
Ou porque, quando as virgens concedesse,
Comsigo a seu senhor onze mil désse.

Oh divino saber, quão soberano
Conselho he sempre o teu! quão remontado!
Oh quanto o mór saber te cede humano,
Por mais que de razões vá mais ornado!
Já dos idolos deixa o cego engano
O principe, da virgem namorado;
Já terno pede ao pae quanto ella pede;
Já o pae quanto lhe roga lhe concede.

Já para ti, ó virgem bella e branda,
Com uma singular velocidade,
Juntar se via d'uma e d'outra banda
De feminil nobreza tenra idade.
As náos apparelhar o rei já manda;
Já n'ellas se recolhe a virgindade;
Já dão para Bretanha ao vento vellas.
O coração do noivo vae com ellas.

Já vem a tomar porto onde esperava
Ursula alvoroçada em grã maneira;
Que para as receber alli se achava,
Como senhora não, mas companheira.
Quão falsa era a Lei d'ellas lhes mostrava,
A de Christo quão pura e verdadeira.
Já se baptisa huma e outra dama;
Damas Ursula já do céo lhes chama.

A Fama, que não sabe repousar,
Voôu de reino em reino, d'ilha em ilha;
A gente que concorre não têm par,
Por ver a nunca vista maravilha.
Outros vem por servir e acompanhar
A Virgem de rei nora, de rei filha.
Movem-se muitos bispos de Bretanha;
Pantalo em vida e morte os acompanha.

Por ti, deixando o reino, co'a familia
E quatro filhas suas, s'embarcou,
Juliana, Victoria, Aurea, Babilia;
(Hum filho tinha mais que mais levou)
Gerasina, rainha de Sicilia,
E com devido amor te acompanhou;
Qu'he justo que comtigo vão rainhas,
Quando tu para o rei dos reis caminhas.

Já se partem as bellas peregrinas,
As mãos ao claro empyreo levantadas;
Já rompem, já, per ondas crystallinas
As náos de formosura carregadas.
Quando, dizei, ó aguas neptuminas,
Fostes de tal belleza navegadas?
Nunca, despois que a terra descobristes,
A tal frota por vós caminho abristes.

Com vento sempre igual, com mar bonança,
Sem perigos alguns, sem algum pejo,
Ceyla foram tomar, porto de França,
Onde pouca demora fazer vejo.
O coração da Virgem não descança,
Saudosa do fim de seu desejo:
Manda que levem ferro, soltem linho
Que leve por o mar o negro pinho.

O vento nova posse vae tomando
Das virgens que lhes são encommendadas:
Com tal prosperidade vão voando,
Que já deixam atraz ondas salgadas:
Já nas doces do Rheno estão entrando,
Onde têm suas vidas limitadas:
Huma cidade vem á mingua da agua,
Que de vel-as morrer não teve magua.

Ah Colonia cruel, que não t'encobres
A tão formosos olhos, que seguros
As altas torres viam que descobres,
Lustrosos edificios, fortes muros!
Permitte o largo Céo que fama cobres
De ser tão dura mãe de peitos duros?
Duros peitos, que a tantos, limpos de êrro
Viram abrir sem dôr com impio ferro?

Estando n'este porto a bella Armada
Tomando o necessario mantimento,
Para poder seguir sua jornada,
E dar terceira vez o treu ao vento;
Sendo parte da noite já passada,
A Virgem lá no seu retrahimento,
Quando estava dormindo toda a frota,
A Christo orou assi, branda e devota:

Amor, divino Amor, Amor suave,
Amor, que amando vou toda rendida;
Com quem não ha na vida pena grave,
Sem quem gloria real não ha na vida;
Amor, que do meu peito tens a chave,
Amor, de cujo amor ando ferida,
Quando verei, Amor, o que desejo,
Para que veja, Amor, o que não vejo?
Amor, que d'amor cheio e de brandura,
D'amor enches est'alma saudosa;
Amor, sem cujo amor e formosura,
Não póde nunca haver cousa formosa;
Amor, com cujo amor anda segura
Huma vida tão fraca e duvidosa,
Quando verei, Amor, o que desejo,
Para que veja, Amor, o que não vejo?
Amor, que por amor te dispuzeste
A restaurar o mundo errado e triste;
Amor, que por amor do céo desceste;
Amor, que por amor á Cruz subiste;
Amor, que por amor a vida déste;
Amor, que por amor a gloria abriste,
Quando verei, Amor, o que desejo,
Para que veja, Amor, o que não vejo?
Amor, que mais e mais sempre te augmentas
No coração que lá comtigo trazes;
Amor, que d'amor puro te sustentas
No fogo em que tu mesmo arder me fazes;
Amor, que sem amor não te contentas,
De tudo com amor te satisfazes,
Quando verei, Amor, o que desejo,
Para que veja, Amor, o que não vejo?

Amor, que com amor me captivaste;
(Se livre póde ser quem não captivas)
Amor, qu'em taes prisões m'asseguraste
As esperanças d'antes fugitivas:
Amor, que suspirando m'ensinaste
A derramar por ti lagrimas vivas,
Quando verei, Amor, o que desejo,
Para que veja, Amor, o que não vejo?
Quando verei hum dia em que offereça
Por ti ao cruel ferro o peito forte,
E cercada de virgens appareça
Na tua soberana e eterna côrte;
Onde lá cada uma te mereça,
Cá passando commigo a propria morte:
E todas dando o sangue juntas, todas
Celebremos comtigo eternas bodas?
Faze-me já, Senhor, esta vontade
Que tenho de te vêr, que sempre tive,
Des que me deu lugar a tenra idade,
E lume de razão n'esta alma vive.
Não queiras, meu Amor, que a saudade
Sem tal bem a mi só da vida prive;
Que se muito se alarga este destêrro,
Por ella irei a ti, não por o ferro.
Desata o meu espirito saudoso,
Do nó mortal em que se vae detendo,
Primeiro que tres vezes pressuroso
O sol os doze signos vá correndo.
Espaço he que tomei, meu doce Esposo,
Para outro esposo meu ir entretendo:
Mas a meu amor crendo, de ti creio
Que acabes com a vida o meu receio.

Inda n'este fervente e justo rôgo
Ursula suspirando procedia,
Quando d'hum resplandor como de fogo
Divina voz ouviu, que assi dizia:
«O' virgem, que soubeste fazer jôgo
Do que no mundo têm maior valia,
Entende que da volta que fizeres,
Aqui quero que seja o que tu queres.»

Tanto que tal resposta do céo teve,
Não quiz do que esperava perder hora:
Já lhe parece larga a noite breve,
E que já tarda muito a bella aurora.
Em descobrindo Apollo o carro leve,
Do porto de Colonia sahiu fóra.
Já Basilêa em breve tempo toma:
E a pé d'alli partiram para Roma.

O Pastor summo, Ciriáco santo,
As sahe a receber, e as acompanha
Com gôzo espiritual, com grande espanto
De ver em tal idade fé tamanha,
Dizer se póde mal, mal cuidar quanto
Se goza o real sangue de Bretanha,
Os veneraveis templos visitando
D'aquelles que tambem foi imitando.

Na propria noite d'este proprio dia
Que Roma vêr as virgens mereceu,
A quem de Pedro a Barca então regía
Revelou o que rege a terra e céo
Que martyrio tambem receberia
Onde Ursula co'as mais o recebeu:
Deixa contente o grão pontificado,
Desejoso de ser martyrizado.

Por mais que todo o clero soffre mal
Mover-se por aquellas estrangeiras,
Movido da vontade divinal
O bom Pastor se vae com as cordeiras.
Hum arcebispo leva, hum cardeal:
Tres bispos deixam vagas tres cadeiras,
De Luca, Ravicana e de Ravenna:
Mauricio me ficava já na penna.

Despois de n'agua entrar, d'onde sahiram,
Com tão formoso sol tantas estrellas,
Já as ancoras debaixo acima tiram,
E de cima já abaixo soltam vellas.
Estas náos lá adiante outras náos viram,
Que fazendo-se vêm na volta d'ellas;
Conheceram-se logo as duas frotas:
Ambas d'hum reino são, ambas devotas.

Alli, já rei erguido d'Inglaterra,
Vinha de Ursula bella o bello esposo,
Que reinar não queria já na terra,
Do céo já namorado e saudoso.
Do seu primeiro amor venceu a guerra
A força d'outro amor mais poderoso:
Amando já em seu Deos a esposa bella,
Para o poder achar, buscava a ella.

A mãe, já convertida, traz comsigo;
O pae, já christão feito, fallecêra,
Com que soube evitar o grão castigo
Que, morrendo gentio, não soubera.
Amor celeste, como aqui não digo
O teu sublime obrar? (Ah quem pudera!)
Por meio d'uma virgem foste meio
Com que gente copiosa a Christo veio.

Vinha mais n'esta nova companhia
Florencia, irmã do Rei, da mãe cuidado;
Florencia, qu'em belleza florecia,
Como flôr em jardim bem cultivado.
Tambem a frota bispos dous trazia,
Hum Marcello, Clemente outro chamado:
O primeiro já em Grecia bago teve;
Do segundo o bispado não s'escreve.

Outra virgem viuva alli mais vinha,
Que desposada sendo em tenra idade,
Antes das bodas enviuvado tinha,
E promettida a Christo a castidade.
Esta do mesmo rei era sobrinha,
Filha da imperatriz da grã cidade,
Onde por culpa nossa, ou pouca dita,
Seu throno agora têm o fero Scita.

Estes, que adverte repetida historia
Deixaram só por Deos altos estados,
Com outros, de que he menos a memoria,
Foram divinamente amoestados
Que todos, para entrar juntos na glória,
Ao côro virginal fossem juntados,
Com quem na terra Martyres seriam,
E no céo para sempre reinariam.

Sería estranho o gôzo que sentiram
Aquellas bem nascidas almas santas,
Quando juntas alli todas se viram
De partes tão remotas, e de tantas.
Sem estorvos, que d'antes o impediram,
As duas, mais que todas, bellas plantas
Alli abraços se dão sem algum pejo,
Ambas conformes já n'hum só desejo.

Alli faria o rei acatamento
A quem deixou da Barca o grão governo;
E elle, conforme a seu merecimento,
Responderia com amor paterno.
Não faltaria em tal recebimento
Prazer exterior, prazer interno;
Inda que nos estados differentes,
Todos seriam huns em ser contentes.

O vento as brancas velas não enchia,
Corria o frio Rheno então mais quedo;
Antes para Colonia não corria,
Porque as virgens não fossem lá tão cedo.
Parece que já claro conhecia
(Oh côro virginal, sereno e ledo!)
Que lá vos esperava a impia morte.
Agora, ó Musa, conta de que sorte.

Aquelle que na fórma de serpente
Deixou aos dous primeiros enganados,
Invejoso de vêr que tanta gente
Se convertia á Lei dos baptizados;
No coração entrou manhosamente
De dous gentios principes damnados,
Da soberba romã cavaleria,
Por encurtar a Fé que s'estendia.

A Fama os assegura com certeza
Que a virgem a Colonia já voltava,
Com toda a casta juvenil belleza
Que por amor do céo peregrinava.
Fizeram avisar com grã presteza
A um parente, que Julio se chamava,
Soberbo capitão dos Hunnos feros;
Que todos para todas foram Neros.

Eis logo o cego principe gentio,
Com gente innumeravel de seu mando,
A praia a tomar vem do mesmo rio
Por onde as virgens vinham navegando.
Já descobrem aquelle, este navio
Os qu'estão do mais alto atalaiando:
Ás armas veloz corre o bruto povo,
Por de novo as tingir no sangue novo.
Vindo a frota a surgir junto do muro,
Onde lhe parecia estar segura,
(Oh virgens que buscaes? logar seguro
Adonde vos espera a sepultura!)
Entra com mão armada o povo duro
Por esta peregrina formosura:
Já começa a provar os aços fortes;
Eis tudo sangue já, eis tudo mortes.
Já nu todas as virgens offreciam
O delicado collo, o tenro peito:
Era para caber quantas cahiam,
Todo largo logar logar estreito.
Do puro sangue os rios que corriam,
Outro vermelho mar já tinham feito.
Tu só, Córdula, á morte t'escondeste;
Mas despois a buscaste e recebeste.
Ciriáco o primeiro, bem constante,
A vida ao ferro offerece sem espanto:
O moço rei inglez cahiu diante
D'aquelles castos olhos que amou tanto.
Espera, brando esposo, hum breve instante;
Espera a tua doce esposa, em tanto
Que outro Amor outro golpe lhe prepara;
E juntos entrareis na patria cara.

Em qual terra, ó crueis, em qual cidade,
Entre quaes gentes mais a furor dadas,
Se não usou d'amor e de piedade
Com formosas donzellas desarmadas?
Como belleza tanta e tal idade
Vos deixou arrancar vossas espadas?
Ah lobos carniceiros, tigres bravos,
Filhos da crueldade, d'ira escravos!

De quantos animaes sustenta a terra
Nunca tanta crueza foi usada;
Inda que tenham huns com outros guerra,
Nunca do macho a femea he lastimada:
Anda a cerva co'o cervo por a serra,
A novilha do touro acompanhada,
Á leoneza o leão defender preza:
Vós sós quebraes as leis da natureza?

Puderam outros olhos por ventura
De lagrimas divinas escusar-se,
Vendo, cuberta já de névoa escura,
A luz de tantos bellos apagar-se?
Vendo a purpurea rosa, a cecem pura
Em tão formosas faces descorar-se?
As tranças d'ouro vendo, espedaçadas,
Por debaixo dos pés andar pizadas?

Na fôrça d'esta furia accesa e brava
O tyranno cruel a vista ergueu
Á virgem, qu'invencivel animava
As almas que juntára para o céo.
Assi já envolta em sangue como andava,
Da sua formusura se venceu;
E com doces razões, que Amor ensina,
A vencêl-a d'amor se determina.

Fingindo se arrepende do passado,
(E de fingil-o se arrepende azinha)
Sua vida lhe offerece e seu estado,
Sem vêr qu'estado e vida a perder vinha.
O seu amor lhe pede confiado;
O seu amor que dado a seu Deos tinha:
Pede-lhe o seu amor: antes não seu,
Porque já dado o havia a quem lh'o deu.

Usa de mil lisonjas, mil enganos,
Por conseguir o seu desejo bruto:
«A flôr logra (dizia) de teus annos,
Colhe d'essa belleza o doce fruto:
Não dês materia nova a novos damnos,
Não pagues verde á morte o seu tributo:
Olha que tens em mi (não são cautellas)
Outro reino, outro esposo, outras donzellas.

Não faças mentirosa a natureza
Que dá d'amor em ti grande esperança.
Que se póde alcançar d'essa belleza,
Se já piedade d'ella não s'alcança?
Aos tigres, aos leões deixa a braveza,
E deixa aos meus soldados a vingança.
Se por vêr-me cruel queres ser crua,
Já te vingas de mi em cousa tua.

Volve esses olhos já com mais brandura;
Esses olhos, d'amor doce morada:
D'elles não faça em mi a formosura,
O qu'em tantos já fez a minha espada.
Se queres derribar minha ventura,
Que d'elles estar vejo pendurada,
Acabarei de vêr quão pouco tenho,
Pois d'onde a matar vim a morrer venho.

Como do rôgo meu não te aproveitas,
Quando o teu risco a me rogar te obriga?
Ou não conheces bem a quem engeitas,
Ou m'engeitas por mais que seja e diga.
Em que cuidas, Senhora? ou que suspeitas?
Mais proprio era chamar-te dura imiga.
Mas não consente amor nome tão duro
Em parecer tão brando e tão seguro.

Os raios d'esses olhos já serenos
Enxuguem d'esse rosto as puras rosas;
O triste suspirar já sôe menos
N'estas concavidades saudosas.
Não façam grande mal males pequenos;
Que não soffre esperanças vagarosas
Quem anda costumado em seus amores
A medir por seu gôsto seus favores.

Que gôsto pódes ter de maltratar-me,
Vendo-me do passado arrependido?
Attenta que mais ganhas em ganhar-me,
Do que n'este destrôço tens perdido.
Se queres insistir em desprezar,
Vêr-me-has, sobre amoroso, enfurecido.
Não me declaro mais, porque não quero
Que o medo faça o que d'amor espero.»

—Ah perfido amador! deixa o teu êrro.
Não vês quanto enganado e cego andas?
Aquella a quem não vence o duro ferro,
Como a podem vencer palavras brandas?
Manda a sua alma já d'este destêrro,
Com essas que a seu doce Esposo mandas.
Não a detenhas mais em teus amores,
Se dobrar-lhe não queres suas dores.—

Vendo o cruel, emfim, que o que dizia,
Tomava a bella virgem por affronta,
E que quanto d'amor mais se accendia,
Ella d'elle fazia menos conta;
No concavo arco que na mão trazia,
Huma setta embebeu d'aguda ponta,
E o peito lhe passou de banda a banda.
Assi rendeu o esprito a virgem branda.

Vae-te, Esprito gentil, d'esta baixeza;
As azas abre já, já a luz derrama;
Vôa com desusada ligeireza
Onde o teu bem t'espera, onde te chama.
Verás baixa do mundo a mór alteza;
Verás qu'engana mais a quem mais ama;
E lá do teu Amor, cá suspirado,
O fructo colherás tão desejado.

Em paz te vae, ó alma pura e bella,
Mais bella inda no sangue que verteste;
Vae-te alegre a gozar, vae já d'aquella
Formosa região, alta e celeste.
Coroada de glória immortal, n'ella
Com Christo lograrás, a quem te déste
Com tantas e tão bem nascidas almas,
(Formosura do céo) onze mil palmas.

ESTANCIA A S. JOÃO *(inedita)*

RECOLHIDA DO CANCIONEIRO MS. DE LUIZ FRANCO, FL. 69

Quem ousará soltar seu baixo canto
Após teu alto vôo, aguia divina?
Se tu além do sol subiste tanto,
Que vêr outro mais claro foste dina?
Encheste no seu raio puro e santo
Olhos, de nova luz d'alta doutrina,
Teu casto e brando peito então encheste
Quando no do Senhor adormeceste.

VARIANTES

Canção I

1 O *marmoreo collo*, o branco peito. Ed. 1595.
O *marmoreo collo*, o *brando* peito. Canc. Ms. de L. F.
2 E fico *perdido só por mi* de arte. Ms. de Luiz Franco.
3 Mas inda *isso* de mi cuidar não posso. Ed. 1595. Ms. de Luiz Franco.
4 Por parte *dos desejos* commettendo. Ms. de L. Franco.
5 Algum *herege* e torpe desatino. *Ib.*
6 Que de vista me perco: pecco n'isto? *Ib.*
7 *Que se emfim* resisto. Ed. 1595.
Porque se emfim resisto. Ms. de Luiz Franco.
8 Contra tão atrevido e vão desejo. Ed. 1595. Ms. de Luiz Franco.
9 E arma-se da vossa formosura. *Ib. ib.*
10 *Que maior bem* deseja quem vos ama. *Ib. ib.*
11 *Fal-o* porque esta gloria não conhece. Ed. 1595.
Fal-o porque *essa* gloria não conhece. Ms. de L. F.
12 Em algumas fraquezas de contente. *Ib.*
13 O bem do doce riso. Ed. 1595.
14 *Mas porém* não se ganha. Ed. 1595. Ms. de L. Franco.
15 E *assi de enleada a* esperança. *Ib. ib.*
16 Sabe canção que *porque* não vejo. Ed. 1595.

Canção II

1 Me *endurece* a voz no peito frio. Ed. 1595.
2 Dará *da* minha pena signal certo. Ms. de L. Franco.
3 Que *he* erro em tantos erros *o* concerto. *Ib.*
4 Saiba o mundo d'Amor *hum desconcerto*. *Ib.*
5 Já se tornou de cego *arrazoado*. Ed. 1595. Ms. de L F.
6 E se *eu* em alguma cousa tenho errado. Ms. Jur.
7 *Confesso* grande dôr não vi nenhuma. *Ib.*
8 Buscou fingidas causas *por* matar-me. Ed. 1595. L. F.
Busca fingidas causas *por* matar-me. Ms. Jur.
9 *No* abysmo infernal *de* meu tormento. Ed. 1595. Ms. de Luiz Franco.
10 *Não foi soberbo nunca o* pensamento
Nem *pertende* mais alto levantar-me *Id. id.*
11 Que eu pague *por seu doudo* atrevimento. Ms. de L. F.
12 Que eu a meu *mando* tinha obediente. Ms. de L. F.
13 *Porém* como *ante si lhe foi* presente. Ed. 1595. Ms. de Luiz Franco.
14 *Que* entenderam o fim de meu desejo. Ed. 1595. Ms. Jur.
15 *De sede morto estou posto* n'um rio. Ed. 1595.
De ávida sede morto estou no rio. Ms. de Luiz Franco.
Onde de meu *serviço* o fructo vejo. *Ib.*
16 Mas *alça-se-me* se a colhel-o venho. Ms. de L. F.
Mas *alevanta-se,* se a colher o vento. Ms. Jur.
17 E foge-me a agua *se* beber porfio. Ed. 1595.
E foge-me a agua *se a* beber porfio. Ms. de L. Franco.
18 Debaixo d'este engano *que* alcancei. Ms. Jur.
19 Porque a meu desejo me gabei
De *alcançar* um bem de tanto preço. Ed. 1595. L. F.
20 E assi ganho *e perco a esperanca*. Ms. de L. Franco. Ms. Jur.
21 *E* afora este *mal* que eu merecia. Ed. 1595. Ms. de Luiz Franco.
22 *Que porque* o pensamento. Ms. Jur.
23 *Que* sempre *vôa* de huma em outra parte
D'estas entranhas tristes *não* se farte
Imaginando *sobre* o famulento
Quanto mais come, mais está crecendo. Ed. 1595. Ms. de Luiz Franco.
24 De vontades alheias que roubava. Ed. 1595.

25 *De maneira o engano* lhe fingia. Ed. 1595. Ms. de L. F.
De maneira o engano lhe fingia. Ms. Jur.
26 Que *despois* que a meu mando as *sojugava. Id.*
27 Torno a *subir* ao desejado assento. Ms. Jur.
28 Torna a cair-me, *embalde* emfim pelejo. Ed. 1595. Ms. de Luiz Franco.
Torno a cair: embalde emfim pelejo. Ms. Jur.
29 Não te espantes Sysipho d'este alento. Ed. 1595.
30 Como o avaro a quem o sonho pinta. *Ib.*
Achar thezouro grande onde enriquece. *Ib.*
31 E farta *já sua* sede cubiçosa. Ms. Jur.
32 *Acordado* com furia pressurosa. Ms. Jur.
Vae *cavar no logar onde* sonhava. Ed. 1595. Ms. Jur.
33 *D'esta arte* amor me faz perder o siso. Ed. 1595. Ms. de Luiz Franco.
34 *Nunca* sentirão tanto o triste abizo. Ed. 1595.
Não tanto sentirão o triste abizo. Ms. Jur.
35 Se *ignorarem* o bem do Paraiso. Ed. 1595.
36 Canção *no* mais que já não sei que digo. Ed. 1595. Ms. de Luiz Franco.

Canção III

1 *Do Oriente as portas vem* abrindo. Ed. 1595.
2 *De* sua alegre vista saudoso. *Ib.*
3 De raminho em raminho *modulando*
Com uma suave e doce melodia. *Ib.*
4 *Branda*, suave, angelica, serena. *Ib.*
5 Oh effeito d'amor, *tão preeminente. Ib.*
Que permite e consente
Que *onde* quer *que me ache* e *onde* esteja. *Ib.*
6 Pois as foi pôr em ti tão *differentes. Ib.*
7 *E os* cabellos d'ouro. *Id.*
8 *Não igual aos que vi mas arremeda. Ib.*
9 *Os* meus espiritos são que a voz levante. *Ib.*
10 *Quão asinha o sol falta* á redondeza. *Ib.*
11 Que causastes tão *longo* apartamento. *Ib.*
12 *Hum* homem *sou* só de carne e osso. *Ib.*
13 Que não sou meu: se *mouro* o damno é vosso. ***Ib.***
14 Canção de cysne feita *n*'hora extrema. *Ib.*
15 Que a sombra escura já *me impedia. Ib.*

CANÇÃO IV

1 Mansamente *que* até o mar não param. Ed. 1595.
2 Por onde minhas magoas. *Ib.*
3 Ali se *ajuntaram*. *Ib.*
4 Testa de neve e ouro. *Ib.*
5 *Contente com* a pena. *Ib.*
6 *Hum* dia *n*'outro dia. *Ib.*
7 *Longo tempo* passei. *Ib.*
8 Só porque em bem tamanho *m*'empregava. *Ib.*
9 O fim podesse ver *ind*'alguma hora. *Ib.*
10 *Perdesse* a esperança. *Ib.*
11 Até *o* derradeiro despedir-me. *Ib.*
12 *Com a qual* defender-me triste espero. *Ib.*
13 *Tu, Canção,* estarás
Aqui acompanhando
Estes campos *e* estas claras aguas. *Ib.*
14 *Chorando e* suspirando
E ao mundo *mostrando* tantas magoas,
Que de tão larga historia. *Ib.*

CANÇÃO V

1 *N*'alma podesse vir gritando fóra. Mss. de L. F. e Jur.
2 *Não trabalhoso* e grave
Mas doce e leve a vós, minha senhora. Ms. Jur.
3 E eu que sempre ando. Ed. 1595. Ms. Jur.
E *que no mundo* ando. Ms. Jur.
4 Passaro solitario, humilde, escuro. Ed. 1595. Ms. de Luiz Franco.
5 Brando e sonoro *pelo* ár voando. *Ib. ibid.*
Branco e sonoro *pelo* ár voando. Ms. Jur.
5 Pintara *meu tormento* e o vosso gesto. Ed. 1595.
Pintara *meu tormento em* vosso gesto. Ms. de L. F.
Pintara *meu tormento o* vosso gesto. Ms. Jur.
7 Pintara os olhos bellos
Verdes e graciosos,
Debaixo de arcos negros e delgados;
Os ondados cabellos
Louros largos, formosos
Aguora ao vento soltos, ora atados,
Os dentes que cercados

Estão de sangue e riso
As perlas imitando,
A testa, onde cequando
A vista está; o carão delgado e liso,
A cor, a graça, o siso,
O seguro repouso honesto e brando,
Que Deus na terra deu
Para signal de paz ao mundo seu. Ms. Jur.

8 *E* os dourados cabellos. Ed 1595. Ms. de L. Franco.
9 A quem o sol *seus raios abaixou. Ibid.*
10 Que *a* cada parte tem *a* fresca rosa. Ed. 1595.
Que a cada parte tem *huma* fresca rosa. Ms. de L. F.
11 Que querel-a louvar he *escusado* Ed. 1595.
Que emfim he um thesouro. Ms. de Luiz Franco.
Os dentes perlas, as palavras ouro. Ed. 1595.
Os dentes perlas e *as* palavras *d'*ouro. Ms. de L. F.
12 Que em vós se esmerou a natureza. Ed. 1595. Ms. de Luiz Franco.
13 *E* eu de gente em gente. *Ibid.*
14 Sómente a aspereza. *Ibid.*
15 Que em vós *podera* aver senão. Ms. de Luiz Franco.
16 *E se pola* ventura. Ed. 1595. Ms. de Luiz Franco.
17 *Tão baixo não* decesse *Ib. ib.*
18 Que alcançasse *hum baixo* entendimento. Ed. 1595.
Que *alçasse* meu baixo entendimento. Ms. de L. F.
Que a alcançasse *o meu fraco* entendimento. Ms. Jur.
19 *D'aquillo que* cantasse. Ms. de Luiz Franco. Ed. 1595.
D'aquillo que alcançasse, Ms. Jur.
20 A causa pelo effeito minha dor. Ed. 1595. Ms. de L. Franco.
21 Entrão mostraria. *Ib. ib.*
Então *eu trataria.* Ms. Jur.
22 O suspirar *que a alma traz* comsigo. Ed. 1595. Ms. de Luiz Franco.
Os espiritos que arrancam alma *comsiguo*. Ms. Jur.
23 *O* pelejar comigo. Ms. Jur.
24 E de poder *achal-o* acovardar-me. Ed. 1595.
25 E emfim *determinar-me*. Ms. Jur.
26 *E que este meu tormento*
Não darei por nenhum contentamento. Ms. Jur.

27 Palavras *que* iguale. Ms. Jur.
28 *Que* em doce voz de fóra. Ed. 1595.
29 Que *vá fazendo* o dano. Ms. Jur.
30 *Tão* deleitoso e a dor moderada. Ed. 1595.
31 *Bem me peza, Canção, que de ornamento*
Tão pobre vás e núa,
Por seres minha, não, porque és sua. Ms. Jur.

Canção VI

1 Huma ilha *lá* nas partes do Oriente. Ed. 1595.
2 Os campos *inverdece* alegremente. Ms. Jur.
3 Por armas *bellicosas*. Ms. de Luiz Franco.
4 Quiz que uma *grave* parte. Ed. 1595.
Da vida *que eu não tenho,* se passasse. Ed. 1595. Ms. de Luiz Franco.
5 Que *dos* formosos olhos fosse lida. Ms. de L. Franco.
6 O que não pode *ver* tão *triste* vida. Ms. de L. Franco.
7 *Que* eu nunca *pude* tanto. Ed. 1595. Ms. de L. F.
8 *Se* pode recear. *Ib. ib.*
9 Tão brando *e* pouco irado. Ed. 1595.
10 Quanto agora em males se conhece. Ms. Jur.
11 *E bem como* acontece. Ed. 1595. Ms. Jur.
12 *Que assi como a* doente. *Ib. ib.*
13 *O* medico *sabido. Ibid. ib.*
14 *Assim* me consentir
A esperança, desejo e ousadia. Ed. 1595. Ms. Jur.
15 Quem *hade* imaginar. Ms. de Luiz Franco.
Que pode haver peccado
Que mereça tão grave penitencia. Ed. 1595. Mss. Jur. e Luiz Franco.
16 Nunca *n'elle me acabe* meu tormento. Ms. de L. F.
Nunca me acabe meu tormento. Ms. Jur.

Canção VII

1 Tomara eu d'amor por interesse. Ed. 1595.
2 *O* amor enganoso que fingia. *Ib.*
3 Causava hum *admirado,* novo espanto. *Ib.*
4 *E* as garrulas aves levantando
Vozes *desordenadas* em seu canto,
Como em meu desejo s'encendiam. *Ib.*
5 Inflamadas na linda vista pura. *Ib.*

6 Os ramos se *abaixavam. Ib.*
Tendo inveja das ervas que pizavam
Ou porque tudo *ante ella* se *abaixava. Ib.*
7 *E n'isto* só o *teve* porque Amor
M'o deixou *porque visse* o que pedia. *Ib.*
8 D'elles em *mim* por *troca* traspassava. *Ib.*
9 *Pelo* que *n'*hum juizo humano estava. *Ib.*
10 E o vêr a *mim* de *mim mesmo* perder-me. *Ib.*
*Em*fim *sinto* negar-se a natureza. *Ib.*
11 Pelo que *em* si *escondem*
Os sentidos humanos lhe *respondem. Ib.*
12 *Bem* podem dos divinos ser juizes. *Ib.*

CANÇÃO VIII

1 *Por vêr* que me condemna. Ed. 1595.
2 Que em parte *eu causei.*
O mal em que me vejo. *Ib.*
3 *Tão comprido em vos cumprir* entreguei. *Ib.*
4 Tão *envolto* estou. *Ib.*
5 Que as que *de* razão tomar queiraes. *Ib.*
6 De que vamente *eu* me enriquecia. *Ib.*
7 Pois com *tel-a* de vós só tenho gloria. *Ib.*
8 *Que he* verdade pura. *Ib.*
Como ouro de Arabia reluzente.
9 *A* condição dura.
Mudareis n'outra muito differente. Ib.
10 *E* eu, *como* innocente
Que estou n'este caso
Isto em mãos puzera. *Ib.*
11 *Que ficasse o direito justo e* raso. *Ib.*
12 Se não *arreceara. Ib.*
13 Porque antes *a dor* prive
De todo meus sentidos
Ao *grande* tormento. *Ib.*
14 Que *isso é o que* espero
Inda *a maiores dores. Ib.*
15 Por mais que *venha* não direi não quero. *Ib.*
16 Que *nem me mudará a mesma* morte. *Ib.*
17 *Ver* tanta crueldade
Lá *vás* onde verás minha verdade. *Ib.*

Canção IX

1 *Nem rio claro corre*, ou ferve fonte. Ed. 1595.
2 *Por antiphrasi he Felix*, infelice. *Ib.*
3 *Onde* fundada já foi Berenice. *Ib.*
4 O sol que *n'elle* ferve, se lh'esconde. *Ib.*
5 *N'elle apparece o cabo*, com a costa
Africana, *que vem do Austro* correndo. *Ib.*
6 *Os céos*, a ruda lingua mal composta. *Ib.*
7 *Pelo* mundo em pedaços repartida. *Ib.*
8 *Trabalhosos*, de dor e d'ira cheios. *Ib.*
9 A vida, o sol ardente, *e* aguas frias. *Ib.*
10 Aqui *estiv'eu* com estes pensamentos. *Ib.*
11 *E* vede se seria leve o salto. *Ib.*
12 *Aqui o imaginar aqui* se convertia
N'um subito chorar e n'huns suspiros. *Ib.*
13 *Todo lhe he dor* e causa que padeça. *Ib.*
14 *O* que este irado mar *gritando* amanso. *Ib.*
15 D'aquella em cujo *riso* já vivi. *Ib.*
A qual *tornada* um pouco sobre si.
16 *Tornada ainda que* tarde piadosa. *Ib.*
17 E *comsigo por* dura se julgasse. *Ib.*
18 Ah Senhora, Senhora, que tão rica. *Ib.*
19 *Em* vos *affigurando* o pensamento. *Ib.*
20 E logo se me *ajuntam* esperanças. *Ib.*
21 Alli a vida cansada *que melhore*
Toma *novos espiritos* com que vença. *Ib.*
22 Canção *como* não mouro. *Ib.*

Canção X

1 *Deitemos* agua pouca em muito fogo. Ed. 1595. Ms. Jur.
2 *Que* pois já de acertar estou tão fora. *Ib.*
3 Forçado he gritar se a dor é grande. *Ib.*
4 Quem me dará que fóra a mande. *Ib.*
5 *Emfim direi*, aquillo que m'ensinam. *Ib.*
6 Que *he outra dor* por si mais dura e firme. *Ib.*
7 Ou aquelles que n'ella imaginam. *Ib.*
8 *De lhe* darem poder para entenderem. *Ib.*
9 (Os vinte versos seguintes faltam na ed. 1595.)
10 Estrellas infelices *destinado*. Ms. Jur.
11 *Nem trouxe livre arbitrio nem mo* deram. *Ib.*
12 *Milhor, mas* o peor segui forçado. *Ib.*

13 *O* som dos gritos que no berço dava. *Ib.*
14 *Co' fado estava a idade concertada,*
Porque quando por acaso *me* emballavam,
Se *versos de amor tristes* me *cantarão. Ib.*
15 *Por uma tive* uma fera, que o destino
Não quiz que *melhor* fosse a que tivesse
Para o que elle de mi fazer queria. Ib.
16 Que *muito se gloriava* todo o mal. *Ib.*
17 Teve Amor, *que não* fosse não somente. Ed. 1695.
18 Implacaveis durezas que *o* fervente. *Ib.*
19 E *de se ver corrido* e injuriado. *Ib.*
20 *N'ellas tambem* pintadas e fingidas. Ed. 1515.
N'ellas tambem *fundadas* e fingidas. Ms. Jur.
21 Que *a phantasia* desatinava. Ed. 1595.
Estes enganos *tinha* em desconcerto. Ms. Jur.
22 *Pelos olhos para ella* sotilmente. *Ib.*
Pouco *e* pouco invisiveis me sahiam. *Ib.*
23 *Emfim, o gesto puro* e transparente, *Ib.*
24 Que *enganava as magoas* c'os enganos. *Ib.*
25 *Daquelle* para quem crescido estava. *Ib.*
26 Suspirar sem saber *se* suspirava. *Ib.*
27 *A*quella dor que das tartareas agoas. *Ib.*
28 Que *bem* mal se podia já mudar. *Ib.*
29 Fazia converter estes furores. Ed. 1595. Ms. Jur.
30 Que desculpas commigo *que* buscava. *Ib.*
31 *Emfim eram* remedios que fingia. *Ib.*
32 *De largo* e amarissimo tormento. *Ib.*
33 Estes passos *tão* vâmente *espalhados. Ib.*
34 Que *então* de siso n'alma tinha posto. Ms. Jur.
35 *Em* que *eu* criei a tenra natureza. *Ib.*
36 De Marte que *c'os* olhos quiz que logo. Ed. 1595.
37 E *faltaram-me* emfim o tempo e o mundo. Ed. 1595.
38 Que eu não passasse atado á *gram* coluna. *Ib.*
39 *A formosura, os olhos, a brandura. Ib.*
40 A *sincera* amisade que desvia. *Ib.*
41 O *fraco* coração, que inda não posso. *Ib.*

Canção XI

1 Nem roxa *frol* de Abril. Ed. 1616.
2 Não fez *nũnca* tão ledo. *Ib.*
3 Do ver desconcertado. *Ib.*

4 Que *fará levando* a Jupiter irado. *Ib.*
5 *Natureza entre os* ramos *dependura*. *Ib.*
6 Não lhe *dá* o deleite. *Id.*
7 *Porque o sol deixa pelo Tejo* Amphriso. *Ib.*
8 *Tão suave não he, tão deleitosa*
A quem no campo a pesa
Quanto a mim essa falla alegre agrada. *Ib.*
9 Dos *rios frescas* aguas. Ed. 1616.

Canção XII

1 D'elle mesmo e qu'em ti se representa. Ed. F. Sousa.

Ode I

1 *E quando escura está he mais que o dia*. Ed. 1595.
2 A *escura noute* fazes que não possa. *Ib.*
3 *Teus cabellos de argento* e faces bellas. *Ib.*
4 O teu celeste *amor* na primavera. *Ib.*
5 *Por* ti guarda o sitio fresco d'Ilio. *Ib.*
6 Para ti Erymantho e o lindo Epilio. *Ib.*
7 E as drogas cheirosas. *Ib.*
8 *Tambem a Arabia Felix eminente*. *Ib.*
9 De *que* Panthera, ou Tigre ou Leopardo. *Ib.*
10 Não temeram *o agudo e fero* dardo
Quando *pelas* montanhas. *Ib.*
11 Pois Delia *dos teus céos* vendo estás quantos. *Ib.*
12 As *amantes* vontades. *Ib.*
13 *Veiu teu* Endymião por estes montes.
Suspenso o céo olhando. *Ib.*
14 *Embalde e em vão* chamando. *Ib.*
15 Por ti feito pastor de branco *armento*
As selvas solitarias
Acompanhado só do pensamento. *Ib.*
16 Para ser menos grave seu tormento. *Ib.*
Não fujas *de mim assi, nem assi* te escondas. *Ib.*
17 Triste de *mim que o pior he* queixar-me. *Ib.*
18 A quem já *ergue* a mão para matar-me. *Ib.*
19 E *isto* só pretende e só m'ensina. *Ib.*
Quantos dias ha que o céo me desengana
E eu sempre porfio. *Ib.*
20 *E* este *que em mim* vejo
Para esperança minha e meu desejo. *Ib.*

21 Fugir a tempo tal
Mais que d'antes *por thema*
Mais cruel que ursa fera, *mais que ema*. *Ib.*
22 Porque *assi me ha* ordenado. *Ib.*
23 *Minha secreta amiga, mansa noute*. *Ib.*
24 *Ouviste meus queixumes, ora dou-te*
*E*ste fresco *Adrianto*. *Ib.*

ODE II

1 Este tormento *onde* amor mostrou. Ed. 1595.
2 *Antre* a doce dureza e mansidão. *Ib.*

ODE III

1 Tanta rasão tivera de *agravar-me*. Ed. 1595.
Quantos de meu tormento.
2 Que *n'outro* tempo foi alegre e pura. *Ib.*
3 Oh *quam* bem *alembrados*. *Ib.*
4 *Crueis* males esquivos. *Ib.*
5 *A triste vida já que* tanto dura. *Ib.*
6 Se esforça meu sugeito e *convalesce*. *Ib.*
7 *Quietas se tornaram* de repente. *Ib.*
8 Das penas que *ordenara ali* Plutão. *Ib.*
Em descanso *tornava*.
9 *Pelo qual* admirada. *Ib.*
10 Esposa *já* perdida. *Ib.*
11 E *mui mais* deshumana. *Ib.*
12 Duro peito cruel, *impedernido*. *Ib.*
13 *Da* Hircania nascido
Ou *dantre* as duras rochas produzido. *Ib.*
14 *Sobol'agua* erguidas. *Ib.*
15 *Sahi alegre* todas, ver qual ando. *Ib.*
16 *C*antando e colhendo as lindas flores. *Ib.*
17 *Assentareis* meus prantos, meus clamores. *Ib.*
18 E mais *mofino* corpo que *he* gerado. *Ib.*

ODE IV

1 E se mais tenho, *inda* entregarei. Ed. 1595.
2 *Foges* de te queimar em flamas varias. *Ib.*
3 Que tantas *innocencias* e esquivanças. *Ib.*
4 *Que* de despojos mil soberba e rica. Ms. Jur.
5 *Pelo* capitão chora. Ed. 1595 Ms. Jur.
6 Olha em *Lesbo* aquella Ed. 1595.

7 *Pelo* moço escolhido. *Ib.*
Onde mais se *mostravam* as tres graças.
8 *Tomae-me vós,* pois outrem me deixou.
E assi dos altos ares *Ib.*
9 Menino pio *Elysa* sem perigo. *Ib.*
10 Aguas *quando* apague o fogo antigo. *Ib.*

ODE V

1 Estendendo seus raios *pelo* mundo. Ed. 1595.
2 *Com* que a sombra escura. *Ib.*
3 Todas quantas *tivera*. *Ib.*
Pelas pestanas d'elles pendurara.
4 Não pode ser, que vendo a vossa *antr*'ellas. *Ib.*
5 Como se fossem *duas* mil, vos ama. *Ib.*

ODE VI

1 Pode um desejo *immenso*. Ms. Jur.
2 Que *a* branda *e a* viva alma, o fogo *immenso*. *Ib.*
3 *Que c'os* olhos *mortaes*. *Ib.*
4 Que *eu* de tão longe *já* voto e contemplo. *Ib.*
5 Se de *humanas* não tem muita *vantagem*. *Ib.*
6 Que *misturadas são de calidade*. *Ib.*
7 Nem deixa *huma* de receada. Ed. 1595. Ms. Jur.
8 Temperados *com o* doce e *alegre* riso. Ms. Jur.
9 *Igual á fermosura vossa* der. Ed. 1595.
Igual á fermosura vossa ouver. Ms. Jur.
10 *Eu* a vi no meu longo apartamento,
Qual em *presença* vejo. Ms. Jur.
11 Huma *accesa alma* tanto. *Ib.*
12 Que o *dourado* Tejo. *Ib.*

ODE VII

1 *Na qual pera* trepar s'encosta e arrima. Ed. 1598.

ODE VIII

1 Em virtude, sciencia e conselho. Ed. 1598.
2 De vossos ascendentes honra e gloria. *Ib.*
3 D'annos, *letras e* varia esperiencia. Ms. Jur.
4 Vosso favor e *ajuda* ao grão volume
O qual á luz saindo
Dará *na* medicina um *novo* lume,
E descobrindo irá segredos certos. Ms. Jur.

Ode IX

1 *Vay Venus Cytarêa*
Com os córos das Nymphas rodeada
A *linda Panopêa.* Ed. 1598.
Vay a *alva Citerea*
Pelo campo de Nymphas rodeada
A *linda* Pasitêa. Ms. Jur.
2 *Das formosas* irmàs acompanhada. *Ib.*
3 Desce do *duro* monte. *Ib.* Ms. Jur.
4 Buscando a *fresca* fonte. Ms. Jur.
5 *Tras elle* vem *chegando*
Depois o inverno frio. Ed. 1598.
6 Temerá o marinheiro *o Orisonte. Ib.*
7 Que *foram* dos Troyanos. *Ib.*
8 O' Cresso *poderoso*
Não te *valeo thesouro* precioso. Ms. Jur.
9 Não dura *nem por muito* nem por forte. *Ib.*
10 Contra o *terribil* fim da *mort'* eterna. Ed. 1598. Ms. Jur.
11 Hyppolito da escura *noite* Averna. *Ib. ib.*
12 *Com* manha, *nem* com força *rigorosa. Ib.*

Ode X

1 *Na Peletronia cova* doutrinado. Ed. 1598. Ms. Jur.
2 *Que ser não possa d'arma* offendida. Ed. 1598.
Cego, que não conhece.
3 Que *aonde* o braço irado. *Ib.*
4 *Que* para cego amante
Foi de principio feito,
Com lagrimas banhando o *brando* peito. *Ib.*
Com lagrimas banhando o *duro* peito. Ms. Jur.
5 De *captivar* quem tenha entendimento. Ed. 1598.
6 *Que* aquelles cujos peitos. *Ib.*
7 *Esses foram* sugeitos. *Ib.*
8 No *sotil* sangue e engenho mais perfeito. Ed. 1598.

Ode XI

1 Que *as altas vão da terra desfazendo.* Ed. 1616.
2 Um *dos dias que* Phebo
O mundo todo abraza em fogo ardente. *Ib.*
3 *Na* cega idolatria
Que *o* peito mais contenta e mais agrava. *Ib.*
4 *Se* faz *crer dos* humanos que é divino. *Ib.*

5 Na *pura e clara* lympha. *Ib.*
6 *E* perolas *que* escondem *entre as* rosas
Os jardins deleitosos. *Ib.*
7 O *sutil movimento*
Dos olhos cuja vista o amor cegou,
O qual com seu tormento
Nunca mais de taes olhos se apartou
Mas antes de contino. *Ib.*
8 Os fios *espalhados*
D'Amor que aos mais dos peitos faz cobiça,
Onde Amor enredados. *Ib.*
9 *Com férvido* desejo
Por onde elle começa a ser sobejo. *Ib.*
10 *Ficando* cego e mudo
Contra as forças do Amor que pode tudo. *Ib.*
11 *Se via* e c'um suspiro. *Ib.*

ODE XII

1 Sem flores as ribeiras *graciosas*. Ed. 1616.
2 *Os cravos,* lyrios, *e as purpureas* rosas,
Fogem *da calma grave* os passarinhos. *Ib.*
3 Busca a casta *Titonia* a espessura,
Onde á sombra *deitada. Ib.*
4 E sobre o seu cabello *crespo* e louro. *Ib.*
5 Mostrava o *eterno lume* das estrellas. *Ib.*
6 *Humas vermelhas e outras* amarellas,
Se mostra alegre o bosque, alegre o monte,
O rio, o arvoredo, *o prado,* a fonte. *Ib.*
7 *Porque* como o menino
Que a Jupiter *pola* aguia foi levado. *Ib.*
8 Foi do *amador* de Clicie visitado. *Ib.*
9 He das *lindas Nereidas* cortado
Si irá *alevantando. Ib.*
10 *Socede* á belleza
Da primavera o fruto, *á calma* a neve. *Ib.*
11 *Nem* se acha segurança. *Ib.*
12 *Só* a minha *inimiga. Ib.*
13 *Só ella em me não ver,* sempre está firme. *Ib.*
14 Que nunca *he de luz nova* soccorrida, *Ib.*
15 Perca a *constancia* Amor. *Ib.*
16 *E* tudo *se conspire* contra mim. *Ib.*

Outavas I

1 Quem tão experimentado *e* tão discreto. Ed. 1595.
Tão *falto* em fim de humano entendimento. Ms. de D. C. de Portugal.
2 Inda quando lhe *vira* aberto o peito. Ed. 1595.
Inda *que* lhe *não vira* aberto o peito. Ms. de D. Cecilia de Portugal.
3 Que se ambos vem por *desusada* via. Ms. Jur.
4 *Que tome exemplo d'elle* e não me espante. Ed. 1595.
5 *Que este* uso da fortuna tão danado. *Ib.* Ms. Jur.
Que quanto mais usado e mais antigo. *Ib. ib.*
6 Porque se o céo das gentes *inimigo* Ms. de D. Cecilia de Portugal.
Porque se o Céo dos *homens inimigo.* Ms. Jur.
7 *Bem* he para causar *hum* grande espanto. Ed. 1685.
Que *hum* mal *tanto sem ordem* dure tanto. Ms. Jur.
8 *Que* se de desprezar te prézas muito. Ed. 1595.
9 *Deixo aquelle* a quem *o* sonho esperta.
Do grão favor do rei que serve e adora. *Ib.*
E deixo aquelle a quem do sono *experta*
Hum vão favor do rei que serve e adora. Mss. Jur. e D. C. de Portugal.
10 *Que* se mantem d'esta aura falsa e incerta. Ed. 1595.
Que *dos* corações *tanto* he senhora. *Ib.*
11 Deixo *aquelle* que *está* co'a bocca aberta. Ms. Jur.
12 *Doente* de *inexausta* hydropesia. *Ib.*
13 Nem d'outra cousa alguma he *sojugado.* Ed. 1595.
Nem *he d'outra cousa sojugado.* Mss. Jur. e D. Cecilia de Portugal.
14 Ora a *Salomão* divino que me diga. Ms. Jur.
Hum de vencer o mundo que mandou,
E outro de saber tanto que alcançou. *Ib.*
15 Vencendo *varios povos* esforçados. Ed. 1595.
Vencendo povos varios *sublimados.* Ms. Jur.
16 *Se lerá* de meus feitos *celebrados.* Ms. Jur.
17 Lograste *a* muito tempo? os conjurados. *Ib.*
18 Fui *á* Cicilia, *ao* Egypto e outras partes. Ed. 1595.
19 Da natural sciencia *em* muitas artes. Ms. D. Cecilia de Portugal.

20 (Depois d'esta estrophe, vem a seguinte, privativa do Ms. Juromenha e do Ms. de D. Cecilia de Portugal:)

Que monta mais mandar que ser mandado,
Que monta mais ser simples que sabido,
Que tudo emfim tem término forçado,
Se tudo está a trabalhos sometido.
Do mundo o temor vem, que experimentado
Foi claro de Damocles, e entendido
De saber, como avisa Salomão,
Os trabalhos e a muita inclinação.

(Estrophe do Ms. Juromenha em seguida á antecedente:)

O filho de David dirá: fui Rei,
Que quanto estudo baixo o alto céo
Com juizo sotil envestiguei,
Mas emfim, tudo vão me pareceu.
Mais do que tu confessas te direi,
Que o seu grande saber de um cego óceo
Cobriste com que o grande Deos negaste,
De quem tantas sciencias alcançaste.

21 Pois quando *do mundo está* apartada. Ed. 1595.
Pois *depois que do mundo está* apartada. Mss. Jur. e D. C. de Portugal.
22 Que da fama que fica, *pouco* cura. Ms. Jur.
Pois se o corpo terreno sinta nada. Ed. 1595.
23 No campo onde *deitado* morto estava. Ed. 1595. Ms. Jur.
24 E *mugir-lhe* do leite que *comesse*. Mss. Jur. e D. Cecilia de Portugal.
25 Nem quem a luz *esconde* no horisonte. Ed. 1595. Ms. Jur.
26 Sem mais especular *nenhum* secreto. *Ib. ib.*
27 De um certo Trasiláo *grego* se escreve,
Nas memorias da sabia antiguidade. Ms. Jur.
28 E em quanto de si fóra *insano* esteve. Ms. Jur.
29 Que eram suas *as* náos que navegavam. *Ib.*
30 Por *muito gran* Senhor *a si* teria. Ms. Jur.
31 Não *passou* muito tempo, quando um dia. *Ib.*
Hum Crito seu irmão que ausente estava. *Ib.*
A terra *veiu,* e vendo o irmão perdido. *Ib.*
32 Triste, que por tornar *o caro* siso. Ed. 1595.

33 O tornam á saude *atrás* passada. Ed. 1595.
O tornam á saude *desejada*. Ms. Jur.
34 *Dos trabalhos* que o siso lhe obrigava. Ed. 1595. Ms. de D. C. de Portugal.
35 Que *a vã opinião* lhe apresentava. *Ib. ib.*
36 O *imigo* irmão com *côr* d'amigo. Ed. 1595.
37 *Por que Rei, por que Duque* me trocára,
Por que Senhor de grande fortaleza. Ed. 1595. Mss. Jur. e D. C. de Portugal.
38 *Nem* que a ordem mudasse a natureza. Ms. *ib.*
39 Vedes aqui, Senhor, *mui* claramente. Ed. 1595.
Como fortuna em todos tem poder. *Ib.*
40 Qualquer *humilde, honesto* e doce estado. Ms. Jur.
41 Sem vêr-me em *alheias terras apartado*. Mss. Jur. e D. C. de Portugal.
42 Senão a vós *assi* como eu contente. *Ib. ib.*
Que bem sei *eu* que o *foreis* facilmente. *Ib. ib.*
43 *Ao* longo de uma clara e pura fonte. Ed. 1595.
E ao longo de uma *alta* e pura fonte. Ms. de D. Cecilia de Portugal.
E ao longo de uma *fresca* e pura fonte. Ms. Jur.
44 Ao doce passarinho *a* que nos *cante*. Ms. de D. C. de P.
Que da cara consorte o ausentasse. Ms. Jur.
45 Louvando o crystalino *rio* enfrea. Ed. 1595. Mss. Jur. e D. C. de Portugal.
46 Ora nos montes, ora pela *aldea*. Ed. 1595.
Ora nos montes, ora *pela* arêa. Mss. Jur. e D. Cecilia.
47 Passara de *celebrado* o Tejo ufano,
Pelo suave Lasso castelhano. Ms. Jur.
48 E comnosco se achasse aquella
(Ó lembrança ociosa!) cujo gesto. Ms. Jur.
49 Mitigando o *firme* peito honesto. Ed. 1595.
Mitigando o *formoso* peito honesto. Ms. Jur.
50 E *alli* em quanto *as* flores acolhesse. Ed. 1595. Ms. de D. C. de Portugal.
Alli emquanto *as* flores acolhesse. Ms. Jur.
61 Ou *pelo* inverno ao fogo acomodado. Ed. 1595.
Quanto de *mim* sentira nos dissesse. *Ib.* Ms. de D. Cecilia de Portugal.
Quanto por mim sentira nos dissesse. Ms. Jur.

52 De *Trasilão o insano e* doudo estado. Ed. 1595. Ms. de D. C. de Portugal.
De *Trasilão o insano e bruto* estado. Ms. Jur.
53 Mas que *então* me dobrasse o entendimento. Ed. 1595. Ms. Jur.
54 Mas *para* onde me leva a *fantesia*. *Ib. ib.*
55 Se um *desejo impossivel, alma* cria. Ms. Jur.
56 *A este estado o tempo* me chegou. Ed. 1595.
A tal estado o tempo me chegou. Ms. Jur.
57 E *muito* quiz que a vida se acabasse. Ms. de D. Cecilia de Portugal.
Elle quiz que a vida se acabasse. Ms. Jur.
58 *Se em mim ha* acabar-se o que eu não creo. Ed. 1595.
Que até da *minha* vida me *arreceo*. Mss. Jur. e D. Cecilia de Portugal.

OUTAVAS II

1 Que com *ridiculosa* fantasia. Ed. 1595.
2 Porém, por que a *virtude* pode tanto. *Ib.*
3 A *Dario Rei,* o moço sabio e santo. *Ib.*
4 Vos *faço* claro *o que* vos não alcança. *Ib.*
5 Fizeram cidadão do *alto* céo. *Ib.*
6 Pois logo, se *Varões* tão excellentes. *Ib.*
7 Que nunqua *possas* ser senão sublime. *Ib.*
8 Mas, pois que *o* dizer tudo *me* offereço *Ib.*
Que dias ha que no desejo o tenho. *Ib.*
9 *Que* o successo he contrario da vontade. *Ib.*
10 Sei eu, e sabem todos os futuros. *Ib.*
11 *Camanha* infamia *a* Princepe he perder-se
Ponto do Estado seu que inteiro herdou,
Por tão *celebre gloria* deve ter-se. *Ib.*
12 Com triumpho *ninguem, e* não ganhou
Provincia *que* o imperio acrescentasse. *Ib.*
13 Te aposentou de *seres* inimigo. *Ib.*
14 Que os trovões *imita* do Tonante. *Ib.*
15 Deste bem a entender *camanha* gloria. *Ib.*
He de tal vencedor *seres* vencido. *Ib,*
16 Onde os *juizes altos* s'estimarem. *Ib.*
17 *E* ingrata a quem tanto fez por elle. *Ib.*
Sabei que he sinal de serdes claro

Serdes agora tão malquisto d'elle.
Themistocles da patria sua *emparo*
O forte liberal Cimon, e aquelle. *Ib.*
18 Testemunhas serão *d'isto* que digo. *Ib.*
19 Se tirou *com sua espada* a vida cara. *Ib.*
20 Demosthenes, *deitado* das tormentas. *Ib.*
21 *De que* tres monstros grandes te contentas. *Ib.*
22 Do veneno vulgar fossem? *e rendo. Ib.*

OUTAVAS III

1 Já por *sorte* do Céo que o consentiu. Ed. 1595.
2 E o que *este* presagio agora encerra. *Ib.*
3 Das *reliquias celestes* despenseiro. *Ib.*
4 Nos peitos que *imigos* são do rei. *Ib.*
5 *Pelas* praias *da* Persia, e alcançava. *Ib.*
6 *Que no ár,* Deos querendo, se viravam. *Ib.*
7 Crendo que as que vos *atirarieis. Ib.*
8 Rei do *largo* imperio conhecido. *Ib.*
Romano, e só reliquia do Troyano *Ib.*
9 Recebei com benigna e *leda* mão. *Ib.*

OUTAVAS VIII

(Estas outavas foram recolhidas por Diogo Bernàrdes, que as publicou como suas nas *Rimas Varias* em 1594, com nótaveis variantes:)
1 De uma fermosa Virgem *e esposada.*
2 Entrou no *Céo Empyreo* acompanhada.
3 *Coroada* de lyrios e de rosas.
4 *Que d'ellas* quiz fazer todas esposas.
5 *Movido do* favor que d'ella espero.
6 Meu verso para *vós* mais se levante
Oh *bella e a Jesus cara* companhia etc.

INDICE

Bibliotheca da ACTUALIDADE

N.º 3

OBRAS COMPLETAS

DE

LUIZ DE CAMÕES

OBRAS COMPLETAS

DE

LUIZ DE CAMÕES

EDIÇÃO CRITICA

Com as mais notaveis variantes

TOMO I

PARNASO DE LUIZ DE CAMÕES

Volume 3.º — Elegias

PORTO

IMPRENSA PORTUGUEZA — EDITORA

1874

Tendo em vista restituir ao texto camoniano a sua legitima authenticidade, afastamo-nos dos outros editores, eliminando do *Parnaso* de Camões aquellas peças lyricas que pertencem evidentemente a outros poetas, e que por costume se reproduziam sempre sob a responsabilidade do grande épico portuguez. No presente volume supprimimos a Elegia XXII (da Edição Juromenha) dirigida a El-Rei Dom Sebastião, porque esta Elegia pertence ao Doutor Antonio Ferreira, e anda publicada por seu fi-

lho desde 1598 nos *Poemas luzitanos*, muito antes de D. Antonio Alvares da Cunha a attribuir a Camões na edição de 1668.

Tambem eliminámos a Elegia XXVI (ed. Jur.), porque anda publicada em nome do Licenciado Soropita, que descreve as circumstancias em que a escreveu, e o artificio poetico que empregou: «Fez-se a uma Senhora de muitos merecimentos estando em Sacavem, em uma quinta sua, e o pobre do servidor na praia do Tejo, carregado com os ferros de suas saudades. Tem um artificio secreto: que vão revesados os tercetos; um que na derradeira regra tem a mesma palavra duas vezes, e o outro apoz elle tem a derradeira palavra contraria tambem á da ultima regra.» (*Poes. e pros.*, 114.) Isto derroga a lição do Ms. do snr. Visconde de Juromenha, que apenas traz a rubrica:

«*A huma Senhora, que estava em Sacavem, em uma quinta sua. Saudades.*»

Fica tambem eliminado o poema da *Creação do Homem,* que por engano se publicou em nome de Camões em 1616, e se tem reproduzido até hoje apezar da declaração explicita do primeiro editor. A *Creação do Homem* já foi restituida ao seu auctor, e anda nas Obras de André Falcão de Resende com o titulo de *Microcosmographia.*

Finalmente eliminou-se a *Fabula de Ecco* (Ed. Jur., II, 345 a 362), extrahida do *Cancioneiro* de Luiz Franco, aonde não vem rubrica ou signal que indique ser de Camões. Severim de Faria allude a esta Fabula: « Outras traducções fez em verso, em que se não mostrou menos elegante, como foi: a *Elegia da Paixão,* de Sanasarro; o Psalmo *Super flumina Babyloniæ;* a *Fabu-*

la de Biblis; e a *de Narciso*, e outras.» É mais natural que seja esta fabula a Elegia XIX, que Faria e Sousa encontrou no Ms. de Manoel Godinho com o titulo *Fabula de Narciso*, e aonde se lê:

> Referir quero agora uma aventura
> Que n'elle ao vão Narciso aconteceu...

No fim da nossa edição daremos um indice de concordancia com as principaes edições, para conservar a uniformidade nas citações do texto.

PARNASO

DE

LUIZ DE CAMÕES

ELEGIAS

RECOLHIDAS PELO LICENCIADO SOROPITA NA EDIÇÃO DAS RIMAS DE 1595

ELEGIA I (*)

O poeta Simonides fallando
Co'o Capitão Themistocles hum dia,
Em cousas de sciencia praticando;
Hum'arte singular lhe promettia,
Qu'então compunha, com que lh'ensinasse
A lembrar-se de tudo o que fazia; [1]
Onde tão subtis regras lhe mostrasse,
Que nunca lhe passassem da memoria [2]
Em nenhum tempo as cousas que passasse.
Bem merecia, certo, fama e gloria
Quem dava regra contra o esquecimento,
Que sepulta qualquer antigua historia. [3]

(*) No *Canc. ms.* de Luiz Franco, fl. 4, traz a rubrica: *Da Yndia, a Dom Antonio de Noronha.*

Mas o Capitão claro, cujo intento
Bem differente estava, porque havia
Do passado as lembranças por tormento: [4]
Oh illustre Simonides! (dizia)
Pois tanto em teu engenho te confias,
Que mostras á memoria nova via;
Se me désses hum'arte, qu'em meus dias
Me não lembrasse nada do passado,
Oh quanto melhor obra me farias!
S'este excellente dito ponderado
Fosse por quem se visse estar ausente,
Em longas esperanças degradado;
Oh como bradaria justamente:
Simonides, inventa novas artes;
Não midas o passado co'o presente! [5]
Que se he forçado andar por várias partes
Buscando á vida algum descanço honesto,
Que tu, Fortuna injusta, mal repartes;
E se o duro trabalho, he manifesto
Que por grave que seja, ha de passar-se
Com animoso esprito e ledo gesto;
De que serve ás pessoas o lembrar-se [6]
Do que se passou já, pois tudo passa,
Senão d'entristecer-se e magoar-se?
S'em outro corpo hum'alma se traspassa, [7]
Não como quiz Pythagoras na morte,
Mas como quer Amor na vida escassa; [8]
E s'este Amor no mundo está de sorte,
Que na virtude só d'hum lindo objecto
Tem hum corpo, sem alma, vivo e forte;
Onde este objecto falta, qu'he defecto
Tamanho para a vida, que já n'ella
M'está chamando á pena a dura Alecto;

Porque me não criára a minha Estrella
Selvatico no mundo, e habitante
Na dura Scythia, e no mais duro d'ella? [9]
Ou no Caucaso horrendo, fraco infante
Criado ao peito d'huma tigre Hircana, [10]
Homem fôra formado de diamante;
Porque a cerviz ferina e inhumana
Não submettêra ao jugo e dura lei
D'aquelle que dá vida quando engana.
Ou em pago das águas qu'estilei,
As que passei do mar, foram do Lethe, [11]
Para que m'esquecêra o que passei.
Porque o bem que a esperança vã promette, [12]
Ou a morte o estorva, ou a mudança,
Que he mal que hum'alma em lagrimas derrete.
Já, Senhor, cahirá como a lembrança,
No mal, do bem passado he triste e dura,
Pois nasce aonde morre a esperança.
E se quizer saber como se apura [13]
Em almas saudosas, não s'enfade
De lêr tão longa e misera escriptura.
Soltava Eolo a redea e liberdade
Ao manso Favonio brandamente,
E eu a tinha já sôlta á saudade. [14]
Neptuno tinha pôsto o seu tridente;
A prôa a branca escuma dividia,
Com a gente maritima contente. [15]
O côro das Nereidas nos seguia;
Os ventos, namorada Galatêa
Comsigo socegados os movia.
Das argenteas conchinhas Panopêa [16]
Andava por o mar fazendo mólhos,
Melanto, Dinamene com Ligêa. [17]

Eu, trazendo lembranças por antolhos,
Trazia os olhos n'água socegada,
E a água sem socêgo nos meus olhos.
A bem-aventurança já passada
Diante de mi tinha tão presente,
Como se não mudasse o tempo nada.
E com o gesto immoto e descontente, [18]
Co'hum suspiro profundo e mal ouvido,
Por não mostrar meu mal a toda a gente,
Dizia: Oh claras Nymphas! se o sentido
Em puro amor tivestes, e inda agora [19]
Da memoria o não tendes esquecido;
Se por ventura fordes algum'hora
Adonde entra o grão Tejo a dar tributo [20]
A Tethys, que vós tendes por Senhora;
Ou já por vêr o verde prado enxuto, [21]
Ou já por colher ouro rutilante,
Das tágicas areias rico fruto; [22]
N'ellas em verso erotico e elegante [23]
Escrevei co'huma concha o qu'em mi vistes;
Póde ser que algum peito se quebrante.
E contando de mi memorias tristes,
Os pastores do Tejo, que me ouviam,
Ouçam de vós as mágoas que me ouvistes.
Ellas, que já no gesto m'entendiam,
Nos meneios das ondas me mostravam
Qu'em quanto lhes pedia consentiam. [24]
Estas lembranças, que me acompanhavam
Por a tranquillidade da bonança,
Nem na tormenta triste me deixavam. [25]
Porque chegando ao Cabo da Esperança, [26]
Começo da saudade que renova,
Lembrando a longa e áspera mudança;

Debaixo estando já da estrella nova
Que no novo Hemispherio resplandece,
Dando do segundo axe certa prova;
Eis a noite com nuvens s'escurece; [27]
Do ár subitamente foge o dia;
E todo o largo Oceano s'embravece.
A máchina do mundo parecia
Qu'em tormentas se vinha desfazendo;
Em serras todo o mar se convertia.
Lutando Boreas fero e Noto horrendo,
Sonoras tempestades levantavam,
Das náos as velas concavas rompendo. [28]
As cordas co'o ruido assoviavam;
Os marinheiros, já desesperados,
Com gritcs para o Céo o ár coalhavam.
Os raios por Vulcano fabricados
Vibrava o fero e áspero Tonante,
Tremendo os Polos ambos de assombrados.
Amor alli, mostrando-se possante, [29]
E que por algum medo não fugia, [30]
Mas quanto mais trabalho, mais constante;
Vendo a morte presente, em mi dizia: [31]
Se algum'hora, Senhora, vos lembrasse,
Nada do que passei me lembraria. [32]
Emfim, nunca houve cousa que mudasse
O firme amor intrinseco d'aquelle [33]
Em quem alguma vez de siso entrasse.
Huma cousa, Senhor, por certa asselle, [34]
Que nunca amor se affina, nem se apura,
Em quanto está presente a causa d'elle.
Dest'arte me chegou minha ventura
A esta desejada e longa terra,
De todo pobre honrado sepultura. [35]

Vi quanta vaidade em nós s'encerra,
E nos proprios quão pouca; contra quem
Foi logo necessario termos guerra.
Huma Ilha que o Rei de Porcá tem, 36
E que o Rei da Pimenta lhe tomára,
Fomos tomar-lh'a, e succedeu-nos bem.
Com uma grossa armada, que juntára 37
O Viso-Rei, de Goa nos partimos
Com toda a gente d'armas que se achára.
E com pouco trabalho destruimos
A gente no curvo arco exercitada:
Com morte, com incendios os punimos. 38
Era a Ilha com aguas alagada,
De modo que se andava em almadias;
Emfim, outra Veneza trasladada.
N'ella nos detivemos sós dous dias,
Que foram para alguns os derradeiros,
Pois passaram da Estyge as ondas frias. 39
Qu'estes são os remedios verdadeiros
Que para a vida estão apparelhados
Aos que a querem ter por cavalleiros.
Oh lavradores bem-aventurados!
Se conhecessem seu contentamento,
Como vivem no campo socegados!
Dá-lhes a justa terra o mantimento;
Dá-lhes a fonte clara d'agua pura; 40
Mungem suas ovelhas cento a cento.
Não vem o mar irado, a noite escura,
Por ir buscar a pedra do Oriente;
Não temem o furor da guerra dura. 41
Vive hum com suas arvores contente,
Sem lhe quebrar o somno repousado 42
A grã cobiça d'ouro reluzente.

Se lhe falta o vestido perfumado,
E da formosa côr de Assyria tinto, [43]
E dos torçaes Attalicos lavrado;
Se não teem as delicias de Corinto,
E se de Pario os marmores lhe faltam,
O pyropo, a esmeralda e o jacinto;
Se suas casas de ouro não s'esmaltam,
Esmalta-se-lhe o campo de mil flôres,
Onde os cabritos seus comendo saltam.
Alli lhe mostra o campo varias côres; [44]
Vem-se os ramos pender co'o fructo ameno;
Alli se affina o canto dos pastores.
Alli cantára Tityro e Sileno.
Emfim, por estas partes caminhou
A sãa Justiça para o Céo sereno. [45]
Ditoso seja aquelle que alcançou
Poder viver na dôce companhia
Das mansas ovelhinhas que criou!
Este bem facilmente alcançaria
As causas naturaes de toda cousa;
Como se gera a chuva e neve fria:
Os trabalhos do sol, que não repousa;
E porque nos dá a lua a luz alhêa,
Se tolher-nos de Phebo os raios ousa:
E como tão depressa o Céo rodêa;
E como hum só os outros traz comsigo;
E se he benigna ou dura Cytherêa. [46]
Bem mal póde entender isto que digo, [47]
Quem ha de andar seguindo o fero Marte;
Que sempre os olhos traz em seu perigo. [48]
Porém seja, Senhor, de qualquer arte,
Pois postoque a Fortuna possa tanto, [49]
Que tão longe de todo o bem me aparte;

Não poderá apartar meu duro canto [50]
D'esta obrigação sua, em quanto a morte
Me não entrega ao duro Radamanto;
Se para tristes ha tão leda sorte.

ELEGIA II

A Dom Antonio de Noronha, estando na India (*)

Aquella que d'amor descomedido [1]
Por o formoso moço se perdeu,
Que só por si d'amores foi perdido;
Despois que a deusa em pedra a converteu [2]
De seu humano gesto verdadeiro,
A ultima voz só lhe concedeu.
Assi meu mal do proprio ser primeiro
Outra cousa nenhuma me consente,
Qu'este canto qu'escrevo derradeiro.
E se huma pouca vida, estando ausente, [3]
Me deixa Amor, he porque o pensamento
Sinta a perda do bem d'estar presente.
Senhor, se vos espanta o soffrimento [4]
Que tenho em tanto mal para escrevêl-o,
Furto este breve espaço a meu tormento. [5]
Porque quem tem poder para soffrêl-o,
Sem se acabar a vida co'o cuidado,
Tambem terá poder para dizêl-o.

(*) No *Cancioneiro ms.* de Luiz Franco, fl. 2 v., traz a rubrica: *De Ceita, a um Amigo.*

Nem eu escrevo hum mal já acostumado; [6]
Mas n'alma minha triste e saudosa [7]
A saudade escreve, e eu traslado.
Ando gastando a vida trabalhosa,
E esparzindo a contínua soidade [8]
Ao longo d'uma praia soidosa.
Vejo do mar a instabilidade, [9]
Como com seu ruido impetuoso [10]
Retumba na maior concavidade.
De furibundas ondas poderoso,
Na terra a seu pezar, está tomando [11]
Logar, em que s'estenda, cavernoso.
Ella, como mais fraca, lh'está dando
As concavas entranhas, onde esteja
Sempre com som profundo suspirando. [12]
A todas estas cousas tenho inveja
Tamanha, que não sei determinar-me,
Por mais determinado que me veja.
Se quero em tanto mal desesperar-me,
Não posso, porque Amor e saudade
Nem licença me dão para matar-me.
Ás vezes cuido em mi, se a novidade
E estranheza das cousas, co'a mudança, [13]
Poderiam mudar huma vontade. [14]
E com isto figuro na lembrança [15]
A nova terra, o novo trato humano,
A extrangeira progenie, a extranha usança. [16]
Subo-me ao monte que Hercules Thebano
Do altissimo Calpe dividiu,
Dando caminho ao mar Mediterrano;
D'alli 'stou tenteando adonde viu [17]
O pomar das Hesperidas, matando [18]
A serpe que a seu passo resistiu.

Estou-me em outra parte figurando [19]
O poderoso Anteo, que derribado
Mais fôrça se lhe vinha accrescentando; [20]
Porém do herculeo braço sobjugado, [21]
No ár deixando a vida, não podendo
Dos soccorros da mãe ser ajudado.
Mas nem com isto, emfim, qu'estou dizendo,
Nem com as armas tão continuadas, [22]
D'amorosas lembranças me defendo. [23]
Todas as cousas vejo demudadas,
Porque o tempo ligeiro não consente
Qu'estejam de firmeza acompanhadas. [24]
Vi já que a primavera, de contente,
Em variadas côres revestia [25]
O monte, o campo, o valle, alegremente. [26]
Vi já das altas aves a harmonia,
Que até duros penedos convidava [27]
A algum suave modo d'alegria.
Vi já que tudo, emfim, me contentava,
E que, de muito cheio de firmeza,
Hum mal por mil prazeres não trocava.
Tal me tem a mudança e estranheza,
Que se vou por os prados, a verdura [28]
Parece que se sécca de tristeza.
Mas isto é já costume da ventura;
Porque aos olhos que vivem descontentes, [29]
Descontente o prazer se lhes figura.
Oh graves e insoffriveis accidentes
Da Fortuna e d'Amor! que penitencia [30]
Tão grave daes aos peitos innocentes!
Não basta examinar-me a paciencia [31]
Com temores e falsas esperanças,
Sem que tambem me tente o mal de ausencia? [32]

Trazeis um brando espirito em mudanças, [33]
Para que nunca possa ser mudado
De lagrimas, suspiros e lembranças. [34]
E s'estiver ao mal acostumado,
Tambem no mal não consentis firmeza,
Para que nunca viva descansado.
Já quieto m'achava co'a tristeza; [35]
E alli não me faltava hum brando engano, [36]
Que tirasse desejos da fraqueza. [37]
Mas vendo-me enganado estar ufano, [38]
Deu á roda a Fortuna; e deu commigo [39]
Onde de novo chóro o novo dano. [40]
Já deve de bastar o que aqui digo,
Para dar a entender o mais que calo
A quem já viu tão áspero perigo.
E se nos brandos peitos faz abalo [41]
Hum peito magoado e descontente,
Que obriga a quem o ouve a consolál-o;
Não quero mais senão que largamente,
Senhor, me mandeis novas d'essa terra;
Que alguma d'ellas me fará contente. [42]
Porque se o duro Fado me desterra
Tanto tempo do bem, que o fraco esprito
Desampare a prisão onde s'encerra; [43]
Ao som das negras águas do Cocito,
Ao pé dos carregados arvoredos
Cantarei o que n'alma tenho escrito.
E por entre estes horridos penedos [44]
A quem negou Natura o claro dia,
Entre tormentos ásperos e medos,
Com a trémula voz, cansada e fria,
Celebrarei o gesto claro e puro,
Que nunca perderei da phantasia.

O Musico de Thracia, já seguro [45]
De perder sua Eurydice, tangendo
Me ajudará ferindo o ár escuro.
As namoradas sombras, revolvendo
Memorias do passado, me ouvirão;
E com seu chôro o rio irá crescendo.
Em Salmonêo as penas faltarão, [46]
E das filhas de Belo juntamente
De lagrimas os vasos s'encherão.
Que se amor não se perde em vida ausente,
Menos se perderá por morte escura:
Porque, emfim, a alma vive eternamente, [47]
E amor he effeito d'alma, e sempre dura.

ELEGIA III

O sulmonense Ovidio desterrado
Na aspereza do Ponto, imaginando
Ver-se de seus Penates afastado;
Sua cara mulher desamparando,
Seus doces filhos, seu contentamento,
De sua patria os olhos apartando;
Não podendo encobrir o sentimento
Aos montes já, já aos rios se queixava [1]
De seu escuro e triste nascimento.
O curso das estrellas contemplava,
E aquella ordem com que descorria [2]
O céo e o ár, e a terra adonde estava.
Os peixes por o mar nadando via,
As feras por o monte procedendo,
Como o seu natural lhes permittia.

De suas fontes via estar nascendo
Os saudosos rios de crystal,
A' sua natureza obedecendo.
Assi só, de seu proprio natural
Apartado se via em terra extranha,
A cuja triste dôr não acha egual.
Só sua doce musa o acompanha,
Nos soidosos versos qu'escrevia, [3]
E nos lamentos com que o campo banha.
D'est'arte me figura a phantasia
A vida com que morro, desterrado [4]
Do bem que em outro tempo possuia.
Aqui contemplo o gôsto já passado, [5]
Que nunca passará por a memoria
De quem o traz na mente debuxado. [6]
Aqui vejo caduca e debil gloria
Desenganar meu êrro co'a mudança
Que faz a fragil vida transitoria. [7]
Aqui me representa esta lembrança
Quão pouca culpa tenho; e me entristece
Vêr sem razão a pena que me alcança.
Que a pena que com causa se padece,
A causa tira o sentimento d'ella;
Mas muito dóe a que se não merece.
Quando a rôxa manhã, dourada e bella, [8]
Abre as portas ao sol e cahe o orvalho,
E torna a seus queixumes Philomela;
Este cuidado, que co'o somno atalho,
Em sonhos me parece; que o que a gente
Por seu descanso têm me dá trabalho. [9]
E despois de acordado cegamente,
(Ou, por melhor dizer, desacordado,
Que pouco acôrdo logra hum descontente) [10]

D'aqui me vou, com passo carregado,
A hum outeiro erguido, e alli me assento,
Soltando toda a redea a meu cuidado. [11]
Despois de farto já de meu tormento,
Estendo estes meus olhos saudosos [12]
A' parte d'onde tinha o pensamento.
Não vejo senão montes pedregosos;
E sem graça e sem flôr os campos vejo, [13]
Que já floridos víra, e graciosos.
Vejo o puro, suave e rico Tejo, [14]
Com as concavas barcas, que nadando
Vão pondo em doce effeito o seu desejo. [15]
Humas com brando vento navegando,
Outras com leves remos brandamente
As crystallinas aguas apartando.
D'alli fallo com a agua que não sente
Com cujo sentimento est'alma sae [16]
Em lagrimas desfeita claramente:
O' fugitivas ondas, esperae;
Que pois me não levaes em companhia,
Ao menos estas lagrimas levae.
Até que venha aquelle alegre dia
Que eu vá onde vós ides, livre e ledo. [17]
Mas tanto tempo, quem o passaria?
Não póde tanto bem chegar tão cedo:
Porque primeiro a vida acabará,
Que se acabe tão aspero degredo. [18]
Mas essa triste morte que virá,
Se em tão contrário estado me acabasse,
Est'alma assi impaciente adonde irá? [19]
Que se ás portas tartaricas chegasse, [20]
Temo que tanto mal por a memoria
Nem ao passar do Lethe lhe passasse.

Que se a Tantalo e Ticio fôr notoria
A pena com que vae, e que a atormenta, [21]
A pena que lá têm, terão por gloria.
Essa imaginação, emfim, me augmenta [22]
Mil mágoas no sentido, porque a vida
De imaginações tristes se contenta. [23]
Que pois de todo vive consummida,
Porque o mal que possue se resuma,
Imagina na glória possuida.
Até que a noite eterna me consumma,
Ou veja aquelle dia desejado
Em que a Fortuna faça o que costuma; [24]
Se n'ella ha hi mudar-se um triste estado. [25]

ELEGIA IV

Aquelle mover de olhos excellente,
Aquelle vivo espirito inflammado
Do crystallino rosto transparente;
Aquelle gesto immoto e repousado,
Qu'estando n'alma propriamente escrito,
Não póde ser em verso trasladado;
Aquelle parecer, que he infinito
Para se comprender d'engenho humano;
O qual offendo em quanto tenho dito;
Tanto a inflammar-me vem d'hum doce engano, [1]
E tanto a engrandecer-me a phantasia,
Que não vi maior glória que meu dano.
Oh bem-aventurado seja o dia
Em que tomei tão doce pensamento,
Que de todos os outros me desvia!

E bem-aventurado o soffrimento
Que soube ser capaz de tanta pena,
Vendo que o foi da causa o entendimento!
Faça-me quem me mata, o mal que ordena,
Trate-me com enganos, desamores;
Qu'então me salva, quando me condena.
E se de tão suaves desfavores
Penando vive hum'alma consummida,
Oh que doce penar! que doces dores!
E se huma condição endurecida
Tambem me nega a morte por meu dano,
Oh que doce morrer! que doce vida!
E se me mostra hum gesto lindo, humano, [2]
Como que de meu mal culpada se acha,
Oh que doce mentir! que doce engano!
E s'em querer-lhe tanto ponho tacha,
Mostrando refrear o pensamento,
Oh que doce fingir! que doce cacha!
Assi que ponho já no soffrimento
A parte principal de minha glória,
Tomando por melhor todo tormento.
Se sinto tanto bem só co'a memoria [3]
De vêr-vos, linda Dama, vencedora;
Que quero eu mais que ser vossa victoria?
Se tanto a vossa vista mais namora,
Quanto eu sou menos para merecer-vos;
Que quero eu mais que ter-vos por senhora?
Se procede este bem de conhecer-vos,
E consiste o vencer em ser vencido,
Que quero eu mais, Senhora, que querer-vos?
S'em meu proveito faz qualquer partido,
Só na vista d'huns olhos tão serenos,
Que quero eu mais ganhar que ser perdido?

Se, emfim, os meus espritos, de pequenos, [4]
A merecer não chegam seu tormento,
Que quero eu mais, que o mais não seja menos?
A causa, pois, m'esforça o soffrimento; [5]
Porque, a pezar do mal que me resiste,
De todos os trabalhos me contento;
Que a razão faz a pena alegre, ou triste.

ELEGIA V (*)

RECOLHIDA NA EDIÇÃO DAS RIMAS DE ESTEVÃO LOPES DE 1598

A Dom Leonis Pereira sobre o livro que Pero de Magalhães lhe offereceu no Descobrimento da terra de Santa Cruz

Despois que Magalhães teve tecida
A breve Historia sua, que illustrasse
A terra Santa Cruz, pouco sabida;
Imaginando a quem a dedicasse,
Ou com cujo favor defenderia
Seu livro d'algum zoilo que ladrasse;
Tendo n'isto occupada a phantasia,
Lhe sobreveiu hum somno repousado,
Antes que o sol abrisse o claro dia.
Em sonhos lhe apparece todo armado
Marte, brandindo a lança furiosa,
Com que fez quem o viu todo enfiado;

(*) Publicada pela primeira vez em 1576 com o livro a que servia de dedicatoria.

Dizendo em voz pezada e temerosa:
Não he justo que a outrem se offereça
Obra alguma que possa ser famosa, [1]
Senão a quem por armas resplandeça
No largo mundo com tal nome e fama, [2]
Que louvor immortal sempre mereça.
Disse assi: quando Apollo, que da flamma [3]
Celeste guia os carros, de outra parte
Se lhe presenta, e por seu nome o chama,
Dizendo: Magalhães, postoque Marte
Com seu terror t'espante, todavia
Commigo deves só de aconsêlhar-te.
Hum Varão sapiente, em quem Thalia
Poz seus thesouros, e eu minha sciencia, [4]
Defender tuas obras poderia.
He justo que a escriptura na prudencia
Ache só defensão; porque a dureza
Das armas he contrária da eloquencia,
Assi disse: e tocando com destreza
A cithara dourada, começou
A mitigar de Marte a fortaleza.
Mas Mercurio, que sempre costumou
Pacificar porfias duvidosas, [5]
Co'o Caducêo na mão, que sempre usou,
Determina compôr as perigosas
Opiniões dos deoses inimigos
Com suaves razões e ponderosas. [6]
E disse: Bem sabemos dos antigos
Heroes, e dos modernos, que provāram
De Belona os gravissimos perigos,
Como tão bem mil vezes concordáram [7]
As armas com as letras; porque as Musas
A muitos na milicia acompanháram.

Nunca Alexandre ou Cesar, nas confusas
Guerras o estudo deixam grande espaço; [8]
Que as armas jamais d'elle são escusas.
N'huma mão livros, n'outra ferro e aço;
Aquella rege e ensina; est'outra fere: [9]
Mais co'o saber se vence, que co'o braço.
Pois, logo, hum Varão grande se requere, [10]
Que com teus dões (Apollo) illustre seja,
E de ti (Marte) palma e glória espere.
Este vos darei eu, em quem se veja
Saber e esfôrço no sereno peito,
Que he hum Leoniz que faz ao mundo inveja. [11]
D'este as Irmãs em vendo o bom sugeito,
Todas nove nos braços o tomaram,
Criando-o co'o seu leite no seu leito:
As Artes e as Sciencias lh'ensináram; [12]
Inclinação divina lh'influíram
Ás virtudes moraes, que logo o ornáram.
D'aqui nos exercicios o seguíram [13]
Das armas no Oriente, onde primeiro
Hum soldado gentil instituíram.
Alli taes provas fez de cavalleiro,
Que, de christão magnanimo e seguro,
A si mesmo venceu por derradeiro.
Despois, já capitão forte e maduro, [14]
Governando toda a Aurea Chersoneso,
Lhe defendeu co'o braço o debil muro.
Porque vindo a cercal-a todo o pêso
Do poder dos Achens, que se sustenta
De alheio sangue, em furia todo acceso; [15]
Este só que a ti, Marte, representa,
O castigou de sorte, que vencido
De ter quem vivo fique se contenta.

E logo qu'este Reino defendido [16]
Deixou, segunda vez com maior glória
Para o ir governar foi elegido.
Mas não perdendo ainda da memoria [17]
Os amigos o seu govêrno brando,
Os imigos o damno da victoria;
Huns com amor intrinseco esperando
Estão por elle, e os outros congelados
O estão com frio medo receando. [18]
Vêde pois se seriam debellados
Por seu claro valor, se lá tornasse,
E dos Indicos mares degradados.
Porqu'he justo que nunca lhe negasse
O conselho do Olympo alto e subido
Favor e ajuda com que pelejasse.
Aqui só póde ser bem dirigido [19]
De Magalhães o estudo: este só deve
Ser de vós, claros deoses, escolhido.
Assi Mercurio disse; e em termo breve
Conformados se vem Apollo e Marte;
E voôu juntamente o somno leve.
Acorda Magalhães, e já se parte
A offrecer-vos, Senhor claro e famoso, [20]
Tudo o que n'elle pôz sciencia e arte.
Tem claro estylo, e engenho curioso, [21]
Para poder de vós ser recebido,
Com mão benigna, de animo amoroso.
Pois se só de não ser favorecido [22]
Hum alto esprito fica baixo e escuro;
Este seja comvosco defendido,
Como o foi de Malaca o debil muro. [23]

ELEGIA VI

RECOLHIDAS POR DOMINGOS FERNANDES NA ED. DAS RIMAS DE 1616

Á Paixão de Christo Nosso Senhor

Se quando contemplamos as secretas
Causas, por que este mundo se sustenta,
E o revolver dos céos e dos planetas;
E se quando á memoria se p̃resenta
Este curso do sol tão bem medido,
Que hum ponto só não míngua, nem s'augmenta;
Aquelle effeito, tarde conhecido,
Da lua na mudança tão constante, [1]
Que minguar e crescer é seu partido;
Aquella natureza tão possante
Dos céos, que tão conformes e contrarios
Caminham, sem parar hum breve instante;
Aquelles movimentos ordinarios,
A que responde o tempo, que não mente,
Co'os effeitos da terra necessarios;
Se quando, emfim, revolve subtilmente
Tantas cousas a leve phantasia,
Sagaz escrutadora e diligente;
Bem vê, se da razão se não desvia, [2]
Aquelle unico Sêr, alto e divino,
Que tudo póde, manda, move e cria.
Sem fim e sem principio, hum Sêr contino; [3]
Hum Padre grande, a quem tudo é possibil
Por mais que o difficulte humano atino: [4]
Hum saber infinito, incomprehensibil;
Huma verdade que nas cousas anda,
Que mora no visibil e invisibil.

Esta potencia, emfim, que tudo manda,
Esta Causa das causas, revestida
Foi d'esta nossa carne miseranda.
Do amor e da justiça compellida,
Por os erros da gente, em mãos da gente
(Como se Deos não fosse) deixa a vida. [5]
Oh Christão descuidado e negligente!
Pondera-o com discurso repousado; [6]
E vêr-te-has advertido facilmente.
Olha aquelle Deos alto e increado,
Senhor das cousas todas, que fundou
O céo, a terra, o fogo, o mar irado; [7]
Não do confuso caos, como cuidou
A falsa Theologia, e povo escuro,
Que n'esta só verdade tanto errou;
Não dos átomos leves d'Epicuro; [8]
Não do fundo Oceano, como Thales,
Mas só do pensamento casto e puro.
Olha, animal humano, quanto vales,
Pois este immenso Deos por ti padece [9]
Novo estylo de morte, novos males.
Olha que o sol no Olympo s'escurece,
Não por opposição de outro planeta;
Mas só porque virtude lhe fallece.
Não vês que a grande máchina inquieta
Do mundo se desfaz toda em tristeza,
E não por causa natural secreta? [10]
Não vês como se perde a natureza?
O ar se turba? o mar batendo geme,
Desfazendo das pedras a dureza?
Não vês que cahe o monte, a terra treme? [11]
E que lá na remota e grande Athenas
O docto Areopagita exclama e teme?

Oh summo Deos! tu mesmo te condenas,
Por o mal em qu'eu só sou o culpado,
A tamanhas affrontas, tantas penas?
Por mi, Senhor, no mundo reputado
Por falso, e violador da sacra Lei? [12]
A fama a ti se põe do meu peccado?
Eu, Senhor, sou ladrão, tu justo Rei.
Pois como entre ladrões eu não padeço?
A pena a ti se dá do qu'eu errei?
Eu servo sem valor, tu immenso preço,
Em preço vil te pões, por me tirares
Do captiveiro eterno que mereço?
Eu por perder-te, e tu por me ganhares
Te dás aos soltos homens, que te vendem, [13]
Só para os homens presos resgatares?
A ti, que as almas soltas, a ti prendem?
A ti summo Juiz, ante juizes
Te accusam por o error dos que te offendem? [14]
Chamam-te malfeitor; não contradizes:
Sendo tu dos Prophetas a certeza,
Dizem que quem te fere prophetizes.
Rim-se de ti; tu choras a crueza
Que sobre elles virá: a gente dura,
Por quem tu vens ao mundo, te despreza.
O teu rosto, de cuja formosura
Se veste o céo e o sol resplandecente,
Diante quem pasmada está a Natura, [15]
Com cruas bofetadas da vil gente,
De precioso sangue está banhado,
Cuspido, atropellado cruelmente. [16]
Aquelle corpo tenro e delicado,
Sobre todos os Santos sacrosanto,
A açoutes rigorosos desangrado; [17]

Despois coberto mal d'hum pobre manto,
Que se pegava ás carnes magoadas
Para dobrar-lhe as dôres outro tanto.
Magoavam-n'o as chagas não curadas,
Hum tormento causando-lhe excessivo
Ao despir por as mãos crueis e iradas.
As venerandas barbas de Deos vivo [18]
De resplandor ornadas, s'arrancavam
Para desempenhar a Adão captivo.
Com cordas por as ruas o levavam,
Levando sobre os hombros o trophéo
Da victoria qu'as almas alcançavam. [19]
Ó tu, que passas, homem Cyrenêo,
Ajuda hum pouco a est'Homem verdadeiro,
Que agora, como humano, enfraqueceu.
Olha que o corpo afflicto do marteiro,
E dos longos jejuns debilitado,
Não póde já co'o pêso do madeiro.
Oh não enfraqueçaes, Deos incarnado!
Essas quédas, que tanto vos magoam,
Supportae Cavalleiro sublimado.
Aquellas altas vozes, que lá sôam,
Dos Padres são, que o Limbo tem escuro, [20]
E já de louro e palma vos corôam.
Todos vos bradam que subaes o muro
Da cidade infernal, e que arvoreis
Em cima essa bandeira mui seguro.
Oh Santos Padres! não vos apresseis;
Pois muito mais a Deos, que a vós, custáram [21]
Essas duras prisões em que jazeis.
Aquellas mãos que o mundo edificáram,
Aquelles pés que pizam as estrellas,
Com durissimos pregos se encravaram.

Mas qual será o humano que as querellas [22]
Da angustiada Virgem contemplasse,
Sem se mover a dôr e magoa d'ellas?
E que dos olhos seus não destillasse [23]
Tanta copia de lagrimas ardentes,
Que carreiras no rosto sinalasse? [24]
Oh quem lhe víra os olhos refulgentes
Convertendo-se em fontes, e regando [25]
Aquellas faces bellas e excellentes!
Quem a ouvira com vozes ir tocando
As estrellas, a quem responde o Céo,
Co'os accentos dos Anjos retumbando!
Quem víra quando o puro rosto ergueu [26]
A vêr o Filho, que na Cruz pendia,
D'onde a nossa saude descendeu!
Que magoas tão chorosas que diria!
Que palavras tão miseras e tristes
Para o Céo, para a gente espalharia!
Pois que seria, Virgem, quando vistes
Com fel nojoso, e com vinagre amaro
Matar a sêde ao Filho que paristes?
Não era este o licôr suave e claro,
Que para o confortar então darieis
A quem vos era, mais que a vida, caro.
Como, Virgem Senhora, não corrieis
A dar as puras tetas ao Cordeiro, [27]
Que padecer na Cruz com sêde vieis?
Não era só, não, esse o verdadeiro [28]
Porto, que vosso Filho desejava,
Morrendo por o mundo em hum madeiro;
Mas era a salvação que alli ganhava [29]
Para o misero Adão, que alli bebia
Na fonte que do peito lhe manava.

Pois, ó pura e santissima Maria,
Que, emfim, sentistes esta magua, quanto
A grave causa d'ella o requeria, [30]
D'essa fonte sagrada e peito santo
Me alcançae huma gotta, com que lave
A culpa que me aggrava e pesa tanto.
Do licôr salutifero e suave
Me abrangei, com que mate a sêde dura
D'este mundo tão cego, torpe e grave.
Assi, Senhora, toda criatura
Que vive e viverá, e não conhece [31]
A Lei de vosso Filho, a abrace pura;
O falsissimo herege, que carece
Da graça, e com damnado e falso esprito
Perturba a santa egreja, que florece;
O povo pertinaz no antiguo rito,
Que só o desterro seu, que tanto dura,
Lhe diz que he pena igual ao seu delito;
O torpe ismaelita, que mistura
As Leis, e com preceitos tão viciosos [32]
Na terra estende a seita falsa e impura;
Os idolatras máos, supersticiosos,
Varios de opiniões e de costumes,
Levados de conceitos fabulosos;
As mais remotas gentes, onde o lume
Da nossa fé não chega, nem que tenham
Religião alguma se presume;
Assi todos, emfim, Senhora, venham
A confessar hum Deos crucificado,
E por nenhum respeito se detenham.
E d'hum e d'outro vicio já deixado,

O seu nome, co'o vosso n'esse dia,
Seja por todo o mundo celebrado;
E respondam os céos: Jesus, Maria.

ELEGIA VII

Ao Doutor Mestre Belchior, em louvor de sua filha D. Maria Figueirôa, na India em Damão

Se obrigações de fama podem tanto,
Que inda de Helena vive hoje a memoria,
Fazendo cada vez maior espanto;
Se tambem de Lucrecia a livia historia,
Inda que já passada, cá florece,
E por fama, e triumpho hoje tem gloria;
Se a perfeição de Laura nunca esquece,
Tambem he que por fama laureada,
Nos ficou por Petrarca, e hoje crece;
E se aquella cruel troyana espada,
Deu com a morte vida á formosura
De Dido por Virgilio celebrada:
E se Venus formosa, hoje segura
Se apresenta em mil versos, e Diana
Com as nove Irmãs d'Apollo tem ventura,
Que fará a formosura soberana
De Figueirôa illustre, de quem quero
Cantar com doce Lira, e mantuana?
Mas se me ella não falta, d'ella espero
Cantar, não d'estas já, que já acabaram;
D'estas cante Virgilio, cante Homero: [1]

Que se outras com seus versos celebraram,
Foi, que por sua idade, a d'esta dama
(Por inda estar no céo) não na alcançaram.
Mas tinha-lhe a ventura oriental cama,
Guardada lá em Damão, por que nascendo, [2]
Perder fizesse ás outras gloria e fama.
E em quanto alegre declarar pretendo,
Vós, pae de tal thesouro, dae-me ouvidos,
Para d'elle dizer, mais do que entendo.
Não reproveis meus versos d'atrevidos,
Antes dae-lhe louvor, para que sejam
De tal dama, e de vós favorecidos:
Que milagres d'amor, farei que vejam!
Direi os olhos bellos, bôca e riso, [3]
Mil partes, que outras damas ter desejam.
Cabellos d'ouro, emfim seu grande aviso,
Sua arte, perfeição, e formosura,
Que na terra nos mostra hum paraizo?
Que mais? o grave aspeito, e a brandura,
A bocca de rubis, cheia de perlas,
Das crystalinas mãos a neve pura?
Senhora Dona Maria, entre as mais bellas,
Vós sois, quem nossa idade hoje enriquece,
E entre ellas sois qual sol entre as estrellas.
Por vós Damão, senhora, hoje florece,
Por vós as Musas já do sacro monte,
D'onde contino o louro verde crece,
Vos vêm apresentar, da clara fonte,
De pallidas violas coroadas,
As pegasêas flôres de Eliconte.
A vós se vêm cantando rodeadas
Das Nymphas, que o dourado Tejo cria,
Com suas dôces Liras temperadas.

E com seu suave canto, e melodia,
Chegadas a vós já dizem cantando,
Esta he por quem Apollo emmudecia.
Esta he por quem Vertuno despresando
Pomona, de contino se abrasava,
Na menos parte sua imaginando.
Esta he por quem em fonte se tornava
O avô de Phaetonte, e porque Orpheo [5]
As furias infernaes aquebrantava;
Esta he por quem só Troya se perdeu,
Esta he a quem Páris deu a maçã d'ouro,
E esta por quem Orlando endoudeceu.
Esta he quem desd'o Ganges até o Douro,
Só sem falta compôz a natureza,
Do índico oriental todo o thesouro;
Esta he quem trouxe a luz toda á nobreza
Dos de Lião Fajardos, que descende
Do real tronco ingrez, na mór alteza.
Esta he a Flôr do Lago, que se estende,
E em quem do novo nasce a real planta,
Esta he a quem o mesmo Amor se rende.
Esta he por quem a aurora se levanta,
Na parte oriental, mais clara e pura,
Esta he por quem morrendo o cisne canta.
Esta he por quem nos dotou só a ventura,
De mil primores cheia, collocada
Em rara perfeição de formosura.
Esta será de nós sempre cantada,
E dos novos poetas mil louvores
Terá com fama eterna e sublimada.
Na festa de deos Pan cem mil pastores
D'esta felice terra a ti cantando,
Mil ramos levaram cheios de flores.

A ti as suas lutas dedicando,
Seus jogos pastoris de cem mil partes,
Com versos te estarão sempre louvando.
E tu, que de teu sêr nunca te partes
Com formosura e graça de contino,
Com que por fama ao mundo te repartes,
Com rosto branco, alegre e peregrino
Acceitarás seus versos, coroada
De rosas e de louro a ti só dino.
D'alli do nosso côro venerada
Terás cargo da selva de Diana, [6]
E entre nós tu serás mais estimada.
D'alli, ó alta dea e soberana,
Governarás o índico Oriente,
E todo Estado além da Taprobana.
D'alli correndo irá de gente em gente
Tua fama, fazendo esquecida
A das antigas damas do Occidente,
Ganhando teu louvor immortal vida.

ELEGIA VIII

Duvidosa esperança, certo medo,
Senhora, de me não ouvir meus danos, [1]
Fizeram que não fiz isto mais cedo.
Mil remedios busquei, busquei enganos,
Por encobrir o mal que me causais [2]
Temendo outra mór dôr dos desenganos.
Mas tudo quanto fiz, fiz por demais:
Amor, que como quer, de mi o ordena,
Não soffre que tal dôr encubra mais.

A ser vosso, Senhora, me condena:
N'isto mercê me faz: se a vós offende, [3]
A culpa ao amor dae, a mi a pena.
Não cuideis que minha alma se defende
De cousa de que vós fordes contente,
Porque só isso busca, isso pertende.
Ditosa dôr a que por vós se sente:
Ditoso, pois conheço esta verdade,
Para não ser das minhas descontente.
Com tudo, a não poder huma vontade
Tão pura, e tanto a medo offerecida.
Mover-vos de meu mal a piedade;
Não quero mais viver, não quero vida:
Melhor me será morte, que desgosto
A quem tanto desejo vêr servida.
Banhem pois minhas lagrimas meu rosto;
Suspire o coração, que treme, e arde;
Chorar e suspirar seja o meu gosto.
Não queiram os meus fados que me guarde
De sentir nova dôr, novo tormento,
Que sinto muito mais sentil-o tarde.
Quizera, desde que tive entendimento, [4]
Por vêr se com firmeza vos movia,
Não ter em outra cousa o pensamento.
Em vós cuidar a noite, em vós o dia;
Por vós sentir prazer, por vós tristeza;
Sem vós ter para mim que não vivia.
Mas nem por isso haja inda em vós crueza: [5]
Soffre-se mal n'hum peito delicado:
Parece cousa contra natureza.
Olhae que em vivas chammas abrazado
Por remedio, Senhora, ante vós venho:
Buscal-o n'outra parte he escusado.

Porque não val saber, força, nem engenho,
Pedras, palavras, hervas de virtude,
Contra o golpe d'amor, que n'alma tenho.
Se vossos olhos podem dar saude
Se n'este grave mal me não soccorrem,
Deixem-me morrer já, ninguem me ajude.
Ditosos são os tristes quando morrem
No começo dos damnos, que não sentem
Quão vagarosas as tristezas correm.
Porém se as esperanças me não mentem,
Espero d'este conto inda ser fóra,
Que cruezas em vós não se consentem.
Emfim, a fim de tudo isto he, Senhora, [6]
Que se me não valeis, tenhaes por certo,
Que cedo verei a derradeira hora.
Já que meu mal vos tenho descoberto,
Havei de mim dó: não seja isto, emfim,
(Como dizem) dar vozes em deserto:
Valei-me, que por vós me perco a mim.

ELEGIA IX

RECOLHIDAS POR D. ANTONIO ALVARES DA CUNHA,
NA EDIÇÃO DAS RIMAS DE 1668.

**Á morte de D. Miguel de Menezes,
filho de D. Henrique de Menezes, governador da Casa do Civel,
que morreu na India.**

Que tristes novas, ou que novo dano, [1]
Qu'inopinado mal incerto sôa,
Tingindo de temor o vulto humano?

Que vejo? as praias humidas de Goa
Ferver com gente attonita e turbada
Do rumor que de bocca em bocca vôa!
He morto D. Miguel (ah crua espada!)
E parte da lustrosa companhia
Que alegre s'embarcou na triste Armada: [2]
E d'espingarda ardente e lança fria
Passado por o torpe e iniquo braço,
Que nossas altas famas injuría.
Não lhe valeu escudo, ou peito d'aço; [3]
Não ânimo d'avós claros herdado,
Com que temer se fez por longo espaço.
Não vêr-se em de redor todo cercado
D'irados inimigos, qu'exhalavam
A negra alma do corpo traspassado.
Não as fortes palavras que voavam [4]
A animar os incertos companheiros,
Que timidos as costas lhe mostravam. [5]
Mas já postos, nos termos derradeiros,
(Rotos por partes mil e traspassados [6]
Os membros, no valor sómente inteiros)
Os olhos (de furor acompanhados,
Qu'inda na morte as vidas amedrentam
Dos duros inimigos espantados) [7]
Postos no céo, parece que presentam
A alma pura á suprema Eternidade,
Por quem os céos e a terra se sustentam.
E pedindo dos erros, que na idade
Immatura e innocente já fizera, [8]
Perdão á pia e justa Magestade,
As rosas apartou da neve fria;
E, como debil flôr, a quem fallece [9]
O radical humor de que vivia,

Nas mãos do côro angelico, que dece,
S'entrega; e vai lograr a vida eterna,
Que com morte tão justa se merece.
Vai-te, alma, em paz á gloria sempiterna;
Vai, que quem por a Lei sacra e divina [10]
A sólta, áquelle a dá que o céo governa.
Mas se de tal valor foi morte dina, [11]
A ausencia que do gôsto nos saltêa,
A perpétua saudade nos inclina. [12]
Deixa pois tu, formosa Cytherêa,
Do gentil filho e neto de Cyniras
O pranto por a morte horrida e fêa. [13]
E tu, dourado Apollo, que suspiras
Por o crespo Jacintho, moço caro,
Por quem a clara luz ao mundo tiras;
Vinde e chorae hum moço em tudo raro, [14]
Não de ferino dente vulnerado,
Nem de risco sujeito a algum reparo: [15]
Mas só de ferro imigo traspassado;
Que sem duvida incerta, ou frio medo,
A vida pôz nas mãos de Marte irado.
Tambem tu, moço idalio, assiste quedo; [16]
Deixa de dar o venenoso mel
A beber por os olhos, triste e ledo.
Pois os formosos olhos de Miguel [17]
Já cobertos se vem do escuro manto
Da lei geral a todos mais cruel.
E vós, filhas de Thespis, que co'o canto [18]
Podeis bem mitigar a dôr immensa
Dos irmãos generosos e alto pranto;
Não consintaes que façam larga offensa
Á grande integridade, a que se devem [19]
Águas não só, do damno recompensa.

Que já diante os olhos me descrevem,
Quando as boccas da fama voadora
Ao patrio e claro Tejo as novas levem,
A profunda tristeza; qu'em hum'hora
Tal posse tomará dos altos peitos,
Que d'elles o discurso lance fóra. [20]
Alli de dôr os corações sujeitos
Hão de lançar de si toda a memoria
D'exemplos claros, solidos respeitos. [21]
Mas, porém se igualaes a vida á gloria,
Ó claro Dom Philippe, e pretendeis [22]
Deixar-nos de acções vossas larga historia;
Eu não vos persuado a que estreiteis
O coração na Estoica disciplina,
Onde livre d'affectos vos mostreis. [23]
Que mal a natureza determina
Medo, esperanças, dôres e alegria,
Como o Cynico velho nos ensina.
Immanidade estupida (dizia [24]
O Sulmonense canto) e vil rudeza,
He não sentir affectos que a alma cria. [25]
Porém se o sentir nada fôr bruteza,
E se paixão devida se consente,
Tambem o sentir muito he já fraqueza. [26]
Em vós hum soffrer alto s'exprimente, [27]
Qual nos fortes Varões foi conhecido,
Como em extranha, em Lusitana gente.
Bem conheço que o corpo assi perdido,
Como de illustre tumulo carece, [28]
Será de brutas feras consummido.
Mas consola-me, emfim, que se parece [29]
Ao grande bisavô, que por a vida
Real, a sua á maura lança offrece.

Em pedaços a gente enfurecida
O corpo alli lhe deixa; e com mão dura
Lhe nega a sepultura merecida.
Facil he a perda aqui da sepultura:
Diogenes prudente, e Theodoro
Pouco sentem do corpo essa jactura.
Assi formoso e inteiro, assi decoro
Adorna quem o tem, como o tomou, [30]
Quando se ouvir o extremo som canoro.
Mas ai! qual terror subito occupou [31]
O vosso claro peito, ó Portuguezes?
Qual pavido temor vos congelou?
Que lançadas, que golpes, que revézes
Vos fizeram fazer tamanha injúria
Aos fortes lusitanicos arnezes? [32]
Ou já de Capitão sobeja incuria,
Ou fraqueza? Não: qu'elle sustentava [33]
Com seu peito dos barbaros a furia.
Ou já do ferreo cano a força brava
Com estrondos que atroam mar e terra,
Os corações ardentes congelava? [34]
Ah! quem vos fez que os impetos da guerra
Não sustentasseis com valor ousado,
Desprezando o temor que a vida encerra?
A vida por a Patria e por o Estado
Pondo nossos avós, a nós deixaram,
Em terra e mar exemplo sublimado.
Elles a desprezar nos ensinaram
Todo temor. Pois como agora os netos
Subitamente assi degeneraram?
Não podem, certo, não, viver quietos
Com feia infamia peitos generosos,
Já em publicos lugares, já em secretos. [35]

Mortos d'Esparta os Héroes valerosos
Da fera multidão, fazendo extremos,
Taes epitaphios tinham gloriosos:
Dirás, Hóspede, tu, que aqui jazemos
Passados do inimigo ferro, em quanto
Ás santas Leis da Patria obedecemos.
Fugindo os Persas vão com frio espanto,
Mas acham as mulheres no caminho,
Mostrando-lhes o ventre, em terror tanto. [36]
Pois do damno fugís, vendo-o visinho,
Fracos! vinde a esconder-vos (lhes diziam)
Outra vez no materno e escuro ninho. [37]
Vêde quaes com mais glória ficariam,
Se aquelles que morreram por o Estado,
S'estes a quem mulheres injuriam?
Mas tu, claro Miguel, que já acordado
D'este sonho tão breve, estás n'aquella
Tôrre do céo, seguro e repousado;
Onde, com Deos unida a forte e bella
Alma, com teus maiores reluzindo,
Trocaste cada chaga em clara estrella; [38]
Co'os pés o crystallino céo medindo,
Nada d'essas altissimas Espheras,
Nem da terreste aos olhos encobrindo;
Agora hum curso e outro consideras,
Agora a vaidade dos mortaes,
Que tu tambem pässáras se vivêras,
. . . .

ELEGIA X

**Á morte de D. Tello, que mataram na India.
Achou-se em um manuscripto
do Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, feito no anno de 1568.**

Saiam d'esta alma triste e magoada
Palavras magoadas de tristeza,
E seja ao mundo a causa declarada.
Saia do peito a voz, com que a graveza
Sogiga, dóma, e as gentes move tanto,
Por mais e mais que tenham de dureza.
E vós meus olhos tristes entretanto
Em lagrimas esta alma derretida
Chorae, que amargo choro é o meu canto.
Quanto de mim a causa foi sentida,
Seja de vós chorada, e juntamente
Choremos huma morte e huma vida.
A bondade choremos innocente,
Cortada em flôr, que pela acerba morte
Nos foi arrebatada d'entre a gente.
E aquella immensa dôr, e dura sorte
Da magoada mãe, cuja alma triste
Tambem cortada foi com agudo córte.
Ó espirito gentil, que ao céo subiste,
Porque engeitaste a minha companhia,
E acompanhar-te eu não consentiste?
Este he o canto heroico, e de alegria,
Que eu já em teu louvor apparelhava,
Como o tornou a morte em Elegia?
Esta é a esperança que nos dava
De ti, tua tenra e alegre mocidade,
De quem tão grandes cousas se esperava?

O hymineo, que em mais perfeita idade
Com honras mil te andava apparelhando
A mãe, de quem não houveste piedade:
Que agora, como Hecuba, anda bramando,
Buscando em vão a casa em toda a parte:
Amado filho meu, por ti bradando?
Quem me vedou os olhos teus cerrar-te,
Que em tão amarga e triste despedida
Pudera esta alma minha acompanhar-te?
Quem te privou da cara e doce vida,
Meu filho tão formoso e mal logrado,
Dous corações passou huma só ferida.
Em terra de desterro, ai filho amado,
Deixando-me sem ti desamparada,
Quizeste ser de extranhos sepultado.
Se hias para fazer tão grão jornada,
Não leváras em tua companhia
Esta misera mãe desconsolada?
Quiçá que algum soccorro te seria, [1]
Que vendo vir a espada em alto erguida,
Filho, com hum grito meu te avisaria.
Ou recebêra o golpe n'esta vida,
Mettendo-me no meio, e tu vivêras,
Fartára de meu sangue esse homicida.
Ai filho, meu amor, que tu só eras
Quem com tua vida alegre algum descanço
A meu viver cançado dar puderas.
E tu serás tambem quem manso a manso
Me acabarás a vida, que eu queria
Sem ti vêr acabada de hum só lanço.
E vós tambem, mulheres, que paristes
Ajudae-me a chorar, por que em mal tanto
Não satisfazem só meus olhos tristes.

Assi com grave dôr de canto a canto
Até nos corações de mór dureza
Sôa huma voz confusa, hum amargo pranto.
Ó tu, honra e primor da natureza,
Illustre e formosissima Maria,
Não trates mal, Senhora, tal belleza.
Pois só custodia és, d'onde alegria
Defunta, e tal chorada em dia amargo
Resurgirá em outro alegre dia.
Que a ti deu o movedor do mundo o cargo
De alegrares a mãe chorosa e triste,
Que alegre vivirá por tempo largo.
Posto que a dôr do irmão muito sentiste
Não destruas as lindas tranças bellas,
Pois o remedio n'isso não consiste.
Não trates mal as nitidas estrellas
Dos olhos teus com lagrimas ardentes,
Pois tem mais resplendor que todas ellas.
Não offendas as faces refulgentes,
Obra de Deos, com mão despiedosa,
Da patria honra, se louvor das gentes. [2]
Mas vae com doce voz, branda e amorosa
Consola a triste mãe desconsolada
Com tua vista alegre, e tão formosa. [3]
Promette-lhe que em ti resuscitada
Verá sua alegria já perdida,
De todos tão sentida, e tão chorada.
Pois teu remedio está só em sua vida,
Que haja de ti materna piedade,
Não dê tanto lugar á dôr crescida.
Bem se permitte á fraca humanidade
Por filho tal, e tanto tempo ausente,
Hum moderado pranto, huma saudade.

Mas tão contínua dôr, que espante a gente,
E põe em tal extremo a vida amada,
Nem o mundo o quer, nem Deos não o consente.
Não foi a morte de Heitor sempre chorada
Da triste mãe, que além de filho amado,
Era por elle só Troya amparada.
Mas já despois de morto, e arrastado
Com grego applauso, vozes e alarido,
O corpo houve ás mãos desconjuntado.
Perdida a côr, o collo recahido,
Não parecia Heitor, que d'antes era,
De pó, de sangue e de suór tingido.
Com seus olhos lavou-lhe a chaga fera,
Com suas mãos o rosto lhe alimpava
Sem alma e sangue, já de côr de cêra.
Mas vendo em fim quão pouco aproveitava
Seu choro, e nem por mais que em vão bradando
Chamava Heitor, Heitor resuscitava.
De lagrimas os olhos enchugando,
Desenganada já do filho amado
Se foi com a amada filha consolando.
Nem sempre o fero Achiles foi chorado
De Thetis sua mãe, do branco côro,
Principe grego tão assignalado.
Tambem pagou á morte o antigo fôro,
E á deosa não valeu ser prevenida,
Nem suspiros valeram, nem seu chôro.
Tambem a este acabou mortal ferida,
Sendo meio immortal, e filho amado
De Deusa de Nereo tão querida. [1]
Nas aguas de Acheronte foi banhado,
Porque em batalhas, como o fero Marte,
Do ferro não pudesse ser cortado.

Mas a agua não chegou áquella parte,
Que esquadrinhou a setta aguda e forte,
Que contra ella não val engenho e arte.
Choraram as gregas gentes sua morte,
Os Phocas e Delphins tambem choraram,
Chorou do grande Nereo toda a côrte.
Tantas lagrimas tristes derramaram,
Tanto chorou a mãe, que muito o amava,
Que o Xanto e o Simois accrescentaram.
Mas vendo que o chorar não aproveitava,
E que era dôr perdida, e desatino,
Os seus formosos olhos alimpava.
E com alegre rosto de ár benino
O céo, a terra, o mar, tudo alegrando,
E os cidadãos do reino cristalino.
Os seus verdes cabellos espalhando
Ao vento, de mil Nymphas rodeada,
Tornando a vista atraz de quando em quando:
De Pausilipe e Oricia acompanhada,
De Doris, Menalipe, e de Melanto,
Se foi para Nereo consolada.
Deixae pois já, Senhora, o amargo pranto,
A pena, a dor, o mal que tanto crece,
E dae logar ao meu inculto canto.
Com grão difficuldade se offerece
A grandes desventuras; taes como esta:
A dar-lhe iguaes palavras, quaes merece.
Por tanto eu, Senhora, agora n'esta
Não as hei de buscar por consolar-te,
Que aos tristes consolar só a razão presta.
Tambem serão perdidas n'esta parte
Consolações que em choro de amargura
Força não tem, por mais que tenham d'arte.

Se as lagrimas não vence a razão pura,
Fortuna sempre a outras accrescenta,
Guarde-te Deos de mór desaventura.
Não digo, que a alma estê de mágoa isenta, [5]
Porque humano he sentir, mas he fraqueza,
Não soffrer o que Deos nos apresenta.
Não he este mundô a nossa natureza,
Estrada si, por onde caminhamos,
Pretendendo chegar á Summa Alteza.
N'este caminho hum passo estreito achamos,
Morte se chama horrenda, e desabrida,
Divida, que Adão fez, e nós pagamos.
A todos he commum esta partida,
Quem morre, não morreu, partiu primeiro,
E o que ha depois da morte he eterna vida.
Todo animal que nasce está foreiro
A passar este passo estreito tanto,
Todos lá havemos de ir por derradeiro.
Deixa, Senhora, deixa o amargo pranto,
Teu filho está no céo resplandecente,
Já entre os cidadãos de côro santo, [6]
Nossas memorias tristes não as sente,
Já livre, e de theatro está olhando
Com olhos immortaes a immortal gente.
Da visão beatifica gozando,
Sem medo, ou sobresalto de perdel-a
O mundo e seus afagos despresando.
D'alli contempla de huma e de outra estrella,
Ou fixa e errante, o curso e movimento,
Tendo, sem se mover, os pés sobre ella.
Veloz, qual o ligeiro pensamento,
Passa de polo a polo, e o céo conhece
Que seu caminho faz com passo lento.

E porque o mar contínuo mingua e crece, [7]
Comprende, e a quinta essencia pura e neta,
E com que luz a lua resplandece.
Nem nos espanta no ár qualquer cometa,
Os pontos sabe de hum e de outro signo,
Por onde faz seu curso o grão planeta.
Hum anjo novo tens, santo e benino,
Vive, Senhora, alegre e consolada,
Que por ti roga ao Padre de contino.
O' alma pura em alto alevantada,
Que lá estás n'esse céo luzento e claro,
D'esta mortal prisão já desatada.
O' Senhor meu Dom Telo, amigo caro
Que do terreno sol, onde viveste
Te arrebatou sem tempo o tempo avaro.
Se ao passar de Lethe não perdeste
A memoria de mim, que tanto te amo,
E por intimo amigo me tiveste,
Com attenção escuta o meu reclamo,
Não despreses de ouvir lá d'essa altura
A baixa e rouca voz, com que te chamo.
Que quando concedido da ventura
Me fôr o que eu por ti agora peço,
Não borrará o teu nome a fama escura.
Em tanto as baixas Rimas te offereço
Em penhor da vontade e amor profundo,
Até cumprir o que ora aqui professo.
Que então te cantará por todo o mundo,
Com linguas mil a fama soberana,
E occupará teu nome sem segundo
Do patrio Tejo além da Taprobana.

ELEGIA XI

A uma Dama

Não me julgueis, Senhora, a atrevimento
O que me faz fazer hum mal tão forte,
Que não me basta n'elle o soffrimento.
Que tal me traz já agora minha sorte,
Que me faz buscar vossa crueldade,
D'onde só por remedio espero a morte.
Não vos pude callar esta verdade,
Porque força não tem poder humano
Contra outro, que não tem humanidade.
Amor, que tudo faz para mór dano
Me deu mal, levou-me o soffrimento, [1]
Ah duro Amor, cruel, e deshumano!
Não vos lembre, Senhora, meu tormento,
Que este bem o merece a ousadia
De eu empregar em vós meu pensamento.
Lembro-vos hum amor, que cada dia
Em mim tão verdadeiro e firme crece,
Que alheio me traz já do que sohia.
Não peço que o pagueis, como merece,
Que não mereço eu tanto, mas só peço,
Que por mim não cuideis que desmerece.
Porque se só por si he de tal preço,
Que a supprir basta seu merecimento
Quanto eu de minha parte desmereço.
Bem vejo que em tomar o soffrimento
Para viver, melhor remedio fôra,
Que hum tão desordenado atrevimento.

Mas eu, que do viver menos, já agora
Que de todo a livro, pois crescendo
Vão com a vida os males cada hora,
Vos quiz manifestar meu mal, sabendo
A quanta desventura se aventura,
Quem pretende fazer o que eu pretendo.
Quizesse, ó oxalá, minha ventura,
Que castigasses vós esta ousadia
Com huma cruel morte triste e dura.
Que não seria morte, mas seria
Hum suave remedio doce e brando
D'este mal, que me mata cada dia.
Até quando, Senhora, e até quando
Terá logar em vós vossa crueza,
E a morte não em mim, que a estou chamando?
Abrande meu amor vossa dureza,
Que esta alma em si transforma com tal cura,
Que já não he amor, mas natureza.
Abrande já huma vida, em que só dura
A alma, porque veja, e exprimente,
Que não têm fim a grão desaventura.
Abrande já huma dôr, que juntamente
A vida penetrou, e a alma triste,
E lhe roubou o estado seu contente.
Mostrae-vos poderosa em quem resiste
Em desobedecer, ou enojar-vos,
E não já contra quem vos não resiste.
Em quem cuidar que digno foi de amar-vos,
Mostrae vosso poder, pois o merece,
Em mim não, que o não sou tão só de olhar-vos.
Attentae por huma alma, que se esquece
De si, porque em vós pôz sua lembrança,
E tal, que em nenhum tempo desfallece.

Nem suspeito que possa haver mudança,
N'hum coração, que mais que a si vos ama.
Dae-lhe já morte, ou vida, ou esperança,
Que tudo será gloria por tal dama.

ELEGIA XII

**Traducção dos versos propheticos
da Sibilla Erythrea, que refere Santo Agostinho, l. 18, c. 23,
da Cidade de Deos, nos quaes pelas primeiras letras
se lêem Jesu Christo Filho de Deos e Salvador**

Juizo extremo, horrifico e tremendo,
E Juiz sempiterno, alto e celeste,
Significará a terra, humedecendo.
Vêr-se-ha n'ella hum suor que manifeste
Como em carne vem Deos, para que o veja [1]
Homem toda esta máchina terreste;
Rei justo, que dos corpos e almas seja
Juiz; e quando o mundo cego e inculto
Sôbre espinhos crueis deitado seja,
Todo vão simulacro e gentil culto [2]
Ousará engeitar a gente; e guerra
Fará co'o mar o fogo, e cru tumulto.
Immensa luz, que as carnes desenterra, [3]
Lançará fóra as portas vãs do Averno,
Hum Justo e outro alçando á santa terra. [4]
Outros, que são os máos, no fogo eterno
Deitará, descobrindo-se os segredos,
E sendo claro todo feito interno.

Desfeitos serão montes e penedos, [5]
E será tudo pranto e estridor duro;
Obras de grande dôr e tristes medos.
Será tornado o sol de todo escuro,
E destruida a máchina do mundo,
Sem luz as luzes todas do Orbe puro; [6]
Altos serão os valles, e em profundo
Lugar se abaterão os altos montes; [7]
Vibrará mares vento furibundo:
Haverá só de chammas vivas fontes:
De trombeta tremenda som terribil,
Ouvido, fará pallidas as frontes.
Responderá dos máos gemido horribil.

ELEGIA XIII

Não porque de algum bem tenha esperança
Vos escrevo meu mal em tal estado,
Que sei, que em vós fará pouca mudança.
Mas já perdido, triste e magoado
Para remedio tómo escrever dores,
Esperar de vós outro he escusado.
O que não faz amor em meus amores,
O que lagrimas tristes não fizeram,
Bem menos o farão causas menores.
Pois onde as mais tégora se perderam,
Percam-se estas palavras de meu sêr,
Que pouco me doem já, já me doeram.
Sempre d'este meu mal tive suspeita,
Não que de todo em todo me faltasse
Huma esperança vã em fim desfeita,

Fazia-me o desejo que esperasse,
A razão d'outra parte, que temesse,
E de esperanças vãs não confiasse.
Que olhasse, que por ellas não perdesse
A doce liberdade, o riso, o canto,
De que depois em vão me arrependesse.
Amor, que tudo póde, pôde tanto,
Que para vêr o mal em que me vejo,
Me não deu olhos mais que para pranto.
Não curei a razão, segui o desejo,
Outras cousas segui, de qualidade,
Que choro e callo, por não ser sobejo.
Pela vossa neguei minha vontade,
Logo como vos vi, no mesmo ponto
Vos entregou a vida a liberdade;
O que passou depois, não vol-o conto,
De que serve contar cousas sobejas,
A quem lhe soube dar um tal desconto.
Ah esperanças minhas, já perdidas,
Agora para mais ter que contar,
Soube que fostes vãs, fostes fingidas;
Em que posso, ou que devo hoje esperar,
Onde acharei de novo outros enganos,
Que possam desenganos enganar?
Mas he vento cuidar enganar damnos,
Ó triste, que nem na alma tem alento,
Tem seu remedio só no fim dos annos!
Já não espero vêr contentamento,
Perdi quanto esperei n'huma só hora,
E não perdi em muitas o tormento.
E sobre tantas perdas, inda agora,
Que esperava de vos a vós queixar-me,
Não m'o consente Amor, que na alma mora.

Poe-se diante, a fim só de estorvar-me,
Que vos offenderei, mostrando aqui
Que tanta fé pagaes com maltratar-me.
E então este temor deixa-me assi,
Além de magoado, frio, e mudo,
Respondido de quanto escrevi.
Cousas de vosso gosto ainda cudo,
Como se não cuidasse, o que não creio,
Não perder isto, como perdi tudo.
Mas vá-se o medo já, pois que já veiu
O desengano, sem se ter sahida,
Que a certeza podia ter receio.
Agora não me dá perder a vida,
Nem a deve receiar quem a despreza,
Matae-me, se de mim sois offendida.
Senão mate-me já minha tristeza,
Que este só bem me fica, este me val,
Se m'o não estorvar vossa crueza.
Quem se não espantará, vendo-me tal?
Temer que o triste fim, que me ordenastes,
M'o negueis por remedio de meu mal.
Entre silvestres feras vos creastes,
Pois daes por galardão do que esperava
Cruezas desusadas do que usastes.
Quantas lagrimas triste derramava,
Quantos suspiros dava noite e dia,
Se vos não via, e em quanto vos olhava.
Tremia diante vós, ausente ardia,
Abrandava este mal, ter para mim
Que sentia meu fogo essa alma fria.
Mas muito differente foi o fim
De tudo o que cuidava no começo,
Por onde de hum mal n'outro, a tantos vim.

Vida para tal vida não vos peço,
Morte para tal morte qual me mata
Me podeis dar, que bem vol-o mereço.
Porque com a côr a lingua se desata,
E com gritos vos chama, e com razão
Sem fé, desamoravel, cruel, ingrata.
Por isso acabae já vossa tenção,
Fartae, Senhora, já vossas cruezas
No sangue d'este triste coração.
Acabae de acabar tantas tristezas,
Pois acabastes já vãs esperanças,
Acabem já tambem minhas firmezas.
Acabe a vida, acabarão lembranças,
Mas tudo está por vós tão acabado,
Como muitas em mim as confianças,
Que tanto me trouxeram enganado.

ELEGIA XIV

Foi-me alegre o viver, já me he pesado,
Que do contentamento que sentia
Á minha custa estou desenganado.
Ao regaço da morte a dôr me guia,
Porém, porque com vida mais me mata,
Dilatando-m'a vae de dia em dia.
Manda-me amor fugir da morte ingrata,
(Pois não soffre limite em vos amar)
Que elle os laços ordena, elle os desata.
Lancei contentamentos a voar,
Tarde os espero vêr; que he seu costume
Ter azas ao fugir, freio ao tornar.

O pensamento posto em alto cume,
Para sacrificar-se á vossa vista,
No coração me guarda eterno lume.
Com o pensamento os olhos têm conquista,
Pois sempre em vós está, porque os não leva,
Que elle muro não tem, que lhe resista,
Ainda que minha alma em vós se enleva,
Em todo tempo não deixa de arder,
Quando o monte arde em calma, ou quando neva.
Vivei cuidados em quanto eu viver,
Ou porque em sombras vossas sempre viva,
Ou porque me apresseis para morrer.
Vontade minha, sempre sois captiva,
Meu pensamento, nunca sois mudado,
Flamma de amor, sereis sempre em mi viva.
Suave captiveiro, doce estado,
Brando fogo de amor, que em vós guardaes
A fim de meu desejo retratado.
Nunca n'esta alma a minha, aonde estaes [1]
Falteis, porque então falta a esperança,
Sem quem me falta a vida muito mais.
Senhora, em cujo peito odio e mudança
Lançam fóra o Amor, e sua firmeza,
Que daes esquecimento por lembrança.
Armada dos espinhos da crueza,
Trazeis por apparencias a brandura
No rosto, a qual o peito pouco présa.
Mostrou-me hum leve bem minha ventura,
Paguei-o logo com longo tormento,
Que o gosto foge sempre, e a pena dura.
A tanta dôr hum leve sentimento
Nunca em vós pude vêr, quanto em vão digo,
Mais mudavel que o vento o daes ao vento.

No principio meu fado me foi amigo,
Naveguei pelo mar d'este desejo,
Que leva de hum perigo a outro perigo.
Em vós he pouco o amor, em mim sobejo,
Cresce em mim, falta em vós, e de maneira,
Que do quanto em vós vi, já nada vejo.
Mostrou-se-me o tormento na primeira
Com rosto alegre, para que o seguisse, [2]
E lancei-me ao seguir n'esta cegueira.
Fortuna, porque quiz que eu o sentisse,
Mostra-se, por mostrar qual dentro era,
Eu choro meu engano, e ella ri-se.
Quem em contentamentos vãos espera,
Espere cedo de desenganar-se,
Que têm breves limites sua espera.
Porém quem ha, que mais queira livrar-se
De tão doce prisão, ou quem deseja
Dos nós d'esses cabellos desatar-se?
Os olhos, a quem as luzes têm inveja,
Que em vós o Amor de amor tendes vencido,
Quem ha que vos não ame, e vos não veja?
Rosto formoso, em quem está esculpido
O mór bem, que se póde vêr na terra,
Quem ha, não queira ser por vós perdido?
Olhae, Senhora, as horas apressadas,
Que vem cobrindo o ouro dos cabellos
De neve, e torna as rosas descoradas.
Ireis vêr ao cristal os olhos bellos,
E já os não vereis quaes d'antes eram,
Pois quaes então serão, não queiraes vel-os.
Usae dos bens, que vão como nasceram,

Olhae, que tudo desce de alto estado,
Que tambem os prazeres meus desceram, [3]
Mas não descerá nunca meu cuidado.

ELEGIA XV

Nunca hum apetite mostra o dano
Antes de ser de todo effeituado,
Mas no fim vem mostrar o desengano.
Dureza a causa, e eu desesperado,
Pelo que imaginou o pensamento,
Ando por esta serra desterrado.
Espalhando a voz ao leve vento,
D'elle só consolado, d'elle ouvido,
O faço sabedor de meu tormento.
Que monte ha, que não tenha já movido,
Que áspera montanha, ou roca dura,
A força de meu mal não merecido.
Nas duras pedras acha-se brandura,
Falta n'esse cruel humano peito,
Quem viu nunca maior desaventura!
Pouco pôde em ti amor perfeito,
Quando de hum movimento vive indino, [1]
Que jámais se negou a hum sugeito.
Da ventura, de vós, de meu destino,
Pois todos contra mim são conjurados,
Este valle farei de meu mal dino.
Com elle a noite, e o dia meus cuidados
Passarei em acerba e longa vida
Em queixas, e em suspiros desusados.

Porque sei que serás d'isso servida,
Não deixarei dos montes a dureza,
Até tua vontade ser movida.
Aqui me subirei na mór alteza
Da serra, onde logo contemplada
Será tua perfeição, tua crueza.
A alma em ti só prompta e occupada
Estando de tormento esquivo e duro,
Opprimida será de ti levada.
Discorrendo hum passo, e outro escuro,
De mal em mal, de hum em outro dano,
A paga tal verá de hum amor puro.
E vendo aqui tão claro o desengano,
C'os olhos feitos fontes mudará
Logar tão infelice, e deshumano.
E o que mór tormento lhe dará
A lembrança de algum contentamento,
Que inda que pequeno, magoará.
Fará por divertir o pensamento
D'esta parte tristissima mudando
Huma lembrança cheia de tormento.
Alli algum espaço porfiando,
Tendo por impossivel esquecer-te,
Ficará ao vento vozes dando.
Alli se queixará de conhecerte,
Alli dura, cruel, despiedosa
Dirá: Dize, que pódes já mover-te.
Mais que Venus (dirá) dize, formosa,
Quando n'essa belleza pura e rara
Se verá huma hora piedosa.
Alli dirá, cruel, e quem cuidára
De hum espirito tão resplandecente
Tão fera condição, e tão avara.

Alli viverá triste, alli ausente,
O costumado mal por si soffrendo,
De o quereres tu tanto contente,
Como o mundo está já conhecendo.

ELEGIA XVI

La sierra fatigando de contino
Los passos vagarosos voy moviendo,
Perdiendo de la vida todo el tino.
De mis suspiros tristes no pudiendo
El alma apartar, el pensamiento
De aquella por quien yo estoy muriendo:
Que aunque la ausencia es grave tormento,
Que te olvide en ello es impossible,
Que con amor no puede apartamento.
Veote con spirito invisible
En el muy vivo tengo aquel meneo
Tan fiero para mi, y tan terrible.
Todo lo más alegre triste veo,
El fresco valle, el monte, la espessura,
La clara fonte enoja aun el deseo.
El dia se me buelve en noche escura,
No puede amanecer de dò ausente
Tus claros ojos son, de tu hermosura.
Permitte ya, Señora, que presente,
Do quiera que tu luz es detenida
Sean el alma, y vida juntamente.
En tu servicio alli prompta la vida
Porné en alma sola en contemplar-te,
Aunque me seas siempre endurecida

El mal que hazes dulce en toda parte,
Sabroso es el tormiento, yo lo quiero,
Pues es tu voluntad no ablandar-te.
Que quando una hora venga, que no espero,
Piedosa, y blanda más que las passadas,
Y me quieras oir, viendo que muero.
Las tristes no seran de mi dexadas,
Que no sabré vivir sin el estado
De penas, tanto tiempo ya provadas.
Hablo como furioso, y transportado,
Pido lo que me es más enojoso,
Holgando de me ver tan olvidado.
Quien fatigado es, no dá reposo,
Que sufras con paciencia te conviene,
Las quexas del, que a si se es odioso.
Al tiempo que bolando ya más viene
Mis desusadas bozes encomienda,
Que assi la triste boz en ti detiene.
La fuerça del dolor ninguna emienda
Puede tomar em mi, que satisfaga
Lo menos que la quexa en mi te ofienda.
Incurable parece una llaga,
Y lo es, que reciba de tu mano,
No quiera Amor, que yo jamás deshaga
Su voluntad en esto, que es en vano.

ELEGIA XVII

De peña en peña muevo las passadas,
La tristissima boz al ayre dando
Voy cantando mis quexas desusadas:

Incierto en el camino que pisando
De un monte esquivo, al otro me encamina,
En medio dél estoy en ty pensando:
Ó rigoroso passo, y quan indigna
El alma veo aqui de sola una hora
Poder en ti pensar cosa tan digna.
Si el alma aun no es merecedora
Purissima, e perfecta, y que me puede
De esperança quedar en ti Señora?
Mas que puedo querer, Fortuna ruede,
Llevando-me de un triste en otro estado,
Y si es tu voluntad un bien no quede.
En mi no vive ya, es transformado
En ti, el triste espirito, que tenia
Di ti sola se quiere ver mirado.
Que aunque en fatigas passe noche y dia
De tu mano se viesse, ó en passo estrecho
La firme voluntad no mudaria.
Y si por realeza un blando pecho,
Que tanto tiempo fue endurecido
Quisiesse ya mostrar un nuevo hecho;
Adó me llegaria aquel sonido
De tu nueva mudança, y mi ventura,
Al eco, al valle, al monte empedernido.
Dó no se cantaria tu blandura,
En que region estraña, o nueva parte
Quedara por loar a tu hermosura.
Quien no pusiera estudio, ingenio y arte,
Y quando todo nó, mucho dixiera,
Mostrando que cupiera en ti ablandarte.
Que roble, que leon, que tigre huviera,
Que aspera montaña intratada,
Que mis mudadas vozes no oyera.

Mas no quiere Amor, que la usada
Quexa, en estas sierras esparzida
De tanto tiempo ya sea dexada.
Ni tu querrás que yo dexe la vida,
Para me dar tormiento aun más fiero,
Ni con tan luenga usança interrompida.
Cada hora más aspera te espero,
Que vengas pido, el mal sea mas duro,
Que el que puedo suffrir, ya no lo quiero.
Pruevase este amor perfecto y puro
En fatigas mayores, en crueza,
Quanto fuere mayor, es más seguro.
Excedes á las fieras en dureza,
Quando se ha visto, en esta pura y rara
Gracia, del duro monte la aspereza.
De los bienes que puedes dar avara,
Al que puedes dar vida, y por ti pena,
Pues niegas lo que el mundo no pensara,
Haze en tu voluntad, como ella ordena.

ELEGIA XVIII

Ao illustre senhor Pedro da Silva

Illustre e nobre Silva, descendido
Do grão filho de Anchises valoroso,
Por armas, e por sangue esclarecido;
Que, como forte, ousado e piedoso
Ás costas salvou o pae de longos annos,
E o filho pela mão tenro e mimoso.

E os Penates, que tinham os Troyanos,
Tirou no mór conflicto da Cidade,
Em que Gregos fizeram tantos danos.
Crescendo foi de huma em outra idade
Esta illustre progenie generosa
Em virtude, valor, honra e bondade.
Até chegar á nossa tão ditosa,
Pois n'elle o céo a ti Silva nos deu,
Que a fazes com tuas obras mais formosa.
Aonde o inclito Rei de motu seu,
Movido pelo 'spirito, que o guia
A maiores proezas, que a Theseo;
Pelas partes, que em ti já conhecia,
Ou decreto de cima te escolheu
Por começo do fim que pretendia.
De Capitão de Tanger te proveu
Em tempo que o Maluco assaz valente
O grande Imperio de Africa venceu.
E sendo esta eleição do Rei valente,
Da cega inveja foste mormurado,
Porque ninguem escapou ao maldizente.
Não te negaram seres esforçado,
Mas diziam, que á guerra em tal idade
Servia Capitão exprimentado.
E que em tempo de tal necessidade
Convinha velho amparo, e forte escudo,
Em quem não possa haver temeridade.
Mas bem ao contrario se viu tudo,
Pois prudencia, e esforço juntamente
Em ti exprimentou o Mouro rudo.
Quando com grão conselho, e pouca gente
Atravessaste os campos africanos,
Como grão Capitão, velho, valente. [1]

E foste a parte, onde os Mauritanos
Não tinham visto lança de Christãos
Havia longos tempos, longos annos.
Tomaste descuidado um Capitão
No tempo, e assi na guerra exprimentado,
Em quem se confiava Tetuão.
Alafe, irmão de Alafe, nomeado,
Que não só o seu campo defendia,
Mas entrava no nosso confiado;
Este, que toda a grande Barberia
Tinha por mui prudente e animoso,
Agora o tens na tua estrebaria.
Que póde aqui dizer pois o invejoso,
Onde tão claro vê, que n'essa idade
Supre o nobre sangue generoso.
Não te dirá que foi temeridade
Para feito como este tão valente,
Com ter seguro o campo e a cidade.
Nem te póde negar seres prudente,
Pois tempo e conjunção foste escolher
Em que não arriscastes a tua gente.
Mas assi te soubeste recolher
Com grão despojo feito, denso dano,
Sem hum dos que levaste se perder.
Ó felice Varão, Silva troyano,
Quem te póde louvar, como venceste,
Pois no dia menor, que tinha o anno
O maior feito em Africa fizeste.

ELEGIA XIX

RECOLHIDAS POR MANOEL DE FARIA E SOUSA, NA EDIÇÃO DAS RIMAS DE 1685

Entre rusticas serras e fragosas,
Compostas d'asperissimos rochedos,
De salitradas lapas cavernosas;
Onde gretando os humidos penedos
Orvalhados de neve branca e fria,
Brotando estão de si mil arvoredos;
Huma floresta fez verde e sombria
A natureza experta, que rodeia,
Como elevado muro, a serrania.
N'este formoso sitio se recreia [1]
O lascivo Cupido entre as boninas,
Que sempre hum brando zephyro meneia.
Da candida cecem, das clavellinas,
Da salva, mangerona e das mosquetas,
Das rubicundas flores hyacinthinas, [2]
Muitas capellas tece, que de setas
Lhe servem contra peitos de donzellas,
A quem d'inveja traz sempre inquietas.
Não são d'huma só côr as flôres bellas;
Que humas esmalta verde, outras rosado,
Entre as azues crescendo as amarellas.
Dos agrestes loureiros rodeado,
Faz o valle huma sombra deleitosa,
Quando apparece o sol mais levantado.
E por cima da relva bem graciosa
As gottas de crystal quasi imitando
Estão do aljofar puro a luz formosa.

As crystallinas fontes, que brotando [3]
Por entre alvos seixinhos se derivam,
Das arvores os troncos vão banhando.
Entre as limpidas aguas, que inda esquivam
O formoso pastor que se perdeu,
Preso das falsas mostras que o captivam,
Cresce a por cuja causa se esqueceu
A linda Cytherêa de Vulcano,
Quando presa d'Amor se lhe rendeu.
Na brancura do rosto soberano,
Inda as crueis feridas apparecem
Do javali cerdoso e deshumano.
As rosas que de sangue resplandecem,
As candidas boninas marchetadas,
Qual rôxo esmalte á vista bem se offrecem. [4]
Do matutino orvalho rociadas,
As flôres rutilantes e cheirosas
Estão como por cima prateadas.
Os humidos botões abrindo as rosas, [5]
Que os agudos espinhos vão cercando,
No prado se vêm rindo deliciosas.
A mellifera abelha, susurrando
Por cima das boninas que rodeia,
Está co'o som das aguas concertando.
Do tremulo regato a branda areia
De jacinthos se cobre e de vieiras,
Que encrespam da corrente a branca veia.
Os alamos se abraçam co'as videiras
De sorte, que se enxerga escassamente
Se são os cachos seus, se das parreiras;
E pendendo por cima da corrente,
Outro formoso bosque debuxando
Estão no fundo d'ella brandamente.

Ouve-se o rouxinol aqui, lembrando
Do perfido cunhado a crueldade,
Magoas em melodias transformando.
Á solitaria rôla com soidade
Desfaz o rouco peito, já cansada
De que não move a morte a piedade.
A domestica Progne anda banhada
No sangue de seus filhos, em vingança
Da triste Philomela profanada.
De competir co'o merlo não descança
O garrulo calhandro, que enrouquece
Por não perder callado a confiança.
Em quanto o pobre ninho ajunta e tece
O sonoro canario, modulando
Engana a grave pena que padece.
Alguns versos se escuta derramando
O vario pintasirgo, tão saudaveis,
Que produzem memorias d'amor brando.
Por os direitos troncos ha notaveis
Epigrammas; alguns d'antigua historia,
Que contra o duro tempo são duraveis.
Huns de cruel tormento, outros de gloria,
Conforme a liberdade do que escreve, [6]
Estranhos casos mostram á memoria.
O que n'este logar contente esteve,
Contente declarou seu pensamento,
E os prazeres tambem que n'elle teve.
Mas outros declarando o sentimento
Que dos olhos destila tristes aguas,
Deixaram mil lembranças de tormento.
Abrazando-se alguns em vivas fraguas,
Escreveram do bosque em muitas partes
Gostos d'Amor agora, agora magoas.

Porque, cruel menino, o premio partes
A quem serás tyranno se lh'o negas,
E injusto e desigual, se lh'o repartes?
Porque enganas as almas que tão cegas
Arrastas apoz ti, de error captivas?
Porque a crueis rigores as entregas?
Para que contra hum peito assi te esquivas,
Que humilde se sujeita a teu cuidado,
Com enganos de sombras fugitivas?
Levas, como a menino, hum pobre a nado,
N'huma apparencia falsa embevecido,
Quando co'os braços corta o mar inchado.
Querendo-se tornar, vê-se perdido;
Já grita que se affoga; e tu zombando,
Da praia entre os penedos escondido!
O triste, que conhece ir-se affogando,
No meio da arriscada zombaria
Por divino soccorro está clamando.
Mas eu de que m'espanto, se dizia
Hum sabio, que d'enganos se temesse
O que tomasse a hum cego tal por guia?
Nunca n'elle a firmeza permanece;
Se nos dá gôsto algum, muda-se logo;
Já chora, já se ri, já s'enfurece.
Anda co'os corações sempre em hum jôgo;
Humas vezes os faz de pedra fria,
Outras se faz de neve, outras de fogo.
Tornando ao bosque meu que descrevia,
Despois de ter contado da frescura
Que n'elle tão pomposa apparecia,
Referir quero agora huma aventura
Que n'elle ao vão Narciso aconteceu,
Digna de se chorar com agua pura.

Castigo foi que o moço mereceu
Por se mostrar esquivo com aquella,
Que em viva pedra Juno converteu.
Ardia em fogo d'alma a vã donzella,
Soffrendo hum duro peito; que a Narciso,
Quando ella mais se abraza, mais congela.
E quando a fraca Nympha mais de siso
Mostrava hum signal certo de firmeza,
Então se provocava o moço a riso.
Já d'huma profundissima tristeza
A descora o rigor que a consummia.
Como diz desfavor mal com belleza! [7]
O gelado pastor folgava e ria;
Mas vendo-a de seu gosto andar contente,
Por não a contentar s'entristecia.
He tal o seu rigor, que não consente
Que seja o gosto proprio festejado;
Antes d'isso se mostra descontente.
Mas o cego Cupido, d'affrontado,
Em vingança da fé que desprezou,
Fez que fosse de si mesmo enganado.
Casualmente hum dia se chegou
A beber n'huma fonte crystallina,
Que de si nova sêde lhe causou.
Vendo a sua figura peregrina
Que a fonte dentro em si representava,
Se perdeu por imagem tão divina.
Como já, de enlevado, não cuidava [8]
Nos enganos que a sombra lhe fazia,
Vendo o formoso rosto, suspirava.
Por as avaras aguas se metia;
E quanto mais molhava os tenros braços,
Então mais vivamente o fogo ardia.

Vendo-se assi prender em duros laços,
Ao sentimento obriga a paciencia,
Dando, fóra de si, ao vento abraços.
Embevecido todo n'apparencia,
Sem saber de cuidado o que sentia,
Não fez ao doce engano resistencia.
Ao vêr-se longe mais, mais perto via
O peregrino gesto; e se chegava,
Então para mais longe lhe fugia.
Vendo, emfim, como em tudo o remedava,
Cahiu no torpe engano que tivera,
A tempo que de si já preso estava.
A belleza que a tantas morte dera,
De si mesma se abraza e se captiva. [9]
Quão longe então de si vêr-se quizera!
Ella se abranda propria; ella se esquiva;
E sendo ella sómente a que se amava,
Ella se chama ingrata e fugitiva.
A formosura, pois, que namorava,
Com tal difficuldade era seguida,
Que estando dentro em si, mui longe estava.
A solitaria Nympha, que escondida
Já nas cavernas concavas se via,
Dos males que lhe ouviu foi commovida.
Das namoradas magoas que dizia
O namorado moço, ella sómente
Os ultimos accentos repetia.
Elle vendo-se estar alli presente,
As crystallinas aguas accusava
De que ellas o faziam descontente.
Outras vezes á fonte, quando a olhava,
Já cego, e sem juizo, agradecia
A figura que dentro lhe mostrava.

Mas vendo que ella em nada se doía
De seu grave tormento, grita e chora.
Quanto erra quem de sombras se confia!
Já lhe pede que saia para fóra,
Ignorando que sempre fóra esteve
A belleza que n'elle proprio mora.
Despois que longo espaço se deteve
N'estes queixumes seus tão lastimosos,
Que com tão longo ser, julgou por breve;
Co'os olhos, bellos si, mas lagrimosos,
Do valle se despede e da espessura,
Dando soluços da alma vagarosos.
Entregue na vontade da ventura,
Ou, por melhor dizer, de seus enganos,
Ao centro se arrojou da fonte pura.
D'est'arte feneceu em tenros annos
Narciso, dando exemplo á formosura
De que tema, se he tal, tambem seus danos.
Sentimento mostrou da sorte dura
O namorado Jupiter, mudando
Ao moço em flôr purpurea, que inda dura.
Aquellas claras aguas rodeando,
Onde por seus amores se perdeu,
Está despois da morte acompanhando.
Tanto no seu engano procedeu,
Que não sabe na morte inda apartar-se
Dos erros que na vida commetteu.
Bem póde o coração desenganar-se,
Que o fogo d'hum querer, n'alma inflammado,
Não costuma na morte resfriar-se.
Porque despois do corpo sepultado,
Prisão onde s'encerra o fraco esprito,
Eternamente chora o seu cuidado.

E das escuras aguas do Cocito [10]
A rapida corrente refreando,
Celebra o lindo gesto n'alma escrito.
Lá se está co'os favores recreando;
E se foi desprezado, lá padece,
As duras esquivanças lamentando.
Nem dos avaros olhos lá se esquece,
Que de formoso verde a terra esmaltam,
Por não vêr os do triste que endoudece.
Assi que os desfavores nunca faltam,
Até despois da morte perseguindo
Hum triste coração que desbaratam.
Triste de quem em vão lhe vae fugindo!

ELEGIA XX

Ao pé d'hum'alta faia vi sentado,
N'hum valle deleitoso e bem florido,
A Almeno, pastor triste e namorado.
Outro no mundo póde haver nascido [1]
Mui queixoso de Amor; porém não tanto,
Como este amante, por amar perdido.
Já Venus hia recolhendo o manto
Escuro com que a terra se mostrava,
Para ajudar d'Almeno o triste pranto.
Apollo sobre os montes derramava
Seus dourados cabellos, que faziam
Ao triste inda mais triste do qu'estava.
As flôres por o prado s'estendiam;
E das que finas mais eram as côres,
Brancas, rôxas, as Nymphas mais colhiam.

Já guiavam seus gados os pastores,
Que deixando-os no campo deleitoso,
Com ellas praticavam só d'amores.
Mas era esta alegria hum perigoso
Estado para Almeno entristecido;
E por isso a deixava pressuroso,
Buscando outro lugar: contra Cupido
Claramente exclamava, e o arguia
De contrário, d'astuto e fementido.
De quando em quando a frauta que tangia,
Numeros dava ao ár tão docemente,
Que as aves provocava a melodia.
Cego assi d'esta dôr, d'este accidente,
Com os olhos em lagrimas banhados,
Póstos no céo, dizia tristemente:
Se, Amor, eu te offendi com meus cuidados,
Porque m'os déste tu para offender-te,
Quando livre vivia n'estes prados?
Não vês quanto me negas merecer-te
O bem que me mostravas, se deixasse
Ferir meu coração para soffrer-te?
Qual bem me has dado, Amor, que me durasse?
Ou qual me has promettido, que hajas dado?
Ou qual déste, que muito não custasse?
Mostra-me quem puzesse em tal estado,
Que pudesse viver de ti contente,
Ou quem de ti não fosse lastimado?
Inimigo cruel de toda a gente,
Já não quero teu bem, só meu mal quero;
Se de ti nem meu mal se me consente.
Inda que de teus bens já desespéro,
Não desprézo dos males o tormento;
Antes o prézo mais, quando é mais fero.

Arrebatado d'este pensamento
Hia o triste pastor com um contino
Pranto, que lhe avivava o sentimento.
Quando entrou n'um vergel d'esmalte fino,
Qu'era de Amor plantado; e parecendo
Lhe está menos humano que divino.
N'elle a dôr sua esteve suspendendo:
Porém não, como cervo, está ferido,
Reparo ao mal que leva pretendendo.
Apparecia o sitio tão florído,
Que provocava a não vulgar espanto,
Entre uns altos ulmeiros escondido.
D'um crystallino orvalho tinha o manto,
Quando entrou n'elle o misero pastor,
E as tenções explicou n'este seu canto:
Ó bellas *rosas,* vós que sois amor,
He por dita humildade, ou he baixeza,
O ter a par de vós *murta,* que he dôr?
Papoulas conversaes, que são tristeza!
Não desprezaes o *cardo,* que é tormento!
Admittis a *hortelã,* sendo crueza!
Dos *goivos* longe vejo o sentimento;
Dos *jasmins* perto estou vendo o perigo;
Do *malmequeres* vejo o soffrimento.
D'este me temerei como inimigo;
Mas traz por armas *salva,* que é razão:
Com ella acabará tambem commigo.
As minhas vem a ser uma affeição,
Que são os puros *cravos* misturados
Co'a vontade sujeita, que he *limão.*
Ai *mosquetas,* que sois d'amor cuidados!
Ai crespa *manjerona,* que és prazer!
Vós sós devieis adornar os prados.

Não podem dous oppostos juntos ser:
Onde se põe *giesta*, que he lembrança, [2]
Junto do *rosmaninho*, que he 'squecer?
Bem peza do leve *álamo* a mudança;
Do rôxo *goivo* anima o pensamento
Do *cypreste* odorifero a esperança.
O *trevo*, que he sentido apartamento,
Cérca o *mangericão*, que se interpreta
Memoria a quem offende o esquecimento.
Mais importuna que o jardim de Creta,
A *ameixieira* a flôr está soltando:
A *segurelha* vejo, que é discreta.
As hervas que d'aqui irei tomando,
São a pura *cecem*, que he saudade;
Cravos, medo de vèr qual de amor ando.
E, de ter mui perdida a liberdade,
Tomarei *madresylva* entendimento;
Legacão tomarei, porqu'he verdade.
Marmeleiro me dá arrependimento:
Por a *salva*, que he gósto, tomarei
Coentro opposto ao meu contentamento.
Conhecimento firme nunca achei,
Que *violetas* são; e, quando o houvera,
Qual meu damno então fôra, bem o sei. [3]
Oh quem, herva *cidreira*, oh quem pudera
Vêr-vos aqui menor, pois sois victória,
Que de mi alcançou chamma severa!
Mas se quereis que tenha alguma glória,
Por galardão d'amar e ser sujeito,
Perderei de tormentos a memoria.
Porém, pois m'o negaes, de todo engeito
A *palma*, qu'he ventura; e na *parreira*,
Qu'he 'sperança perdida, me deleito.

Entretanto co'a flôr da *larangeira,*
Qu'he desafio duro e arriscado,
Posso arguir da hora derradeira.
Já não se quer deter o meu cuidado
Com a *romã* descanso: a brevidade
Das maravilhas só tem desejado.
E vós, ovelhas minhas, sem piedade
Vos apartae de mi, se algum desejo
Tendes de ter do pasto mais vontade.
Se muita de me vêrdes em vós vejo,
Toda a minha de vêr-vos hei perdido
Á força do poder d'amor sobejo.
Lograe do Tejo o placido ruido;
Sós lograe estas veigas florecidas:
Pois se perde o pastor vosso querido,
Não gosteis de com elle ser perdidas.

ELEGIA XXI

Belisa, unico bem d'esta alma triste,
Descanso singular de minha vida,
Throno d'onde o poder d'Amor consiste;
Formosa fera, a quem está rendida
D'Amor a que he mais livre liberdade,
Ganhada mais, se mais por ti perdida;
Quão contrário parece na beldade,
Que os corações captiva com brandura,
Alguma nódoa haver de crueldade!
Quão contrário parece em formosura,
Que deixa muito atraz quanto he humano,
Esquiva condição, ou alma dura!

Quão mal parece em quem só co'hum engano
Póde dar vida ao coração sujeito,
Dar-lhe, em logar de vida, hum mortal dano!
Quão mal parece que hum amor perfeito
Não seja d'outro igual remunerado,
Inda que seja, acaso, contrafeito!
Quão mal parece estar desesperado
Quem tanto por ti soffre e tem soffrido,
Devendo estar de penas alliviado!
Porém peór parece quem rendido
Não fôr a hum parecer que tudo rende,
Por mais qu'em seu rigor viva offendido.
E inda peór parece quem defende
O ser essa belleza sempre amada,
Por mais qu'em vão se canse o que a pretende.
Se quem te mostra amor te desagrada,
Só pódes pretender o não ser vista,
Mas não despois de vista o ser deixada.
Quão mal sabe o valor de tua vista
Quem cuida que o que d'ella acaso alcança
Póde achar coração que lhe resista!
Quão bem pareceria huma esperança
Já concedida a meu amor ardente,
Não sempre huma mortal desconfiança!
Se hum padecer por ti constantemente
Pudesse ser reparo a quem mais te ama,
Inda esperar pudera o ser contente.
Mas eu temo que aquella immensa chamma
Com que a teu bello imperio me levaste,
Te enfrie tanto a ti, quanto m'inflamma. [1]
Se a olympica belleza assi imitaste,
Que brandamente move hum amor puro,
Porque tão dura condição tomaste?

Qual elevado, qual soberbo muro
Este mal, que m'occupa o pensamento,
Contado, não tornára menos duro?
Tu, qu'és a causa só de meu tormento,
Tu, que sómente pódes gloriar-me,
Queres que as minhas queixas leve o vento?
Tu, que me pagarias com matar-me,
Inda a morte me negas vezes tantas?
Ai, que me deras vida em morte dar-me! [2]
Usa piedade, tu, que o mundo espantas
Co'os bellos olhos, com que o douras tanto,
Se acaso a vêl-o brandos os levantas.
Estende-se na terra o negro manto,
E á noute dá alegria a luz alheia;
Mas nos meus olhos tristes dura o pranto.
Torna a manhã despois alegre e cheia
Da luz que o chôro enxuga á bella aurora;
Mas do meu chôro nunca enxuga a veia.
Lagrimas já não são qu'esta alma chóra,
Mas amor he vital que dentro arde,
E por a luz dos olhos salta fóra.
Como inda a morte quer que mais aguarde?
Não tarda já, mas corra a mal tão fero; [3]
Mas já por mais que corra virá tarde.
Nem no supremo trance de ti 'spero
Qu'inda com vêr o estado em que me has pôsto
Queiras, crua, entender quanto te quero.
Ai! se volveres esse bello rosto [4]
Ao logar triste em que morrer me vires,
Não por desgôsto teu, mas por teu gosto,
Não quero de ti, não, que alli suspires,
Nem que de dar-me a morte te arrependas, [5]
Mas que os olhos de vêr-me então não tires.

Assi nunca pastor a quem te rendas,
Te faça conhecer o que me fazes,
Para que com teu mal meu mal entendas!
Como já agora não te satisfazes
Das penas d'este amor, que por querer-te,
De teu merecimento são capazes?
Pois quem com outro merito render-te
Presume, (oh raro monstro de belleza!)
Muito mais longe está de merecer-te.
Este si, que merece a grã crueza
Com que tu d'acabar-me a vida tratas,
Pois diante de ti, de si se preza.
Se cuidas que com isto desbaratas
O meu constante amor, porque não viva,
Elle mais vive quando mais me matas.
Se o dar-me morte tens por glória altiva,
Eu m'inclino a que mates; tu t'inclina
A matar mais de branda que d'esquiva.
S'esta alma tua julgas por indina [6]
D'aquelle grande bem qu'em ti s'esconde,
Do descoberto mal a faze dina. [7]
Onde (ai!) voz acharei que baste, (ai!) onde,
A poder reduzir-te a ser piedosa? [8]
Ou m'acaba de todo, ou me responde.
Mas por mais que te mostres rigorosa, [9]
Deixar meu pensamento m'he impossivel,
Igualmente que a ti não ser formosa.
E por mais qu'esta dôr seja terrivel,
Sómente o contemplar a causa d'ella,
Inda que a faz maior, a faz soffrivel.
Porém chegando a não poder soffrêl-a,
Perdendo a vida; quando a morte chame,
Não perderei o gôsto de perdêl-a.

He justo qu'eu por ti mil mortes ame:
Mas vê tu se te illustra, quando offensa
Minha mortal o teu valor se chame.
Bem vês que huma beldade tão immensa
De vencer-me tem glória bem pequena,
Pois só render-me tomo por defensa.
Mas já que amor tão puro me condena,
Contente fico assaz d'esta victoria;
Que não me dão meus males tanta pena,
Quanto o serem por ti me dá de glória.

ELEGIA XXII

A vida me aborrece, a morte quero:
Será eterno o meu mal, segundo entendo,
Pois na mór esperança desespéro.
Sem viver vivo, por morrer vivendo
Por não vêrdes, Senhora, como eu vejo,
Quanto de mi por vós me ando esquecendo.
Seja-me agradecido este desejo;
Ingrata não sejaes a quem vos ama
Com puro e honestissimo despejo.
A culpa que me pondes, ponde-a á fama,
Que pregôa de vós celeste vida
Que os corações d'amor divino inflamma.
Humana, quando não agradecida,
Vos mostrae ao mal meu, que me faz vosso,
Antes que a alma do corpo se despida.
Mas que posso eu fazer, pois já não posso
Hum tormento domar tão forte e duro,
Homem formado só de carne e de osso?

Em minha fé segura me asseguro;
Porqu'esta, quando he grande, jámais erra,
Se resultar d'amor sincero e puro. [1]
Essa beldade santa me faz guerra;
Por ella hei de morrer, inda que veja
Tornar o brando rio em dura serra.
Que cousa tenho eu já que minha seja?
Quem não deseja a vossa formosura,
Não póde assegurar que o Céo deseja.
De qu'eu sempre a deseje estae segura:
N'este desejo meu nunca mudança
Hão de vêr as mudanças da ventura.
A vida tenho posta na balança
Da glória singular, do damno esquivo;
Que o perdêl-a por vós he mór bonança.
Se vos offendo, cuido que não vivo:
Olhae se muito mais que de offender-vos,
Das esperanças do viver me privo.
O que temo sómente he só perder-vos;
O que quero sómente he só adorar-vos;
O que sómente adoro he só querer-vos.
Querer-vos sem deixar de venerar-vos;
Desejar-vos sómente por servir-vos;
Por servir a amor vil não desejar-vos:
Sómente vêr-vos, e sómente ouvir-vos
Pretendo; e pois sómente isto pretendo,
Deveis a estes sentidos permittir-vos.
Isto sómente, (oh cego!) estou dizendo,
Como se fôra pouco isto sómente!
Que mais que ouvir-vos ha? qu'estar-vos vendo?
Se o não merece o meu amor decente;
Se morte por amar-vos se merece,
Morra eu, Senhora; e vós ficae contente.

Se vos aggrava quem por vós padeçe;
Se vos vem a offender quem vos quer tanto, [2]
Quem d'esta sorte errou não desmerece.
Que quando os olhos da razão levanto
Ao céo d'essa rarissima belleza,
De não morrer por ella só m'espanto.
Deixae-me contentar d'esta tristeza,
E fazer de meus olhos largo rio;
Se algum póde abrandar vossa dureza.
Correndo sempre as lagrimas em fio,
Farei crescer as hervas por os prados,
Pois já d'outra alegria desconfio.
No monte darei pasto a meus cuidados;
E serão de mi sempre entre os pastores [3]
Esses divinos olhos celebrados.
Aprenderão de mi os amadores
Aquillo que se chama amor sublime,
Ouvindo o rigor vosso, e minhas dôres.
E nenhum haverá que a pena estime
Mais soberana por a causa d'ella,
Que a que teve até então não desestime;
E qu'inveja não mostre á minha estrella.

ELEGIA XXIII

A Aonio que de amor solto fugia,
A bella Galatea em vão chamava:
E Aonio, Aonio, o ecco respondia.
E agora comsigo só fallava,
Ora co'mar, ora co'a triste sorte,
Ora co'o Tejo onde chorando estava.

Pois me não ouve Aonio em mal tão forte,
Ouvi ondas que imitam por piedade [1]
A causa porque estou chorando a morte.
Que a troco de amor puro, e de verdade
(Quem haverá no mundo que isto crea?)
Me deixa em pranto, e triste saudade.
Dizia-me, ó cruel, minha Galatea,
Primeiro que eu deixe o vosso Tejo,
Tornará atraz co'o curso a rica arêa.
Mas ai triste de mim, que ainda vejo
Como de antes levar ao Oceano
E a ti não, que he só o que desejo!
Se com quem te deu a alma usaste engano,
Ingrato, quem espera de ti já agora,
Tirar nunca senão vergonha e dano?
Vas-te cruel da patria... fóra
Por esse mar entregue ao fero vento,
Fugindo de quem te ama, e quem te adora?
E deixas assi só.... isento
Esta pura corrente, este tranquillo
E socegado porto ao fresco vento?
Onde move hum som com suave estillo
Sem sobresaltos da aurora peregrina
A vontade de quem cá quer ouvil-o.
E se a rogos mortaes o céo se inclina,
Peço-lhe que o mar te trague e ponha espanto,
Vingando-me da fé falsa e malina.
Porque a ninguem tão puro, honesto e santo
Amor deixar não queira, antes procure
Louval-o com suave e amoroso canto.
Porque não haja alguem que se assegure
A buscar por o mar injusto e fero,
Empregos em que a vida se aventura.

Mas, sem ventura ai! para que quero
A morte vêr d'aquelle ingrato, e duro,
Se d'elle já ter bem não espero?
Seja-lhe sempre o céo sereno e puro,
O mar, o vento brando, a sorte amiga,
O porto que tomar firme e seguro.
Para que nunca mais alguem não diga
Que minhas cousas foram causa, ou parte
De ser-lhe irado o céo, fortuna imiga.
Ó quam suave tu em toda parte
Possas correr co'o céo doce e brando,
Levaste este que me leva a melhor parte.
Que eu por a sombra, por a luz passando
Ficarei sempre em minha dura sorte,
Sem descançar hum'hora suspirando;
Ou veja a Aonio, ou veja a dura morte.

ELEGIA XXIV (*)

RECOLHIDAS PELO SNR. VISCONDE DE JUROMENHA
DO CANC. DE LUIZ FRANCO, NA ED. DE 1862.

Ganhei, Senhora, tanto em querer-vos,
Que nenhum desfavor me dá tormento,
Que me não dê maior gloria merecer-vos.
Não quero para meu contentamento
Senão meus olhos, pois vos veem, Senhora,
E a vossas cruezas soffrimento.
Ditoso o dia foi, ditosa a hora
Que alcancei vêr vossa gentileza,
Cujo mal não soffrer, mais mal me fôra.

(*) Variante notavel da Elegia IV.

Sinto com vos servir tanta estranheza,
Sinto voar tão alto o pensamento,
Que todo o outro bem julgo baixeza.
E por experimentar meu soffrimento
Vos mostraes contra mim endurecida,
Oh! que doce paixão, doce tormento.
Se vossa condição desconhecida
Me não quer dar o fim pera mór dano,
Oh! que doce morrer, que doce vida.
E se de seu favor me sinto ufano
Quando de meu mal culpada se acha,
Oh! que doce enganar, que doce engano.
E se em querer-vos tanto ponho tacha,
Mostrando refrear meu pensamento,
Oh! que doce fingir, que doce cacha.
Assim que ponho já no soffrimento
A parte principal da minha gloria,
Tomando por melhor todo o tormento.
Se sinto tanto bem, só na memoria
De vos vêr triumphar por vencedora,
Que quero eu mais que ser vossa a victoria?
Se tanto vossa vista mais namoro
Quanto sou menos pera merecer-vos,
Que quero eu mais que ter-vos por Senhora?
Se procede este bem de conhecer-vos,
E consiste o vencer em ser vencido,
Que quero eu mais, Senhora, que querer-vos?
Se em proveito faz qualquer partido
Só na vista de huns olhos tão serenos,
Que quero eu mais ganhar que ser perdido?
Se meus baixos 'spiritos de pequenos
Ainda não merecem d'alcançar-vos,
Que quero eu mais, que o mais não seja o menos?

Fico emfim satisfeito em desejar-vos
E se n'isto tal bem tenho alcançado,
Quem póde tanto que podesse amar-vos,
Bem poderia ser de vós amado.

(Canc. ms., fl. 48.)

ELEGIA XXV

De Sexta feira de Endoenças

Divino almo pastor, Delio dourado,
A quem de Amphrisio já viram os prados
Guardar formoso, rico e branco gado;
Aos quaes adormentavas enlevados
No doce som da lyra, e alternando
Com versos e cantares namorados.
E as Nymphas e pastores ensinando
O caminho de Cipro e dos amores,
As ondas, feras e aves enlevando.
O' formosura e honra dos pastores,
Que d'hum a outro polo do horisonte
A natureza pintas de mil côres.
O' pae das nove Irmãs, senhor da Fonte,
A quem as ondas cedem de Lethêo,
Pósta no mais excelso e sacro monte;
Porque causa, me dize almo Timbreo,
O céo resplandecente hoje cobriste
De tão mal assombrado e negro véo?
Se lembranças te fazem, Phebo, triste,
De Daphne para ti tão fera e crua,
A quem com tal vontade já seguiste;

Tambem te lembrará como por tua
Causa foi transformada em verde rama,
Por não se vêr da rcupa casta nua.
Por d'onde aquella dôr e aquella chamma
No insensato corpo diffundida,
Nenhum vigor nem força já derrama.
Pois tu da praia Hesperia esclarecida
Adonde Thetis, Xanto e Gallatêa
A teus cavallos vêm tirar a brida;
E a fermosa Clio e Panopêa
Com Doris sobre as ondas levantadas
Te vêm a receber com boa estrêa.
Ainda estás áquem duas jornadas,
E no outro hemispherio a noute escura
Tem as nocturnas sombras encerradas.
S'acaso a caida e má ventura
De Phaeton te lembra, cuja morte,
Te deu sempre jámais tanta tristura;
O não teres tu culpa te conforte,
Que o moço de soberbo não podia
Cair em menos miseravel sorte.
Mas vós, castas Irmãs, que noute e dia
Cantaes em versos Elcyos o choro,
Com o candido Cisne em companhia;
Unidas todas alli vinde em coro,
Hum padre consolae tão descontente,
Em modulo cantar doce e canoro.
S'a dôr que manifesta e mostra a gente
D'esta causa procede, mas parece
Que outra pena maior he a que sente.
Pois a prenhada terra brota e crece,
De mil flôres enchendo os verdes prados,
E tarda bem o tempo que anoutece.

Eolo nas montanhas encerrados,
Os crueis ventos tem mais furiosos,
De mil prisões de ferros carregados.
Só Zephiro e Phavonio d'amorosos
Spiritos cheo brandamente aspira
Por estes valles verdes e formosos.
Clais formosa por amor suspira,
E Flora em companhia d'alvorada,
Que agora o seu veneno tem mais ira.
Pois tu no Touro fazes a morada,
Deixando Aquario e Piscis de mau brio
Com Venus antre os cornos assentada.
O qual metteu Europa no mar frio,
Assim que bem olhado e bem sentido
Triumphas do inverno e sêcco estio.
Se mortal rogo foi jámais ouvido,
Delio immortal de ti, se n'algu'a hora
Á piedade foste commovido,
Dize-me porque causa o mundo chora,
Mostrando taes signaes e tal tristura,
Escondendo a rosada e fresca aurora?
Que segundo os segredos da natura
Nos mostram claramente os elementos,
O mundo não será de muita dura.
Vejo o furor do mar e bravos ventos,
Das estrellas e signos e planetas
De seus logares fóra e firmamentos.
Vejo coriscos, raios e cometas,
Relampagos e trovões mui accendidos
Sahir por differentes e altas metas.
E nos mais altos montes e subidos
De Pellio, Emo, Ossa, Pindo, Atlante,
Os robustos carvalhos destruidos.

Quer por ventura algum novo gigante
Subir por estes ao firmamento
E derrubar a Jupiter possante?
O qual movido de suberbo intento,
Qual os de Phlegra que são já passados
Em pago de tamanho atrevimento?
Os eixos dos dous orbes ordenados
A sustentar a maquina mundana
Parecem já desfeitos e quebrados.
Ó mente baxa de materia humana,
Cega no bem e vista na maldade
Que tão soberba vás e tão ufana,
Que vás buscando a fonte da verdade,
E cega-te a mentira de maneira
Que não vês palmo já de claridade;
Põe os olhos da fé pura e sincera
Nas altas cimas do Calvario monte,
Por onde irás á gloria verdadeira.
Verás a crystallina e clara fonte
Da vida pura posta em hum madeiro
Por te livrar da barca de Acheronte.
Ó verdadeira luz, justo cordeiro,
Jesus benigno, manso e piadoso,
Filho do Padre eterno e verdadeiro
Que causa te moveu, Rei poderoso,
Tão escondida lá na mente eterna,
A padecer fim tão deshonroso;
E deixares a mais alta e mais superna
Cadeira e vida pela mais escura
De quantas a mortal fama governa?
Se te moveu, Senhor, esta feitura
Á morte condenada eternamente
Por a lei quebrantada de natura;

Lembra-te quão malvada e má semente
He esta a quem te dás crucificado,
Que sempre te tem pago ingratamente.
Ó mundo ingrato, cego, descuidado,
Cheo de falsidades enganosas,
Em peccados e vicios occupado,
Que não derramas lagrimas chorosas
Em tanta quantidade que pareça
Mostrar siquer entranhas amorosas.
Tu, mar, que não levantas a cabeça
Por tornar a cubrir o que cubriste
Para que tudo acabe e que pereça.
Vós, ventos, a quem nada emfim resiste,
Que não transtornaes tudo em desconcerto,
Tu, dura terra, por que não te abriste.
Vós, plantas, feras e aves do deserto,
Que não choraes, pois chora a natureza
Vendo-se posta em tamanho aperto.
Vós, altos céos, de lá da mór alteza,
Bem sei quanto sentis a Divindade
Em tal miseria pósta e tal baxeza.
Pois vêdes o Senhor da magestade,
Que vos creou de nada, submettido
Por amor puro, aos pés da humildade.
Senhor, que amor foi este tão crescido
Que tão dobradas forças faz singelas,
Só tão alto, baixo e abatido.
Ó preciosas chagas roxas, bellas
Luminarias da noute tenebrosa,
De toda luz, privada das estrellas.
Ó Cruz bemdita, cara, preciosa,
Contempla bem o passo que te deram
Ó corôa d'espinhos amargosa.

Vós, santos cravos, quando vos metteram
Á força de martello, logo á ora
As serpentes e dragos s'esconderam.
O coração, ó alma, que não chora
Vendo-te, Redemptor, com tantas dores,
Em pedra viva de diamante mora.
Que não contemplaes isto peccadores,
E derramaes mil lagrimas no dia
Vendo o Senhor tão triste dos senhores.
Tu, Virgem pura, santa Ave Maria
Cheia de graça, esposa, filha e madre
Mais formosa que o sol ao meio dia,
Que vás buscando ao esposo, filho e padre,
Qual cordeira perdida da manada
Sem guarda de pastor, nem cão que ladre;
Vae rainha dos Anjos mui amada
E preciosa pedra diamantina,
De perfeições e graças esmaltada;
Vae estrella do mar, vae luz divina
Escolhida do céo, vae cordeirinha,
Branca açucena e rosa matutina;
Vae caminho da gloria, vae pombinha
Branca, sem fel, bemdita antre as mulheres,
Vae mãe da lei da graça, vae asinha
Ao monte Calvario, se vêr queres
Ao teu precioso filho antes de morto,
Desconsolada vae, vae, não esperes.
Ao qual acharás bem sem conforto,
Posto na Cruz por partes mil chagado,
Por nos dar socegado e manso porto.
Escarnecido, só, desemparado
Antre dous malfeitores condenados
De phariseus e armas rodeado.

Ó duros corações desatinados,
Cegos, malditos, torpes de má casta,
Lobos, no sangue justo encarniçados,
Dizei que Tigre hircano ou que Cerasta,
Q'Aspe, Basilisco, ou que Dipsarta,
Das quaes a quente Lybia he chea e basta;
Que Thracia, Grecia, Colchos, Scythia, Sparta
Ou que barbara gente crua e fera
De tragicos insultos nunca farta,
Humana não deixára e não perdera
A crueldade toda, se te vira,
Jesus benigno, posto na Cruz vera.
Mas vós crueis, perversos, cheos de ira,
Com grita e escarneo, riso tudo mixto
Estaes asidos todos na mentira;
Dizendo em alta voz: Se tu és Christo,
Desce-te d'essa Cruz em que estás posto;
Não bastando os milagres que haveis visto.
E tu, Senhor, metido em tal desgosto,
Estás soffrendo penas tão estranhas
Com humilde, sereno e manso rosto.
Ó algozes ingratos de más manhas,
De troncos e penedos produzidos
Nas mais altas e asperas montanhas!
Que não vos humilhaes, dizei perdidos,
E não pedis perdão do que vos toca,
Que segundo he meu Deos, sereis ouvidos.
Pois elle com humilde rogo invoca
Ao Padre por vós benignamente,
Deitando o fel e sangue pela boca;
Dizendo: Padre meu Omnipotente
Pedir-te quero, antes que me acabem:
Que tudo isto perdoeis a esta gente;

Pois o que fazem, certo não no sabem.
Ó palavras altissimas, celestes,
Nas quaes secretos e misterios cabem:
Mas vós, malditos, como não soubestes
Senão idolatrar como gentios,
Nenhuma cousa d'estas conhecestes.
Que sempre caminhastes por desvios,
Deixando a lei de Deos sagrada e pura,
Desterrados por montes, selvas, rios.
Quem cuidará, Senhor, na tua brandura,
Misericordia grande e piedade
Que excede sêr e ordem de natura.
Por mais duro que seja na maldade,
Que não derrame sempre noite e dia
Lagrimas, qual um rio em quantidade.
Leitor, que lendo vás esta Elegia,
Quero-te perguntar d'amor vencido
Se contemplando lá na phantesia
Alguma vez, acaso no sentido,
Vendo raiar o sol na mór altura,
De rubicundos raios accendido;
E depois que se põe a formosura
De diversas estrellas espalhadas,
Quando Hechate cobre a terra dura;
E as ondas do mar bravo salgadas
Tão sugeitas n'hum ser sem s'espalharem,
Nem de rios ou chuva acrescentadas,
Os quaes cursando sempre sem faltarem,
Digo de muitos que ha hi que são famosos,
Que correm sempre sem jámais pararem;
Se ver os campos verdes deleitosos.
Qual formoso pavão, feras e aves
Nos apartados bosques mais sombrosos;

As quaes com cantos doces e suaves
Saudam a manhã mui presenteiras,
Com passos ora agudos, ora graves;
Se ver os ritos, vidas e maneiras
Tão diversos, que ha hi por nosso dano
Nas apartadas gentes estrangeiras;
Se ver tanta mudança n'hum só anno,
Escuro, claro, chuva, frio e calma,
E tudo para prol do bem humano,
Contemplaste lá dentro na tu'alma,
Por ventura algum dia separado
Da pesada mortal terreste salma,
Em tantas criaturas que ha creado
O Creador do mundo Padre eterno,
No alto céo com os olhos enlevado.
E n'este pensamento tão superno
Com tão ligeiras azas despresando
A trabalhosa vida d'este inferno;
Pois olha peccador que vás nadando
Nas procellosas ondas d'este mundo,
Nos misterios divinos contemplando.
E verás o mais alto sem segundo
Posto na vera Cruz, no monte santo,
Por te livrar do lago mui profundo.
Não, aquelle que lá te punha espanto,
Fabricado na mente que sempre erra,
Coberto de mortal e cego manto,
Mas o proprio que fez o céo e a terra,
E tantas maravilhas que cá vemos,
Afóra as outras que comsigo encerra.
Dizei, dizei mortaes, que lhe daremos,
Por mais que o amemos ou sirvamos,
Que a mais pequena parte lhe paguemos.

Este domingo atrás nos alegrámos,
Senhor, com festas, danças, e alegrias
Dando-te capas e olorosos ramos;
Agora por cumprir as prophecias
Pelos prophetas santos declaradas,
Te vemos morto dentro em cinco dias.
Com as carnes feridas e chagadas,
De mil açoutes cheo, arrepelado
De couces, empurrões e bofetadas.
Estás, Jesus benigno, qual no prado
O lyrio branco fica descomposto,
Do homicida ferro derrubado;
Ou qual o sol se mostra antes de posto
De côres tristes, ou qual branca rosa
De frio trespassada em mez d'agosto;
Ou qual cisne na ribeira umbrosa,
Que presago do fim brando enternece
A circumstante selva em vós melosa.
Senhor, com cuidar isto se entristece
A minha alma de modo, e meu sentido,
Que do seu proprio alento desfallece.
Contemplo-te meu Deos na Cruz sobido,
E vejo-te com os olhos verdadeiros
Cercado de mil anjos e servido;
Os quaes voando leves e ligeiros,
Qual enxame d'abelhas pressurosas,
Trabalham por curar os teus marteiros:
Huns cobrem com unguentos olorosos,
E outros com vasos de poção divina,
Os teus sagrados membros preciosos.
Outro com agua pura e cristalina
Está lavando as chagas, e outros prestes
Acodem com toalha rica e fina.

Outros parecem antre todos estes
Com calices do Novo Testamento,
Tomando as gotas de liquor celeste.
Outros batendo as azas sempre ao vento,
Parece que trabalham quanto pódem
Por te tornar a dar vital alento.
Outros de novo pelo ár acodem,
E outros feitos bizarros soldados
Com espadas na mão, postos em ordem,
Querem hir commetter mui denodados
Aquella gente torpe endiabrada;
Mas tu, Senhor, os tens só refreados.
Vendo quão pouco ganham na jornada,
Por que se tu quizeras d'hum aceno,
Só Pedro os destruira sem espada.
Recebe, pão de vida, este pequeno
Sacrificio de mim, á sombra escripto
D'hum alto freixo d'este valle ameno.
E dá-me tanta graça e tanto esprito,
Para que sempre louve, qual espero,
O teu saber profundo e infinito.
Tomara ser Virgilio ou ser Homero,
Sómente no saber que foi divino,
Que ser que elles foram não n'o quero,
Pera poder cantar ó Rei benino,
Em puro choro as chagas que te vejo
A dor das quaes provoca a desatino:
Mas já que vêr não posso este desejo,
O qual tomára só para louvar-te
Meu Deos, de dar-te pouco não me pejo;
Porque eu para dar mais, sou pouca parte.

(Canc. ms., fl. 61.)

ELEGIA XXVI

(A Dom Alvaro da Silveira, que mataram na India)

Eu só perdi o verdadeiro amigo,
Eu só heide viver n'esta saudade,
Sabe Deos a tristeza com que o digo.
O meu Silveira era huma vontade,
Hum amor, hum desejo, hum querer,
Ambos hum coração, e huma amisade.
Não tenho já razão de vos fazer
Meus castellos de vento sobre o mar,
Que cousa ha hi já no Gange para ver?
Que cousa n'elle ha que desejar?
Foi-se daquesta vida o meu Silveira,
Tudo o bom na outra se ha-de achar.
Que espada nas batalhas foi primeira,
Ou qual entre os imigos mais prezada,
Ou qual se achou mais na derradeira?
E ora de seus soldados ajudada
Fôra d'elles huma hora mais seguida,
Fôra d'elles melhor acompanhada.
Que aquella Ilha d'elles tão temida,
Elle a tinha já em tal estreiteza
Que durar não pudera hum'hora em vida.
Mas gentes que não têm de natureza
Esforço, espirito, sangue e condição,
O seu natural he mostrar fraqueza.
Deixam morrer seu proprio Capitão,
Deixam perder as forças que os sostem,
E tudo lhes consente o coração.
Não tratam da gloria d'este bem,
D'este viver na fama sempre e vida,
O que lhe dizem d'isto não o creem.

Quem a victoria viu mais conhecida,
A não se ver dos seus desemparado
Qual esteve mais certa ou mais subida?
Com que saber o porto foi tomado
Á gente do Barem que o defendia,
Com que esforço foi tudo começado?
Que temor nos imigos já se via,
Que victoria tão clara aquella estava,
Que cousa aquelle espirito não faria?
Que receio já n'elles se enxergava,
Que deram pelas vidas se quizera
Aquelle que tirar-lh'as desejava?
Mas que ouro, que preço então podera
Fazer tornar atrás tanta ousadia,
Ou quem fôra que aquisto commettera?
Quem se atrevera ahi, quem ousaria
Com os thesouros de Crasso acommetter,
A quem só honra e fama pertendia?
Forçado n'este caso se ha-de crêr
Que o coração lhe não dava logar
A mais que n'aquisto podia ter.
Por onde quiz por obra começar
Aquella crua peleja receando,
Concertos que a soem desviar.
A presteza da cousa está mostrando
A vontade que tinha e o desejo
De se vêr já na patria pelejando.
Aquella hora, momento, aquelle ensejo
Quantas vezes alli desejaria
Verem-no pelejar Nymphas do Tejo.
Que vezes por ellas chamaria,
Com que esforço seria esta lembrança,
Quantas vezes a alguma invocaria.

Com que graça e arte e confiança
Se parte na praia dos primeiros,
Quão longe de fazer atrás mudança.
Aquestes bons espiritos verdadeiros,
De que não digo o terço do que callo
Que desprezar fazia dos frecheiros;
Que longe de poderem enfadal-o
Aquelles insoffriveis alaridos
D'aquella gente iniqua de cavallo.
Rodeado de mortos e feridos,
Que aquelle forte braço derribava,
Sendo os seus ás náos já recolhidos.
Deu a alma a quem a desejava,
Com tanto gosto e contentamento
Que de tal esforço se esperava.
Ó bom desastre alegre esquecimento,
Por vós o meu Silveira está na gloria,
Por vós lá lhe repousa o pensamento;
Por vós eternamente na memoria
Correrá a este caso seu louvor,
De que se póde fazer larga historia,
Quem a vida sacrificou do Redemptor.

(Canc. ms., fl. 86, v.)

ELEGIA XXVII

Quem poderá passar tão triste vida,
Quem não espera já contentamento
Senão quando de todo fôr perdida.
Quem poderá soffrer tão gran tormento,
Tão aspero, cruel, tão duro e forte,
Quem morta a esperança e soffrimento;

Quem póde imaginar tão dura sorte,
Que faz crecer o mal continuamente,
E por não dar remedio não dá a morte.
Quem ha emfim tão triste e descontente
Que sempre ande o passado imaginando,
E em aborrecimento do presente.
Se lá onde tu estás vês qual ando,
Senhora, e o nosso amor inda lá dura,
Bem creio que meu mal estás chorando.
Que faltando-me a tua formosura
E a tua alegre e doce companhia,
Bem vês qual será minha desventura.
Tudo já me entristece, a noute e o dia,
E o que mais me atormenta he a lembrança
Do bem que n'outro tempo possuia.
Já perdi de cobral-o a confiança,
E com isto perdi de ser contente,
Quamanho mal he a falta de esperança!
Se lá n'essa outra vida se consente
Sentir-se o mal que cá se anda passando,
Senhora minha, o meu não vos atormente.
Porque segundo me elle vae tratando
E o desejo de vêr-te da outra parte
Já para ti me vae encaminhando.
Perto me vejo já de hir a buscar-te,
Entretanto te baste esta certeza,
Porque a mim só me basta contemplar-te.
Alli se acabará nossa tristeza,
Amor acabará de atormentar-nos
Não terá alli logar sua crueza;
Mas tel-o-hemos nós para alegrar-nos.

(*Ms.* do seculo XVII.)

VARIANTES

Elegia I

1 *A se lembrar* de tudo o que fazia. Ed. 1595. Ms. de L. F.
2 Que *nunqua* lhe *passasse* da memoria. *Ib. ib.*
3 Que *enterra em si* qualquer antigua historia. Ms. de Luiz Franco.
4 As passadas lembranças por tormento. *Ib.*
5 Não *meças* o passado *com* o presente. Ed. 1595. Ms. de Luiz Franco.
6 De que serve ás pessoas *alembrar-se*. *Ib. ib.*
7 Se *n*'outro corpo *hua* alma se traspassa. Ed. 1595.
8 Mas como *mandā* Amor na vida escassa. Ms. de L. F.
9 Na dura Scythia *ou na aspereza* d'ella. Ed. 1595.
Na dura Scythia, *na aspereza* d'ella. Ms. de L. Franco.
10 Criado ao peito *d'algua* tigre hircana. Ed. 1595. Ms. de Luiz Franco.
11 *As que do mar passei* foram do Lethe. Ms. de L. F.
12 *Que* o bem que a esperança vã promette. Ed. 1595. Ms. de Luiz Franco.
13 *Pois* se quizer saber como se apura. Ms. de L. Franco.
N'uma alma saudosa, não se enfade. *Ib.* Ed. 1595.
14 E eu *já tinha* solta á saudade. Ed. 1595.
15 E a gente maritima contente. *Ib.*
16 Das argenteas *conchas* Panopêa. Ms. de Luiz Franco.

17 *Meilanto*, Dinamene, com Legêa. Ed. 1595.
18 *Com geito* immoto e *gesto* descontente. Ms. de L. F.
Com suspiro profundo, mal ouvido. *Ib.*
19 *E* puro amor tivestes, e inda agora. *Ib.*
20 *Aonde* entra o gram Tejo a dar tributo. Ed. 1595.
Onde entra o Tejo a dar *o grão* tributo. Ms. de L. F.
21 Ou por *verdes o prado verde* enchuto,
Ou por *colherdes* ouro rutilante. Ed. 1595. Ms. de L. F.
22 Das *tágeas* areas rico fruto. Ms. de Luiz Franco.
23 N'ella em verso *heroico* e elegante. *Ib.*
24 Que *aquillo que* pedia *concediam. Ib.*
25 Nem na tormenta *grave* me deixavam. Ed. 1595. Ms. de Luiz Franco.
26 Porque, *chegado* ao cabo da Esperança. Ed. 1595.
27 Eis a noite com nuvens *escurece;*
Do ár *supitamente* foge o dia. Ed. 1595.
E o largo Oceano se embravece. *Ib.* Ms. de L. Franco.
28 *Da náo* as vellas concavas rompendo. Ms. de L. F.
29 *Ali amor*, mostrando-se possante. *Ib.*
30 E que por *nenhum* modo não fugia. Ed. 1595.
E que por *nenhum mêdo* não fugia. Ms. de L. Franco.
31 Vendo a morte *diante* em mi dizia. Ed. 1595.
Vendo a morte *diante mi*, dizia. Ms. de L. Franco.
32 *O a quam bom lugar a minha alma heria. Ib.*
33 O firme amor *do intrinseco* d'aquelle
Em cujo peito huma vez de ciso entrasse. Ed. 1595. Ms. de Luiz Franco.
34 Uma cousa, Senhor, por *certo* asselle. Ms. de L. F.
35 De todo o pobre *honrada* sepultura.
Vi quanta vaidade *nossa* encerra.
E *dos* proprios quão pouca; contra quem. Ms. de L. F.
36 *Que* uma Ilha que o Rei de Porcá tem. Ed 1595. Ms. de Luiz Franco.
37 Com uma *armada grossa,* que *ajuntára. Ib. ib.*
38 Com *mortes,* com incendios os punimos. Ed. 1595.
Com *mortes e* incendios os punimos. Ms. de L. Franco.
39 Pois passarão da Estyge as *aguas* frias. Ed. 1595. Ms. de Luiz Franco.
40 Dá-lhes a fonte clara *a* agua pura. *Ib. ib.*
41 Não temem o *temor* da guerra dura. Ms. de L. Franco.
42 Sem lhe quebrar o *sono socegado*

O cuidado do ouro reluzente. Ed. 1595. Ms. de L. F.
43 E da formosa côr *da Siria* tinto. Ms. de Luiz Franco.
44 Alli *amostra* o campo varias côres. Ed. 1595.
Alli amostra o *monte* varias côres. Ms. de L. Franco.
45 A *virgem justa* para o céo sereno. *Ib.*
46 E se he benigna ou *triste* Cytherea *Ib.*
47 Bem mal póde entender isto que *eu* digo. *Ib.*
48 Que *traz os olhos sempre em* seu perigo. Ed. 1595. Ms. de Luiz Franco.
49 *Que posto* que a fortuna possa tanto. Ed. 1595.
Que ainda que a fortuna possa tanto. Ms. de L. F.
50 Não poderá apartar meu *rudo* canto
D'esta obrigação, emquanto a morte. Ms. de L. F.

Elegia II

1 Aquella *cujo peito em flama ardido.* Ms. Jur.
2 Depois que *amor* em pedra a converteu. *Ib.*
3 E se *algua* pouca vida, estando ausente. Ed. 1595.
4 *Se, Senhor,* vos espanta o *sentimento.* Ms. Jur.
5 Furto este breve *tempo* a meu tormento. *Ib.*
6 Nem eu escrevo mal *tão costumado.* Ed. 1595.
7 Mas *em minha alma* triste e saudosa
A *grave dôr* escreve e eu traslado Ms. Jur.
8 *Espalhando* a continua *saudade*
Ao longo de uma praya *saudosa.* Ed. 1595.
As maguas espalhando e a saudade. Ms. Jur.
9 *Do mar contemplo* a instabilidade. Ms. Jur.
10 *E com sua branca espuma furioso.* Ed. 1595.
E com sua branca escuma saudoso. Ms. Jur.
11 Na terra, a seu prazer, *lhe* está tomando
Logar *onde se esconda,* cavernoso. *Ib.*
12 *Suas salgadas ondas espalhando.* Ed. 1595. Ms. Jur.
13 *Se a* extranheza das cousas *com* a mudança. Ms. Jur.
14 *Se poderão* mudar huma vontade. Ed. 1595. Ms. Jur.
15 E com isto *afiguro* na lembrança. *Ib. ib.*
16 A estrangeira *gente, e* extranha usança. Ms. Jur.
17 D'ali *estou* tenteando *aonde* viu. Ed. 1595.
18 O *jardim* das Hesperidas, matando. Ms. Jur.
19 *Em outra parte estou afigurando.* Ed. 1595.
20 Mais força se lhe *estava* acrescentando. Ed. 1595. Ms. Jur.

21 *Mas* do Herculeo braço *sojugado.*
No ár *deixou* a vida, não podendo
Da Madre Terra já ser ajudado. *Ib. ib.*
22 Nem com as armas *já* tão continuadas. Ms. Jur.
23 *De lembranças passadas* me defendo. Ed. 1595. Ms. Jur.
24 Que estejam de *firmezas sobjugadas.* Ms. Jur.
25 *De mil côres alegres* revestia. Ed. 1595.
De terrestres estrellas revestia. Ms. Jur.
26 O monte, *rio,* o campo alegremente. Ed. 1595.
27 Que até *aos montes duros* convidava
A um modo suave de alegria. Ed. 1595.
Que ao mesmo triste convidava. Ms. Jur.
28 Que vou *pelos* campos, a verdura. Ed. 1595. Ms. Jur.
29 Porque *os* olhos que vivem descontentes. Ed. 1595.
Descontente o prazer se *lhe afigura. Ib.* Ms. Jur.
30 *De* fortuna *que* amor *e* penitencia. Ms. Jur.
31 Não basta *experimentar-me* a paciencia. Ed. 1595. Ms. Jur.
32 Sem que tambem m'*attente* o mal da ausencia. *Ib. ib.*
33 Trazeis um brando *animo* em mudanças *Ib. ib.*
34 De lagrimas, suspiros e esquivanças. Ms. Jur.
35 *Vivia eu socegado com* a tristeza. Ed. 1595. Ms. Jur.
36 E ali me não *faltou* um brando engano. Ms. Jur.
37 Que tirasse *os* desejos da fraqueza. *Ib.* Ed. 1595.
38 *E* vendo-me enganado estar ufano. *Ib. ib.*
39 Deu *a fortuna á roda* e deu comigo. Ms. Jur.
40 *Mas vós, ó caro, fiel e doce amiguo*
Que de amor fero livre e seus errores
Nunca vistes as magoas que aqui diguo.
Assi nunqua as vejaes, nem seus ardores
Abrazem nem congelem vosso peito
Com desejo, com supitos temores.
Não passeis nunqua aquelle passo estreito
De serdes desamado e mal querido,
Vendo-vos, sem remedio, ser sugeito.
Que a este amigo, vosso amigo fido,
Não negueis hum papel que o todo seja
Mais cheio d'antre linhas, que polido,
No qual só da minha alma novas veja,
Que la ficou vaguando n'essa terra
Com quem mais que a mim ama e deseja. Ms. Jur.

41 E se nos *bravos* peitos faz abalo. Ed. 1595.
42 *Ao menos poderei viver* contente. Ed. 1595.
43 Desampare a prisão *donde* s'encerra. Ms. Jur.
44 *E antre* estes *orridos* penedos. *Ib.*
45 *E* o Musico de Thracia já seguro. *Ib.* Ed. 1595.
46 *De Tantalo as maçãs não fugirão,*
E as filhas de Bello juntamente
De lagrimas os vasos *encherão.* Ms. Jur.
47 *Que,* emfim, *nossa* alma vive eternamente. Ms. Jur.

Elegia III

1 Aos montes *e ás aguas* se queixava. Ed. 1595.
Aos montes, *ás altas aguas* se queixava. Ms. de L. F.
2 E *como por sua ordem* discorria. Ed. 1595. Ms. L. F.
3 Nos *versos saudosos* que escrevia
E lagrimas com que ali o campo banha
D'est'arte me *afigura* a fantesia. *Ib. ib.*
4 A vida com que *vivo,* desterrado. Ms. L. F.
No bem que em outro tempo possuia. Ed. 1595.
5 *Alli* contemplo o gosto já passado
6 De quem o *tem* na mente debuxado. Ed. 1595. Ms. L. F.
Alli vejo *a* caduca e debil gloria. Ed. 1595.
Alli vejo *a* caduca e *fraqua* gloria. Ms. L. Franco.
7 Que faz a *habil* vida transitoria. *Ib.*
Alli me representa esta lembrança. Ed. 1595.
8 Quando a roxa manhã *fermosa* e bella. *Ib.*
Quando a *manhã fermosa clara* e bella. Ms. de L. F.
9 Para descanço tem me dá trabalho. Ed 1595. Ms. L. F.
10 Que pouco accordo *tem* um descontente. Ed. 1595.
D'alli me vou com passo carregado. *Ib.*
11 Soltando *a redea toda* a meu cuidado. *Ib.*
12 *D'alli* estendo *os* olhos saudosos
A' parte *onde* tinha o pensamento. Ed. 1595. Ms. L. F.
13 *E os campos sem graça e secos* vejo. *Ib. ib.*
14 Vejo o puro, suave e *brando* Tejo. *Ib. ib.*
15 Vão *em effeito pondo* o seu desejo. Ms. L. Franco.
16 Com cujo sentimento *a* alma sae. *Ib. ib.*
17 Que eu vá onde vós *his* contente e ledo. *Ib. ib.*
18 Que se acabe *este* aspero degredo
Mas *esta* triste morte que virá. Ms. L. Franco.
19 *A* alma impaciente adonde irá? Ed. 1595. Ms. L. F.

20 Quem ás portas *tartareas a* chegasse. *Ib.*
21 A pena com que vae, que a atormenta. Ed. 1595.
22 *Esta* imaginação me *accrescenta. Ib.*
Esta imaginação me *representa.* Ms. L. Franco.
23 De imaginações tristes se *sustenta.* Ms. L. Franco.
24 Em que Fortuna faça o que costuma. Ed. 1595.
25 Se n'ella ha hi *mudar* um triste estado. Ms. L. Franco.
Ed. 1595.

Elegia IV

1 *Me inflamma o coração* de um doce engano
Me eleva e engrandece a fantasia. Ed. 1595.
2 E se me mostrou hum gesto *brando* humano. Ed. 1595.
3 Se sinto tanto bem só *na* memoria
De *vos ver*, linda Dama, vencendora;
Que quero eu mais que ser vossa *a* victoria?
Se tanto vossa vista me namora. Ed. 1595.
4 Se, *meus baixos* espritos, de pequenos
Ainda não merecem seu tormento. *Ib.*
5 A causa, *emfim,* m'esforça o soffrimento. *Ib.*

Elegia V

1 *Nem hua obra* que possa ser famosa. Ed. 1598.
2 *No mundo todo* com tal nome e fama. *Ib.*
3 *Isto assim dito:* Apollo, que da flama. *Ib.*
4 *Por* seus thesouros, e eu minha sciencia. *Ib.*
5 *Despartir* porfias duvidosas. *Ib.*
6 Com *razões boas, justas e amorosas. Ib.*
7 *Que* tambem *muitas* vezes *ajuntaram*
A's armas eloquencia, porque as Musas,
Mil capitães na guerra acompanharam. *Ib.*
8 Guerras, *deixaram o estudo em breve* espaço
Nem armas *da sciencia* são escusas. *Ib.*
9 *A huma* rege e ensina; *a* outra fere. *Ib.*
10 Pois logo — varão grande se requere. *Ib.*
11 Que he *Dom* Leoniz que faz ao mundo inveja. *Ib.*
12 As artes e *sciencia* lh'ensinaram. *Ib.*
13 D'aqui *os* exercicios o seguiram. *Ib.*
14 *Depois,* já capitão forte e maduro
Governando toda Chersoneso. *Ib.*
15 De *sangue alheio* em furia accezo. *Ib.*
16 *Pois tanto que o grão* defendido. *Ib.*

17 *E* não perdendo ainda da memoria. *Ib.*
18 O *vão com frio temor frio* receando
Pois vêde se seriam *desbaratados*
De todo por seu braço, se tornasse
E dos *mares da India* degradados. *Ib.*
19 *Pois aqui certo está* bem dirigido
De Magalhães o *livro;* este só deve
De ser de vós, *oh* Deoses, escolhido.
Isto Mercurio disse; e *logo em* breve
Se conformarão n'isto Apollo e Marte. *Ib.*
20 A *vos offerecer,* Senhor famoso. *Ib.*
21 Tem claro estylo *e* engenho curioso. *Ib.*
22 *Porque* só de não ser favorecido. *Ib.*
23 *Pois* seja *elle* comvosco defendido
Como foi de Malaca o *fraco* muro. *Ib.*

Elegia VI

1 Da lua em ser mudavel tão constante. Ed. 1616.
2 *Vê bem,* se da razão se não desvia
O Altissimo ser, puro e divino. *Ib.*
3 Sem fim e sem *começo* hum ser contino
4 Por mais *arduo que seja no homem indino. Ib.*
5 Como se Deos não fosse *perde* a vida. *Ib.*
6 Pondera *isto, que digo,* repousado;
Não passes por aqui tão levemente.
Não, que aquelle Deos alto e increado. *Ib.*
7 O céo, a terra, o fogo *e* mar irado. *Ib.*
8 Não dos atomos *falsos* de Epicuro;
No do *largo* oceano, como Thales. *Ib.*
9 *Que por ti este grande Deos* padece
Novo *modo* de morte, novos males. *Ib.*
10 E não por *natural causa* secreta. *Ib.*
11 Não vês que *os montes cáem?* a terra treme?
E que *até* na remota e grande Athenas
O sabio Dyonisio sente e teme? *Ib.*
12 Por falso e por *quebrantador* da ley?
A fama a ti se põe *de* meu peccado?
Eu, Senhor, sou ladrão, tu *summo* Rey.
Eu só furtei, tu com ladrões padeces?
A pena a ti se dá do que eu *pequei?*
E servo sem valor, *eu summo* preço. *Ib.*

13 Te dás aos *homens baixos* que te vendem. *Ib.*
14 Te accusam *polo* error *das* que te offendem? *Ib.*
15 Diante quem *muda* esta a *natureza.*
16 Cuspido, *arrepelado* cruelmente *Ib.*
17 *De* açoutes rigorosos *flagellado. Ib.*
18 As *santissimas* barbas de Deos vivo. *Ib.*
19 *Das vitorias* que as almas alcançavam. *Ib.*
20 Dos Padres são, que *o Limbo têm* escuro. *Ib.*
Que já de louro e palma vos coroaram.
Todos vos bradam que subais *ao* muro. *Ib.*
21 *Que* muito mais a Deos, que a vós, custaram. *Ib.*
22 Mas qual será *a pessoa que* as querellas
23 E que dos olhos seus não *estilasse. Ib.*
24 Que as carreiras no rosto *não* sinalasse? *Ib.*
25 *Desfazendo-se em lagrimas,* regando
Aquellas bellas faces — excellentes!
Que a vira com gritos ir tocando. *Ib.*
26 Quem vira quando o *claro* rosto ergueu. *Ib.*
27 A dar as *tetas puras* ao cordeiro. *Ib.*
28 Não *só era esse, Senhora,* o verdadeiro. *Ib.*
29 Mas — a salvação que alli ganhava. *Ib.*
30 A *gravidade* bella o requeria. *Ib.*
31 Que vive e vivirá, *que* não conhece
A ley do vosso filho, *santa* e pura. *Ib.*
32 As leys e com preceitos — viciosos. *Ib.*
33 *Confessar* hum só Deos crucificado. *Ib.*
34 *Mas de todos* o vicio já *passado*
O seu nome cá vosso *n'este* dia. *Ib.*

Elegia VII

1 D'estas cante Virgilio, *d'estas* Homero. Ed. 1616.
2 Guardada em Damão, porque nascendo. *Ib.*
3 *Pintarey* os olhos bellos, bocca e riso. *Ib.*
4 Que na terra nos *mostra* um paraizo. *Ib.*
5 O avô de Phaetonte, e *porquem* Orpheo. *Ib.*
6 Terás *carguo* da selva de Diana. *Ib.*

Elegia VIII

1 *De não ouvirdes,* Senhora, *os* meus danos. Ed. 1616.
2 Por encobrir *el* mal que me causais
Temendo outra dôr dos desenganos. *Ib.*

3 N'isto mercê me faz: *se* a vós offende. *Ib.*
4 Quizera *des que* tive intendimento. *Ib.*
5 Mas nem por isso *aja* — em vós crueza. *Ib.*
6 Emfim, a fim de tudo — he, Senhora. *Ib.*

ELEGIA IX

1 Que *novas tristes são*, que novo dano!
Que *mal inopinado* incerto sôa. Ed. 1668.
2 Que se embarcou *na alegre e* triste armada. *Ib.*
3 Não lhe valeu *rodila* ou peito d'aço
Nem animo de Avós *altos* herdado
Com que *se defendeu tamanho* espaço.
Não *ter-se* em derredor todo cercado
De *corpos de* inimigos, que exhalavam. *Ib.*
4 Não *com palavras fortes* que voavam. *Ib.*
5 Que *fortes cáem, e timidos vararam. Ib.*
6 *Passados por mil partes e cortados*
Os membros *só, do nobre esforço* inteiros. *Ib.*
7 Dos *fracos* inimigos espantados
Postos no céo, parece que *presentam. Ib.*
8 *Verde e quasi* innocente já fizera. *Ib.*
9 E como *flama fraca* a quem fallece
Seu *humido licôr* de que vivia,
Nas mãos do choro *angelical*, que dece
Se entrega; e vae *gozar* a vida eterna
Que com *tão justa morte* se merece. *Ib.*
10 Vae, que quem *pela* Ley *santa* e divina
Morre, a dá a Deos que os céos governa. *Ib.*
11 (Falta este terceto.)
12 (Seguem-se estes ommissos nas outras edições:)
Quando pela razão devida e dina
Do Rey da Patria e honra dos passados
Sacrificar a vida nos ensina.
Nos assentos, de estrellas esmaltados
Lhe dá lugar a altissima clemencia,
Entre os heroes á gloria destinados.
Mas ah! quem soffrera perpetua ausencia
De tão claro Senhor, tão fido amigo,
Quem porá contra magoa resistencia.

Aquelle animo grande, que do antigo
De seus maiores era alto retrato,
Desprezado de todo o vil perigo.
Misturado com dôce e brando trato
C'os iguaes juntamente, e c'os menores,
A todos amoroso, a todos grato.
Aquelle sprito nobre, onde mayores
Esperanças cresciam, se o tão duro
Caso as não cortára em novas flores!
Em verde idade, siso já maduro,
Alegre riso, ledo e aberto peito
Em repousado espirito seguro
Não soberbo e por arte contrafeito,
Mas todo puro, e emfim da natureza
Mais para o céo que para a terra feito.
Tambem do corpo a humana gentileza,
O bem talhado gesto que mostrava
Forças eguaes, e manhas com destreza.
A côr que o fresco rosto matizava
As rosas, flores novas de alegria,
Com que o verão as faces adornava.
Tudo os fios da morte que desvia
Dos propositos nossos, e saltea,
Cortarás cruamente quando abria.

13 O pranto *pela* morte *horrenda* e fêa. Ed. 1668.
14 Vinde e chorae um moço ao *mundo* raro. *Ib.*
15 Nem de *animal algum que haja* reparo
Mas só *do féro* imigo traspassado. *Ib.*
16 *Está tu tambem,* moço Idalio, quedo. *Ib.*
17 Q*ue já* os formosos olhos de Miguel
Cobertos são de negro e escuro manto. *Ib.*
18 E vós, *filhas* de Thespis, que *ao* canto
Podeis bem mitigar *a ley* immensa. *Ib.*
19 A grande integridade — que se devem
Não só, aguas do dano recompensa. *Ib.*
20 *Que a razão quasi, quasi deita* fóra
Alli de *dar* os corações sugeitos
Pezadas lhe serão consolações
E pezados exemplos e respeitos. *Ib.*
21 (Segue-se este terceto omisso nas outras edições:)

Pequena he certo a dôr que com razões
Se póde refrear, nem com memoria
De outros antigos e integros varões. *Ib.*

22 Meu *grande* Dom Philippe, e pretendeis
Deixar *de vossas obras* larga historia;
Eu não vos *admoesto que* estreiteis. *Ib.*

23 Onde livre de *effeitos* vos mostreis
Que mal *natura nossa* determina. *Ib.*

24 *Humanidade* estupida, dizia. *Ib.*

25 He não sentir *effeitos* que a alma cria.
Porém se *não sentir nada he* bruteza. *Ib.*

26 (Seguem-se estes tercetos omissos nas outras edições:)

Se dóe a opiniào do mal presente
E medo e opiniào do mal futuro,
São tudo opiniões da gente.

O verdadeiro sabio está seguro
De leves alegrias e espanto,
De dôr, que turba da alma o licôr puro.

Inda antes que aconteça o riso e o pranto
Os temia já no sentido meditados,
Livre está de alvoroço e de quebranto.

E como de alta torre vê cuidados
Humanos vàos, e aquella differença
De ambições e cobiças e peccados,

Todo caso acha n'elle só presença,
Que como as febres são da carne humana,
Assi os effeitos d'alma são doença.

Se esta doutrina crêdes que é profana,
Ponde os olhos na nossa que he divina,
E sobre todas santa e soberana.

Vereis Aram, que não se contamina
Sobre os montes seus que defendida
A dôr lhe foi da santa disciplina.

Não chega a vêr parentes que da vida
Partidos sào, que na alma a Deos agrada,
Que nenhuma afflicção do mundo impida.

Nós somos geração a Deos dedicada,
Sacerdotal, que em tempo nenhum deve
Do gentilico culto ser tocada.

Se dos antigos Padres já se escreve
Que chorando, aos mortos enterraram
Com dôr e pranto publico e não leve.
Era porque inda as portas não quebraram
Do céo sereno aquellas mãos cravadas
Que os antigos contagios alimparam.
E tambem por cruas as sempre usadas
Pompas do funeral enterramento
Com publicas exequias costumadas.
Esta alta fortaleza e soffrimento
Como a forte varão vos he devido,
E como ley do santo documento.

27 (Falta este terceto.)
28 Que *do sepulchro nobre aqui* carece. *Ib.*
29 (Substituem estes dois tercetos, os seguintes:)
Mas tambem n'isto vi que se parece
Co' grande Bisavô, que pela vida
Real, a sua ás lanças offerece.
Fazendo com seus membros impedida
A passagem aos féros Tingitanos,
Ficou sem sepultura merecida.
E lá nos aposentos soberanos
O recebem da palma coroado,
Desprezando do corpo baxo os danos.
E elle diz, que das gentes enterrado
Qualquer corpo será; mas quem morreu
Por Deos, he só dos Anjos sepultado.
Que mais rico e formoso mausoléo
Que pyramides altas, que figura
De mortalha que chegue a estar no céo. *Ib.*

30 *Adora* quem o tem, como o tomou. *Ib.*
31 Mas *oh! que temor supito* occupou
Vosso peito famoso ó Portuguezes?
Que pavido temor vos *lanceou? Ib.*
32 Aos luzitanos *bellicos* arnezes. *Ib.*
33 Ou *a* fraqueza? Não: que elle sustentava
Com seu *corpo* dos barbaros a furia
Ou—do ferreo cano a força brava. *Ib.*
34 *Que* os corações *no peito congelava*

Ou quem vos fez que os impetos da guerra
Não *sustenteis* com valor sempre ousado?
Desprezando o *furor* que a vida *enterra?*
A vida *pela* patria e *pelo* estado
Pondo, *vossos* Avós a nós deixaram
Terras, mares e exemplo sublimado. *Ib.*

35 *Em* publicos logares, *nem* secretos.
Mortos *os Espartanos* valerosos. *Ib.*

36 *Administrando-lhe* o ventre, *sem ter manto.*
Pois *fugis do perigo, que he* visinho. *Ib.*

37 Outra vez no materno — escuro ninho
Vêdes quaes com mais gloria ficariam,
Se aquelles, que, *emfim, morrem pelo* estado,
Se as outras que as mulheres injuriam? *Ib.*

38 *Por cada chaga tens uma* clara estrella
Os pés o crystalino céo medindo,
Pisando essas luciferas Esferas
Já da terra os olhos encobrindo. *Ib.*

Elegia X

1 *Quiçaes* que algum socorro te seria. Ed. 1668.
2 Da patria honra, *de* louvor das gentes. *Ib.*
3 Com *tua* vista alegre e tão *fermosa. Ib.*
4 *Da* Deosa de Nereo tão querida. *Ib.*
5 Não digo que a alma *não* estê de magoa izenta. *Ib.*
6 Já entre os cidadãos *do* coro santo. *Ib.*
7 E porque o mar *contino mingoa* e crece. *Ib.*

Elegia XI

1 Me deu *o* mal, levou-me o soffrimento. Ed. 1668.

Elegia XII

1 Como em carne *virá Deos a quem* veja
O credulo e incredulo terreste
Rey justo, que *almas e que corpos* seja
Juiz *será; quando este mundo* inculto. Ed. 1668.
2 Todo o vão simulacro e *rico* culto. *Ib.*
3 Immensa *a* luz que as carnes desenterra. *Ib.*
4 *Os justos seus levando á* santa terra. *Ib.*
5 *Desfar-se-ha a terra, os montes e os* penedos. *Ib.*
6 Sem luz *a lua, estrellas e* orbe puro. *Ib.*

7 Lugar se *abaixarão* os altos montes;
Ver-se-ha no mar o vento furibundo
Haverá só de *fogo* vivas fontes
Da trombeta *medrosa* o som *terribel. Ib.*

Elegia XIII

1 Ouvi ondas *a propriedade que imitava.* Ed. 1685.
(Visivelmente errado, e podendo-se restabelecer pela rima do terceto seguinte.)

Elegia XIV

1 Nunca n'esta alma minha aonde estaes. Ed. 1668.
2 Com *rostro* alegre para que o seguisse. *Ib.*
3 Que tambem os prazeres meus *deceram. Ib.*

Elegia XV

1 Quando de um movimento vive *indigno.* Ed. 1668.

Elegia XVIII

1 Como *gram* Capitão velho *e* valente. Ed. 1668.

Elegia XIX

1 N'este *famoso* sitio se recrea. Ed. 1685.
2 Das rubicundas flores *jacintinas. Ib.*
3 As cristalinas fontes que *banhando*
Por entre alvos seixinhos se *desviam. Ib.*
4 Qual roxo esmalte á vista bem se *offerece. Ib.*
5 Os *humedos* botões abrindo as rosas. *Ib.*
6 Conforme *á* liberdade do que escreve. *Ib.*
7 *Condiz* disfavor mal com a belleza. *Ib.*
8 Como já de *elevado,* não cuidava. *Ib.*
9 De si *mesmo* se abrasa e se cativa. *Ib.*
10 E das escuras aguas *de* Cocyto. *Ib.*

Elegia XX

1 Outro no mundo póde haver *nacido*
Tão queixoso de Amor; porém não tanto. Ed. 1685.
2 Onde se *oppõem* que he lembrança. *Ib.*
3 Qual meu dano então fôra, bem sey. *Ib.*

Elegia XXI

1 Te *enfria* tanto a ti, quanto me inflamma. Ed. 1685.
2 Ay, que deras vida *a* morte dar-me. *Ib.*
2 Não *tarde* já, mas corra a mal tão *forte.* *Ib.*
4 Ay se *volvesses* esse bello rosto. *Ib.*
5 Nem que dar-me a morte te arrependas. *Ib.*
6 Se esta alma tua julgas por *indigna.* *Ib.*
7 Do descuberto mal a *faz* digna. *Ib.*
8 A poder reduzir-te a ser *piadosa.* *Ib.*
9 Mas por mais que te *mostre* rigorosa. *Ib.*

Elegia XXII

1 Se *resulta* de Amor sincero e puro. Ed. 1685.
2 Se vos *vê* offender quem vos quer tanto. *Ib.*
3 E serão de mi sempre entre pastores. *Ib.*

Elegia XXIII

Em um Ms. a encontrou Faria com o titulo de *Tercetos de Luiz de Camões.*